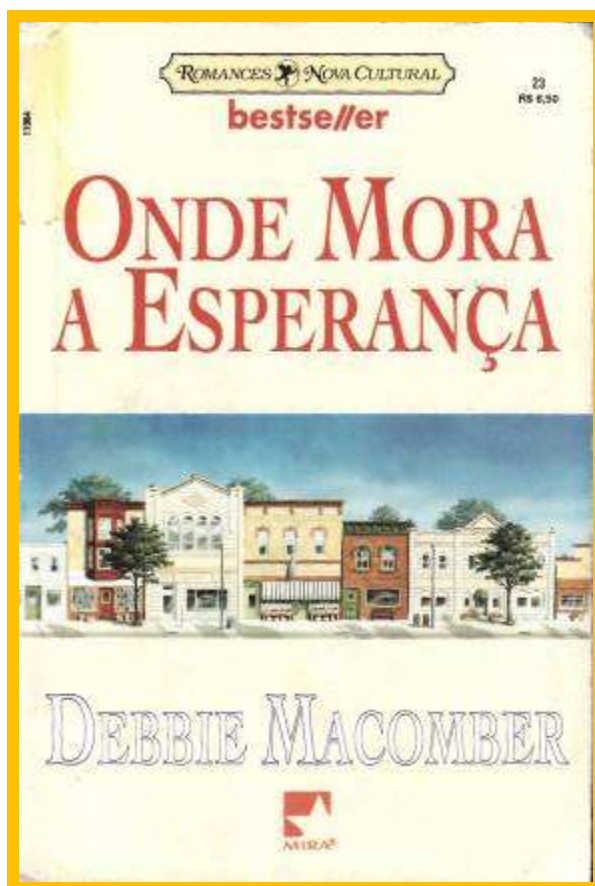


ADORO ROMANCE EM E BOOK APRESENTA!

ONDE MORA A ESPERANÇA

Dakota Born

DEBBIE MACOMBER



BEM-VINDO A BUFFALO VALLEY, ONDE VIVE A ESPERANÇA E ONDE O AMOR É INTENSO

Buffalo Valley, Dakota do Norte. Como muitas cidades pequenas também estão morrendo. Lojas fecham suas portas, calçadas sofrem a ação do tempo, casas exibem pinturas descascadas. Mas, a despeito de tudo isso, existe um ar de esperança ali. Ou de desafio. Os poucos moradores que decidiram permanecer em Buffalo Valley lutam pela cidade.

Lindsay Snyder acabou de chegar. É uma forasteira, mesmo que tenha passado ali as férias, quando criança. Agora, voltou para rever a velha casa dos avôs, para explorar segredos de família e para reavaliar a própria vida. Para sua própria surpresa, decide ficar em Buffalo Valley. Essa decisão marca um recomeço para aquela comunidade. E para Lindsay, que descobre naquela cidadezinha distante o amor e o sentido da vida.

DIGITALIZAÇÃO E REVISÃO: MARINA CAMPOS



Copyright © 1999 by Debbie Macomber
Originalmente publicado em 1999 pela Mira Books.
Título original: Dakota Born
Tradução: Baby Abrão
Editor: Janice Florido
Chefe de Arte: Ana Suely S. Dobón
Paginador: Nair Fernandes da Silva
EDITORA NOVA CULTURAL LTDA.
Rua Paes Leme, 524 - 10^a andar
CEP: 05424-010 - São Paulo - Brasil
Copyright para a língua portuguesa: 2000
EDITORA NOVA CULTURAL LTDA.
Fotocomposição: Editora Nova Cultural Ltda.
Impressão e acabamento: Gráfica Círculo

PRÓLOGO

A pequena Lindsay Snyder acordou tensa, com *medo*. Por um momento não soube onde se encontrava. O quarto estava tão escuro quanto abafado e quente terrivelmente quente. Então ela se lembrou de que aquela não era sua casa, em Savannah, onde o ar condicionado esfriava o calor do pior dos verões. Procurou vencer o medo. Em vão.

As histórias de fantasmas que ouvira no acampamento, naquelas férias, a assombravam. Um arrepio percorreu-lhe a espinha ao recordar a lenda do Louco Charlie, que, diziam, arrancava os olhos das pessoas... Antes de assassiná-las. Vai ver o Louco Charlie conseguira encontrá-la! Todos os demais podiam ser mortos. Todos, menos ela. O sonho permanecia vago. Lindsay tentava pensar nos detalhes, mas não conseguia.

Lentamente, saiu da cama, no escuro, preparada para enfrentar, com seus dez anos de idade, o perigo que a aguardava, qualquer que fosse ele. No momento em que se levantou, lembrou-se de que estava na casa dos avós, com os pais e duas irmãs. Havia chegado àquela noite, depois de viajar por Dakota do Norte por um período que lhe pareceu enorme. Dias e dias.

Seus olhos começaram a ajustar-se à escuridão, e ela desceu da cama improvisada na sala de costura da avó. Na ponta dos pés, passou pelas irmãs, adormecidas, e percorreu o corredor na direção da cozinha, para tomar água.

Ouviu um som vindo da sala de estar e gelou. Iria encontrar o Louco Charlie? Frente a frente? Prendeu a respiração e espremeu-se contra a porta da geladeira.

Então viu a silhueta de vovó Gina recortada contra o luar que entrava pela ampla janela. As pesadas cortinas estavam abertas, e vovó, em pé na frente da lareira, tinha a cabeça baixa. Lindsay teria corrido até ela para um abraço e contado sobre o maluco e confessado todo o seu pavor, mas não a conhecia tão bem quanto a vovó Dorothy. Assim, continuou na cozinha, esperando que a avó a notasse.

O problema era que Gina não a ouvira nem sabia que ela se encontrava ali. Lindsay podia ver que vovó levava alguma coisa nas mãos, mas não conseguia definir o que era. Observou-a chegar bem perto da lareira, mas a pouca luz não lhe permitia avistar o que ela fazia.

Seus olhos se arregalaram quando enxergaram a avó inclinar-se para frente e tocar o frontão. Em seguida, ouviu-se uma espécie de som de lascas, e um tijolo saiu do lugar. Um esconderijo! Um esconderijo secreto!

Fascinada, Lindsay observou a avó colocar aquilo que tinha nas mãos dentro da abertura deixada pelo tijolo, que, ao ser. Recolocado no frontão, provocou o mesmo ruído de lascas.

— Vovó?

Levando uma das mãos ao peito, Gina olhou ao redor.

— Céus, menina! Você me assustou!

Lindsay atravessou a sala correndo, rumo à lareira, mas não foi capaz de lembrar qual tijolo a avó movera.

— O que está fazendo, acordada?

Ela desviou a vista, que estava fixa no frontão.

— Sonhei com o Louco Charlie.

— Com quem?

— Ouvi algumas histórias sobre ele no acampamento deste verão.

— Correu os dedos pela lareira, procurando o tijolo mágico. — O que você escondeu aqui, vovó?

— Nada, querida.

— Mas eu vi um dos tijolos se mexer.

A senhora balançou a cabeça, em uma negativa.

— Foi uma... Ilusão provocada pelo luar.

— Não, vovó. Eu *vi*!

Gina baixou o olhar, encarando a neta.

— Parece que as histórias a assustaram mesmo, hein? No rosto enrugado, marcas de lágrimas brilhavam a luz da lua.

— Vovozinha, você está chorando?

— Oh, não. Por que eu deveria chorar?

— Bem, mas parece.

Lindsay levou a mão até o rosto da avó e passou os dedos na pele macia. A boa senhora tentou sorrir, mas seu lábio inferior tremeu.

— Você está triste? — Lindsay quis saber.

— Um pouco — Gina sussurrou, e abraçou a neta tão apertada que ela pôde ouvir as batidas do velho coração.

— Vou lhe fazer um desenho e então você nunca mais ficará triste.

— Oh, minha doce criança... Deixe-me levá-la de volta à cama, sim?

— Estou com sede.

Gina a soltou e a conduziu até a cozinha. Pegou um copo do armário e encheu-o com água, gostosa e fria. Lindsay bebeu de um só gole e em seguida colocou o copo no balcão.

— O que foi que você escondeu na lareira? — insistiu. Não entendia por que vovó Gina fingia desse jeito. A boa senhora afastou gentilmente o cabelo que caía no rosto infantil.

— Você não viu nada.

— Vi, sim.

Lindsay voltou para junto da lareira e tentou encontrar o ponto que a avó tocara. Empurrou e bateu em vários tijolos, mas nenhum deles se moveu.

Gina reuniu-se a ela.

— Querida, olhe para mim.

Lindsay se virou para fitá-la e a viu agachar-se antes de dar-lhe um abraço. As lágrimas haviam voltado.

— O que você viu... é nosso segredo, certo? A menina assentiu.

— Está bem.

— Ótimo. Agora, quero que você esqueça o que viu.

Lindsay não sabia se conseguiria. Sentiu as mãos da avó em torno do rosto, enquanto seus olhos a encaravam com muita intensidade.

— Prometa que nunca vai contar a ninguém o que viu aqui.

— Prometo. Não direi a ninguém.

— Muito bom! — Gina beijou a neta nas faces. — Agora, deixe que eu a coloque na cama.

CAPÍTULO 1

Estamos arruinados! — anunciou Jacob Hansen em tom sepulcral enquanto entrava na sala balançando a cabeça grisalha.

— Você deveria avisar a cidade inteira disso, e agora mesmo — disse Marta Hansen ao seguir o marido pela sala de jantar do Buffalo Bob's Hotel, Bar e Restaurante.

Depois, com a energia que sempre a acompanhava, sentou-se à mesa com os outros membros do Conselho da Cidade de Buffalo Valley.

Joshua McKenna sabia que aquele tipo de pessimismo não levava a nada. Mas não culpava o casal. Por quase vinte anos os Hansen, juntamente com todos os outros, tinham assistido aquela comunidade, que um dia fora próspera, deteriorar-se. A cidade mal se mantinha em pé.

O teatro fora o primeiro a fechar. Depois veio o salão de beleza, a floricultura, a loja de ferragens... Doeu mais, porém, quando a loja de catálogos cerrou suas portas, seis anos atrás, seguida do Morningside Café, o único restaurante decente da região.

Até hoje Joshua sentia falta da comida de Melissa. Ela preparava biscoitos tão leves e macios que praticamente flutuavam na boca. Joshua sentia fome só em pensar nesses biscoitos.

Os negócios sobreviviam até onde conseguiam levá-los os lucros cada vez mais raros. Depois caíam no fosso da ruína financeira e finalmente se viam obrigados a fechar. Famílias inteiras partiam para sempre e fazendas mudavam de donos.

As grandes propriedades davam lugar às pequenas. Mas, fosse qual fosse a extensão das terras, era preciso lutar contra um inimigo comum: os preços cada vez mais baixos praticados no ramo agrícola.

Mas isso, no fundo, se devia aos próprios fazendeiros. Ao longo dos anos, a pesquisa científica e os novos equipamentos tornaram possível apressar o processo de produção, na agricultura. As safras, atualmente, eram maiores. Resultado: muita oferta e pouca procura. Desse modo, os preços só podiam mesmo cair.

Mas muitos fazendeiros conseguiam seguir em frente, porque acreditavam nas terras que haviam herdado e porque tinham fé no futuro. Esperavam que, um dia, fossem capazes de cobrar, pela colheita, um preço justo. Por isso, permaneciam em Buffalo

Valley. E era por causa dessa decisão que alguns negócios ainda se mantinham em pé, na cidade.

O de Joshua era um deles, embora nos últimos tempos as dificuldades viessem aumentando bastante. Sua loja vendia peças usadas e antiguidades, mas eram os consertos que rendiam algum lucro. Para Joshua, saber reparar objetos era uma bênção. Com o dinheiro curto, as pessoas faziam o que podiam para evitar comprar coisas novas.

Infelizmente, porém, seu talento não servia para arrumar vidas e reorganizar circunstâncias. Se servisse, ele o usaria em prol da própria família. O filho precisava de sua ajuda, assim como a filha e a neta. Joshua não gostava de se lembrar das mudanças que o destino lhes trouxera nos últimos anos, e odiava o sentimento de impotência que o abatia toda vez que pensava nisso.

Sua esposa sempre lidara com as crianças, mas se fora havia dez anos. Ele sempre se perguntava se Marjorie reconheceria, na Buffalo Valley de hoje, a velha cidade de antigamente. E desejava possuir sua sabedoria para resolver os problemas. Ela ficaria chocada se soubesse que o marido fora eleito presidente do conselho do município. Uma posição que fora praticamente obrigado a assumir quando Bill Wilson viu-se forçado a fechar a bomba de gasolina e se mudou para Fargo.

— Dessa vez, estamos realmente arrasados — Marta repetia.

— Há anos conseguimos fazer com que esta cidade sobreviva.

Não falharemos agora — disse, enfaticamente, Hassie Knight, proprietária da Farmácia Knight's.

Hassie, otimista de nascença, era a única pessoa, ali, capaz de enxergar um pouco de luz naquela situação desesperadora. Se havia alguém que podia apontar alguma solução, esse alguém era ela. Que os céus a abençoassem.

Como Joshua, Hassie experimentara o luto e a amargura. Enterrara o filho, morto no Vietnã, cerca de trinta anos atrás, e logo depois perdera o marido. Carl Knight falecera depois de sofrer várias complicações por causa do diabetes. Ela, porém, sempre afirmara que o verdadeiro motivo da morte fora um coração partido.

Valerie, filha do casal, vivia no Havaí e queria que a mãe fosse morar lá. Ainda bem que Hassie resistia aos esforços da moça. A velha senhora já passara da idade da aposentadoria, mas ainda trabalhava. E fazia muito mais do que aviar receitas. Era a coisa mais próxima de um médico que aquela comunidade possuía. Vinha gente de muito longe para ouvir seus conselhos. Hassie Knight era uma pessoa bastante popular. E preparava os melhores milk-shakes de chocolate que Joshua já experimentara.

— Mais alguns anos agüentando essa situação e estaremos todos mortos — Marta dizia cáustica, cruzando os braços.

— Quer parar com isso? — Joshua bateu no tampo da mesa com tanta força que os pedaços de gelo dos copos balançaram. Ele se sentou e dirigiu-se a Hassie: — Você trouxe a lista de presença?

— Lista de presença? — Marta Hansen repetiu. — Para quê? Joshua odiava ter de admitir isso, mas a mulher tinha toda

a razão. A lista seria uma perda de tempo. Bastava olhar ao redor da mesa para saber quem se achava presente à reunião: Hassie, os Hansen, Dennis Urlacher e ele. Ausentes, apenas dois: Gage Sinclair e Heath Quantrill.

— Certo, então vamos dispensar essa formalidade e dar início à reunião.

— Ainda bem que *alguém*, nesta cidade, está disposto a ouvir a voz da razão! —

exclamou Marta, fuzilando Hassie com o olhar.

Ninguém se importou com o clima de hostilidade entre as duas. Afinal, os otimistas e os pessimistas, ali, viviam em eterno conflito.

— 'Você e Jacob têm tanto a ganhar, ou a perder, quanto qualquer um de nós — Hassie resmungou.

— Uma atitude positiva seria de grande ajuda, sabe?

— Sou uma pessoa positiva — respondeu Jacob. — Por isso mesmo digo que Buffalo Valley está tão morta quanto Eloise Patten.

— A diferença é que, se Eloise tivesse dito a alguém que vinha se sentindo mal, poderia ter sido salva. O que não acontecerá com este lugar — afirmou Marta, o nariz empinado.

— Essa foi a coisa mais ridícula que você já disse! — explodiu Hassie, o rosto vermelho.

Joshua notou que a boa senhora mal conseguia conter a raiva. Não era para menos. Os Hansen também o exasperavam. Não sabia como eles conseguiam tocar a mercearia, naqueles tempos difíceis, se tinham uma atitude tão negativa perante a vida. De todo modo, era preciso dar graças pelo armazém ter sobrevivido. Ninguém saberia o que fazer caso os Hansen decidissem deixar Buffalo Bill.

— Certo — disse Joshua, apaziguador, enxugando a testa com um lenço branco.

— Vamos para o próximo assunto da pauta.

— Todos sabemos qual é — falou Jacob. — A escola precisa de uma professora.

— Alguém se incomoda se eu me sentar?

— perguntou Buffalo Bob, puxando uma cadeira antes que alguém pudesse fazer alguma objeção.

Os Hansen entreolharam-se e pareceram entender que, se provocassem alguma confusão, Hassie pediria que Marta deixasse a sala, uma vez que, oficialmente, não era membro do conselho. Joshua suspeitava que a mulher só comparecesse às reuniões para influenciar as decisões do marido.

— Sua ajuda será bem-vinda — disse a Buffalo Bob.

Sem uma palavra, Dennis Urlacher, dono do posto de gasolina Cenex, afastou-se para dar lugar ao recém-chegado. Bob Carr, ex-ciclista, chegara à cidade havia dois anos, depois de ganhar, em um jogo de pôquer, o pequeno hotel, com bar e restaurante, onde todos se encontravam agora. Assim que pisou ali, mudou seu nome para Buffalo Bob.

Joshua examinou as anotações que fizera.

— Como todos sabem, Eloise Pattern se foi.

— Não, ela não "se foi" — contrapôs Marta Hansen. — A verdade é que está morta.

— Marta, pare! — Joshua exclamou. — A questão é que a cidade não tem mais professora.

— Contrate uma. — Buffalo Bob recostou-se na cadeira, como se achasse exagerada a reação dos outros moradores àquela crise.

— Ninguém vai querer lecionar em um lugar que está morrendo — Jacob

resmungou, balançando a cabeça. — Além disso, nunca concordei com essa história de trabalhar com duas escolas. Mandar os alunos de primeiro grau para Bellmont, e depois receber os estudantes de segundo grau deles é uma péssima idéia, se querem minha opinião.

— Esse esquema tem funcionado há quatro anos, e continuaria funcionando se Eloise não tivesse nos deixado tão repentinamente — ponderou Joshua.

— Ela devia ter se aposentado há anos — Marta comentou em tom queixoso.

— Ainda bem que isso não aconteceu — retrucou Joshua. — Devemos muito a ela.

Eloise fora uma espécie de anjo da guarda daquela comunidade. Fora a primeira a sugerir a divisão, entre as duas cidades, dos estudantes dos cursos fundamentais e médios. A atitude dos Hansen era típica dos que costumavam ir contra as idéias progressistas. As pequenas comunidades agrícolas, ou o que sobrara delas, precisavam ajudar umas às outras. E aprender a trabalhar juntas. Só isso as manteria vivas.

— Vamos encontrar uma nova professora e pronto — sentenciou Dennis.

Dono da única bomba de gasolina de Buffalo Valley, ele não era de conversar muito. Também não gostava de ouvir discussões prolongadas. Ia direto ao ponto e, quando falava, geralmente tinha razão.

Joshua sabia que sua filha, Sarah, vinha mantendo com Dennis uma espécie de romance, a despeito dos esforços da moça em fazer segredo disso. Não entendia por que ela achava

ONDE MORA A ESPERANÇA

tão importante que ninguém soubesse dessa relação. Depois do casamento desastroso, seria bom que Sarah encontrasse alguém especial. E Dennis seria bem-vindo à família. Mas Joshua suspeitava que Sarah relutava em se casar com o rapaz por causa de Calla, sua filha de quatorze anos. Aquela era uma idade difícil.

— Podemos oferecer moradia de graça à nova professora, não podemos? — Buffalo Bob sugeriu.

— Boa idéia! — concordou Joshua. — Há duas ou três casas vazias perto da escola.

— Ninguém vai querer viver naquelas espeluncas velhas — insistiu Marta. — Estão cheias de ratos e sabe-se lá mais o quê.

— Podemos reformar uma delas. Os outros assentiram.

— Caso ninguém ainda tenha notado, esse Estado enfrenta o problema da falta de professores

— objetou Jacob, e foi apoiado pela esposa.

— Podemos publicar anúncios — Hassie propôs.

— Anúncios? Não temos dinheiro para isso — rebateu Marta em tom cortante.

— Então, o quê, exatamente, você sugere? — perguntou Joshua, já no limite da paciência.

Jacob e Marta entreolharam-se mais uma vez. Ele se levantou devagar e inclinou-se para a frente, apoiando as mãos no tampo da mesa.

— Acho que é hora de encarar a verdade. Buffalo Valley acabou, e não há nada que possamos fazer para reverter essa situação.

De novo, Marta apoiou o marido, exibindo um sorriso de satisfação. Mas Hassie e Buffalo Bob contestaram o casal.

— Esperem um momento! — Bob exclamou, alterado.

— Criei dois filhos aqui! — exaltou-se Hassie — E enterrei um! Não vou permitir que Buffalo Valley morra, nem que essa seja a última coisa a fazer.

— Investi toda a minha herança neste bar-restaurante! — gritou Buffalo Bob.

Joshua bateu na mesa mais uma vez.

— Ninguém falou nada sobre desistir da luta.

— Nenhuma professora vai querer se mudar para cá — tornou Marta.

— Encontraremos uma — insistiu Joshua, recusando-se a permitir que o pessimismo dos Hansen influenciasse ainda mais a reunião.

— Olhe à sua volta! — disse Jacob, fazendo um gesto em direção à janela suja de gordura que dava para a avenida Principal.

Joshua não precisava olhar. Enfrentava as evidências todos os dias, quando abria sua loja. Os negócios falidos. As calçadas quebradas, por entre as quais o mato crescia. A falta de iluminação nas ruas. O orgulho que aquela comunidade tivera um dia se fora há muito tempo.

— Não deixaremos que a escola feche — afirmou Joshua, enfático.

— Apoiado! — disse Hassie.

Havia alívio em seu rosto, e a determinação da voz mostrava disposição para a batalha. Joshua se sentiu mais animado. Passara a vida toda naquele lugar e faria o que fosse necessário para salvá-lo. Mesmo que chovesse canivete, eles achariam uma professora antes do início das aulas, marcado para o final de agosto.

— Só vou acreditar quando vir com meus próprios olhos — protestou Jacob.

— Bem, então se prepare para acreditar — respondeu Joshua. Havia mais vida em Buffalo Valley do que os Hansen podiam imaginar, e ele iria provar isso. Ah, se iria!

Lindsay Snyder sentia raiva, muita raiva. Fora mesmo uma tola. Sentada à mesa da cozinha, com os cães dormindo a seus pés, fazia anotações em seu diário. Sempre que se sentia aborrecida, furiosa, descrevia esses sentimentos. Ajudava a clarear a mente, a entender o que acontecera e por quê. Dessa vez, porém, ela já conhecia as respostas.

Ao terminar de escrever, pôs de lado o caderno com capa de couro e olhou através da janela do apartamento. Mas não via a paisagem. Procurava enxergar o futuro.

Matt jamais se casaria com ela.

Lindsay devia ter reconhecido isso dois anos atrás e não o fizera. Queria tanto ser esposa daquele homem, construir uma família a seu lado, que fechara os olhos para o resto. Afinal, amava-o muito, e o casamento costumava ser o desfecho de um amor assim.

O problema foi que ela viu apenas o que *desejava* ver. Permitiu-se acreditar que seria capaz de convencê-lo.

Matt não mentira. Não a enganara. Desde o começo vinha lhe dizendo que não estava interessado em se casar. Amava-a, mas o divórcio, anos atrás, deixara-o arrasado, e o levava a jurar nunca mais repetir a experiência. E, durante o tempo em que

permanecera junto a Lindsay, jamais demonstrara ter mudado de idéia. Ela sabia que, se havia alguém responsável por sua infelicidade, esse alguém não era Matt.

Deixara-o cerca de seis meses depois do início do relacionamento porque ele continuava arredio ao assunto "casamento". Mas acabara voltando, acreditando ingenuamente que Matt viria a mudar de opinião.

Isso não acontecera.

O telefone tocou e Lindsay olhou para o detector de chamadas, aliviada e ao mesmo tempo deprimida ao constatar que o número que aparecia no visor não era o dele.

— Alô.

— Lindsay? Oi, é Maddy.

— Eu sei.

— Ei, estamos numa belíssima tarde de verão, mas você fala como se tivesse perdido a melhor amiga. Ainda bem que eu sei que não é esse o caso, porque sua melhor amiga sou eu.

Lindsay suspirou, perguntando-se por que Maddy parecia tão livre e feliz enquanto seu mundo ruía.

— Não há nada errado. Ou melhor... Não há nada que já não estivesse errado nos dois últimos anos.

— Ah, então isso tem algo a ver com Matt! O que aconteceu?

— Nada, eu já lhe disse. Saímos para jantar ontem à noite e fizemos um passeio romântico de carruagem por Chippewa Square. O perfume das magnólias se espalhava pelo ar e... bem, estava tudo perfeito. Até...

— Até o quê?

Lindsay apertou os olhos fechados porque até mesmo as palavras doíam fundo.

— Até eu cometer o erro de mencionar o *futuro*. Ele reagiu como se tivesse escutado um palavrão. Ficou furioso e começamos a discutir. Então eu vi o que já devia ter reconhecido: Matt nunca irá se casar comigo.

— Você vai terminar tudo?

— Já fiz isso. Acabou, Maddy.

— Você não parece segura disso.

— Engano seu. Estou *muito* segura dessa decisão. Nada do que ele disser vai me convencer a mudar de idéia. Recuso-me a continuar com esse sofrimento.

— Matt lhe disse, desde o começo, que não tinha o menor interesse em se casar de novo.

— Sei disso.

— Estou surpresa por você não ter ido morar com ele. Era o que Matt queria.

Lindsay percebia agora que, ainda que tivesse se mudado para a casa do namorado, não haveria nenhum compromisso, nada permanente. Chegara a considerar a idéia de viver com ele, mas naquele momento sentia-se aliviada por não ter feito isso. Os sentimentos dele jamais mudariam. E sua angústia acabaria se tornando cada vez maior.

— Quer dizer então que achou melhor romper?

— Achei, sim. E tempo de abrir os olhos e encarar a realidade. Preciso tocar a

vida.

— É isso mesmo! — exclamou Maddy, e então fez uma pausa. — Sei que é difícil, mas...

No colégio, as duas costumavam passar noites e noites acordadas, falando dos homens com os quais iam se casar. Naquela época tudo parecia fácil. Agora, porém, as coisas tinham mudado de figura. Ali estavam ambas, com quase trinta anos e nenhum marido à vista.

— Lembra-se de quando éramos adolescentes? — perguntou Lindsay, incapaz de deixar de pensar nos sonhos ingênuos de duas estudantes inexperientes.

— Claro que sim. Não passávamos de duas românticas tolas. Lindsay deu de ombros. Não que elas julgassem que o casamento fosse essencial na vida de uma mulher. Nada disso.

Mas as duas queriam viver a intimidade de um relacionamento mais profundo e a alegria de ter filhos.

Maddy ao menos tinha uma desculpa. Como assistente social do Estado da Geórgia, ocupava-se por longas horas, cuidando do bem-estar dos outros. No restante do tempo fazia trabalhos voluntários. Várias noites por semana, depois do serviço, davam aulas no Projeto Família, uma organização comunitária. Além disso, lidava com adolescentes problemáticos. Queria salvar o mundo, e tinha um coração grande o suficiente para isso.

Quanto a Lindsay, não possuía muitas ambições. Depois do colégio, freqüentara a Universidade da Geórgia e morara quatro anos com Maddy. Formara-se em francês, com especialização em educação. Depois da faculdade, passara por diversos empregos. O único em que conseguira usar seus conhecimentos de francês fora o de consultora temporária em um balcão de perfumaria de uma grande loja de departamentos.

Tivera poucas oportunidades de empregar suas habilidades. Lecionara conversação para turistas, traduzira documentos e contratos, mas nada dera certo. Então, quatro anos atrás, uma funcionária do escritório de contabilidade de tio Mike, em Savannah, adoeceu, e ela a substituiu. Como a Sra. Hudson resolveu não voltar ao trabalho, o cargo ficou com Lindsay em caráter permanente.

— Um dia meu príncipe encantado virá — dizia Maddy, do outro lado da linha. — O seu também.

Depois de sair da faculdade, com vinte e três anos, as duas achavam que tinham todo o tempo do mundo para encontrar suas almas gêmeas. Agora, sete anos depois, haviam parado de contar o número de casamentos em que compareciam como damas de honra. Eram dez ou mais. Tantos, que ambas transformaram o assunto em brincadeira. Maddy vivia sugerindo um bazar de roupas usadas, para se ver livre dos vestidos de cetim usados nos casamentos das amigas. Dizia, rindo, que com isso a sorte das duas talvez mudasse.

Então, pouco mais de dois anos atrás, a sorte de Lindsay realmente mudara. Matt Turner fora contratado pelo escritório de tio Mike. Ao ser apresentada ao novo funcionário, ela se apaixonara. Um mês depois rompia o relacionamento com Chuck Endicott, que não passara de um envolvimento casual. Desde então, só saía com Matt.

Amara-o, ainda o amava, mas dois anos de namoro haviam provado que os dois queriam coisas diferentes. Ele não estava interessado em filhos, e a palavra "compromisso" o fazia correr. Quanto a Lindsay, passara a vida inteira desejando as duas coisas.

— Ouça — Maddy disse, animada —, minha chefe vive insistindo para que eu tire duas semanas de folga. Teme que eu acabe doente se não descansar um pouco. Assim, na próxima sexta-feira estarei em férias.

— Férias! — Lindsay repetiu, sem conseguir evitar a inveja.

— Por que não vem comigo? Você também precisa de um descanso. De mais a mais, se falou sério sobre terminar com Matt, uma viagem viria a calhar. Faria bem para vocês dois.

Maddy tinha razão e Lindsay sabia disso.

— Para onde pretende ir? Para a Europa? — quis saber, imaginando que duas semanas em Paris seriam fantásticas.

— Não tenho dinheiro para isso. Você sabe que as assistentes sociais ganham pouco.

— Que tal a ilha de St. Simons?

— Aquele lugar chique na costa da Geórgia? Paris é mais barato!

— Certo. Então, o que sugere?

— Que tal uma viagem de automóvel? Não conheço a maioria das cidades deste país.

Lindsay gostou da idéia. Seria uma aventura e tanto. O destino pouco lhe importava. Maddy acabara de comprar um carro e elas poderiam dividir as despesas.

— Sempre sonhei em ir ao parque Yellowstone — Maddy prosseguiu.

— É fabuloso!

— Você já esteve lá?

— Quando criança. Você sabe que meu pai é de Dakota do Norte. Nasceu e cresceu ali. Fomos para lá algumas vezes, ver a propriedade da família. Yellowstone não fica longe. Quer dizer... Acho que não. Não me lembro direito, porque tinha dez anos quando fomos para Dakota pela última vez.

— Eu gostava de seu avô — disse Maddy.

Três anos atrás, depois da morte da avó de Lindsay, vovô Snyder ficara desorientado e não pudera mais morar sozinho. Não tinha, no entanto, mais parentes na região de Buffalo Valley. Por isso, saíra de lá e fora levado a um lar de idosos em Savannah, onde permaneceu até sua morte, no ano anterior. Lindsay adorara passar aquele tempo com ele, mesmo que tivesse sido breve. Como Dakota do Norte fosse longe demais da Geórgia, suas visitas à terra das avós foram poucas. Mal pudera conhecê-los direito.

No começo, vovô Snyder sentira muito a falta da fazenda Red River Valley. Falava horas e horas sobre sua vida ali. Lindsay lembrou-se de que ele a chamava de terra abençoada, mas também a alertara de que morar em Dakota do Norte era como lutar com um anjo. Era preciso domar a terra antes de receber sua bênção. Vovô costumava descrever os belíssimos arco-íris que surgiam depois das chuvas fortes, as selvagens tempestades de neve que chegavam com o inverno e que tornavam o céu cinzento como o cano de uma espingarda. Falara sobre o inacreditável pôr-do-sol, com o horizonte, que ia até onde a vista alcançava, tingindo-se de laranja, rosa e vermelho.

— Eu gostaria de fazer uma parada em Buffalo Valley — disse Lindsay.

— Buffalo Valley?

— Fica em Dakota do Norte. É a cidade onde meu pai nasceu e cresceu.

— Certo. Vamos até lá, então.

— A casa de meus avós ainda está em pé. Nunca foi vendida.

— A velha propriedade da família?

— Não. Meus avós venderam a fazenda no começo dos anos setenta e se mudaram para a cidade. Não entendo como aquela casa ainda pertence à família. Pelo que sei, o lugar era visado por uma grande companhia estatal.

— Então é melhor ir até lá e verificar essa história — disse Maddy.

Lindsay sabia que tio Mike não se importaria em lhe dar duas semanas de folga. Além disso, a família ficaria feliz quando ouvisse seus planos. Mesmo sem querer, ela também imaginou o que Matt pensaria daquilo.

Não precisou esperar muito.

Depois de quatro dias, período em que os dois fingiram ignorar um ao outro, Matt foi até sua sala, no escritório. Lindsay sabia que isso acabaria acontecendo, e ensaiara durante toda a semana a conversa que teria. Mas, agora, mal se lembrava do que queria dizer.

— Para onde você vai? — ele perguntou.

Na certa soubera dos planos de Lindsay por intermédio de outro funcionário.

— Vou tirar férias — ela respondeu atordoada com a presença daquele homem.

Queria que Matt reagisse à novidade, embora soubesse que não devia esperar por isso. Viu-o fechar a porta e recostar-se na madeira.

— Não acha um tanto arriscado?

— Arriscado por quê?

— Ouvi dizer que você e Maddy vão cruzar o país de carro. Duas mulheres sozinhas... Não é seguro. Se está com raiva de mim, tudo bem, paciência. Mas nós dois sabemos que logo vai superar esse sentimento. Eu já superei. Tivemos uma discussão. Já houve outras, no passado, e provavelmente brigaremos de novo. Vamos esquecer isso e seguir em frente. Mas por favor, não tome nenhuma atitude tola.

— Não quero seguir em frente com você — ela respondeu com voz suave.

— Lindsay...

— Acabou, Matt. Eu já lhe disse isso.

— Se é mesmo o que quer ótimo — ele respondeu, como se aquele relacionamento não tivesse a menor importância. — Por que não espera até que eu consiga tirar alguns dias de folga? Então poderemos viajar juntos. Essa brincadeira com Maddy parece perigosa.

— Somos mulheres maduras, capazes e seguras. De todo modo, obrigada pela preocupação.

Matt hesitou.

— Eu... Sinto muito por sexta-feira à- noite — continuou, com gentileza. — Nós dois estávamos perturbados.

— Não estou perturbada — Lindsay respondeu, dando-lhe as costas e guardando uma fatura no arquivo.

— Você sabe como me sinto a seu respeito.

Matt realmente a amava. Ela não teria ficado a seu lado durante tanto tempo se não tivesse certeza disso. Vendo-o ali, tão atraente, a expressão tão querida, percebeu que seria difícil encarar a vida sem ele.

— Case comigo — sugeriu Lindsay, antes que conseguisse se conter.

Os olhos masculinos encheram-se de remorso.

Assim que disse aquelas palavras, ela desejou jamais tê-las pronunciado. Mais uma vez tentara mudar uma situação que não podia ser alterada. Dominada pela tristeza, balançou a cabeça lentamente, sem esperança.

— Vai mesmo viajar sem mim? — ele insistiu.

— Sim, vou. Sem você.

Só assim, Lindsay pensou, poderia ter clareza de raciocínio. Só assim poderia ensinar seu coração a esquecê-lo.

— Quando partirá? — Matt perguntou em um tom resignado.

— Sábado pela manhã.

Ele colocou as mãos nos bolsos.

— Duas semanas?

— Exato.

— Vai me telefonar? Ao pior conceda isso. Uma ligação rápida, só para eu saber que você está bem...

Lindsay balançou a cabeça de novo.

— Por favor, não torne tudo mais difícil do que já é. Não poderia telefonar. Falar com ele seria muito doloroso.

Muito arriscado.

— Vou sentir saudade — Matt confessou baixinho. E hesitou antes de se virar, abrir a porta e sair.

Passava das dez quando Gage Sinclair estacionou o trator e terminou de limpar o equipamento. Estivera no campo da madrugada ao anoitecer, cortando alfafa, e estava esgotado até os ossos. Engraçado como um homem podia se sentir tão cansado que seria capaz de cair na cama sem nem mesmo tirar as botas!

Ao caminhar para a casa, viu a mãe sentada na varanda, os dedos ocupados com mais um modelo de tricô. Outro suéter para o filho, provavelmente. Ela costumava já estar deitada a essa hora, uma vez que também se levantava antes de o sol raiar, para alimentar os animais e cuidar do jardim. Como estivessem na fase mais quente do verão, era natural que procurassem adiantar ao máximo o trabalho nas frescas horas da manhã.

Gage procurou por Kevin, mas seu jovem meio-irmão não se encontrava à vista. Fazia calor demais para ele estar em casa, e ali de fora não se ouvia nem o barulho da televisão nem daquilo que os adolescentes de hoje em dia chamavam de música.

As atitudes do garoto o deixavam frustrado. Dali a alguns anos, Kevin teria que tomar conta da fazenda. Claro que Gage estaria por perto, guiando e aconselhando, mas as terras pertenciam a Kevin, que precisava assumir suas responsabilidades.

Gage tinha quinze anos quando sua mãe se casou pela segunda vez, depois de dez anos de viuvez. Estava com dezoito quando o irmão mais novo nasceu. John Betts,

seu padrasto, morreu quando Kevin completou cinco anos. Por esse motivo, Gage acabou se tornando mais pai do que irmão.

Lara colocou o tricô de lado e se levantou ao ver o filho aproximar-se da casa. Ele então percebeu que a mãe o esperava.

— Hassie telefonou, falando da reunião do conselho — disse ela, confirmando as suspeitas de Gage.

— Ah, é?

— Não quer saber o que aconteceu?

— Imagino que você vá me contar... — ele respondeu, subindo para a varanda.

Resistiu à vontade de sentar-se. Cansado como estava, era bem possível que dormisse ali mesmo. Viu que a mãe dava de ombros e percebeu que tomara a decisão certa ao evitar a reunião. Se Joshua McKenna quisesse sua presença em outro encontro de emergência, teria de escolher uma data em que ele não se encontrasse bem no meio do corte de alfafa.

— Antes que você diga alguma coisa, mamãe, tenho uma idéia do que fazer quando as aulas começarem.

Com a morte de Eloise, era improvável que a escola voltasse a funcionar. E Gage, mesmo sabendo que se tratava de uma posição egoísta, desejava que ela tivesse resistido mais um ano, para que Kevin pudesse concluir os estudos.

— Sei o que você vai falar — disse a mãe.

Nada surpreso Gage a fitou. Afinal, já haviam tido aquele tipo de conversa.

— Sabe mesmo? — brincou.

— Quer que eu dê aulas a sei irmão aqui em casa mesmo.

— Acho que é a melhor solução.

— Não, não é. Ouça, ele se forma este ano. Sei que irá cuidar da fazenda, mas precisa tirar o diploma em uma escola decente. Só assim conseguirá chegar à faculdade, caso possamos pagar alguma. De todo modo, penso em enviá-lo a Fargo, para concluir os estudos. Ele pode morar com tio Jim e tia Mary Lou. -

— Teríamos que pensar mais no assunto. — Gage sabia que passar os nove meses seguintes na cidade não era o modo mais apropriado de o irmão se preparar para a vida na fazenda.

— Você não disse isso a ele, não é?

— Não.

Lara hesitou como se quisesse falar algo mais. Fosse qual fosse o assunto, Gage gostaria de ouvi-lo.

— O que a preocupa, mamãe?

— Kevin pegou a caminhonete de novo e saiu sem me contar para onde ia.

A despeito da decisão que acabara de tomar, ele sentou-se nos degraus da varanda.

— Parece um tanto óbvio saber aonde esse menino foi não acha?

— A casa de Jéssica — concordou a mãe.

Kevin vivia seu primeiro amor. Por isso, Gage assumira outra responsabilidade

inevitável, a de explicar como um homem poderia proteger uma mulher de uma gravidez indesejada e de doenças venéreas. Também lhe dera algumas caixas de camisinhas. O irmão ficara furioso, mas no final pegara os preservativos.

Gage sabia que seriam necessários. Ora, não fazia tanto tempo assim que ele saíra dos dezessete anos!

Durante aquele verão, Kevin sempre dava um jeitinho de sair para ver Jéssica. Sem dúvida os pais da moça também estavam preocupados com aquele relacionamento. E com a situação da escola.

Gage suspeitava que, caso a melhor decisão fosse fechá-la, a maioria das famílias enviaria os filhos para outras cidades. Alguns ficariam em Buffalo Valley e teriam aulas em casa. No entanto, essa era uma solução que não serviria a Kevin. O garoto era indisciplinado demais para estudar sem a velha estrutura de classes, exames e prazos finais. Preferiria passar o tempo desenhando. Ou ao lado da namorada.

— Hassie entrará em contato com a união dos professores de Dakota, para encontrar uma substituta — Lara estava dizendo. — Ao menos foi o que decidiram, na reunião.

A boa senhora tinha uma confiança a toda prova na dona da farmácia, sua melhor amiga. Gage também a respeitava muito, mas sabia que Hassie não poderia operar milagres. Estavam quase em julho e as aulas deveriam começar no final de agosto. Ele odiava ser pessimista, mas julgava que a escola permaneceria fechada. Claro que acabariam encontrando uma professora, mas, até lá, a única solução seria manter o curso em suspenso.

— Você precisa ter fé, meu filho — disse Lara, como se isso resolvesse todas as coisas.

Gage assentiu.

— Sim, mamãe.

— O bom Deus sabe o que faz. Ele não resistiu:

— Nesse caso, por que não dá um pouco de atenção ao preço das sementes e dos grãos?

— Gage!

Claro que ele não iria discutir com a própria mãe. Mas, se o "bom Deus" tivesse a intenção de encontrar uma professora para Buffalo Valley, era melhor agir com rapidez. De mais a mais, caso Gage se permitisse sonhar, acrescentaria sua própria lista de pedidos.

"Encontre uma professora", brincou em silêncio, olhando para o céu. "Mas não *qualquer* professora, por favor."

Ele queria alguém jovem, bonita, inteligente e amável. Alguém que gostasse de crianças e de animais.

"Ei, Senhor, por que não enviar uma mulher para mim?"

Gage quase riu diante da idéia. E da própria atitude. Atribuiu àquela oração, se é que poderia ser chamada assim, ao cansaço, e ao fato de saber que o irmão provavelmente perdera a virgindade naquele verão. Era apenas isso, claro. A verdade era que Kevin encontrara alguém para amar, enquanto ele continuava sozinho.

Não era uma ironia?

CAPÍTULO 2

Sarah Stern esperou que o pai dormisse em frente à televisão. Calla, sua filha adolescente, trancara-se no quarto para ouvir música. Inquieta e preocupada, telefonou para Dennis. Depois começou a andar de um lado para outro, na cozinha, até avistar os faróis do carro dele. Saiu da casa em silêncio e correu pelo pátio aberto. Dennis, ao avistá-la, abriu a porta do passageiro, para que ela entrasse.

— Obrigada por ter vindo — Sarah sussurrou.

— Obrigado por ter telefonado.

Assim que a porta se fechou e a luz interna do automóvel se apagou, ela se aninhou nos braços masculinos. A despeito de tudo. O que prometera a si mesma, permitiu que sua boca encontrasse a dele. Os lábios se tocaram, mordiscaram-se, tornaram mais intenso o beijo. Quando acabou, Sarah se sentiu mais aliviada.

Dennis recostou a cabeça no banco e suspirou.

— Eu precisava disso.

Ela não quis admitir, mas também precisava.

— O que aconteceu durante a reunião desta noite?

— perguntou. A pai mal dissera uma palavra desde que chegara, e Sarah não soube o que pensar. Quando lhe perguntara sobre o encontro, Joshua fugira da resposta, pedindo-lhe que não se preocupasse com assuntos que não eram de sua conta. O problema era que isso lhe importava, e muito. Se não contratassem uma professora logo, ela mesma teria de dar aulas para Calla. Caso isso acontecesse, era improvável que ambas sobrevivessem àquele ano escolar. Aos quatorze anos, a garota era orgulhosa e jamais fugia de uma discussão.

Tal mãe, tal filha. Sarah imaginava que merecia aquilo, por ter dado tanto trabalho aos pais, quando adolescente.

— Vamos encontrar outra professora — Dennis garantiu. Joshua dissera aquelas mesmas palavras.

Sem nenhuma outra explicação, sem detalhes.

— Onde? — Sarah perguntou descrente.

Dennis deu de ombros enquanto dirigia para longe da casa.

— Em algum lugar.

— Você não sabe onde procurar, não é?

— Ouça, não fecharemos a escola. Prometo.

Parou no acostamento e desligou o carro. Estendeu-lhe os braços, acariciando-lhe os cabelos e procurando-lhe os lábios. Era sempre assim quando os dois se viam obrigados a afastar-se por algum tempo. O desejo explodia, ameaçando queimá-los nos primeiros beijos.

Pouco depois, ao descansar a cabeça no ombro largo, ela lutava para manter a calma necessária ao assunto que a levava a telefonar.

— Parece que o conselho teve uma discussão e tanto. Alguém fez alguma sugestão concreta?

— Não. Bem... Não exatamente. Mas Hassie vai dar alguns telefonemas.

— Certo, mas isso não garante nada. — Era exatamente isso que Sarah temia. — Nesta região, há poucos professores qualificados disponíveis. Acha que um deles cairá do céu?

Dennis ficou em silêncio por um momento. Depois respondeu:

— Querida, não se preocupe.

Sarah odiava quando os homens, em especial os que amavam e nos quais confiava, tratavam-na daquela maneira. O fato de o pai não levar a sério suas preocupações já era ruim o suficiente. E Dennis seguia pelo mesmo caminho. O futuro de toda a cidade estava em perigo, e ele parecia achar que as coisas entrariam nos eixos por conta própria.

— Hassie vai ligar para a associação dos professores e pedirá alguém aqui antes de as aulas se iniciarem.

Ela gemeu. Não podia acreditar no que ouvira. **Tudo o que** as pessoas pareciam fazer, ali, era "falar"!

— Algum de vocês se deu conta de que as aulas precisam começar daqui a seis semanas?

— Conseguiremos uma professora antes disso.

— Eu gostaria muito que alguém do conselho fosse um pouco realista, sabe?

— Seu pai...

— Meu pai achou que todo mundo queria jogar cartas durante o velório de mamãe — ela respondeu séria. Sabia que, em uma crise, Joshua McKenna era inútil. — Parece que essa comunidade pretende fingir que não há nada errado, e que as coisas vão se ajeitar sozinhas.

Dennis ficou quieto, o que era comum. Levou as mãos ao volante, apertando-o. Conheciam um ao outro tão bem... Sarah poderia até mesmo adivinhar em que estava pensando. Ele odiava discussões. E, nas noites em que se encontravam brigar era a última coisa em que estaria interessado.

— Sinto muito — ela sussurrou, deslizando a palma da mão pelo braço forte.

Preferia beijá-lo a discutir, mas estava preocupada, e com razão, com o futuro de Calla. E com seu próprio futuro. Não queria sair de Buffalo Valley. Aquele era seu lar. Sentia-se segura, ali. Segura do mundo lá fora, das dúvidas e dos medos. Livre dos erros que cometera na primeira e única ocasião em que se aventurara para além do vale.

Dennis a abraçou pelo ombro e ela descansou a cabeça no peito masculino. Era bom estar ao lado daquele homem. Sentia-se protegida. Abrigada. Não devia claro, porque não podia se permitir o luxo de depender de Dennis. Mas tinha medo. Por Calla e por si mesma.

Lembrou-se de quando tinha dezoito anos. Mal podia esperar para deixar a cidade e fazer seu caminho no mundo. Mudara-se para Mineápolis e encontrara trabalho em uma loja de tecidos, ganhando o salário mínimo. Seu segundo emprego foi como caixa em uma loja de conveniência que funcionava vinte e quatro horas por dia. O que ganhava a ajudava a pagar o aluguel. Foi lá que uma vez, tarde da noite conheceu Willie Stern

Era um rapaz impulsivo, imprevisível, e Sarah caíra de amores. Em um mês estavam vivendo juntos, e pouco depois veio a gravidez. A única pessoa a quem ela contou a novidade foi ao irmão mais novo. Jeb foi até Mineápolis e insistiu para que Willie legalizasse a situação. Não fosse por ele, Sarah tinha certeza de que o moço a teria abandonado. Mas talvez essa saída tivesse Sido a melhor.

Mais tarde, depois que Calla nasceu Willie não quis ver a esposa trabalhando fora. Como ela aprendera a arte das colchas de retalhos com a mãe, começou a fazer algumas peças e a vendê-las. O marido jamais entendeu por que alguém pagaria por aquele trabalho, mas não se queixou do dinheiro extra. Além do emprego de meio-período como vendedor de sapatos, ele tocava guitarra, em bares, com duas bandas. Assim, seus ganhos eram incertos.

Não demorou muito para aquele casamento desmoronar, e para Willie levar a família à beira da bancarrota. Sarah ficou perplexa quando soube que o marido engravidara outra mulher. Abatida, desencorajada e com uma filha de quatro anos, ela voltou a Buffalo Valley, para a casa onde passara a infância. E desde então ficara por lá.

Continuou a fazer as colchas de *quilt* e de *patchwork*. Era apaixonada por aquele trabalho. Seu amor pelo processo criativo de misturar texturas e cores, adaptar padrões tradicionais e inventar os próprios desenhos crescera com o passar dos anos. Sabia que tinha talento, e ganhava a vida com isso.

Raramente ouvia falar de Willie, e achava melhor assim.

Dennis percorreu-lhe o rosto com um dedo e abriu-lhe a boca com a sua.

— Fiquei com saudade — sussurrou, acariciando-lhe um seio.

— Eu sei.

Sarah não lhe telefonava havia seis semanas. Seria cruel sobrecarregá-lo com seus problemas, uma vez que ela não acreditava no futuro daquele relacionamento. Mas Dennis Urlacher era seu ponto fraco. Quanto mais dizia a si mesma que precisava se libertar dessa paixão, menos queria fazer isso.

— Por que você levou tanto tempo para dar notícias? Sarah não quis responder. Inclinou a cabeça, desejando ter podido resistir à urgência de vê-lo. Ele ia a seu encontro sem nenhuma hesitação. A qualquer hora do dia ou da noite, bastava ligar e Dennis aparecia. Vinha sendo assim havia dois anos.

O problema era que Sarah não se julgava à altura daquele homem. Existiam fatos a seu respeito que ele desconhecia. Fatos de que ninguém sabia, nem mesmo Jeb, Joshua ou Calla. Ela e Dennis jamais deveriam ter-se envolvido, jamais deveriam ter cruzado a barreira do contato físico. Sarah era cinco anos mais velha e, ele, o melhor amigo de seu irmão.

Há muito sabia como Dennis se sentia a seu respeito, mas desencorajara-o, recusando seus pedidos para um encontro a dois. Por alguns anos foi capaz de ignorar a atração que crescia em seu peito. Então Jeb sofrerá um acidente, na fazenda, que quase o levara à morte. Enquanto ele permaneceu no hospital, lutando pela vida, Dennis se juntou à família, nas longas vigílias. Esteve a seu lado o tempo todo, forte e confiante, seguro.

Foi quando Sarah baixou a guarda e ambos se tornaram amantes. Depois disso, foi impossível recuar. Impossível fingir que nada sentia por ele, impossível negar a necessidade física que os unia.

Sarah insistia em manter aquele relacionamento às escondidas. Não porque tivesse vergonha de Dennis, mas porque tinha vergonha de si mesma.

Às vezes suspeitava que seu pai soubesse daquele namoro. Mas o velho Joshua jamais dissera uma palavra. Quanto a Calla, era distraída demais para prestar atenção a essas coisas, e Sarah a agradecia por isso. Jeb era o único a conhecer a verdade, mas jamais discutira o assunto com a irmã.

Dennis levou as mãos aos cabelos negros, espessos, longos, e puxou-a para junto de si. Beijou-a de novo, devagar e profundamente.

— Venha comigo — disse com voz rouca de desejo.

— Não...

Ele não discutiu, nem procurou dissuadi-la. Em vez disso, beijou-a até ouvi-la gemer e aconchegar-se em seus braços, pedindo mais.

Depois de um momento, ergueu a cabeça e a fitou. Seu amor brilhava em Sarah, cintilava nela como um raio de sol. Fazia seis semanas que não se encontravam. Seis semanas de noites longas, vazias, em que ambos arderam de desejo. Ela, porém, negara-lhes a satisfação. E mesmo agora, se insistisse, sabia que Dennis a deixaria ir sem uma palavra.

Incapaz de recusar-se, Sarah acariciou-lhe a nuca e sorriu docemente. Os olhos castanhos escureceram-se de paixão.

Os beijos ganharam uma nova urgência. Ela se entregou, mas ao mesmo tempo teve vontade de chorar de frustração.

la acontecer de novo, como sempre, porque Sarah era fraca demais para dizer "não". Fraca demais para negar-se àquele amor. E fraca demais para contar-lhe a verdade.

— Você vai dormir a vida toda? — perguntou Lindsay enquanto colocava uma xícara de plástico, com café quente, sobre a cômoda de Maddy.

A amiga rolou para o lado e a fitou por entre os olhos semicerrados.

— Que horas são? — murmurou, sentando-se devagar e pegando a caneca.

— Oito horas.

Sentada do outro lado da cama, Lindsay cruzou as pernas e bebeu o próprio café. Haviam chegado a Mineápolis no dia anterior e, depois de encontrar um hotel, foram direto ao Bulevar da América. Savannah também tinha lojas interessantes, mas nada comparado aos mais de quatrocentos estabelecimentos daquele centro de compras, que contava ainda com um parque de diversões. Depois de vasculhar as vitrines e de experimentar alguns dos equipamentos mais excitantes do parque, compraram lembrancinhas para sobrinhas e sobrinhos. A excursão terminara com um jantar e um cinema, ainda dentro do bulevar.

— Oito horas? Já? Não pode ser — protestou Maddy,

— Mas são.

Lindsay sempre gostara das manhãs, desde a adolescência. Mas esse era um prazer que não podia compartilhar com Maddy. A amiga acordava muito devagar, ou, como sua mãe costumava dizer, "punha uma célula para funcionar de cada vez".

No entanto, à noite tinha mais energia do que Lindsay. Talvez fosse algo genético,

uma vez que ela descendia de fazendeiros, por parte de pai, enquanto a família de Maddy sempre fora da cidade.

— Vamos para Buffalo Valley hoje? — Maddy perguntou, finalmente livrando-se das cobertas e caminhando até o banheiro.

— Sim, caso você decida se apressar.

Às malas de Lindsay estavam prontas e colocadas no carro. Ela acordara às seis e sentara-se à beira da piscina do hotel, aproveitando o sol, tomando o café da manhã e se lembrando das coisas que o avô lhe contara sobre a cidade. Quando ele chegara a Savannah, sentia-se confuso e infeliz. Com o tempo, adaptou-se um pouco. Falar sobre Buffalo Valley parecia aliviar-lhe a solidão, e Lindsay sempre fora uma ouvinte atenta.

Vovô lhe contara vezes sem fim das terras férteis e das colheitas abundantes. Mostrara-lhe fotografias de uma propriedade que se estendia para além do horizonte, cercada por um céu muito azul. Ela, porém, se lembrava mais das histórias sobre as nevascas e o vento. O avô lhe dissera, mais de uma vez, que em lugar nenhum dos Estados Unidos o vento soprava com tanta força como em Dakota.

Afirmara não ser incomum ouvi-lo urrar, os quase cem quilômetros por hora, por um dia ou mais. Ele podia transformar, em questão de horas, um solo encharcado em poeira. Lindsay não entendia por que alguém permaneceria em um lugar como aquele, mas seu avô amara o lar com a mesma intensidade com que amara a família.

Estudou os mapas enquanto esperava Maddy se vestir. Por seus cálculos, chegariam a Buffalo Valley no final da tarde. De Mineápolis, iriam até Fargo. Depois, pegariam a rodovia 29 para Grand Forks, entrariam na via 2 até Devils Lake e, dali dirigiria para norte.

Lindsay dobrou os mapas e olhou para o telefone.

— Não se atreva! — Maddy exclamou à porta do banheiro, ainda segurando a escova de dente.

— O quê?

— Você estava pensando em ligar para Matt.

Ela não admitiu nem negou, mas era isso mesmo que tinha em mente. Esquecê-lo era cem vezes mais difícil do que imaginara. Aquele homem fora parte importante de seu dia-a-dia, e Lindsay sentiam-se perdida sem ele. E, se já estava assim agora, perguntava-se o que aconteceria quando voltasse para Savannah.

— Podemos ir? — perguntou Maddy.

— Podemos.

Lindsay usava legging e camiseta folgada, enquanto Maddy vestira um short amarelo, justo, que lhe destacava as pernas longas e bem-torneadas. Pareciam irmãs, altas, loiras.

Às oito e meia já se achavam na estrada, ouvindo a música que vinha do gravador. Cantavam junto com Janis Joplin, Rolling Stones e Bob Dylan. Canções velhas e boas. Grandes companheiras de viagem.

Almoçaram em Grand Forks e seguiram para Devils Lake. Estavam a cerca de uma hora de Buffalo Valley. Lindsay ficou quieta no minuto em que percebeu a proximidade do lar do avô. Tudo o que via ao redor da estrada eram campos e campos de trigo movendo-se ao sabor do vento, ondulando como as ondas do mar.

A temperatura elevava-se. Passava dos quarenta graus, e o ar-condicionado do

carro, mesmo ligado a toda velocidade, não dava conta do calor. Lindsay não se importava. Na verdade, amava a intensa luminosidade do sol, os trigais lá fora, a terra onde os avós haviam conhecido a melhor parte da vida. Tinha consciência de que ali começara sua história, e experimentou uma sensação, quase uma intuição, de que Dakota do Norte a ajudaria a descobrir a mulher que realmente era.

— Papai disse que podemos procurar Hassie Knight quando chegarmos à cidade — disse.

— Hassie — Maddy repetiu. — É um nome incomum. Lindsay não se lembrava de tê-la conhecido. O que não era estranho, uma vez que estivera em Buffalo Valley, pela última vez, aos dez anos.

— Ela é dona da farmácia e parece fazer parte do conselho da cidade. Guarda a chave da casa de meus avós há muito tempo. Prometi a papai que examináramos o imóvel.

Rodaram em silêncio até Maddy dizer:

— Você está pensando nele, não está?

Lindsay olhou, através da janela, para os campos de trigo.

— Sim. Estou preocupada com o que vai acontecer quando eu chegar a casa. Se eu estivesse lá agora, Matt teria pedido desculpas, me levaria a mudar de idéia e, antes que eu percebesse tudo voltaria a ser como antes.

Maddy suspirou.

— Você já me ouviu dizer isso, mas nunca é demais repetir: ou você aceita o fato de que Matt nunca vai se casar e continua ao lado dele assim mesmo, ou rompe de uma vez por todas. Sei que já terminou esse namoro, mas também sei que quer esse homem de volta. Não faça isso. Ele jamais vai poder lhe dar aquilo que quer.

— Do modo como você fala, tudo parece tão simples...

— E é simples. O que não significa que seja fácil.

— Como poderei evitá-lo? Trabalhamos no mesmo lugar.

E impossível não vê-lo todos os dias.

Claro que o tio não demitira seu melhor homem de vendas por causa do que considerava uma briguinha de namorados. Nem Lindsay queria uma coisa dessas. Mas a verdade era que a situação, no escritório, ficaria pouco confortável. Sim, poderia procurar trabalho em outro local, mas gostava do que fazia. Além disso, no escritório do tio os benefícios eram muitos.

— Essa não é a verdadeira dificuldade, certo? — disse Maddy. Lindsay fechou os olhos por alguns instantes.

— Não, não é. Já terminei com Matt antes, lembra-se? Cerca de um ano e meio atrás. Tenho medo de que a história se repita. Disse a mim mesma que estava acabado e era verdade. Insisti que nada do que ele fizesse ou dissesse iria me levar a mudar de idéia...

— Mas o fato foi que Matt conseguiu reconquistá-la, e você tem medo de que isso aconteça outra vez.

Lindsay assentiu. Ele suplicara, enviara cartões, presentes, flores. Cortejara-a. Desejava manter o relacionamento, mas à sua maneira. E preferia que as coisas

continuassem como estavam. Nada de mudanças ou de compromissos, Nem de formalidades. Nem de promessas.

— O que há de errado comigo, Maddy? Sou assim tão fraca?

— Claro que não!

— Então por que estou presa a um relacionamento que me faz tão infeliz?

Maddy estudou a estrada.

— Sou uma assistente social, não uma conselheira. Mas sou, acima de tudo, sua amiga. E como eu disse. Ou você o aceita assim ou cai fora. E *fica* fora.

— Não sei se conseguirei — ela respondeu, lembrando-se de que Matt lhe dissera que não queria perdê-la, mas que o casamento continuava fora de cogitação. — Ele se importa comigo de verdade, e sabe que a recíproca é verdadeira.

— Sei de tudo isso, querida, mas o fato é que Matt a está usando. Você é conveniente, divertida e o ama. Ele precisa disso. Precisa de você.

— Mas não a ponto de se casar comigo e de me dar filhos. Lindsay se lembrava disso o tempo todo. Invejava as irmãs

e suas famílias. Sempre que visitava sobrinhas e sobrinhos, voltava com um profundo vazio dentro do peito. Queria ter seus próprios filhos.

— Estou desperdiçando os melhores anos de minha vida — prosseguiu Lindsay.

— Quero ter filhos. Muito mesmo.

Era seu mais profundo desejo. Com os trinta anos chegando rapidamente, ela experimentava um sentimento de urgência, uma necessidade de se estabelecer, constituir família.

— Bem, o único jeito de você se ver livre desse homem é lutar com suas próprias armas. Já rompeu com ele. Não volte atrás, nem permita que Matt a faça mudar de idéia.

Prosseguiram em silêncio por dez ou quinze minutos, cada uma cismando com os próprios pensamentos. As planícies continuavam quilômetro após quilômetro, com suas plantações douradas. Às vezes, a distância, avistava-se uma ou outra sede de fazenda. Lindsay lembrou-se de que o avô lhe dissera que sentira muita falta da solidão da vida no campo. E do silêncio. As pessoas à sua volta, na casa de repouso, tornavam sua adaptação ainda mais difícil.

Apenas naquele momento ela se deu conta do que o avô quisera dizer. Olhou para os trigais balançando ao vento quente. As duas não encontravam carro algum, na estrada, havia já algum tempo.

A medida que se aproximavam de Buffalo Valley, Lindsay observou, surpresa, que a estrada não atravessava mais a cidade, como acontecia anos atrás. Uma placa, em uma bifurcação, indicava que, para alcançar o vale, era preciso sair da rodovia. Maddy diminuiu a velocidade e virou à direita.

Antes de deixar Savannah, Lindsay ouvira dos pais o aviso de que a cidade se transformara. Mas nada a preparara para aquele choque.

— Céus! — sussurrou enquanto avançavam pela Avenida Principal.

Havia enormes buracos no asfalto semi destruído. Várias lojas tinham cerrados suas portas. Faltavam pedaços das placas que um dia serviram para indicá-las. Nas janelas viam-se apenas manchas e sujeira. O cine-teatro parecia um lugar fantasma. No final da avenida, o posto de gasolina, com suas bombas fora de moda, parecia um cartão-

postal dos anos 50. Aquele, ao menos, parecia funcionar. Elas haviam passado por outro posto, a caminho da cidade, e notaram que fora abandonado. O negócio de maior destaque era o Buffalo Bob's Hotel, Bar e Restaurante.

— Bem, ao menos teremos onde passar a noite — Maddy comentou com alívio.

O único prédio de tijolos da cidade era o banco, que ainda parecia operar. A mercearia ficava ao lado dele, bem como uma loja chamada Campo Antigo, que vendia antiguidades e coisas do gênero. Um anúncio na entrada dizia que tal Joshua McKenna consertava tudo. Qualquer coisa.

— Aquela deve ser a farmácia — apontou Maddy, parando o veículo junto ao meio-fio.

Comparada aos outros estabelecimentos, a drogaria parecia limpa e nova. Pintada de branco, mais se assemelhava a um farol no centro de uma cidade sem rumo. Dois enormes vasos de gerânios davam as boas-vindas.

A Farmácia Knight era exatamente como o pai de Lindsay a descrevera, com bancos também brancos sob as amplas janelas. A única coisa nova, ali, parecia ser o semicírculo de letras douradas colado ao vidro. Dizia: "Precisa-se de professora".

— Não sei quanto a você, mas eu adoraria um creme de baunilha gelado — Lindsay disse à amiga.

— Ótimo — Maddy respondeu, e a seguiu para dentro da farmácia.

A despeito do piso de madeira e dos lustres antigos pendendo do teto, o estabelecimento tinha um quê de moderno: vendia de tudo um pouco. Xampus, cremes e sabonetes, cartões-postais e lembrancinhas, doces, artigos de papelaria e anjinhos de vidro para pendurar nos vidros do carro.

— Posso ajudá-las? — uma velha senhora perguntou vinda dos fundos da loja.

— Hassie Knight? — indagou Lindsay, fitando a mulher alta e magra que usava um vestido de algodão acentuado.

— Eu mesma. E você deve ser...

— Lindsay Snyder.

— A neta de Gina!

Hassie saiu rapidamente de detrás do balcão e abriu os braços, como se estivesse diante de um parente que não via há longo tempo.

— Seu pai me telefonou e disse que você viria. Oh, deixe-me admirá-la!

Antes que Lindsay pudesse objetar, viu-se envolvida em um forte abraço.

— Esta é minha amiga Maddy...

— Prazer em conhecê-la, Maddy — disse Hassie, abraçando-a também.

— Oh, é maravilhoso tê-las aqui. Sentem-se e deixem que eu faça o melhor milkshake das redondezas! — propôs, dirigindo-se ao outro lado da farmácia.

Sem esperar um segundo convite, Lindsay e Maddy acomodaram-se nos bancos de madeira. O balcão de mogno polido brilhava. Elas nunca haviam visto nada parecido, a não ser em velhos filmes.

— Estou com a chave da casa de seus avós, mas espero que você não planeje passar a noite lá

— disse Hassie enquanto colocava o creme de baunilha em copos altos e estreitos.

— Oh, não. Papai me disse que precisávamos arranjar outro lugar para ficar.

— Buffalo Bob irá adorar recebê-las — assegurou Hassie. — Mas não fiquem preocupadas com a aparência dele. E um homem gentil como poucos.

— Colocou os copos sobre o balcão enquanto as duas amigas trocavam um olhar suspeito.

— Agora, tomem seus refrescos — ofereceu, dando-lhes também copos com água.

— Quantas pessoas vivem em Buffalo Valley?

— Maddy quis saber.

A boa senhora hesitou por um momento.

— Trinta anos atrás éramos quinhentos, mais ou menos, contando os fazendeiros e suas famílias. Nos sábados à noite, a cidade fervia.

— E agora?

Ela deu de ombros.

— Metade disso, acho. Ou até menos. Cerca de duzentas pessoas, acredito. Os vinte últimos anos fora muito difíceis. Muito mesmo.

Lindsay assentiu.

— Vi que você estão procurando uma professora — falou, aproximando-se do pequeno anúncio colado no vidro.

Hassie não perdeu tempo:

— Estão interessadas?

— Sinto muito, mas já tenho um trabalho — disse Maddy, levantando uma das mãos.

— De quanto é o salário? — indagou Lindsay, sem saber por que se incomodava em perguntar.

Curiosidade supunha. O pai lhe dissera que a região estava às portas da morte e que, portanto, ela não deveria esperar muita coisa dali. Mesmo assim, Lindsay se surpreendera ao chegar. Buffalo Valley era uma cidadezinha triste, como muitas outras pelas quais ambas haviam passado. A diferença era que suas recordações, de vinte anos atrás, continuavam vividas. Ainda não conseguira assimilar a realidade nem dissipar as imagens que permaneciam em sua mente.

Buffalo Valley já fora um lugar próspero, com uma bandeira tremulando na casa que abrigava o correio e faixas pela avenida principal. Em um dos verões que a família passara ali, havia um enorme *banner*, entre a farmácia e a mercearia, anunciando que o time da escola ganhara o campeonato de futebol do Estado.

— Você gostaria de se candidatar ao posto? — Hassie perguntou a Lindsay, os olhos azuis brilhando.

— Oh, não — ela respondeu, rindo e balançando a cabeça.

— Precisamos muito de uma professora de ensino médio, a farmacêutica prosseguiu, apoiando os cotovelos no balcão. — Como vocês já devem ter notado as coisas por aqui andam bem duras.

Lindsay notara.

— Você tem um diploma em educação, não tem? — Maddy comentou, fitando a

amiga.

Lindsay devolveu-lhe o olhar.

— Precisamos de uma professora, mesmo sem diploma de curso superior — Hassie anunciou cheia de esperança.

O quê? Mudar-se para Buffalo Valley? Ela? Como professora? A idéia fez com que a bebida lhe parasse na garganta.

CAPÍTULO 3

Gage Sinclair passou a manhã percorrendo os campos com o cultivador, examinando as longas fileiras de milho maduro. Eram quase quatrocentos hectares, cem a menos do que no ano anterior. Se o tempo ajudasse, poderia colher cem espigas por hectare. Mas, se havia uma coisa que aprendera naqueles anos na fazenda, fora não contar a safra antes de tê-la em mãos.

A mãe o esperava quando ele estacionou o cultivador e saltou para o chão. Em dias como aquele Gage sentia uma sede insaciável. Levava meio galão de chá gelado ao sair de casa, mas bebera o líquido refrescante com rapidez.

— O almoço está pronto — Lara comunicou.

— Estarei aí em um minuto — ele respondeu, procurando, com o olhar, o irmão mais novo.

Não vira Kevin a manhã inteira, e suspeitava que o garoto desaparecera para encontrar-se com Jéssica. Dando de ombros, lavou-se e foi para a cozinha, inalando o aroma delicioso de pão fresco. A mãe costumava assar pães e biscoitos de canela nas manhãs de sábado.

— Onde está Kevin? — perguntou, puxando a cadeira. Ela o fitou, com ar de surpresa.

— Pensei que estivesse com você.

— Eu lhe pedi para trocar o óleo da picape quando terminou suas tarefas — respondeu Gage entre as mordidas no sanduíche.

Fazia oito horas que não comia, e sentia um vazio no estômago. Precisaria de mais de dois sanduíches de filé de frango para saciar-se.

— Seu irmão cuidou do carro cerca de duas horas atrás — disse Lara, dando-lhe as costas e se ocupando com alguma coisa que ele não conseguia ver.

— Novidades sobre a crise na escola?

— Não. Mas não se preocupe. Tudo sairá bem.

O otimismo e a fé de Lara o irritavam, embora Gage já estivesse acostumado a ambos. Hassie Knight era igual. As duas pareciam acreditar que, de um jeito ou de outro, encontrariam alguém para substituir Eloise Pattern. Como se a contratação de uma

professora fosse coisa simples, um fato comum do dia-a-dia.

— Mamãe, será prejudicial mandar Kevin terminar o ensino médio longe daqui. É mais do que tempo de ele assumir suas responsabilidades em relação à fazenda.

— Concordo.

— Então vai considerar a idéia de lhe dar aulas aqui em casa? Gage estava ciente dos problemas que aquela decisão traria.

Sabia que não era a situação ideal, especialmente para Kevin. Mas era o melhor que conseguiriam fazer. Lara suspirou.

— Já falamos no assunto um monte de vezes, querido. E minha opinião não mudou.

— Você não pode ignorar a realidade — ele insistiu, engolindo o segundo sanduíche antes que aquela discussão acabasse com seu apetite.

Enviar Kevin para morar com os tios não era a solução correta. O garoto devia aprender mais sobre a rotina na fazenda, não sobre a cidade. Claro que ele merecia uma educação decente, e Gage estava disposto a vê-lo em alguma faculdade. Mas não podia negar o fato de que aquelas terras pertenciam a Kevin, e que mais cedo ou mais tarde o irmão seria obrigado a encarar essa verdade. Sabia que a fazenda não o atraía como deveria atrair. A essa altura da vida, o adolescente só tinha dois interesses: Jéssica e o caderno de desenhos. Fazia tudo o que lhe pediam, mas sem orgulho nem alegria.

Gage, por outro lado, não conseguia imaginar outra coisa para fazer. A fazenda era sua vida. Como seus antepassados, ele se sentia mais vivo ali. As terras sustentavam sua alma.

Acharia maravilhoso nunca mais sair de Dakota do Norte. Conhecia diversos fazendeiros que jamais viajaram para fora do Estado. Um homem não deixa para trás aquilo que julga importante.

— Kevin deve estar desenhando no celeiro — Lara comentou.

— Com este calor? Duvido.

Desenhar era uma atividade boa, mas não *séria*. Ao menos, não naquela região. Ali, todos se dedicavam à agricultura.

Gage sabia que não podia obrigar o irmão a gostar de algo que Kevin, obviamente, não apreciava. Mas tinha a esperança de que um dia o garoto viesse a se interessar pelo cotidiano da fazenda, e que aprendesse a ver um pouco de beleza naquilo que era parte de sua herança.

— Preciso ir à cidade à tarde — disse Lara ao ver o filho terminar o almoço. Hesitou antes de acrescentar: — Você poderia cortar o cabelo, não acha?

Gage correu os dedos por entre os fios espessos. Sabia que a mãe tinha razão. Mas Lara não gostava de cortá-los. Preferia que Hassie fizesse isso.

— Tenho um monte de coisas para fazer.

— Seja lá o que for, pode esperar.

A mãe não costumava discutir. Sugerir que o filho a acompanhasse à cidade era um modo de dizer que ele vinha trabalhando demais, e que era hora de descansar um pouco.

— Certo mamãe — Gage respondeu ciente de que ela sabia muito bem o que estava fazendo.

Lara deu-lhe um tapinha no ombro antes de ir para o quarto, arrumar suas coisas para sair.

Resmungando, Gage tomou banho, trocou de camisa e penteou o cabelo. Fazia um mês que não ia à cidade. Não que houvesse muito para ver, lá. Agora, por exemplo, cortaria o cabelo com Hassie, caso ela tivesse tempo, e depois tomaria uma cerveja no Buffalo Bob's e conversaria com quem quer que esteja no bar.

— Vou deixar um bilhete para Kevin — disse Lara quando se juntou ao filho.

Levava uma cesta cheia de ovos em um dos braços, além da bolsa e de um vaso de flores. Os ovos e as flores eram para Hassie, em troca do corte de cabelo. Como Gage, Lara jamais deixava alguma coisa sem pagamento.

Ele ligou o rádio do carro enquanto dirigia até Buffalo Valley. A estação KFGO 790 AM, de Fargo, tocava música country, que mãe e filho adoravam. Por trabalhar praticamente o dia todo no campo, ele quase não ouvia rádio. Não precisava de música quando podia ouvir a melodia do vento. Além disso, o rádio o distraía. O tempo que passava sobre o trator o ajudava a encontrar respostas para a vida, respostas que ele descobria em silêncio.

— Reconhece aquele carro? — Lara perguntou, apontando para um veículo novinho em folha parado em frente à farmácia.

— Não.

Um automóvel novo teria motivado uma verdadeira celebração em Buffalo Valley. A única pessoa que teria dinheiro para comprar um modelo assim seria Heath Quantrill, mas o banqueiro não o estacionaria diante da farmácia.

— Veja como está limpo! — exclamou Lara.

A maioria dos habitantes não se incomodava em lavar seus carros mais de uma ou duas vezes ao ano, se tanto. Não tinham necessidade de mostrar a todos a ferrugem das carrocerias.

De mais a mais, a lavagem era uma perda de tempo. No campo, os veículos se sujavam de barro antes mesmo de sair do pátio.

Gage parou um pouco à frente, para não ressaltar o contraste entre sua velha picape verde e o brilhante automóvel novo. John a adquirira pouco antes de Kevin nascer. E ela nunca dera mais do que os problemas comuns de manutenção.

Mesmo assim, Gage tivera a esperança de trocá-la no último outono, mas os preços dos grãos caíram muito, exatamente como acontecera nos anos anteriores. Teria que passar mais doze meses com a velha caminhonete. E daí? Havia dez anos que vinha adiando tudo, por falta de dinheiro. Um item a mais não faria diferença.

Gage pôde ouvir Hassie falando sem parar antes mesmo de entrar na drogaria. Um simples olhar para as duas moças sentadas junto ao balcão mostrou-lhe que elas eram de outra cidade. Possivelmente do sul do país, a julgar pelo sotaque. De onde seriam? Atlanta? Nova Orleans?

A pele pálida indicava que vinham de algum lugar onde ainda era inverno, e as roupas revelavam bom gosto. Ele não conhecia ninguém, em Buffalo Valley, que usasse cores tão radiante. Ao avaliar as duas, jovens e bonitas, perguntou-se o que diabos as levaram até ali.

— Lara... Gage! — Hassie os cumprimentou com entusiasmo.

— Venham conhecer Lindsay Snyder e Maddy Washburn. Elas vieram de Savannah e... Adivinhem só! Lindsay é neta de Anton e Gina!

Gage tocou na aba do chapéu, em um gesto de cumprimento. Lara reagiu às recém-chegadas com o prazer de sempre. Começou a falar sobre os velhos tempos e sobre a pessoa maravilhosa que Gina havia sido.

Sentindo-se um intruso, ele se preparou para escapulir. Já teria saído dali, não fosse por Lindsay Snyder. Notara a maneira como a moça o fitava. Encontrou-lhe o olhar e o manteve. Meio embaraçada, ela lhe deu um breve sorriso e desviou a vista.

Gage rapidamente se desculpou.

— Estarei no Buffalo Bob's — disse antes de se apressar na direção da porta.

O corte de cabelo poderia esperar.

— Diga a Bob que o hotel terá duas hóspedes esta noite!

— Hassie gritou ao vê-lo ganhar a rua.

Ele não acreditava que as duas visitantes desejassem demorar-se na cidade, mas daria o recado a Bob.

Brandon Wyatt estava sentado no bar anexo ao restaurante. Gage acomodou-se na banqueta mais próxima ao amigo. O ambiente, à meia-luz, felizmente achava-se fresco.

— Vai uma cerveja? — Buffalo Bob perguntou.

Ele assentiu. O ex-ciclista Bob era o único homem, na cidade, que usava rabo-de-cavalo. Para combinar, costumava vestir uma jaqueta de couro velha e gasta. E tinha uma moto Harley.

— Como vai vizinho? — Gage perguntou, sorrindo para Brandon.

— E bom vê-lo aqui!

— Digo o mesmo.

Os dois se conheciam desde bebês. Suas propriedades ficavam lado a lado, e ambos haviam compartilhado, nos últimos anos, todos os problemas que atingiam as fazendas da região.

— Como estão Joanie e as crianças? — Gage continuou, levando a garrafa gelada aos lábios.

Não via Brandon há algum tempo. Nem Joanie, que antigamente costumava passar em sua casa uma vez por semana, para ver Lara.

— Estão todos bem.

O modo como o amigo pronunciou essas palavras o alertou de que havia alguma coisa errada ali. Fitou-o, pensando sobre se devia fazer alguma pergunta. Decidiu não perguntar. Brandon o procuraria, caso precisasse. Procuraria mesmo? Não. Afinal, o relacionamento de ambos não era assim tão próximo. Raramente conversavam ou passavam algum tempo juntos. Mesmo assim, sabiam que podiam contar com a ajuda um do outro.

Costumavam se encontrar com maior frequência antes de Brandon se casar com Joanie, oito ou nove anos atrás. Na época, o amigo foi a Fargo comprar um trator novo e, na semana seguinte, arrumou uma desculpa para voltar lá. Logo depois começou a passar temporadas na cidade vizinha. Não era preciso ser um detetive para saber que

havia mulher na história. Um ano mais tarde, os dois estavam casados. Em seguida, vieram às crianças, uma menina e um menino que hoje tinham oito e seis anos, respectivamente.

Gage não conhecia Joanie muito bem, mas, pelas observações que Lara às vezes fazia, a moça se adaptara bem à rotina da fazenda. A vida, em Dakota do Norte, podia ser desesperada-mente solitária para o sexo feminino. Em especial no inverno, quando era preciso ficar até três, quatro semanas, sem nem mesmo sair de casa. Para as mulheres isso soava romântico, até que a experiência lhes tirava as ilusões.

Por falar em mulheres, as duas recém-chegadas, que Gage conhecera na farmácia de Hassie, pareciam vibrantes e cheias de energia. Ele seria um cego se não notasse isso. Ao longo dos anos, chegara a pensar em casamento, mas o tempo e as oportunidades tramaram contra essa idéia. Além do mais, jovens solteiras eram raras por ali.

Para ser realista, suas chances de conhecer alguém especial em Buffalo Valley eram iguais a zero. O que significava que, para encontrar uma provável esposa, teria de se aventurar fora dali.

Bem, precisava ser realista também em outros assuntos. Não era um homem atraente. Tinha moral e uma noção poderosa do que era ou não importante. Era o responsável pela mãe e por Kevin, mas, se realmente encontrasse alguém para amar, daria os passos necessários para cuidar das necessidades da família que já tinha e da que teria, caso fosse levado aos pés do altar.

Até onde Gage sabia, havia apenas três candidatas ao cargo de esposa nas vizinhanças. Sarah Stern, filha de Joshua, era uma delas, mas parecia ter algum envolvimento com Dennis Urlacher. Margaret Clemens era a segunda possibilidade. Fazendeira trabalhava na propriedade, ao lado do pai. Sua família, nos áureos tempos, tivera uma das mais prósperas terras da região.

Mas Margaret era muito complicada. Jamais se vestia ou se comportava como uma mulher. Gage não ficaria surpreso se descobrisse que ela falava palavrões e que mascava fumo de corda, tal como um homem.

A última da lista era Rachel Fischer, viúva, mãe de um menino de dez anos. Gage pensara seriamente em convidá-la para sair, mas, embora a admirasse, não sentia nenhuma forte atração por ela. Das três, Rachel era sua favorita. Respeitava-a por ter permanecido em Buffalo Valley depois que os pais fecharam o restaurante e se mudaram para o sul. O marido morrera em decorrência de uma leucemia quando o filho de ambos tinha seis anos. A família ajudou como pôde, mas o dinheiro era cada vez mais curto. Ele sabia que Rachel se sentira tentada a ir embora com os pais, mas que permanecera na cidade por causa do filho. Julgava que o garoto já sofrerá traumas suficientes para a pouca idade. Não queria sobrecarregá-lo com mais um, levando-o para longe de tudo o que conhecia. Uma decisão corajosa.

A verdade era que nenhuma daquelas mulheres o atraía fisicamente. E, se Gage tivesse que fazer o esforço de escolher uma delas, teria de *sentir*, alguma coisa.

Acreditava que, quando encontrasse a parceira certa, seria capaz de reconhecê-la. Mas, aos trinta e cinco anos, suspeitava que era tarde demais para isso.

— Quem está na farmácia de Hassie? — Buffalo Bob perguntou, jogando uma toalha de prato nos ombros e olhando para o carro novo parado do outro lado da rua.

— A neta de Gina e Anton Snyder, antigos moradores do vale. Veio à cidade acompanhada por uma amiga. Hassie parece acreditar que elas vão passar a noite aqui.

A informação agradou a Bob.

— Grande! Finalmente meu negócio terá alguma utilidade.

— Tomara — disse Gage, suspeitando que as duas fossem as únicas hóspedes que ele teria naquele verão.

— Essa moça... Snyder... Será a nova professora? — Buffalo Bob quis saber.

A idéia ainda não lhe ocorrera.

— Duvido.

Com um Brandon mal-humorado e pouco comunicativo o seu lado, Gage terminou a cerveja e pediu outra. Cada vez mais seu olhar buscava o outro lado da rua.

Por duas vezes julgou ouvir risadas femininas vindo da farmácia. Mas talvez fosse apenas sua imaginação, que àquela altura parecia superativada. Não conseguia tirar Lindsay Snyder da cabeça.

Os olhos azuis dela brilharam de alegria durante os poucos segundos que permaneceram fixos nos dele. E naquele breve período Gage percebeu que aquela era uma mulher que gostaria de conhecer melhor. Pena que Lindsay não tivesse nenhum motivo para ficar. Pela manhã, já estaria na estrada.

Foi dominado por uma solidão profunda. Já a experimentara, porém. A vida lhe ensinara que, com o tempo, o sentimento passava. Mas a vida também lhe ensinara outra coisa. A terra exigia, de quem trabalhava nela, dedicação absoluta. Não aceitava facilmente dividir com outra pessoa o amor e a lealdade que pedia. Essa era uma lição que, pelo visto, Brandon estava começando a aprender. Gage não queria seguir pelo mesmo caminho.

Joanie Wyatt, sozinha no quarto escuro, pensava que não quisera brigar com o marido. A verdade era que esperara por uma tarde romântica, a dois. O relógio marcando meia-noite a tirou desse pensamento. Inútil tentar dormir. Quanto a Brandon, não parecia nem um pouco aborrecido com a discussão, pois adormecera havia cerca de duas horas.

Ela lhe pedira para acompanhá-la até a cidade. Algo bastante simples, mas que seria ótimo, uma vez que já havia vários dias os dois quase não tinham conseguido tempo para permanecer a sós. Gage e Stevie haviam ido à festa de aniversário de Billy Nobel, em Bellmont, o que dera aos pais uma rara tarde livre. Por isso, Joanie sugerira que fizessem as compras necessárias na mercearia e que depois tomassem uma cerveja no Buffalo Bob's.

Tudo o que ambos vínhamos fazendo naqueles dias era trabalhar. Ela plantara uma horta enorme, ambiciosa, e passara grande parte do tempo cuidando disso. O que se iniciara como um experimento, um prazer, ao longo dos anos transformara-se em necessidade e, agora, em uma tarefa diária. Fazia sentido plantar os próprios aumentos. Afinal não viviam cercados de terra? Além disso, era preciso dar leite a Piness e alimentar as galinhas. Havia também os porcos, que adquiriram no ano anterior. Ainda bem que Brandon fazia o abate dos bichos. Mas tomar conta deles era dever de Joanie.

Os animais prendiam-nos à fazenda, de modo que era incomum ficar fora por mais de algumas horas. Nos últimos quatro ou cinco anos, ela vinha se sentindo isolada, duvidando da própria sanidade e feminilidade, de seu poder de atração. Havia semanas que não fazia amor, semanas em que o marido não agia de outra maneira senão cair na cama ao final do dia, exausto demais até para um beijo de boa-noite. Infelizmente, o romance que um dia permeara aquele relacionamento terminara.

A discussão daquela tarde começara com uma conversa inocente sobre ir à cidade

para tratar do conserto da máquina de lavar roupa, que já devia ter sido aposentada.

— Não temos dinheiro para comprar uma nova — Brandon resmungara.

O erro de Joanie fora mencionar a ceifadeira de duzentos mil dólares que o marido adquirira dois anos atrás. Não podiam dispor de oitocentos dólares para uma nova lavadora, mas a ceifadeira, que custara muito mais, fora negociada em um piscar de olhos.

Essa lembrança lançou os dois em um redemoinho! No momento em que chegaram à cidade, Joanie fora sozinha ao armazém dos Hanson enquanto Brandon se dirigia ao Buffalo Bob's. Tomara três cervejas antes de voltar a reunir-se a ela.

A despeito do comportamento mal-humorado, Joanie procurou fazer o máximo para amenizar a situação. Perguntara a Bob sobre o equipamento de caraoquê comprado recentemente. O rapaz se mostrou ansioso para inaugurá-lo e perguntou se alguém se atreveria a cantar. Ela se levantou e, na frente de todos, entoou uma canção dos Beatles. Afinada, ganhou aplausos sinceros. Não demorou em que os outros, colocando, com a ajuda de muitas cervejas, a inibição de lado, decidissem tentar a sorte no microfone. Buffalo Bob até agradecera por ter feito com que o equipamento finalmente fosse usado.

Então, na volta para casa, Brandon a acusara de ter flertado.

— Com quem? — ela perguntara.

A resposta veio depois de um momento de silêncio:

— Com Buffalo Bob.

A idéia era tão disparatada que Joanie não sabia se ria ou se ficava insultada. Não fez nem um, nem outro. Permaneceu quieta. Quando chegaram a casa, Brandon disparou para o celeiro, enquanto ela foi buscar as crianças.

Como seu apetite fosse nenhum, e como as crianças houvessem exagerado no bolo de chocolate, durante o aniversário, Joanie preparou apenas uma salada para o jantar. Brandon dera uma olhadela para a travessa e resmungara que não sentia fome. Assim, somente mãe e filhos sentaram-se à mesa.

— Papai está nervoso? — perguntou Sage, sempre sensível ao humor dos pais.

— Claro que não, querida.,

— Por que então não quis jantar conosco?

— Bem, por que... — Joanie hesitou, procurando por uma desculpa plausível.

— Porque fomos à cidade esta tarde e ele comeu lá.

A desculpa satisfez ao filho, que mostrara pouca preocupação quanto à ausência do pai à mesa do jantar, mas não convenceu Sage.

— Talvez eu deva fazer um sanduíche e levar para o papai...

— Se ele quiser comer alguma coisa, dirá — disse Joanie, disposta a não se mostrar indulgente com o comportamento do marido e procurando evitar que a filha caísse na cilada.

Depois do jantar, as crianças assistiram a um vídeo de Walt Disney. As nove estavam prontas para dormir, cansadas das atividades do dia. Joanie os colocou na cama, acompanhou-lhe as orações e desceu para a sala.

Brandon, sentado em frente à televisão, não olhou para a esposa. Ela, por sua vez, não desejava perder a noite ao lado de um marido emburrado, assistindo a um filme que

já vira duas vezes.

Sem uma palavra, colocou a máquina de costura portátil sobre a mesa da cozinha, com a intenção de fazer para a filha um vestido novo, para a missa de domingo. Quase duzentos quilômetros os separavam da igreja mais próxima. Um padre vinha a Buffalo Valley a cada duas semanas, mas Joanie não era católica. Quanto a Brandon, parará de acompanhar as missas três anos antes, e por isso ela empreendia a longa viagem apenas com as crianças.

Na verdade, o marido desistira de fazer uma série de coisas que ela julgava importantes. Era outro sinal do descontentamento crescente com aquele casamento.

Enquanto trabalhava, Joanie refletia, alternando ressentimento e desespero. A agulha corria pelo tecido estampado de flores, mas a tarefa não a acalmava, ao contrário do que geralmente acontecia. Aquela máquina de costura pertencera a sua mãe, que a dera depois de comprar um modelo novo. Quanto a ela, que Deus a salvasse se mencionasse o desejo de ter uma máquina mais moderna! Bastava ver o que ocorrera com o episódio da lavadora de roupas.

Às dez, Brandon entrara na cozinha, olhara em torno e, sem uma palavra, subira para o quarto. Joanie não demorou a segui-lo. Mas esperou que a luz estivesse apagada antes de deslizar por entre os lençóis.

— Sinto muito por hoje à tarde — sussurrou o olhar fixo no teto.

Ele ficou em silêncio por longos minutos. Então respondeu: — Também sinto.

— O que está acontecendo conosco? — Joanie perguntou, o coração doendo.

Houve um tempo em que viviam apaixonados. Não permitiam que nada se interpusesse entre eles, em especial discussões e mal-entendidos. Mas, nos últimos dias, pareciam procurar desculpas para brigar.

O namoro fora uma época de puro romantismo, mas a mãe de Joanie pressentira problemas. Quando ela anunciara que ia se casar, os pais se colocaram contra. O resultado foi que Brandon nunca mais se deu bem com a família da esposa. Disse que os dois o odiavam, o que era uma grande inverdade. Hoje em dia, caso Joanie quisesse passar as férias ao lado dos pais, tinha de ir apenas com as crianças.

— Acho que seus pais tinham razão — ele murmurou.

— Que quer dizer com isso? — ela indagou furiosa com o comentário.

Desejava aplacar a tensão, não aumentá-la.

— Você devia ter se casado com Stan Simmons, como sua mãe queria. Ele poderia lhe dar dez máquinas de lavar roupa.

— Mas eu não estava apaixonada por Stan, e sim por você. Quanto às lavadoras, não preciso de dez delas. Cinco bastariam. — Esperou que Brandon risse da brincadeira e a abraçasse, o que não ocorreu. — Foi só uma piada.

— Eu sei.

— Então, por que não riu? Ele suspirou.

— A resposta é óbvia, não acha?

— Ao que tudo indica, não.

— Está bem, então. O fato foi que não achei sua piadinha nem um pouco engraçada.

Joanie deixou escapar um gemido, perguntando-se por que ainda tentava diverti-lo.

— Você é impossível.

— Exatamente. E, além disso, comprei uma ceifadeira de duzentos mil dólares.

Dito isso, deu-lhe as costas de maneira abrupta e cobriu-se até os ombros.

Joanie aguardou que o marido dormisse antes de sair da cama e dirigir-se à sala de estar.

Ficou ali durante duas horas, no escuro, sozinha, ouvindo o tique-taque do relógio de parede que fora do avô e as badaladas, a cada quinze minutos. Onze horas. Onze e quinze. Onze e meia. Assim era sua vida, pensou. Uma vida que se desfazia a cada hora.

Casara-se porque amava Brandon. E a atitude lhe parecera correta, a despeito das preocupações dos pais. O marido era responsável, trabalhador, educado, gentil...

Conheceu-se em um cinema. Joanie fora até lá com uma amiga, que a deixara sozinha depois de um flerte rápido com um rapaz atraente. Ela decidiu ir para casa, mas então avistou Brandon. Gostou do que viu. Assim, comprou o ingresso e rezou para que ambos assistissem ao mesmo filme.

Foi o que aconteceu. Mais do que isso, sentaram-se perto um do outro. Só muito depois Brandon confessou que comprara o ingresso para outra fita, mas que a seguira com a esperança de conhecê-la.

Depois do cinema, tomaram café e conversaram durante horas. Viram-se de novo na semana seguinte, quando ela, para desgosto dos pais, já terminara o namoro com Stan Simmons. O pai de Stan era dono de uma loja de aplicativos, e anunciava seus produtos na televisão. Como o fazia com bom humor, logo se tornou uma celebridade na região. O filho estava prestes a assumir os negócios da família. Casar com ele significava ter uma vida livre de preocupações financeiras. Mas Joanie seguiu o coração, não o bolso. E jamais se arrependeu da decisão.

Ainda não se arrependia, mesmo infeliz como se sentia naquele exato momento. A despeito dos problemas, amava profundamente o marido. Precisava encontrar um meio de reconquistar o que haviam perdido. Mas não podia fazer isso sozinha. Brandon teria de ajudar, caso achasse que valia a pena.

— Joanie? — chamou ele, a silhueta recortada contra a luz do luar.

— O que está fazendo aqui, a essa hora?

— Eu... Não consegui dormir.

— Por causa do que eu disse? Ela assentiu.

— Sim.

— Não vamos mais brigar, querida. — É o que mais quero.

O marido abriu os braços e Joanie se atirou neles.

— Acordei e vi que você não estava na cama — Brandon sussurrou. E então, com um suspiro profundo, acrescentou: — Vamos encontrar um modo de comprar a máquina de lavar roupas. A safra do milho, este ano, vai ser boa. Depois dela compraremos a lavadora. E uma secadora. Prometo.

— Não se preocupe. Nossa velha máquina agüentará mais um pouco. Joshua vai consertá-la. E a secadora pode esperar até o ano que vem.

Brandon beijou-lhe o alto da cabeça.

— Venha para a cama — pediu, enlaçando-a pela cintura e conduzindo-a para o quarto.

Joanie descansou a cabeça nos ombros do marido. Ele não exigiu que fizessem amor, nem ela se mostrou interessada. Esse aspecto do casamento sempre fora muito forte. Exceto nos últimos meses. Quando tudo o mais falhava, esse tipo de comunicação permanecia saudável. Mas fazia quatro semanas que Brandon não a procurava. E antes disso Joanie já perdera o apetite sexual.

Não era um bom sinal. E ela, preocupada, achando que o casamento enfrentava problemas mais sérios do que suspeitava, entregou-se a um sono intranquilo.

Descansada e rejuvenescida pelas duas semanas de férias, Lindsay chegara havia uma hora. Ainda nem fora pegar os cachorros na casa dos pais quando Matt apareceu à porta do apartamento, com um belíssimo buquê de rosas. Mais linda ainda era sua expressão. Sem uma palavra, aquele semblante dizia que ele sentira saudade.

Que permanecera sozinho em cada momento que se vira sem a namorada.

Era um erro ficar feliz por isso, sentir aquela alegria, mas Lindsay não pôde evitar.

— Bem-vinda!

— Oh, Matt...

Depois de um momento, atirou-se nos braços fortes.

— Fiquei perdido sem você — ele sussurrou entre beijos. — Nunca mais faça isso. Nunca

— acrescentou, segurando-a pelos ombros e fitando-a com intensidade.

— Quem lhe disse que eu tinha chegado?

— Ninguém. Ouvi seu tio dizer que você viria hoje.

Sem saber como reagir, ela olhou para as flores. Amava aquele homem, sentira sua falta... Mas não estava pronta para um confronto. Principalmente agora, com o coração faminto de amor. Mais uma vez procurou lembrar-se de que já conhecia os passos daquela estrada. Nada mudaria. E, ao reconhecer a verdade, sentiu a alegria se dissipar.

— Sei que você disse que estava tudo acabado, mas espero que tenha recuperado o bom senso. Diga-me que recuperou — Matt pediu. E então, como não ouvisse a resposta, continuou:

— Seus beijos mostraram que você sentiu saudade.

— Sim, senti.

Lindsay não conseguia mentir, mas a verdade era maior do que pretendia confessar.

Em um esforço para diminuir a intimidade crescente, levou as rosas para a cozinha.

— Tudo o que fiz foi pensar em você, querida.

Ela pegou a escadinha para alcançar o vaso, guardado sobre a geladeira. Também pensara em Matt. Mas durante a viagem tudo parecera bem mais simples e claro.

Viu-o encostar-se no balcão, os olhos fixos em seu corpo.

— Você teve duas semanas para pensar. Certamente percebeu que pertencemos um ao outro.

Lindsay colocou o vaso sobre a mesa. Parecia um tanto ridículo travar a discussão mais importante, e provavelmente final, daquele relacionamento, em meio à pequena cozinha. Queria dizer-lhe muita coisa, sobre a viagem e a visita a Buffalo Valley. Desejava compartilhar as coisas que aprendera os lugares que vira. Badlands, Yellowstone, Rushmore... Acima de tudo, Matt era seu amigo, e também era difícil abrir mão daquele aspecto do namoro.

— Você recuperou o bom senso, não foi?

— Sim. Suponho que sim.

Ela soava tão... Frágil, tão insegura. *Estava* fragilizada, mas sua decisão continuava firme. Recusava-se a se deixar envolver naquela conversa, a abandonar seus projetos mais queridos.

— Ainda bem — Matt disse, suspirando. Então percebeu que

Lindsay ainda se encontrava do outro lado da cozinha. — Venha aqui, querida. Deixe que eu lhe mostre quanta saudade senti.

— Acho... Que você não entendeu.

— Entendi. Você disse que recuperara o bom senso.

— E recuperei. Por isso, insisto em que está tudo acabado. A menos que você tenha mudado de idéia sobre casar-se e formar uma família. E não creio que tenha feito isso.

Matt a fitou como se não tivesse acreditado naquelas palavras.

— Você não está falando sério!

— Estou sim.

— Ouvi isso antes, e sei que é uma bobagem. Pertencemos um ao outro, e ambos sabemos disso. Formamos uma boa dupla.

— É verdade, mas quero muito mais. Quero um marido e filhos. É tão difícil entender isso?

Ele apertou os lábios.

— Oh, por favor! Por que sempre temos de voltar àquilo que *você* quer?

— Porque se trata da *minha* vida.

Matt bateu o punho fechado no balcão e em seguida arrependeu-se pela explosão.

— Querida, por que não escuta o que digo? Não posso me casar com você. Simplesmente não posso. O casamento acaba com uma relação. Sei disso por experiência própria e...

— Pare, por favor.

Ele avançou na direção de Lindsay, mas se deteve no meio do caminho.

— Ótimo — disse com frieza. — Se é o que quer...

— É, sim.

— Você vai voltar para mim. Até lá, tudo o que posso fazer é esperar.

E bateu a porta ao sair do apartamento.

Lindsay sentou-se, pensando na conversa que acabara de ter, os braços em torno dos joelhos. Um arrepio percorreu sua pele. As palavras amargas com as quais Matt se

referira ao casamento ainda ecoavam em seus ouvidos, bem como a afirmação de que ela mudaria de opinião e cairia a seus pés. Ao que tudo indicava, imaginava que Lindsay aceitaria seus termos e abandonaria todos os seus sonhos.

Ela mordeu o lábio inferior e abraçou ainda mais as pernas.

Não fazia bem discutir sempre o mesmo assunto. O divórcio de Matt destruíra toda e qualquer possibilidade de uma segunda chance. Nada que Lindsay dissesse ou fizesse seria suficiente para convencê-lo do contrário.

Durante dois anos, acreditara que o namorado acordaria e veria que ela não era como sua ex-esposa. Porque era teimosa e porque o amasse, recusara-se a aceitar a verdade. O breve casamento de Matt marcara-o para sempre. Ele seria incapaz de lhe dar alguma coisa além do que já lhe dera.

Maddy dissera isso, durante a viagem. Também afirmara que ou Lindsay aceitava esse tipo de vida ou rompia de vez.

Ela tomara uma decisão. Mas sabia que, para mantê-la, precisava ficar longe daquele homem. O amor que sentia a tornava muito vulnerável. Matt lutaria pela preservação daquele relacionamento e faria o possível para convencê-la, como acontecera antes.

Recostando-se, Lindsay fechou os olhos e revisou suas opções. Uma nova carreira, voltar à faculdade, começar um negócio próprio... Inesperadamente, lembrou-se da visita a Buffalo Valley, e da conversa com Hassie Knight. Sorriu. A boa senhora fora direta e franca ao dizer que sem uma professora a cidade estaria arruinada.

Era a resposta que Lindsay procurava. Aceitaria o emprego. Afinal, o vale precisava de sua ajuda. Assim como ela precisava do auxílio do vale.

Com a graduação em educação, poderia solicitar o certificado de professora em Dakota do Norte. Daria a Buffalo Valley um ano de sua vida. Nesse período, os moradores poderiam localizar e contratar uma professora permanente. Também nesse período,

Lindsay teria a distância de que necessitava para esquecer Matt.

Uma chance como essa não aparecia todos os dias. E suas raízes estavam naquela cidade empobrecida. Era a herança de sua família, e estava em seu poder ajudá-la. Ao mesmo tempo, salvaria a si mesma da agonia de um relacionamento sem saída.

Além disso, pensou animada, poderia morar na casa dos avôs. Estava bastante danificada, e por isso não fora vendida.

Ela se lembrou da pintura descascada, dos degraus da varanda quebrados, da cerca caída. Mas poderia consertar tudo aquilo, e teria um lugar para viver enquanto permanecesse lá. A casa seria um laço com o passado, enquanto a escola a ajudaria a pensar no futuro.

Sim, faria isso.

Decisão tomada, ela remexeu a bolsa, à procura do telefone de Hassie. Engraçado, pensou enquanto pegava o aparelho. De alguma maneira sabia, ao deixar Buffalo Valley, que estava destinada a voltar à cidade. Só não imaginava que isso fosse acontecer tão depressa.

CAPÍTULO 4

A notícia de que a escola já tinha uma nova professora correu mais depressa do que poeira ao vento. Gage ouviu a mãe contar a novidade duas semanas depois da visita de Lindsay. Passara o dia cortando alfafa, cheirava a capim e estava faminto.

— Você se lembra dela, não? — Lara indagou, entusiasmada.

— Havia duas moças na farmácia, naquele sábado — ele comentou enquanto se servia de um copo de chá gelado.

Mas claro que se lembrava de ambas. E soube, mesmo antes de a mãe dizer, que era Lindsay quem estava voltando à cidade.

Fazia duas semanas que ela não saía de seu pensamento. Desde que a vira, sentada na farmácia, fora incapaz de tirá-la da mente. E não gostava disso. Desconfiava do sentimento que surgira no momento em que lhe fora apresentado. Era muito próximo da esperança.

Gage não pretendia sentir nada por aquela moça. Não podia se permitir esse erro por uma garota da cidade que passaria apenas um ano ali, no vale.

Olhou para as nuvens cinzentas que se juntavam no horizonte, sinal de que a tempestade logo alcançaria a cidade.

— A nova professora é a neta dos Snyder — prosseguiu Lara. Ele assentiu.

— Não posso imaginar por que ela aceitou lecionar aqui.

— A moça tem raízes em Buffalo Valley. Você se lembra de Anton e Gina, não é?

Gage assentiu de novo. Anton Snyder vendera a fazenda antes de as dificuldades começarem. Viveu em uma época em que era possível tirar um sustento decente daquelas terras. Quanto à fazenda, mudara completamente naqueles trinta anos.

— E então? Não vai dizer nada, filho?

Gage bebeu todo o conteúdo do copo em um gole só.

— Dizer o quê?

— Faça um comentário, ora!

— Ela não vai agüentar.

Disse isso porque *precisava* ouvir essas palavras, porque precisava lembrar a si mesmo de não colocar nenhuma esperança na vinda daquela moça. E em sua partida.

— Não seja pessimista.

— Guarde minha afirmação, mamãe. Ela não vai agüentar mesmo.

Lindsay Snyder nascera e fora criada no sul do país. Um mês no inverno de Dakota e voltaria correndo para Savannah.

— Não importa o que você diga, tivemos sorte em encontrá-la. Se for a sorte que levou Lindsay a Buffalo Valley, então a falta de sorte a faria voltar para casa. Gage não a conhecia, mal a vira, e já se sentia atraído. Logo por uma mulher que jamais ficaria ali!

Kevin entrou na cozinha correndo, e a porta de tela bateu quando ele passou.

— Calla disse que já temos uma professora. E verdade? — perguntou, e seu entusiasmo tomou conta do ambiente.

— Hassie ligou para dar a notícia — disse Lara. — Eu lhe falei que encontraríamos alguém, não?

Kevin assentiu como se compartilhasse a fé da mãe desde o começo. Era quase

tão alto quanto o irmão, embora mais magro. Gage também era assim aos dezessete anos, mas encorpara com o tempo. Um estágio no Exército, depois da faculdade de Ciências Agrícolas, ajudara a desenvolver a musculatura e lhe dera a confiança necessária para enfrentar o mundo.

Depois de dois anos, voltara à fazenda para trabalhar com o padrasto. Pretendia comprar parte da propriedade, mas John sofrerá um ataque cardíaco naquela triste manhã de julho.

Dez minutos depois estava morto, a despeito dos furiosos esforços de Gage para trazê-lo à vida.

— Montamos uma equipe para limpar a escola — anunciou Kevin, fitando o irmão.

— Vamos precisar de ajuda.

A implicação era clara. O garoto queria que Gage se oferecesse como voluntário na limpeza do prédio.

— Todos nós ajudaremos de alguma maneira. Ele ignorou a indireta,

— Onde a nova professora vai morar? — perguntou. Evitou dizer-lhe o nome porque percebeu que gostava do som da palavra.

— Hassie lhe disse que uma casa estava incluída no contrato, mas a Srta. Snyder prefere viver na propriedade dos avós — Lara informou, franzindo a testa. — Aquela casa vai precisar de uma reforma completa. Mas imagino que ela já saiba disso, uma vez que esteve lá. Mesmo assim, talvez não desconfie do trabalho que tem pela frente.

Kevin e Lara fitavam Gage como se preparar a escola e reformar a casa fossem tarefas que coubessem exclusivamente a ele.

— Por que estão me olhando desse jeito?

O garoto arregalou os olhos, para mostrar que a resposta era óbvia.

— *Alguém* precisa consertar o lugar e deixá-lo pronto para quando ela chegar.

— E você é membro do conselho da cidade, certo? — acrescentou Lara.

— Sim, sou.

Gage fez uma careta. Pelo bem da própria sanidade, planejava manter distância daquela beldade do sul. Pior, uma beldade do sul interessada em descobrir suas "raízes". Alguém que na certa tinha idéias sentimentais e tolas acerca daquela cidade e de sua gente. Pois apostava que ela não ficaria ali até o Natal.

Seu dia fora perfeito. Não permitiria que a família o estragasse, colocando obrigações indesejadas em seus ombros já sobrecarregados. Gage abriu a boca para dizer isso quando o telefone tocou.

Kevin correu para o aparelho, como se alguém pudesse afastá-lo dele.

— Alô! — Um momento depois, virou-se e entregou o telefone ao irmão. — Para você.

— Quem é?

— Heath Quantrill.

Gage não era exatamente amigo do banqueiro. Tinha aversão por *todos* os banqueiros, não apenas por Quantrill. Na verdade, ele, assim como todo mundo naquela cidade, devia muito aos avós de Heath, que fundaram o Banco da Cidade de Buffalo Valley.

No final dos anos 60, o negócio se expandira, e havia agências em dez outros municípios da região. Todas elas iam bem, menos a do vale, que operava com prejuízos.

Gage suspeitava que Lily Quantrill somente a mantinha aberta por motivos sentimentais, nostálgicos. Seu neto, Heath, vinha de Grand Forks três vezes por semana apenas para gerenciar a agência local.

Havia rumores de que ele não gostava do negócio. Na verdade, o candidato à sucessão era seu irmão Max. Até recentemente, Heath, o caçula da família, passava o tempo viajando ao redor do mundo, pulando de aventura em aventura. Tinha a reputação de pessoa ousada, cuja vida era cheia de decisões repentinas. Mas fora seu irmão, seu sóbrio irmão mais velho, que viera a falecer.

— Olá, Heath.

— Fico feliz em ouvi-lo. Soube da nova professora?

— Sim. Quando ela chega?

— Em três semanas.

Tão cedo? Gage sentiu o peito apertar. Não demoraria muito e todos os homens solteiros das redondezas encontrariam uma desculpa para ir à escola, esperando ter uma chance de namorar o nova professora.

Tudo bem. Ele não estava interessado. Tinha coisas melhores a fazer.

— Hassie me pediu para entrar em contato com os membros do conselho, a fim de avisá-los sobre uma reunião de emergência.

— Quando?

— Hoje, às sete da noite. Você poderá comparecer?

Gage sentiu que não tinha como escapar. Afinal, já perdera o último encontro.

— Sim.

Não precisava ir à reunião para saber de que ela trataria. Lara e Kevin já haviam lhe dito. A cidade inteira estava entusiasmada e queria dar as boas-vindas a uma mulher que não permaneceria ali por mais de três meses.

Gage se despediu de Heath. Em seguida, tomou banho e se trocou.

— O jantar está pronto — a mãe avisou quando ele desceu a escada.

Os três sentaram-se à mesa. Lara fez a prece de agradecimento antes de lhe entregar uma travessa de frango frito, um de seus pratos favoritos. Gage não levou o primeiro pedaço à boca quando Kevin desatou a falar sobre a escola.

— Você consertou a tela do galinheiro, como lhe pedi? — Interrompeu-o Gage antes de ver seu jantar inteiro arruinado por causa de Lindsay Snyder.

— Deixei o serviço pronto esta manhã — respondeu Kevin, voltando a falar sobre o colégio.

— Jéssica e suas amigam vão pedir ao conselho para fazer um baile. Há anos que ninguém promove um, por aqui.

Gage ia começar a dizer ao garoto o que pensava do assunto quando a mãe exclamou:

— Mas que idéia maravilhosa! Kevin olhou para o irmão.

— Antes que você me pergunte, também limpei o estábulo. E já alimentei os

cachorros.

Gage assentiu.

— Ótimo.

— E, por falar em cachorros, eu soube que a nova professora tem dois.

Gage quase rugiu. Não importava quantas vezes tentasse mudar de assunto, o garoto sempre voltava a falar de Lindsay.

— O que temos de sobremesa?

— Gage perguntou, em um esforço final para alterar o rumo da conversa.

— Torta de pêssego — respondeu Lara. Outro dos pratos favoritos dele.

— Acaso hoje é meu aniversário e ninguém s#lembrou de me contar? — indagou.

A mãe só fazia frango frito purê de batatas e torta de pêssego em grandes ocasiões.

Lara corou.

— Oh, querido, claro que não é seu aniversário. Mas é dia de celebração, não acha? Por que só você não está feliz? Encontramos uma professora, e ela vai trazer um pouco de ar fresco para esta comunidade!

Buffalo Bob Carr soube que sua sorte mudara quando, dois anos atrás, ganhara o hotel num jogo de pôquer. Herdara cinco mil dólares da mãe, e andava a procura de um investimento que provasse a ele mesmo, e a seu pai, que sua vida ia muito além da motocicleta. Foi então que ganhou aquele negócio.

Passeava por Buffalo Valley em sua Harley de segunda mão quando conheceu Dave Ertz. Ele tentava vender o hotel, que naquele tempo se chamava Pradaria Palace. Sem encontrar comprador, Dave organizou um jogo de cartas. Havia quatro participantes, e cada um entrou com mil dólares. O vencedor ficaria com o estabelecimento.

Bob tinha certeza de que a mãe teria ficado orgulhosa se o visse em ação. Mais parecia um empresário. Seu pai sempre reclamara de que o filho nunca se importava com nada, e até tinha razão. Mas agora era diferente. Buffalo Bob era um empreendedor.

Com os quatro mil dólares restantes da herança, ele encomendou uma placa de néon, revestiu as cadeiras do restaurante, limpou alguns dos quartos do hotel e abriu as portas para a freguesia. Não demorou muito tempo para descobrir por que Dave Ertz queria se. Livrar do negócio. O dinheiro andava curto naquela comunidade, e os habitantes mal tinham meios de sobreviver no dia-a-dia. Por isso, os fazendeiros julgavam um luxo desnecessário passar um dia na cidade, hospedando-se no hotel. A verdade era que, naquele estabelecimento, o que mais se vendia era cerveja.

Bob não precisava ser doutor em economia para saber que, se a escola fechasse, o hotel seguiria o mesmo caminho. E ele teria de sair da cidade do mesmo modo como entrara. Felizmente, recebera a notícia de que uma das moças que hospedara duas semanas antes decidira ficar com o emprego. Que os céus a abençoassem!

Brincando, Bob dissera ser o responsável pela volta de Lindsay. Bem, imaginava que era ao menos *parcialmente* responsável pela súbita mudança na sorte da cidade. Oferecera às duas amigas os melhores aposentos do hotel, e servira a elas seu espaguete especial.

Aquele sábado foi um dos melhores dias para os negócios. Bob comprara, havia pouco tempo, um equipamento de caraoquê. Conseguira-o a preço baixo, de um

restaurante em Cando que fechara as portas. Com a ajuda de Joshua McKenna, pusera a máquina para funcionar. Então Joanie Wyatt passara por ali e inaugurara a novidade, cantando uma música dos Beatles. Bob nunca vendera tanta cerveja como naquele sábado. Estava certo de que, no fim de semana que se aproximava, venderia ainda mais. Afinal, os moradores de Buffalo Valley tinham um motivo e tanto para comemorar.

— O que faremos de especial para esta noite? — quis saber Merrily Benson, primeira e única garçonete do local, interrompendo-lhe o pensamento.

Atrás da escrivaninha, ele a fitou e sorriu. Era quase meio-dia, e Bob entrara naquele escritório estreito e improvisado bem cedo, para pagar suas contas. Ou melhor, para ludibriar os fornecedores, a companhia de eletricidade e a de água, os impostos, a manutenção. Na verdade, o conserto que Joshua fizera na geladeira, um dia antes, consumira a maior parte dos lucros das duas últimas semanas.

Merrily, usando um uniforme composto de saia de couro cru com franja e jaqueta, estava o máximo.

A moça e Bob eram almas gêmeas. Ele reconheceu isso no momento em que Merrily chegou à cidade e o procurou, pedindo emprego. Não havia nenhum motivo real para contratá-la, mas... Por que recusá-la? Mesmo que isso significasse outro aperto no seu já pequeno orçamento?

— Por que esse sorriso? — Merrily continuou. — Pensei que estivesse chateado por causa da geladeira quebrada.

— Joshua McKenna já a consertou. Melhor ainda, me contou que a escola conseguiu uma professora.

A moça arregalou os olhos e, num impulso, abraçou-o. Seus beijos eram os mais doces que ele já experimentara, mas era melhor não se acostumar. Merrily tinha o mau hábito de desaparecer.

Bob, porém, finalmente passara a entender o comportamento dela. Quando aquele envolvimento começou, a garçonete simplesmente arrumou suas malas e desapareceu. Como era a primeira vez que isso acontecia, ele ficou arrasado. Acordou certa manhã, e descobriu que estava sozinho. Merrily se fora sem nem mesmo deixar um bilhete de despedida. Bob só soube que fora abandonado porque ela dissera a Hassie Knight que iria embora.

Na saída da cidade, Merrily parou no posto de gasolina de Dennis Urlacher, para encher o tanque da lata velha que chamava de carro. Ali, anunciou, de modo casual, que já era tempo de mudar de ares. E o deixou sozinho, sofrendo, com o coração despedaçado.

Três meses depois, ela voltou.

Dali em diante, Buffalo Bob nunca mais teve certeza sobre se acordaria com Merrily a seu lado. Mas aos poucos passou a aceitar aquela incerteza como parte do relacionamento. Jamais sabia se ela voltaria, ou se sumiria para sempre. Em todo caso, percebeu que não podia fazer nada em relação a isso. A moça tinha suas próprias regras. A verdade era que ele a amava.

Merrily sabia que ali podia contar com um trabalho, um quarto e um pequeno salário. Mas, no momento em que se viu emocionalmente envolvida, sentiu-se em perigo e voou, como um pássaro deixando a gaiola. A sorte era que *aquele* pássaro sempre voltava. Ao menos até o momento. Bob aprendera a manter-lhe a porta aberta.

— Uma professora! Que grande notícia! — Merrily o abraçou com mais força e

depois o soltou.

— Mas preciso saber o que devo fazer de especial para esta noite — acrescentou e deu um passo atrás, colocando as mãos na cintura.

Buffalo Bob remexeu nas folhas que estavam sobre a escrivaninha. Planejava os cardápios com duas semanas de antecedência, mas não conseguia se lembrar do que agendara para aquela noite.

Fora com surpresa que ele descobrira que tinha um talento razoável para a cozinha. Pena que os habitantes da cidade nunca pedissem nada mais caprichado. Carne com batata era o prato habitual. Só muito raramente Bob se aventurava a preparar alguma coisa incomum. Bem... Incomum para Buffalo Valley, claro. O espagete dos sábados à noite vendia bem, a salada de galinha tinha boa saída, mas seus medalhões agrídoces da Polinésia foram um fracasso. Quanto ao talharine Tahiti... Melhor esquecer.

— Que tal carne assada? — Merrily sugeriu. — Com purê de batata e molho?

— Carne assada?

— Era o que minha mãe sempre servia no primeiro dia de aula.

Ela nunca mencionara a mãe. Interessante...

— Oh, certo, mas as aulas ainda não começaram.

— Eu sei, mas, graças à professora, as aulas *irão* começar. E isso merece uma comemoração.

— Parece uma boa idéia.

Era a primeira vez que acatava uma sugestão de Merrily. Bem, havia dois pedaços de carne no freezer, montes de batatas... Por que não?

Ela sentou-se na cadeira ao lado da escrivaninha e passou os dedos pela capa de um livro. Em seguida, folheou-o.

— Bob? — chamou, sem encará-lo.

Ele a fitou. Merrily não costumava se demorar no escritório. Quando não estava atendendo no bar ou no restaurante, permanecia em seu quarto. Havia dias em que Bob nem a via direito.

— Eu... Ouça, sei que você não está exatamente nadando em dinheiro...

Merrily queria um aumento. Ele podia ouvir as palavras mesmo antes de serem ditas. O conserto da geladeira lhe esvaziara os bolsos, mas Bob seria incapaz de dizer-lhe "não".

— Quanto? — perguntou.

— Quanto? — ela repetiu, com uma careta. — Acha que vim lhe pedir dinheiro?

Bob não respondeu. Teve vontade de socar a si mesmo quando viu o olhar de dor.

— Não preciso de um aumento. Na verdade não preciso de nada.

Dito isso, saiu da cadeira e do escritório tão depressa que ele não conseguiu impedi-la.

— Merrily! — chamou, seguindo-a escada abaixo até o quarto que lhe oferecera, nos fundos do hotel.

— Merrily!

— Deixe-me!

Ela entrou. E teria batido a porta se não soubesse que Bob a abriria com um simples pontapé.

— O que eu disse de errado?

Pensara que a moça precisasse de dinheiro, e o teria dado porque a amava.

— Imaginou que eu fosse pedir dinheiro.

Bob não soube o que dizer quando viu as lágrimas rolando pelo rosto delicado.

— E não ia?

— Bem... Sim, todo mundo precisa dele, mas não era sobre isso que eu queria lhe falar.

— O que você queria, então?

— Eu ia... Dizer-lhe que... Não precisa me pagar esta semana.

— Não pagar? — Bob achou que tivesse entendido errado.

— Mas por quê?

— Porque você ficou preocupado com o custo do conserto do refrigerador, e porque isso pode ter acabado com suas reservas.

O coração masculino derreteu.

— Você faria isso por mim?

— Claro, seu tolo.

— Oh!

Bob se viu sem palavras pela primeira vez na vida.

— Mas esqueça a oferta, está bem?

Ele balançou a cabeça. Não se esqueceria daquilo. Na verdade, guardaria essa lembrança por muito tempo.

Merrily enxugou as lágrimas com as costas das mãos e deu um sorriso débil.

— Volte para suas contas que eu cuidarei da carne assada

— disse, e apressadamente tomou o caminho da cozinha.

— Merrily?

— Sim?

— Obrigado. Muito obrigado mesmo.

Ela sorriu, deu-lhe um beijo rápido nos lábios e correu para a escada.

Lindsay ficara muito feliz ao saber que seus pais a acompanhariam a Bufalo Valley. Olhava para o trailer do pai, que ia à sua frente, e sorria. Seguia viagem com o próprio carro, levando Mutt e Jeíf, seus cães. Afáveis, os dois eram um misto de *poodle* com *cooker spaniel*, e adoravam passear de automóvel.

Deixar Savannah não fora fácil por vários motivos, mas em especial por causa de Matt. Foram necessárias inúmeras discussões para que ele aceitasse que não conseguiria mantê-la na cidade. À medida que o dia da partida se aproximava, tornara-se mais e mais furioso, insistindo em dizer que Lindsay acabaria voltando.

Tinha razão, claro, mas, quando isso acontecesse, ele já não faria parte de sua

vida.

Maddy aplaudira sua decisão e a ajudara a empacotar as coisas. Lindsay sabia que podia contar com o apoio da amiga durante o ano em que ficaria fora. Despediram-se com a promessa de manter contato.

Viajar com dois cães e um monte de bagagens tornou a viagem muito mais lenta. Assim, os Snyder levaram seis dias para chegar a Buífalo Valley e estacionar diante da Farmácia Knight.

O sr. Snyder desceu da caminhonete e olhou em volta, como se estivesse vendo a cidade pela primeira vez. Sua última visita acontecera três anos atrás, quando o pai se mudara para Savannah. Mas a viagem fora rápida, e feita em meio ao frio do inverno.

Mãos nos quadris, ele permaneceu imóvel durante um longo momento. Então fitou a filha, e naquele olhar Lindsay percebeu dúvidas e preocupações. Por isso, e para acalmá-lo, deu-lhe um sorriso. Não havia com que se preocupar. Ela sabia o que estava fazendo.

Virou-se e colocou as guias em Mutt e Jeíf antes de abrir a porta. Também ficou parada, estudando a cidade que seria seu lar durante um ano. Sim, tratava-se de um lugar desolador e triste. Otimista, Lindsay se convencera, antes de chegar, que o vale não era tão ruim como se lembrava. Mas era. Pior, até. Mesmo assim, isso não a dissuadiu da idéia de permanecer ali.

— Lindsay, olhe! — a Sra. Snyder exclamou, apontando para i uma faixa enorme, que ia da farmácia até a mercearia.

Alguém pegara um velho lençol branco e pintara, com letras vermelhas e brilhantes: "Bem-vinda, srta. Snyder!"

Aquele cumprimento simples pareceu transformar a dura realidade de Buffalo Valley.

— Lindsay! — chamou Hassie Knight, saindo da farmácia com os braços abertos. — Bem-vinda!

Depois de abraçar a boa senhora, ela virou-se para os pais.

— Lembra-se de Brian, meu pai, não é? E esta é minha mãe, Kathleen.

— Oh, claro! Brian, você está com uma aparência ótima. Entrem, por favor. A cidade inteira está à espera de Lindsay. Chegaram à boa hora!

Os três mal haviam se acomodado nas cadeiras quando os outros começaram a chegar. Jacob Hansen foi o primeiro.

— Enchemos sua despensa com uma boa provisão de alimentos — disse ao chegar da mercearia.

— Minha despensa?

— De sua casa, claro. É nossa maneira de agradecê-la. Lindsay não esperava por isso.

— Oh... Muito, mas muito obrigada!

— Bem, eu e Marta não fomos os únicos responsáveis. Fizemos uma coleta na segunda-feira à noite e todos contribuíram com alguma coisa.

— Que lindo!

— Os alunos da escola pintaram a parte interna da casa — Hassie contou. —

Fizeram um bom trabalho.

— Sua avó mandou tirar a papel de parede anos atrás — Kathleen explicou. — Naquela época, a maioria das residências era coberta com papel, mas vovó Gina preferiu uma coisa mais moderna.

— Joshua McKenna deu as tintas — Jacob disse. — Lembra-se dele, não é? O presidente do conselho da cidade.

— É, mas os jovens escolheram a cor — atalhou uma morena alta e bonita, aproximando-se e estendendo a mão. — Sou Sarah Stern, filha de Joshua. Minha pequena Calla será sua aluna.

— Oi. Sou Lindsay — ela se apresentou, notando que a farmácia ia se enchendo de gente.

— Como eu disse a Hassie, quando telefonei me oferecendo para o trabalho, nunca dei aulas. Vou precisar de muita ajuda.

— E terá! — garantiu Buffalo Bob, fazendo dois sinais de "positivo" com os polegares.

— Teremos espaguete especial para o jantar e, para comemorar, esta noite ninguém paga nada!

“Todas as vozes gritaram uma viva”, e Lindsay trocou sorrisos com os pais. Mas notou que a mãe hesitava ao avaliar, com o olhar, o dono do restaurante.

— Precisam de ajuda para tirar as coisas do trailer? — Indagou um homem usando uniforme de frentista. Deu um passo à frente! Estendeu a mão. — Sou Dennis Urlacher. Pela acolhida, você já percebeu que todos temos o maior prazer em revê-la.

Lindsay riu ao ouvir o comentário.

— Algum de seus filhos também será meu aluno? Ele balançou a cabeça, em negativa.

— Não sou casado.

Lindsay reparou no modo como o rapaz fitava Sarah e adivinhou que os dois deviam estar apaixonados. Sim, a paixão podia ser muito boa, mas não fazia parte de seus planos. Fora até ali para se recuperar de um episódio infeliz. Não planejava complicar sua vida com outro problema parecido.

— Dennis falou sério quando se ofereceu para esvaziar o trailer. — Joshua McKenna olhou em torno, para os amigos e vizinhos. — Como você pode ver voluntário é que não faltam.

Lindsay teria preferido descansar por alguns minutos, mas ouviu o pai responder:

— Apreciaremos toda a ajuda que nos for dada.

A casa dos avós ficava a dois quarteirões da Avenida Principal. Lindsay foi até lá a pé, acompanhada dos cães e de metade da idade. Brian levou o trailer, e Kathleen, o carro da filha.

— Essa é coisa mais próxima de uma parada que vemos nos últimos anos — brincou Hassie, colocando-se ao lado de Lindsay.

Ao virar a esquina, ela viu a residência. Engasgou. Mal conseguia acreditar no que seus olhos mostravam. O jardim estava limpo, salpicado de canteiros com flores.

Uma fileira de gerânios vermelhos fazia um belíssimo contraste com o branco das

paredes. A pintura das janelas brilhava, e uma cadeira de balanço de vime fora colocada na varanda da frente. O largo capacho, diante da porta, dizia: "Bem-vinda".

— A varanda era um dos lugares prediletos de sua avó — Hassie sussurrou, emocionada.

— Vocês estão sendo generosos demais!

— Queremos que saiba que apreciamos o que fez — acrescentou Joshua McKenna ao passar por elas, carregando as primeiras malas retiradas do trailer.

— O portão também foi consertado — Lindsay comentou, maravilhada. — E pintado.

— Não desejamos que seus cães se perdessem — disse Hassie. — Agradeça a Gage Sinclair por isso.

Lindsay não se esquecera de Gage. Avistara-o durante poucos momentos, quando entrara na farmácia, acompanhados da mãe. Jamais sonhara ver no rosto de um homem tamanha profundidade e retidão de caráter. Devia ter pouco mais de trinta anos, mas haviam sido bem difíceis.

As finas linhas em volta dos olhos mostravam isso. Os cabelos, castanho-escuros, precisavam de um corte. A pele, muito bronzeada, indicava longas horas de trabalho sob o sol. Mas foram os olhos que mais a impressionaram. Eram de um inacreditável tom de azul, beirando o cinza-claro.

Gage tinha se desculpado e deixado a farmácia antes mesmo de dizer algumas palavras. Mais tarde, Hassie contara que ele tinha um irmão mais novo que estudava na escola. Naqueles poucos minutos, Lindsay sentira que Gage a fitara com interesse.

Mas, o que quer que tenha pensado a seu respeito, guardara para si mesmo.

— Se você gostou do que fizemos aqui fora, espere para ver dentro da casa — disse Hassie, o rosto radiante de alegria. Tomou as mãos de Lindsay e conduziu-a ao interior da moradia.

Uma vez ali, ela parou. A sala de estar estava toda branca, e a cozinha receberam um tom amarelo-limão. O banheiro fora pintado de amarelo-ouro e azul, enquanto o quarto exibia uma pálida lavanda.

Tudo o que não recebera pintura fora limpo até brilhar. O assoalho cintilava, e a casa toda cheirava a flores do campo.

— Não posso acreditar!

Lindsay havia se perguntado como conseguiria tornar a residência habitável e fazer os arranjos necessários para o primeiro dia de aula. Não tinha idéia de que a cidade inteira conhecia seu dilema e entrara em ação.

Com tanta gente ajudando, esvaziar o trailer não demorou mais de trinta minutos. No momento em que Lindsay terminava de agradecer a todos, a mãe, já na cozinha, tirava das caixas panelas, louças e talheres, enchendo armários e gavetas.

— Estou exausta! — Lindsay comentou, entrando no aposento. Kathleen riu.

— Céus, minha filha! Você é a heroína dessa gente!

— Eu me pergunto se eles vão ter a mesma opinião quando o ano escolar acabar...

— Brincou Brian, arrumando os porta-CD e as fitas.

Lindsay dirigiu-se ao amplo quarto, na frente da casa. A cama já estava

consertada, graças a Dennis Urlacher e a Joshua McKenna. O lençol encontrava-se em uma caixa de vime, bem à vista. Ela os desdobrou, ajeitando-os no colchão. Mutt e Jeff, que até então aguardavam pacientemente, pularam para o acolchoado, muito à vontade.

Lindsay reparou que suas roupas já tinham sido colocadas no guarda-roupa. Aquela velha casa, árida e vazia algumas semanas atrás, fora cuidadosamente limpa, pintada e reformada. Agora, era possível chamá-la de lar.

Dali a dois dias, os Snyder voltariam a Savannah e Lindsay ficaria sozinha. Suspirando, ela voltou os olhos para a lareira e lembrou-se de certa noite, vinte anos antes. A noite em que vovó Gina mexera em um dos tijolos do frontão, revelando um esconderijo secreto.

Naquele momento, ela decidiu que o encontraria. E que descobriria o que a avó guardara ali, tanto tempo atrás.

CAPÍTULO 5

Ata da reunião de agosto do Conselho da Cidade de Buffalo Valley

A reunião foi aberta pelo presidente do conselho, Joshua McKenna. Além dele, estavam presentes os conselheiros Dennis Uriacher, Jacob Hansen, Hassie Knight, Heath Quantrill. Marta Hansen e Buffalo Bob participaram como observadores. Ausente: Gage Sinclair.

1. Joshua McKenna comentou sobre o árduo trabalho de limpar a escola e o jardim.

2. Também mencionou o esforço feito para arrumar o velho lar dos Snyder, de modo a receber a nova professora. O conselho gastou duzentos dólares para complementar os donativos dos moradores, com vistas à reforma da casa. Hassie Knight leu uma carta de agradecimento enviada ao conselho por Lindsay Snyder.

2. O presidente do conselho, Joshua McKeena, lembrou a todos que Lindsay Snyder pedira aos moradores que fossem à escola, contar suas experiências, toda sexta-feira à tarde. Para servir de exemplo, ele se ofereceu como primeiro orador. Heath Quantrill prometeu falar aos alunos sobre práticas bancárias e Hassie Knight disse que daria uma aula de química. Dennis Uriacher declinou do convite mas sugeriu o nome de Gage Sinclair, ausente desta reunião por causa da dedicação ao trabalho.

ONDE MORA A ESPERANÇA

3. Marta Hasen, que não é membro oficial do conselho, lembrou que a Srta. Snyder não está acostumada aos áridos invernos de Dakota do Norte, e que, portanto não conseguirá ficar na cidade muito tempo. Sugeriu que a procura por uma professora efetiva continuasse. O conselho acatou a sugestão, sob advertência. Hassie Knight recomendou fosse dada uma chance para Lindsay Snyder mostrar do que é capaz.

4. Foi relatado que Rachel Fischer está pensando em abrir uma pizzaria, nos finais de semana, no restaurante dos pais, fechado há três anos.

5. A reunião terminou exatamente ao meio-dia.

Eu, Hassie Knight, secretária e tesoureira, redigiram esta ata e a subscrevo.

Kassie "Ktúflht

Heath Quantrill encontrou a intimação da avó quando chegou ao banco, em uma

manhã de quarta-feira ensolarada. O fato de ela não lhe ter telefonado em casa indicava que desejava conversar sobre negócios. Heath não conseguia adivinhar o que a velha senhora queria dessa vez.

Sentado à escrivaninha, ele leu a carta de Brandon Wyatt, que pedia um empréstimo de quinhentos dólares para comprar uma nova lavadora, além de uma secadora. Brandon estivera no banco havia uma semana, fazendo o pedido pessoalmente, e agora enviava a carta.

Não era a primeira vez que o fazendeiro solicitava um pequeno empréstimo. Já conseguira outro, enorme, de mais de cem mil dólares, para adquirir uma ceifadeira. O revendedor do equipamento arranjava o financiamento junto a um banco daquela cidade. Heath imaginou que a esposa de Brandon realmente necessitava das máquinas de lavar e de secar. Do contrário, ele não o teria procurado. E, porque conhecia e confiava no fazendeiro, aprovou o empréstimo.

A despeito do fato de ter passado a vida inteira "entre banqueiros, Heath estava aprendendo, na prática, a lidar com as finanças, e vinha sendo elogiado por sua rabugenta avó, Lily Quantrill. Desde a infância soubera que um dia seria parte importante dos negócios da família, mas nunca tivera pressa em assumir suas responsabilidades. Não enquanto seu irmão mais velho continuasse a ser o gênio financeiro dos Quantrill.

Na faculdade, Heath assistira às melhores aulas, obtivera o diploma com uma nota aceitável e em seguida viajara à Europa. Esquiara nos Alpes, escalara algumas montanhas, cruzara o deserto do Saara a bordo de um camelo e velejara pelo Mediterrâneo. Apaixonara-se pela Grécia e por duas ou três mulheres, durante a temporada. Seu senso de aventura desconhecia limites.

Sem pensar, sem considerar as conseqüências, arriscara o pescoço em uma série de buscas insanas. Nunca lhe ocorrera que, enquanto se envolvia com os esportes radicais, seu irmão Max seria morto em um estranho acidente automobilístico.

Fora chamado para o funeral. A avó seguira-lhe as pistas até encontrá-lo na Áustria.

Ele sempre amara aquela mulher teimosa, embora, infelizmente, os dois não conseguissem se dar bem. Os membros da família a reverenciavam havia anos. Menos Heath. Depois daqueles três meses na Europa, vira-se obrigado, pela avó, a assumir seu posto no banco. Mas costumava ignorar suas intimações e soubera lidar bem com o corte que Lily fizera em sua rica mesada.

A partida de Max o abalou muito, mais ainda do que a morte prematura dos pais. Também o enfureceu. Se o irmão tivesse sobrevivido, Heath lhe puxaria as orelhas por arriscar a vida. Se ele procurava emoções perigosas, havia maneiras melhores de consegui-las. E nenhuma delas se assemelhava a desviar de um cervo, na estrada, em meio a uma tempestade de neve.

Lily, porém, armara sua vingança. Assim que Heath voltou a Grand Forks, viu-se enviado à velha agência de Buffalo Valley. Pretendia transformá-lo em um executivo, não importava quanto o julgasse inadequado para a função. Fizera com que ele começasse de baixo, e o promovera gradualmente, de posto em posto, até ter certeza de que o neto poderia dirigir a agência.

Ao ver Buffalo Valle pela primeira vez, Heath achou que estivesse diante de alguma piada. Claro que devia haver algum engano. Era impossível que a velha senhora esperasse que ele passasse três dias por semana naquele lugar esquecido. Mas era exatamente isso que Lily esperava. Assim, durante doze longos meses Heath cumpriu sua pena.

A cidade estava à beira da morte. Era destino que seria inevitável caso a jovem Snyder não tivesse aceitado o cargo de professora. Quando ouviu a novidade, Heath não soube se devia aprová-la ou não.

O recado da avó foi pesando cada vez mais em sua consciência, à medida que o dia avançava. Qual seria o motivo da intimação? Revisou seus arquivos, perguntando-se o que fizera de errado para irritá-la. Não se lembrava de ter tomado nenhuma decisão questionável, não se esquecera de nenhuma reunião e entregara tudo no prazo combinado. Podia não *desejar* ser banqueiro, mas sabia sê-lo. Tinha habilidades instintivas, e as exibia a cada momento. Ou ao menos imaginava que sim.

O Banco da Cidade de Buffalo Valley fora fundado por seus avós. Seu pai assumira a direção, ao lado de Lily, quando vovô Quantrill falecera. Então, quando Heath cursava o último ano da faculdade, os pais morreram. O pai sofreu um infarto e a mãe, que lutava contra o câncer havia anos, sucumbiu à doença seis meses depois. Com o acidente que levara a vida de Max, Heath e a avó eram tudo o que restava da família.

O movimento, no banco, foi lento o dia inteiro. Como sempre, aliás. Ele ligou para Brandon Wyatt, pedindo-lhe que fosse assinar os papéis da concessão do empréstimo no final da semana. Às quatro da tarde viu-se na estrada, rumo a Grand Forks, onde ficava a casa de repouso em que a avó morava.

— Já não era sem tempo! — ela exclamou da cadeira de rodas, assim que o viu entrar na suíte.

— Prazer em vê-la, vovó.

Sorrindo, ele se inclinou para beijar-lhe o rosto. Lily tinha oitenta e cinco anos, estava lúcida e forte.

— Sente-se — ordenou ela.

Em outras circunstâncias, Heath teria admirado a fantástica paisagem que se descortinava ali, do décimo andar, só para aborrecê-la. Mas estava curioso e por isso, em vez de ignorá-la, obedeceu à ordem. Olhou para o rio Vermelho, lá embaixo, preparando-se mentalmente para as críticas.

— Lembra-se de Rachel Fischer?

Heath teve de parar para pensar. O nome era vagamente familiar.

— Ela esteve no banco recentemente, pedindo um empréstimo — Lily acrescentou.

— Ah, claro. A viúva. Queria duzentos e cinquenta dólares para comprar um forno para pizzas.

— Correto.

— Seus pais eram donos do velho café.

Se ele se lembrava bem das informações contidas no pedido, o Momingside Café fora fechado três anos antes. O lugar, agora arruinado, era um dos muitos pontos desativados da Avenida Principal.

— Por acaso você se recorda do que Rachel pretende fazer com aquele forno?

Heath levantou uma sobrancelha ao ouvir a pergunta.

— Ela me disse que queria montar uma pizzeria de fim de semana, com entrega em domicílio.

Lembrou-se de que, na reunião do conselho, Joshua McKeena mencionara o novo negócio. Claro que ele não disse nada sobre ter recusado o empréstimo.

— Uma pizzeria... — Lily repetiu.

Heath estudou a avó. A voz era calma, como se armasse uma cilada. Mas ele sabia ter tomado a decisão correta ao não atender ao pedido de Rachel Fischer. A viúva, com um filho de dez anos, não tinha nada para dar como garantia. Duzentos e cinquenta dólares podia não ser muito dinheiro, mas para o povo de Buffalo Valley tratava-se de uma fortuna.

— Você se recusou a ajudá-la.

— Exato — ele respondeu sem hesitação.

A avó levou a cadeira de rodas para perto do neto.

— Por quê?

Aquela pergunta pareceu-lhe ridícula.

— Porque qualquer novo negócio em Buffalo Valley está destinado ao fracasso.

— Verdade? — O rosto da velha senhora tornou-se sombrio.

— Fiquei sabendo que a cidade conseguiu uma professora.

— Sim, mas isso não altera nada em relação ao empréstimo.

— Conte-me por que o recusou — ela pediu, cruzando as mãos sobre o colo, paciente como nunca.

Mais uma vez, Heath teve o pressentimento de ter sido pego em uma emboscada.

— Em primeiro lugar, ela *não* tem nada para oferecer como garantia.

— Não foi o que ouvi.

Heath fez uma careta. Rachel lhe oferecera sua aliança de ouro, mas o anel não valia *cem* dólares.

— Está se referindo àquela aliança barata? — ele zombou.

— Estou me referindo à aliança que o falecido marido deu a ela.

— O olhar da avó parecia enxergar através do neto. — Esse homem foi seu marido e pai de seu filho. Acha que Rachel estaria disposta a empenhar essa aliança se não se julgasse capaz de pagar o empréstimo? Porque, nesse caso, ela nunca mais veria o anel.

— Bem, eu...

— Ela tem um negócio, não tem?

— Sim. Dirige o ônibus da escola, o que lhe rende apenas um salário mínimo.

Durante nove meses por ano Rachel levava as crianças de Buffalo Valley a Belmont, um trajeto de mais de cinquenta quilômetros.

— Você achou que ela não poderia pagar o empréstimo com isso?

— Correto.

Como a viúva conseguia sobreviver com aquele salário, além da pequena ajuda que recebia do Serviço Social, era algo que Heath não conseguia compreender.

Lily Quantrill o fitou intensamente antes de disparar outra pergunta:

— Você tem observado Buffalo Valley? Considerando o fato de ir para a cidade três vezes por semana e de ser membro do conselho, ele já conhecia a resposta.

— E então? Não vai responder? — a avó exigiu, com sua voz profunda.

— Estou ciente de tudo o que acontece na cidade, se é o que quer saber. Sem a nova professora, Buffalo Valley morreria em um ano. Com ela, deve durar dois ou três.

Não era o que a velha senhora desejava ouvir, ele sabia. Mas era a verdade. — Você me diz que a cidade está morrendo. Pois eu diria que o vale precisa, isso sim, de gente disposta a investir no futuro.

— Certo, mas...

— Sem "mas"! — Lily esbravejou.

Heath hesitou. Prendeu a respiração por um momento, na tentativa de acalmar-se e não provocar uma discussão.

— Vovó, ouça, fiz tudo como manda o figurino — começou.

— Sei disso.

Ele piscou confuso.

— Então, qual é sua opinião?

— Minha opinião, meu jovem, é que você falhou. Comigo e com Buffalo Valley. Não o enviei até lá como castigo, como você parece acreditar, mas para lhe oferecer um treinamento importante. Um treinamento que servisse de base para todas as suas futuras decisões como banqueiro.

Heath fechou as mãos. Já ouvira isso antes e não se deixaria enganar. A avó simplesmente julgava que ele aprenderia tudo sobre a vida de um financista ali, naquela cidadezinha arrasada.

— Buffalo Valley mora em um lugar especial de meu coração.

— Lily relaxou, e a raiva pareceu desaparecer de seus olhos.

— William decidiu montar lá a primeira agência de nosso banco.

— Eu sei.

Toda aquela história de novo... Até onde Heath podia perceber, a avó mantinha a agência aberta apenas por razões sentimentais. Até o estudante de contabilidade mais inexperiente saberia que eles estavam operando no vermelho havia muitos anos. Heath planejava fechar a agência assim que Lily morresse.

— Você não está dizendo que pretende conceder o empréstimo à viúva, está?

— Claro que ele faria o que a avó mandasse, mas Rachel Fischer continuava sendo um risco. Viu Lily balançar a cabeça, entristecida, e insistiu: — Não quer que eu lhe dê o empréstimo, quer?

A velha senhora fechou os olhos.

— Rachel lhe ofereceu o que possui de mais precioso. Não poderia haver garantia melhor. Além disso, o prédio do café é dela.

— A viúva pretende dirigir uma pizzeria. Quantas pizzas acha que vai vender em um lugarejo como Buffalo Valley? Particularmente no inverno?

— Rachel não paga aluguel, não tem gastos elevados, não possui dívidas. Suas despesas resumem-se à alimentação e ao empréstimo para a compra do forno.

— Isso mesmo.

Heath já ouvira tudo aquilo, e ainda assim julgava a viúva um grande risco.

Lily balançou a cabeça mais uma vez.

— Quero lhe ensinar uma coisa, meu jovem. Considerar apenas o lado prático dos negócios não leva a lugar algum. Um banqueiro de verdade toma decisões com a cabeça e com o coração. Você usa muito a razão e não tem nenhum sentimento.

Heath desviou a vista.

— Conceda o empréstimo à viúva, Max. Ele se aprumou.

— Sou Heath, vovó. Max está morto.

— Acha que não sei disso? — ela resmungou. — Agora vá - disse, apontando para a porta.

— Vá antes que eu diga alguma coisa de que possa me arrepender depois.

Gage passou toda a manhã cortando trigo. Felizmente, já colhera a maior parte. Com o céu encoberto e o vento cada vez mais forte anunciando chuva para breve, ele achou melhor tirar a ceifadeira dos campos antes que toda a plantação se transformasse em lama.

No dia anterior, trabalhara dezesseis horas, e naquela manhã acordara antes de o sol nascer, esperando se antecipar à tempestade.

Pouco antes de alcançar o pátio, viu o carro de Lindsay estacionado ali. Ficou furioso, e sabia por quê. Não pretendia encontrá-la. Fizera o possível para evitar contatos com ela. Não costumava fugir das coisas, e mal conhecia aquela mulher, mas o fato era que Lindsay dominava seu pensamento de um modo desconhecido e perturbador. Ficava se perguntando como seria beijá-la, abraçá-la, torná-la parte de sua vida.

A noite, quando caía na cama, exausto, e fechava os olhos, via a imagem feminina. Isso o deixava irado porque ele sabia que estava se metendo em problemas. A maioria dos moradores de Buffalo Valley acreditava que Lindsay não seria capaz de ficar um ano na cidade. Marta Hansen julgara prudente continuar a procurar uma professora que vivesse ali de modo permanente. Gage concordava. Seria um milagre se ela conseguisse cumprir o contrato de doze meses que assinara.

Assim, melhor evitar aquela mulher. Como? Refugiando-se no celeiro, por exemplo. Era o que ele ia fazer quando Lindsay e a mãe apareceram à porta da casa.

— Filho! — chamou Lara, acenando-lhe.

Por um segundo Gage considerou a idéia de fingir não ter ouvido o chamado. Mas não seria bom, em especial porque um dos cachorros da fazenda disparara em sua direção, latindo. Assim, ele tirou o chapéu e inclinou-se para afagar as orelhas de Tramp. Depois, com o *collie* pulando a seu lado, caminhou lentamente até onde as duas se encontravam.

— Você se lembra de Lindsay, não é? — a mãe perguntou ao vê-lo aproximar-se.

— Claro — ele respondeu ciente de que poderia ter sido mais educado.

— Oi, Gage!

— Lindsay está visitando todas as famílias dos alunos — Lara explicou.

— Sou uma professora inexperiente e vou precisar do apoio da comunidade. Lara e Hassie têm sido maravilhosas — disse Lindsay, sorrindo afetuosamente para Lara.

— Que tipo de ajuda procura? — perguntou Gage com voz rude e pouco amistosa.

Ela ignorou a má acolhida..

— Espero que você possa me contar algo sobre si mesmo, algo que possa dividir

com meus alunos.

— Foi por isso que Lindsay veio até aqui — falou Lara, mostrando ao filho uma expressão de censura.

— Quer conhecer todo mundo. Oh, e eu lhe contei sobre suas abelhas.

— Quero agradecer pelo pote de mel que você me enviou. E delicioso.

— Não tive nada com isso. A idéia foi de minha mãe.

— Gage! — Lara o admoestou. Naquele momento, o telefone tocou, dentro da casa. — Desculpem, mas preciso atender — disse com relutância.

Deu alguns passos na direção dos degraus, e então hesitou. Olhou para Lindsay e depois para Gage, como se estivesse receosa de deixá-los a sós.

— Vá, mamãe. Acompanho a Srta. Snyder até o carro.

Ao ouvir isso, Lara correu para a sala, e os dois permaneceram ali no pátio, em meio à poeira que o vento forte levantava.

— Você estaria disposto a falar à classe sobre seu apiário? — Lindsay quis saber, fitando-o.

— Bem... — Gage começou, ensaiando a recusa. Ela, porém, não lhe deu chance de continuar.

— Joshua McKenna prometeu ir para contar a história de Dakota do Norte. Conhece- La a fundo, uma vez que leu muito sobre isso. Espero convencer Jeb McKenna a conversar sobre búfalos. Quer dizer... Bisões.

— Ele faria isso?

Gage ficou surpreso. Seu vizinho do lado sul perdera parte de uma perna, anos atrás, e tornara-se recluso. Abandonara o trabalho agrícola e passara a criar bisões, atividade em que vinha obtendo sucesso. Mas, desde o acidente, raramente ousava ir à cidade. Joshua se preocupava com o filho. Sarah, irmã de Jeb, também tentava ajudar o irmão, sem êxito.

— Joshua vai falar com ele.

Isso explicava tudo. E dava a Gage uma saída diplomática para recusar o convite. Sabia que os alunos não teriam o menor interesse na apicultura. Kevin passara a vida ao lado daquelas abelhas e jamais quisera saber delas.

— Se Jeb for fazer a palestra, então também irei. Lindsay franziu a testa, perplexa.

— Fiz alguma coisa que o ofendeu?

Ah, então ela preferia a abordagem direta, hein? Ótimo. Gage também.

— Na verdade, fez. Você voltou para cá. Lindsay não conseguiu evitar uma careta.

— Está querendo-me dizer que preferia que a escola fechasse?

— Não. Ouça, Srta. Snyder, não é nada pessoal, mas não a quero aqui.

— E por que não? Afinal, não me conhece.

— Nem pretendo conhecê-la.

Ela piscou, sem saber o que responder. Naquele instante a tempestade começou, obrigando-a a correr até o carro. Relâmpagos cruzavam o céu enquanto a chuva molhava o solo empoeirado e seco.

Lindsay bateu a porta do veículo. Ali dentro estava segura. Gage, porém, permaneceu no pátio, observando-a manobrar para sair. Quando ele finalmente entrou em casa, sentia-se molhado até os ossos. Nem mesmo tirara o chapéu e a mãe já lhe perguntava:

— Quero saber o que disse a Lindsay.

Estranhando o áspero tom de voz da sempre suave Lara, ele simplesmente a fitou.

A chuva batia com força no telhado, e a boa senhora elevou o tom:

— Responda meu jovem!

— Tenho trinta e cinco anos, mamãe. Não sou mais um jovem.

— Então pare de agir como um adolescente!

Havia muitos anos que Gage não discutia com a mãe, e preferia continuar em paz. Até onde sabia, o que dissera ou deixara de dizer a Lindsay não era da conta de Lara.

— Eu não lhe falei nada.

— Falou, sim. Vi o modo como ela correu para o carro. Você a insultou, não foi?

— Se ela...

— Não aceito esse tipo de coisa! Você foi rude com essa moça, e não quero que isso se repita! Ouviu bem?

Gage nunca vira a mãe tão furiosa. O rosto corara, os olhos fuzilavam-no.

— Mamãe...

— Você vai pedir desculpas a Lindsay!

— Claro que não vou — ele respondeu disposto a impedir que Lara ditasse seus atos.

E, antes que aquela discordância se transformasse numa discussão calorosa, Gage deixou a casa. Preferia tomar chuva a brigar com a mãe por causa de alguém como a Srta. Snyder.

Na hora do jantar, Lara continuava mal-humorada. Não lhe dirigiu a palavra enquanto punha a mesa, e foi para a sala quando os filhos sentaram-se para comer.

— Por que mamãe está tão brava? — Kevin indagou, ajeitando-se na cadeira.

— Não é nada — Gage resmungou.

O garoto levantou as duas mãos, como se quisesse se proteger.

— Desculpe-me pela pergunta!

Gage pegou um pedaço de pão e franziu as sobrancelhas quando viu Lara voltar à cozinha, com o buquê de flores do campo que colhera naquela manhã.

— Quando for, leve isto. Ele estreitou o olhar.

— Não vou a lugar algum.

A mãe retornou à sala e Gage, aliviado, voltou à refeição. Mão dera duas garfadas quando Lara reapareceu com as flores e a bolsa.

— Kevin, querido, poderia me levar até a cidade? Preciso pedir desculpas pela falta de educação de seu irmão.

— Ahn... — Desolado, o rapaz olhou de um para outro. — Eu planejava ir até...

— Interrompeu-se quando Lara o encarou.

Certo — concordou, mordendo mais um pedaço de torta antes de se levantar.

Gage se ergueu e atirou o guardanapo sobre o prato.

- Droga!

Sabia que a mãe tornaria sua vida um inferno se não agisse rumo ela determinara. Assim, saiu de casa, detendo-se apenas puni pegar as chaves da caminhonete, penduradas atrás da porta. Ao menos a chuva passara.

Lara apressou-se atrás dele, afundando os pés na lama.

— Leve as flores!

Gage nem se deu ao trabalho de olhar para trás.

— Ao diabo com essas flores!

A raiva o acompanhou até a cidade. Quando parou à frente da casa da professora, foi obrigado a respirar fundo diversas vezes, na tentativa de acalmar-se um pouco.

O que mais o aborrecia era saber que a mãe tinha razão. Devia desculpas a Lindsay, e aquela era a oportunidade de fazê-lo. Só sentia ter sido forçado a isso.

Desceu da picape e caminhou até a varanda. Tocou a campainha. Os cães latiram. Ele tirou o chapéu e passou os dedos pelo cabelo, determinado a se sair bem daquele papel. Diria sua fala e iria embora.

A porta foi aberta e Lindsay apareceu, usando short e botas de borracha, os cabelos loiros cobertos por um lenço de cabeça, nas mãos um martelo e um formão. Ficou surpresa ao vê-lo. Não esperava que alguém a visse parecendo... Um homem.

— Gage?

Ele se aprumou.

— Vim pedir desculpas.

O rosto feminino descontraíu.

— Entre — Lindsay convidou, abrindo a porta de tela.

Gage entrou e os cães o cumprimentaram como se fosse um amigo de quem haviam sentido a falta. Por isso, ele concluiu que ambos eram inúteis. Não serviam para guardar e proteger a casa. Mas eram bastante simpáticos. Enquanto os aflagava, aproveitou para olhar a casa. Ficou impressionado. Aquilo que semanas atrás não passava de uma velha moradia decrépita agora era um lar.

Havia cortinas, mobília, um tapete verde-musgo, abajures, fotografias e quadros nas paredes brancas. Tudo aquilo fazia uma incrível diferença.

Franzindo a testa, observou a lareira. Ao que tudo indicava, Lindsay estivera mexendo ali.

— Alguma coisa errada com a lareira?

— Oh, não.

— Então por que...

— Por nada.

— Ninguém demole uma lareira sem motivo. Ela colocou de lado o martelo e o formão.

— Você veio para se desculpar ou para questionar meu esforço para remodelar a lareira?

Remodelar?

Gage, sinceramente, duvidava disso, mas Lindsay vencera aquela breve discussão. Realmente, ele não tinha que se intrometer.

— Como lhe disse, vim para... Desculpar-me. — As palavras não saíam com facilidade. E precisava tomar cuidado para não mencionar que aquela idéia também fora da mãe. — Fui rude com você.

— Sim, foi. Por quê? O que foi que eu fiz?

Gage não sabia como responder. Não conseguia encontrar um modo de lhe dizer que, sempre que a via ou pensava nela, ficava com raiva. Assim, decidiu falar outra verdade:

— Você não vai agüentar isto aqui. Tudo o que está fazendo reacender esperanças. No momento em que a realidade a atropelar, irá embora. Abandonará a comunidade.

— Assinei um contrato, lembra-se? Por um ano. Pretendo honrá-lo.

— Uma ova que vai honrar! — ele protestou furioso mais uma vez. Tão furioso que não pôde evitar alterar a voz. — Não vai suportar a primeira nevasca!

— Ora, você não me conhece! — Lindsay também gritou. Sou uma mulher de palavra.

— Por que veio? O que Buffalo Valley tem que você não consiga encontrar em Savannah?

— Não é da sua conta!

Ela estava a poucos centímetros de distância, os olhos faiscando, os lábios determinados e brilhantes. Os dois últimos botões da camiseta que usava se achavam abertos, o que conduziu o olhar masculino à promessa dos seios fartos. As pernas eram longas, bem-torneadas e...

Então Gage descobriu o que Lindsay fazia ali. Era óbvio.

— Você está fugindo, não está?

Ela aceitara o pequeno salário de professora que a cidade oferecera porque queria se ver livre de alguma situação infeliz. Na certa fugira de algum amor fracassado. Era a única explicação viável. Do contrário, a Srta. Snyder não mudaria para um lugar tão desolador como Buffalo Valley.

O pior era que, ao imaginá-la nos braços de um homem, Gage sentiu-se mordido pelo ciúme.

— O que aconteceu? Descobriu que seu namorado era casado?

— Acho melhor você ir embora — ela disse, caminhando até a porta e abrindo-a.

Gage hesitou ao alcançar a saída, onde Lindsay permanecia, os braços cruzados e o olhar estreitado. Com um dar de ombros, ele saiu, ciente de que mais uma vez passara dos limites. Que os céus o ajudassem se a mãe ficasse sabendo daquilo!

Sem disposição de voltar à fazenda e responder às perguntas que Lara faria, Gage dirigiu-se ao Buffalo Bob's. Precisava de uma cerveja.

Havia três pessoas no bar, mas ele não quis companhia. Ocupou uma mesa nos

fundos. Preferia sentar-se no escuro.

Vestida com o uniforme de garçonete, Merrily aproximou-se.

— O que quer que eu lhe traga Gage?

— Uma cerveja gelada.

Olhou em torno e notou que Bob observava cada movimento da garota. Outro fazendeiro, Steve Baylor, encontrava-se ali, com uma moça que ele não reconheceu. Falavam baixinho e sorriam.

Naquele momento, Gage percebeu que daria qualquer coisa para tomar aquela cerveja na companhia de Lindsay. Mas, em lugar de agir como um cavalheiro, de se desculpar de maneira, apropriada, de dar-lhe as flores, como a mãe sugerira, em vez de convidá-la para jantar, a fim de conversar e conhecê-la melhor, tratara-a com desdém. Insultara-a. E sabia por quê. Aquela mulher o perturbava.

Merrily voltou com a cerveja. Gage pagou pela bebida, grato pelo fato de a moça não ter iniciado nenhum tipo de conversação. Precisava de solidão. E de mais uma cerveja. Só assim teria a coragem de fazer o que devia.

Lindsay estava furiosa. Tão furiosa que mal conseguia suportar a si mesma. Quando chegara a Buffalo Valley, tudo parecera maravilhoso. A casa estava pronta e os armários, cheios de alimentos. O capacho de boas-vindas fora colocado à sua porta. Mas então a realidade aflorara.

A escola, de uma só sala, era inadequada. O único computador disponível era o seu, portátil. O distrito educacional que cuidava daquela área mal tinha recursos para oferecer os livros necessários.

Lindsay queria realizar um bom trabalho, dar aos alunos uma educação básica e complementá-la com tudo o que eles deviam saber para enfrentar o mundo, depois de formados. Para isso precisava de ajuda. Muita ajuda.

Quando vira Gage pela primeira vez, na farmácia de Hassie, gostara dele. Toda vez que se lembrava de Buffalo Valley, a imagem do fazendeiro vinha-lhe à mente. Julgava que viriam a ser bons amigos. Em vez disso, ele fora rude e arrogante. Uma atitude, infelizmente, característica de alguns moradores. Embora a grande maioria fosse simpática e acolhedora, havia os que não acreditavam que a nova professora fosse durar muito tempo no cargo.

Na verdade, embora tivesse raízes em Buffalo Valley, Lindsay não era considerada, pelos habitantes da cidade, igual. Essa postura não a aborrecia, uma vez que já esperava por algo assim. Sabia que acabaria provando seu valor. Estava preparada para isso.

Mas, depois daqueles confrontos com Gage, já não tinha tanta certeza. A hostilidade do fazendeiro fora um choque. Desestimulara-a e a levara a questionar a própria capacidade de cumprir o que prometera.

Suspirou e olhou à sua volta. Mais desestímulo. Praticamente destruíra a lareira e não encontrara o esconderijo secreto.

Naquele instante a campainha soou. Latindo, Mutt e Jeff correram para a porta. Um breve olhar para a janela revelou que Gage Sinclair estava ali fora.

De novo? Lindsay ainda nem se recuperara do último ataque!

— Abra, por favor. Sei que está aí dentro — ele falou ao ver que a porta permanecia fechada.

— Vá embora! Não tenho o menor Interesse em ouvir o que vai me dizer!

— Por que não me ouve primeiro?

— Se veio se desculpar de novo, poupe-se. Ainda estou sangrando por causa da última facada.

Era ridículo e embaraçoso conversar, aos gritos, através da porta.

Não demoraria muito e os dois chamariam a atenção de todos.

Gage tocou a campainha novamente.

— Só quero conversar com você.

Exasperada, Lindsay abriu a porta e cruzou os braços. Manteve a tela fechada.

— Tudo bem. Diga o que tem a dizer e então, por favor, vá embora.

Agora, que estavam frente a frente, Gage não conseguia encontrar as palavras certas.

— Bem, eu... Estive pensando que... Que você talvez...

— Fez uma pausa, endireitou os ombros e continuou: — Quer tomar uma cerveja comigo?

— Você voltou só para fazer esse convite? Ele hesitou.

— Bem... Sim. Lindsay teria rido se não estivesse tão atônita. Gage fora rude, insultara-a, e então retornara só porque queria companhia para um drinque?

— Obrigada, mas não vou tomar uma cerveja com você.

— Imaginei que essa seria sua resposta — ele disse, virando-se para ir embora.

— Espere!

Lindsay percebeu que seria melhor tê-lo como amigo do que como inimigo. Assim, abriu a porta de tela, alcançou a varanda e tocou-lhe o braço.

— Foi... Muita gentileza sua ter vindo me convidar.

A reação de Gage ao toque foi imediata. Segurou-a pelos ombros e a fitou com aqueles inacreditáveis olhos azuis, imobilizando-a.

Ela percebeu o que ia acontecer. Sentiu que seria beijada no mesmo instante em que decidiu que também queria beijá-lo.

Gage a abraçou sem a gentileza à qual Lindsay estava acostumada. Depois lhe deu um beijo selvagem, perigoso. Intenso.

Com uma urgência que fez com que Lindsay se agarrasse a ele com as duas mãos.

Nunca experimentara nada parecido. Gage a beijava como se tivesse esperado a vida inteira para fazê-lo. O que mais a surpreendeu foi ter se dado conta de que um beijo não seria suficiente. Ele fez uma pausa apenas para respirar, e então voltou a tomar-lhe os lábios. Com o mesmo abandono. Até que os joelhos de Lindsay começassem a tremer.

Uma vez liberta, ela esbarrou em algo. Viu a si mesma junto à cerca da varanda e segurou-se ali, respirando fundo. Chocada pelo fato de Gage ter agido daquela maneira, e por ter permitido isso... Permitido não, *desejado*... Lindsay levou a mão à boca e o encarou.

— Quando mudar de idéia sobre tomar uma cerveja comigo, mande me avisar —

ele disse.

Então se virou e caminhou até a picape, parada em frente à casa.

CAPÍTULO 6

Brandon não dissera uma palavra sobre o aniversário de casamento. Naquele dia, os dois completavam dez anos de vida em comum, e ele, ao que tudo indicava, esquecera. Isso doía. Joanie fez o possível para fingir que esse esquecimento era desimportante, mas em vão. Não queria brigar. Não naquele dia. Não quando parecia que tudo o que ambos sabiam fazer era brigar.

Não costumavam discutir em voz alta, com palavras duras e batidas de portas, da maneira como acontecia com alguns casais. Em vez disso, ignoravam um ao outro. Conversavam com educação, e evitavam dizer ou fazer algo que afligisse as crianças.

Sage, aos oito anos, era a mais sensível a essas coisas. Joanie queria poupar os filhos da infelicidade dos pais.

Na verdade, o fato de Brandon se esquecer dos dez anos de casamento não a surpreendia. Ele também não se lembrara do aniversário da esposa, em março. No Natal, dera-lhe um frasco de perfume, com o mesmo aroma do ano anterior. Joanie chegara a suspeitar que o marido comprara a ambos, com desconto, e guardara o segundo para o Natal seguinte.

No domingo de manhã, ao ver as crianças ansiosas pelo início das aulas, ela foi à cidade e passou o dia ali, providenciando cadernos, lápis e lancheiras. Quando voltou para casa, começou a preparar o jantar, determinada a tornar aquela noite especial, a despeito do esquecimento do marido.

Às seis em ponto, Brandon voltou do trabalho.

— O que temos para o jantar?

— Bife.

— Hum... Estamos comemorando alguma coisa?

— Nosso aniversário de casamento — ela informou, dando-lhe um breve sorriso.

— Esta manhã, fiz bolo de chocolate, seu preferido. Há pouco descongelei alguns pratos prontos e os servi às crianças. Pensei que seria melhor jantarmos a sós, apenas nós dois.

— Há quanto tempo estamos casados? — ele perguntou, abrindo a geladeira e pegando uma jarra de chá gelado.

Apesar das inúmeras queixas da esposa, ainda tomava o líquido direto do recipiente, sem colocá-lo em um copo.

— Dez anos — Joanie respondeu, pensando que o fato de Brandon ter feito aquela pergunta era mais um indicativo dos problemas daquele casamento.

— Seus pais enviaram um cartão, pelo correio. Coloquei no bufê.

Os Wyatt haviam se mudado para Fênix, no Arizona, perto da casa dos pais de Rachel. Brandon lhes pagava pelo uso da terra, um modo de garantir-lhes uma aposentadoria mínima.

Joanie não mencionou que seus próprios pais também haviam enviado um cartão,

porque falar neles significava provocar outra discussão. Se Brandon fosse olhar um dos cartões, encontraria o outro.

— Dez anos? — ele repetiu. — Faz tanto tempo assim? Ocupada com a salada de vegetais frescos, retirados da horta caseira, Joanie apenas assentiu. Os anos mais intensos de sua vida zombou. De um lado, os mais felizes, e, de outro, os mais difíceis. Pensando nisso agora ela percebeu que fantasiara a vida na fazenda e que fora uma ingênua ao concordar com aquele casamento. O fato de ter se unido a um homem teimoso também não ajudou em nada.

Quando Joanie passou a se sentir cada vez mais desenco-i ajuda e deprimida, ele jogou-lhe no rosto o fato de ser uma “garota da cidade”, como se isso. Fosse um defeito. Mais tarde, procurou lembrar-se do motivo porque se apaixonara por Brandon tentou recuperar o sentimento perdido. Mas parecia ser a única a agir assim.

Sage e Stevie não estavam acostumados a congelados esquentados no forno de microondas. Assim, comeram rapidamente e correram para o quintal, dispostos a continuar as brincadeiras. Enquanto o marido tomava banho, Joanie arrumou a mesa do jantar. Colocou sua melhor porcelana e talheres de prata. Brandon podia não apreciar seus esforços, mas estava determinada a tornar aquela noite tão especial quanto possível. Ao voltar à cozinha, ele nada comentou sobre o capricho da esposa, mas acendeu as velas.

— Quer abrir o vinho? — Joanie perguntou, levando a salada à mesa.

— Temos vinho?

Ela lhe entregou a garrafa que comprara no Buffalo Bob's.

— Acho que não devo convidá-la para jantar fora... — Brandon disse ao vê-la fritar os dois bifes.

— De todo modo, seria um desperdício, porque você cozinha melhor do que ninguém.

Era um elogio, ela pensou, embora tivesse preferido passar a noite fora da cozinha.

O jantar transcorreu bem. Os dois procuraram comemorar, tornar aquele um acontecimento íntimo. Por três vezes as crianças entraram em casa correndo, mas o pai, com ordens firmes, fez com que voltassem a sair.

Quando a refeição terminou, Joanie levou os pratos sujos à pia e Brandon foi dar uma volta no jardim. Agarrando-se ao tampo, ela fechou os olhos e tentou evitar o choro. Ambos haviam perdido algo vital. Como ter isso de volta? Quando procurou conversar sobre o assunto, o marido lhe disse que era feliz e que, se Joanie não era, o problema era exclusivamente dela.

— Joanie! — Brandon a chamou. — Pode vir aqui um minuto? No celeiro!

Ela enxugou as lágrimas, abriu a porta de tela e dirigiu-se ao pátio, incapaz de imaginar o que estaria acontecendo lá fora.

As crianças estavam com o pai, ao lado da caminhonete, pulando. Os três sorriam.

— Feliz aniversário, querida — Brandon disse, a se afastou. Ali, na caçamba do veículo, brilhando de tão novas, estavam uma máquina de lavar roupas e uma secadora. Joanie parou surpresa, incapaz de falar.

— Diga alguma coisa, mamãe! — pediu Sage, animada.

— Oh, Brandon! — ela exclamou, atirando-se nos braços do marido, soluçando de felicidade.

Ele a enlaçou e a apertou contra o corpo, sussurrando-lhe ao ouvido que a amava muito.

Joanie achou que não fosse suportar tanta alegria. Momentos atrás sentira pena de si mesma, convencida de que não era amada ou admirada. Mas então Brandon provou exatamente o contrário.

— Por que mamãe está chorando? — indagou Stevie, olhando para a irmã.

— Porque ela está feliz, seu bobo — Sage respondeu.

— Não chame seu irmão de bobo — repreendeu Brandon. Rindo e chorando a um só tempo, Joanie beijava o rosto do marido. Parecia impossível que ele tivesse conseguido manter o presente em segredo.

— Nós sabíamos desde a semana passada — revelou Sage acrescentando, com dignidade:

— E não dissemos uma palavra.

— Estou orgulhosa de todos vocês — disse Joanie, afastando-se do marido para abraçar os filhos.

— Esta tarde, enquanto você fazia compras, fomos até Grand Korks buscar as duas máquinas

— Brandon explicou.

— São lindas! — Ela correu os dedos pelas superfícies cintilantes.

— E você não se esqueceu da secadora!

— Achei melhor me garantir. Precisariamos de uma, mais cedo ou mais tarde.

— Oh, querido! — Joanie o beijou de novo. — São as mais lindas que já vi!

— Top de linha, meu amor. Você merece o melhor.

— Não consigo acreditar. Simplesmente não consigo.

— Gage disse que virá esta semana para me ajudar a instalá-las. Ela enxugou o rosto molhado de lágrimas e lhe deu um sorriso.

— Pensei que você tivesse se esquecido de nosso aniversário... Rindo, Brandon a abraçou mais uma vez. — Eu a amo, querida.

— Também o amo.

Você e mamãe vão recomeçar toda aquela cena? — perguntou Stevie, cobrindo os olhos.

Brandon riu de novo.

— Vocês dois foram ótimos — elogiou antes de fazer com que os dois saíssem do celeiro.

Abraçado à esposa, conduziu-a para dentro de casa. Quando chegou à varanda, deteve-se e piscou. Era um sinal antigo e familiar, que indicava vontade de fazer amor.

Joanie o abraçou pelo pescoço e levou os lábios para bem perto de seus ouvidos, para dizer:

— Vamos lá, parceiro. E sabe o que mais? Vai ser ótimo porque faz tempo que estou esperando por isso.

Brandon soltou uma gargalhada e, pegando-a pela cintura, rodopiou na varanda.

O restante da noite lembrou a Joanie o tempo de recém-casada. A expectativa. Aquela excitação crescente. As trocas de olhares. Dessa vez, porém, havia as crianças. E elas só foram para a cama às nove da noite.

— Ufa! Enfim, sós! — sussurrou Brandon, abraçando-a por trás.

Deslizou os braços até a cintura fina e moveu as mãos para dentro da blusa. Respirava pesadamente quando He tocou os seios. Sempre os adorara, e Joanie sempre gostara do modo como o marido os acariciava.

— Quando foi que você tirou o sutiã? — ele falou com voz rouca, cheia de desejo.

— Quando cheguei da cidade. Estava muito quente.

— Oh, querida...

Ela suspirou. Havia mais de seis semanas que não faziam' amor, mas parecia uma eternidade. Sentira falta daquela intimidade, daquele aconchego.

— Eu a amo muito — Brandon confessou, girando-a para que ficasse de frente a ele.

O beijo que se seguiu foi explosivo. Não demorou muito para que ambos deixassem a cozinha, apagando a luz e dirigindo-se para o quarto.

— Lembra-se do que me disse há pouco? — ele brincou. — Que seria ótimo porque estava esperando por isso?

Joanie riu e se atirou na cama.

— Venha até aqui e eu lhe mostrarei.

Não precisou fazer um segundo convite. Brandon tirou a roupa em tempo recorde.

Assim como os beijos, o amor também foi ardente. E maravilhoso. Depois disso, Joanie permaneceu deitada junto ao marido, feliz demais para adormecer.

— Se eu soubesse que a recompensa seria essa, teria comprado as máquinas muito antes!

— Oh, Brandon... Você não precisa comprar coisa alguma para fazer amor comigo. Sou sua esposa, não sou? Ele a trouxe para mais perto.

— As coisas vão melhorar querida. Prometo. Este ano as crianças estarão na escola em período integral, e isso fará com que você não fique mais tão amarrada à casa.

Joanie já pensara nisso.

— Você se importaria se eu conseguisse um emprego de meio período?

Ela sabia que Peggy Stablehaus precisava de alguém para trabalhar algumas horas por dia, no banco. Tinha experiência. Ao conhecer Brandon, era contadora.

— Faça o que quiser meu amor. Tudo o que desejo é vê-la feliz.

— Eu *sou* feliz.

Era verdade. Amava o marido, os filhos e, a despeito do que Brandon imaginava, amava também a fazenda. A vida conjugal não era exatamente como sonhara, mas, como tinham um ao outro, poderiam lutar juntos para torná-la melhor. Enquanto sentissem aquele amor, aquela paixão, tudo se arranjaria.

O difícil era esperar, ano após ano, que a safra de milho Tosse pródiga e alcançasse um preço justo. Também era duro ver o marido dar o sangue àquela terra apenas para ver os lucros se tornarem cada dia menores. Todavia, apesar dos problemas

e das incertezas, Joanie se sentia feliz ali.

— Eu o amo — sussurrou sonolenta, beijando-lhe o queixo. Tenho orgulho de ser sua esposa.

Brandon lhe afagou o cabelo e a cobriu, com o fino lençol de algodão. E então, satisfeitos, apaziguados, adormeceram.

Lindsay soube que teria problemas no momento em que os doze alunos começaram a chegar.

A primeira a entrar foi Calla Stern, toda de preto, com botas militares. Tinha um brinco no nariz e cabelo repicado, meio à moicano. Tudo, na garota, indicava rebeldia.

Kevin, irmão de Gage, viera em seguida, abraçado a uma jovem mais loira do que ele. Escolheram carteiras vizinhas e as arrastaram, para permanecer ainda mais juntos.

Dois adolescentes discutindo calorosamente disputavam, a cotoveladas, quem entraria antes na classe. Eram Larry e Bert, os famosos gêmeos da família Loomis. Lindsay os conhecera logo depois de chegar à cidade e ouvira histórias pavorosas sobre os dois. Viviam em Bellmont e iam à escola de ônibus.

Uma vez que ambos não conseguiam ter a mesma opinião em nada, ela, ingenuamente, sugeriu que ficassem em lados opostos da sala. Os garotos discordaram de maneira veemente. Haviam se sentado lado a lado durante toda a vida escolar e não permitiriam que uma professora novata da cidade os separasse.

Depois disso, seu dia se complicou. Às três e meia, quando a aula acabou, estava tão exausta que mal tinha forças para caminhar até sua casa. Seu desejo era cair na cama e, com os cães aos pés, dormir até a manhã seguinte. Não fazia idéia de que lecionar fosse uma tarefa tão cansativa, física e mentalmente. Um único período na escola a levava a concluir que os professores eram uma classe sub apreciada, para não dizer mal paga.

Em vez de refugiar-se na casa dos avós, decidiu visitar Hassie. Precisava de inspiração. Gage Sinclair previra que ela não resistiria à primeira tempestade de neve. Do modo como se sentia naquele momento, Lindsay julgava que não agüentaria nem mesmo até o final da semana.

— Hum... Parece que você precisa de um milk-shake duplo — Hassie comentou assim que a viu.

— E de uma carteira de aspirinas.

A boa senhora riu e foi até o balcão. Colocou o sorvete no liquidificador enquanto via a nova professora sentar-se em uma das banquetas e descansar a cabeça entre os braços, no balcão.

— Foi duro, não foi?

— Pior do que isso.

— Aqueles gêmeos valem por mil, não acha?

— Cheguei a uma profunda conclusão — disse ela, apoiando os cotovelos na madeira e, em um esforço supremo, levantando a cabeça. — Uma sala de aula não pode usufruir dos benefícios da democracia. Depois de hoje, será uma ditadura. Não sei o que pensar. Sinto que estou afundando, e que devo escolher entre afogar ou nadar.

— Você se sairá bem. Se quiser, posso fechar a farmácia amanhã e dar àqueles monstros uma aula de química da qual jamais se esquecerão.

— Vou agendar a sua palestra para a semana que vem. Joshua McKeena concordou em falar nesta sexta-feira.

Creio que Jeb também irá, daqui a algumas semanas, embora Sarah tenha me dito para não contar com ele. Embora Gage não tivesse dado nenhuma certeza, Lindsay tomara a liberdade de colocar seu nome na lista dos palestrantes.

— Mais alguém se ofereceu?

— Gage. Quer dizer... Mais ou menos.

Hassie pôs o copo de milk-shake em frente a ela.

— Por falar em Gage, parece que vocês andam se dando muito bem!

Lindsay estremeceu. Será que Hassie assistira ao beijo de sábado à noite?

— Ele foi até minha casa para...

— Vi a caminhonete dele parada lá. Não uma, mas duas vezes.

— Gage foi... Se desculpar. Hassie sorriu.

— Esse rapaz tem mais estilo do que eu imaginava.

— Oh! Então você... Viu?

Lindsay sentiu o rosto arder. Não tinha motivos para se sentir envergonhada, claro, mas... Bem, Hassie era a única pessoa, na cidade, que sabia da existência de Matt.

— Céus, Gage agiu como um galã de cinema! Eu não sabia que o rapaz beijava daquele jeito.

Lindsay teria preferido não discutir o incidente, mas, uma vez que a farmacêutica tocara no assunto, não poderia ignorá-lo.

— Sei o que viu, mas... Não foi bem como você viu. Rindo, Hassie inclinou-se para frente.

— Não precisa me explicar nada. Gage é um homem de valor. Vocês dois são jovens e, se estão envolvidos...

— Nós *não* estamos envolvidos.

Aquele era um caminho que ela queria evitar a todo custo. Ainda estava se recuperando de um relacionamento difícil. Não pretendia mergulhar em outro tão depressa.

— Gage Sinclair é um homem bom.

— Tenho certeza que sim, mas não estou interessada. Hassie não conseguiu disfarçar um sorriso. Pegou um pedaço

de pano e passou-o pelo balcão.

— Não tome decisões precipitadas, querida. Não sei o que teria acontecido a Lara e a Kevin se, depois da morte da John, Gage não tivesse assumido a fazenda. John era boa pessoa, mas não entendia muito de finanças. Estava afogado em dívidas quando faleceu. Por isso, em vez de comprar a própria fazenda, Gage decidiu trabalhar nas terras do padrasto. Sustenta a mãe e o meio-irmão.

Aquilo acendeu a curiosidade de Lindsay.

— Ele nasceu aqui? Hassie assentiu.

— Lara ficou viúva por quase dez anos até conhecer John e se casar com ele.

Gage tinha treze ou quatorze anos, na época. Foi para o Exército assim que se formou no colégio. Os militares gostam de garotos do campo, porque sabem dar duro e não vêem problemas em seguir ordens. Bem, ele ficou lá vários anos, e depois foi para a faculdade. Quando voltou, começou a trabalhar com John. Estava procurando uma fazenda para comprar quando o padraço morreu.

— Ele nunca foi...

Lindsay se deteve insegura sobre se devia fazer perguntas mais pessoais. Não que tivesse receio do que Hassie fosse pensar, mas porque poderia começar a ver Gage com olhos diferentes, e isso não faria bem a nenhum dos dois.

Afinal, apesar de dizer a si mesma que aqueles beijos não significaram nada, ela sentia uma enorme dificuldade em tirá-los da memória. Nunca fora beijada daquele jeito.

— Gage Sinclair seria um marido maravilhoso para você.

— Hassie! O beijo não quis dizer nada. Ele só esteve lá para se desculpar, como já expliquei.

— Duas vezes?

— Isso mesmo. Parece que começamos com o pé esquerdo e...

— Vocês dois protagonizavam uma bela cena, quando os vi - comentou Hassie, ainda sorrindo, satisfeita.

Lindsay percebeu que não adiantaria discutir. Essa mania de falar da vida de todo mundo fazia parte da vida das pequenas cidades. Seu pai já a alertara sobre isso. As pessoas achavam (lue tinham o direito de comentar tudo o que as outras faziam. Quase não existia privacidade. Fora uma tolice deixar Gage beijá-la na varanda. Claro que alguém iria vê-los.

— Aqui está — disse a boa senhora, entregando-lhe as aspirinas.

— Tome duas e me telefone pela manhã.

Depois do último gole na deliciosa bebida de chocolate, Lindsay foi para casa. Antes, porém, parou no correio. Em sua caixa postal havia uma carta de Maddy. Ela a leu ali mesmo, faminta por notícias.

Matt escrevera duas vezes. Na primeira, perguntara se Lindsay já mudara de idéia e se já estava pronta a voltar para Savannah. Ela atirou a carta no lixo. A segunda correspondência chegou dez dias depois, revelando aborrecimento pela falta de notícias. Teve o mesmo destino da outra. Afinal, até onde Lindsay sabia tudo já fora dito.

Naquela noite, depois de uma salada, e com os cachorros a HCUS pés, ela se sentou à mesa e escreveu uma longa resposta à amiga. Contou sobre seu primeiro dia como professora, sobre Calla Stern e sobre os gêmeos. Falou acerca das pessoas que conhecera desde que chegara, mas sem entrar em detalhes em relação a Gage. Confessou como o primeiro dia de aula destruíra suas ilusões.

Não revelou a frustração que sentia no tocante à lareira. Acabara com a estrutura inteira da peça para nada. Em algum lugar, naquele frontão, havia um esconderijo secreto, e dentro dele existia algo que vovó Gina guardara vinte anos atrás. Na verdade, o que começara como simples curiosidade se transformara em uma missão. Lindsay estava determinada a encontrar o tal esconderijo, mesmo que para isso tivesse de demolir a casa.

Depois do desabafo que fez, por carta, à melhor amiga, e se sentiu bem melhor. Afinal, aquele fora apenas seu primeiro dia na escola. As coisas acabariam se acertando.

Aquele era um período de adaptação para todos, alunos e professora.

O telefone tocou no momento em que Lindsay selava o envelope. Ela olhou para o aparelho. Tinha medo de que fosse algum pai, desaprovando o modo como conduzia a aula.

Se fosse, na certa concordaria com essa opinião.

— Olá — disse, procurando soar de maneira profissional e confiante.

— Oi. É Gage.

Era a última pessoa que ela esperava ouvir.

— Oh! Que bom que ligou.

— Verdade?

— Hassie viu você me beijar.

Lindsay não estava acostumada à vida em uma cidade pequena como aquela, e tinha a desconfortável suspeita de que a notícia já correria Buffalo Valley. Tinha certeza de que Hassie; seria discreta, mas quanto aos outros...

O riso alegre a aborreceu.

— Se isso não a incomoda, a mim tampouco.

— Na verdade, incomoda sim — foi a resposta curta e direta. Não tinha nenhum interesse em ser assunto de fofocas, em especial logo em seguida à sua chegada.

— Não se preocupe. Hassie jamais contaria a alguém. Não gosta de boatos.

Ao ver que Gage se divertia com a história, ela decidiu não mencionar seu receio de que o incidente tivesse sido visto por outras pessoas.

— Eu gostaria que você zelasse para que isso não voltasse a acontecer.

— Isso o quê? Beijá-la?

— Claro que sim!

— Quer dizer então que gostou? Tanto assim?

Lindsay praguejou em silêncio. Depois do dia que tivera, não estava com humor para as brincadeiras de Gage Sinclair,

— Imagino que tenha me ligado por algum motivo — falou decidida a cortar logo aquela conversa.

— Dois motivos.

Ela notou que havia suavidade naquela **voz**, o **que** a irritou ainda mais.

— Primeiro?

— Vou dar aquela aula sobre as abelhas, se você ainda quiser. A gratidão amenizou a raiva.

— Seria maravilhoso! Daqui a duas sextas-feiras estaria bem para você?

— Seria melhor em outubro.

— Ótimo. Agendarei sua palestra para a primeira sexta-feira de outubro.

Conversaram mais um pouco sobre o que ela pretendia com aquela lição de ciências.

— Agora, quanto ao segundo motivo de meu telefonema...

— Sim?

— Quer tomar uma cerveja comigo no Bob's, sábado à noite? Ela hesitou, ponderando sobre sua decisão. Estava tentada

a dizer "sim". Os beijos daquele homem faziam com que suas pernas ficassem bambas. Mas acabara de conhecê-lo e ambos já eram motivo de fofoca.

— Hum... Não creio que seja uma boa idéia. Gage fez uma longa pausa.

— Aquilo que eu disse sobre você ter alguém em Savannah... Verdade, não é?

Lindsay hesitou mais uma vez. Então admitiu a verdade.

— Sim, é. — Sentiu que era melhor ser honesta. — Resolvi dar um ano a mim mesma. O problema não é você, sou eu. Não quero sair de um relacionamento para entrar em outro.

— Ei, só a convidei para uma cerveja. Não se trata de um pedido de casamento.

— Sei disso, mas pensei... Oh, você sabe.

— Tem razão, eu sei. Não vou telefonar de novo.

— Talvez seja melhor.

— Da próxima vez, você terá de fazer o convite.

Rachel Fischer reconhecia uma boa pizza quando a saboreava. A sua, feita com massa crocante, caseira? Coberta com molho de tomates colhidos no quintal, era excelente. E, agora que contava com o forno, pudera inaugurar seu negócio.

Os quatro últimos anos foram muito difíceis. Só agora ela começava a se sentir otimista em relação ao futuro. Primeiro, Ken, seu marido, falecera, depois de travar uma árdua luta contra a leucemia. Na época, a fazenda estava hipotecada, e duas semanas após o funeral o banco a tomara, assim como os equipamentos e até mesmo a caminhonete.

Pouco depois, seus pais, donos do Morningside Café, decidiram fechar o restaurante e mudar-se para o sul. A mãe queria que Rachel se juntasse a eles. Buffalo Valley vivia a decadência e havia pouco a fazer ali. O convite era tentador, mas, no final, ela percebeu que Mark já tivera problemas demais para a pouca idade. Então o cargo de motorista do ônibus ficou vago e Rachel aceitou preenchê-lo. Foi morar na velha casa dos pais e, mesmo tropeçando, seguiu; em frente, como todo mundo, ali.

Em sua opinião, a sorte começara a mudar quando Hassie. Encontrara a professora para a escola. O ano que Lindsay Snyder passaria ali seria suficiente para a cidade começar a se reerguer.

Todos pareciam mais esperançosos.

Um comentário inocente do filho sugerira-lhe a idéia da pizzaria. Ele fora até Grand Forks, com um amigo, para um aniversário comemorado em uma pizzaria, e voltara dizendo que a pizza da mãe era *mnuito* melhor. No aniversário de Mark, Rachel convidou aqueles mesmo amigos e serviu-lhes o prato. Eles concordaram com o coleguinha. A mãe preparava a melhor pizza do mundo!

— Mamãe! — chamou Mark, entrando às pressas no restaurante na sexta-feira à noite, dia da inauguração. Estava tão animado quanto à mãe. — Entreguei os folhetos na cidade inteira! Quando os pedidos vão começar a chegar?

— Estou pronta para o trabalho — anunciou Calla, entrou atrás de Mark.

Rachel fizera um acordo com a garota. Uma vez que não poderia lhe pagar pela entrega das encomendas, propusera que ela ficasse com as gorjetas, além de ganhar uma pizza por noite trabalhada. O acordo fora levado a Sarah, mãe de Calla, a qual o aprovara de imediato.

Assim, Rachel, bastante esperançosa, esperava ir bem aos negócios. Sabia preparar uma pizza de primeira qualidade, mas, como empresária, apenas dava os primeiros passos. Tinha muito a aprender, e por isso avançar aos poucos era fundamental. Em uma primeira etapa, a pizzeria só ficaria aberta nos finais de semana. Depois, se tudo corresse como ela esperava, o horário poderia ser estendido.

Por enquanto, fazia apenas entregas. Quando tivesse quitado a dívida do forno, economizaria para comprar mesas, cadeiras e outros equipamentos necessários. Então aumentaria o cardápio e abriria o restaurante todos os dias.

— O que faremos se ninguém pedir pizzas? — indagou Mark. Calla, que se esticava em uma cadeira para ler uma revista, olhou para Rachel ao ouvir a pergunta.

— Ah, mas as pessoas vão pedir, sim — ela respondeu com toda a confiança.

Estava determinada a obter êxito naquela empreitada. Gomo motorista do ônibus da escola ganhava muito pouco. Dava apenas para ir tocando a vida. Além disso, trabalhava somente nove meses por ano. Por sorte, Hassie lhe pedia para fazer a contabilidade semanal da farmácia, o que também a ajudava, mas não era suficiente.

A pizzeria era seu sonho. Investira mais do que a massa e o molho de tomates no negócio. Investira o coração.

— Mamãe, lembra-se de quando estivemos em Grand Forks, no último verão, naquela mercearia enorme?

— Claro que sim — ela respondeu de modo um tanto ausente, analisando o folheto que mandara imprimir.

Custara caro, mas a propaganda, além da placa que colocara na janela do estabelecimento, eram as duas maneiras mais rápidas de fazer a notícia se espalhar na comunidade. Todas as crianças que usavam o ônibus da escola haviam levado para casa o volante amarelo, naquela semana, e Mark se encarregara de distribuir o restante pela cidade.

— Lembra-se também de que havia uma moça oferecendo alguns biscoitos, para a gente provar?

— Sim, lembro.

— Por que não fazemos a mesma coisa?

Rachel fitou o filho. Não parecia um gênio em marketing. Mas era.

— Que idéia fabulosa!

O garoto abriu um sorriso orgulhoso.

— Faça uma pizza de tomate seco, mamãe. É a mais gostosa.

— Está bem, querido.

— Quer que eu ajude? — o menino continuou, seguindo-a até a cozinha.

— Não é preciso, meu bem. Você e Calla podem atender os clientes

— Rachel instruiu, apontando para o ultrapassado telefone preto sobre o balcão.

— Certo.

A vontade de Mark, de fazer parte do negócio, era mesmo uma bênção. Mas, por outro lado, Rachel temia o rápido amadurecimento do filho.

A pizza finalmente ficou pronta. Ela a cortou em quadradinhos colocou-os em uma travessa de papel-cartão e a entregou a Mark.

— A idéia foi sua. Por isso, acho que você deve ser o primeiro a ter a honra de distribuir as provas.

— Eu? — Os olhinhos do menino arregalaram-se, pela expectativa.

— Quero que você e Calla ofereçam os pedacinhos de pizza a todas as pessoas que estiverem na Avenida Principal. São cinco horas, e vai demorar a anoitecer.

Calla pôs de lado a revista e correu para fora, atrás de Mark.

Rachel não precisou esperar muito para atender seu primeiro cliente. Mas ficou surpresa ao vê-lo. Heath Quantrill não era sua pessoa predileta. Não sabia o que pensar dele. Claro que ouvira os rumores sobre suas aventuras ao redor do mundo. A maioria talvez nem fosse verdadeira, mas toda aquela especulação em torno do banqueiro tornava o dia-a-dia mais interessante. Ele era atraente, e Rachel não conseguia evitar a curiosidade acerca de sua vida pessoal. Estaria envolvido com alguém? Provavelmente sim. Mulher alguma deixaria um homem daquele fugir entre os dedos. Heath, porém, a deixava intimidada.

Ele recusara o empréstimo, a princípio, mas depois mudara de idéia. Rachel não sabia por que, e não iria perguntar. Temendo que Heath mudasse de opinião de novo, comprara o forno no dia em que pusera as mãos no dinheiro.

— Oi. — Ele se deteve, olhando ao redor. — Vejo que finalmente abriu a pizzeria.

— É verdade.

Rachel colocou o ralador de queijo sobre a pia, antes que cortasse os dedos. A presença do banqueiro a perturbava, e ela procurava esconder o nervosismo.

— Acabei de experimentar um pedaço de sua pizza. E uma delícia!

— Obrigada. Mas não fique tão surpreso assim. Minha receita é especial.

— O preço que consta no folheto está correto? — ele perguntou, mostrando-lhe o volante amarelo.

— Sim, está.

Rachel escolhera um preço baixo para atrair os clientes que costumavam comer as pizzas congeladas vendidas no Buffalo Bob's. As suas eram melhores e mais baratas:

— Você não está cobrando o bastante.

— A pizza que faço é dois dólares mais barata do que a do Bob's.

Ela *não gostou* da atitude de Quantrill. O banqueiro fora rico a vida inteira e não entendia que aquela iniciativa era tudo para Rachel.

— Assim, você não terá uma margem de lucro suficiente. Ela franziu a testa. Tomara aquela decisão depois de refletir muito. Julgava que vender a um preço menor do que o do concorrente seria a melhor estratégia.

— Se quiser ir ao banco na semana que vem, ficarei feliz em lhe mostrar como estabelecer um valor competitivo e que ao mesmo tempo lhe dê um lucro razoável.

— Não posso fazer isso. Já distribuí os folhetos com esse preço.

— Diga a todos que é uma promoção de inauguração e que mais tarde a quantia

voltará ao normal.

— Posso fazer isso?

— Claro. Além disso, depois que eles experimentarem sua pizza, vão pedir mais.

Heath pareceu sincero, o que a deixou satisfeita.

— Está bem, então. Irei procurá-lo na próxima semana.

— Ótimo. — Ele colocou o folheto no balcão. — Bem, agora quero pedir uma pizza de tomate seco. Com preço promocional.

As aulas haviam se iniciado havia um mês e Lindsay começava a achar seu caminho como professora. Saía-se melhor a cada dia. Não era fácil juntar os quatro anos do ensino médio, mas ela fizera contatos com outros professores da região e conseguira o apoio da comunidade. A maioria desejava conhecê-la e ajudá-la de todas as maneiras.

Até aquele momento, a cidade ainda parecia dividida a seu respeito, e acerca do que esperar. Mas todos lhe estavam gratos por ter aceitado o posto de professora. No fundo, a reserva de muitos era perfeitamente natural. Afinal, aquela era uma pequena comunidade rural, conservadora e provavelmente resistente a mudanças. Além disso, vivia tempos difíceis.

Lindsay se sentia desapontada pelo fato de não haver feito novos amigos. Tinha Hassie, sua confidente e conselheira. Mas até o momento trocara apenas algumas palavras com Sarah Stern e Rachel Fischer. Não estava certa quando à primeira, mas a segunda parecia simpática preocupada somente com a pizzeria. De todo modo, ela suspeitava que, com o tempo, as coisas entrariam em seus devidos lugares. Hassie lhe dissera que, quando chegara a Buffalo Valley, logo depois da Segunda guerra Mundial, também fora recepcionada com carinho.

O ponto mais importante, porém, era ter conseguido chegar ii um acordo com os alunos. Depois que as regras básicas foram estabelecidas, ela descobriu que todos estavam ansiosos para adquirir conhecimentos. O fato de ser jovem ajudava. Os garotos consideravam-na "legal". Ficaram impressionados com o que chamavam de "sofisticação urbana", em especial quando Lindsay pediu para ser chamada de Srta. Snyder.

Ninguém usava o tratamento respeitoso, porém, não importava quantas vezes fosse corrigido. Depois de algum tempo, ela simplesmente desistiu. Nunca se julgara sofisticada, mas para os jovens de Buffalo Valley parecia representar todo o fascínio da cidade grande. Lindsay fizera uma coleta e, com a boa vontade dos pais, retomara programas que haviam sido abandonados por falta de verbas. Muitas vezes usava suas próprias economias, que não eram muitas.

Levou a máquina fotográfica à escola quando soube que os alunos jamais haviam feito um álbum. Logo havia imagens suficientes para um enorme mural. Além disso, Jéssica e Calla se ofereceram para fazer um jornalzinho. Não demorou muito e a classe inteira estava envolvida no projeto.

Certa tarde, quase por acidente, ela viu Kevin desenhando e descobriu que o irmão de Gage era um artista muito talentoso. Tímido, o garoto não gostava de exibir seus trabalhos. Mas, depois de alguns elogios, concordou, juntamente com Joe e Mark Lammermann, a pintar um mural em uma das paredes da sala de aula.

Os palestrantes da comunidade deram uma nova dimensão às tardes de sexta-feira. Já havia diversas aulas agendadas, e outras continuavam sendo marcadas. Por várias vezes ela se revoltara contra á reserva e a relutância da cidadezinha. Mas nunca se apressara, nem pressionara ninguém.

Joshua McKenna foi o primeiro voluntário. Sua família chegara a Dakota do Norte em 1888, um ano antes de a região ser promovida a Estado. Levara para a escola documentos originais, que pertenceram a seu tataravô, além de contar histórias interessantíssimas. Histórias que envolviam invasões de gafanhotos, secas e tornados. A aula, que devia ter durado uma hora, estendeu-se por três.

Os alunos, fascinados, falaram no assunto durante dias. E acrescentaram às informações de Joshua um material rico, conseguido junto às próprias famílias.

Lindsay observou-lhes o orgulho e o forte laço familiar que mantinham. Encorajou ambos. Ao fazer isso, teve vontade de saber mais a respeito dos avós e da vida que haviam levado na fazenda. Infelizmente, na época, era pequena demais. Nada se lembrava daquela fase. Tinha seis anos quando vovó e vovô Snyder venderam a propriedade e se mudaram para a cidade. Não havia a quem fazer as perguntas que a interessavam, uma vez que os parentes dos dois lados ou estavam mortos ou moravam muito longe. Seu pai, por exemplo, saíra de Buffalo Valley ao terminar o ensino médio, e ela ouvira, dos lábios do avô, muitas histórias sobre tempestades e reuniões de família.

Estava começando a se sentir bem por causa do rumo que as aulas vinham tomando quando deparou com outro tipo de crise.

Era quinta-feira, última semana de setembro. Kevin entrou na classe em silêncio, junto com uma igualmente taciturna Jéssica. Acomodaram-se nas carteiras, mal-humorados e nada comunicativos.

A princípio, Lindsay pensou que aquele comportamento se devesse a alguma briga entre namorados, mas, quando os gêmeos chegaram, viu que a situação tinham um alcance maior. Os dois irmãos, normalmente turbulentos, estavam sérios. Calla, de testa franzida, deixou-se cair no assento, apoiando as duas mãos no tampo.

— Ei, o que está acontecendo? — Lindsay quis saber, estranhando aquela atitude.
— Vocês estão agindo como se o inundo fosse acabar amanhã!

— Então você não sabe? — Kevin perguntou, com expressão surpresa.

Ela balançou a cabeça, em uma negativa.

— Conte-me.

— Não ouviu as notícias agrícolas esta manhã? — Calla surpreendeu-se.

Lindsay deu de ombros.

— Ouvi que este será. Um ano excelente para o milho.

Sempre que ela ligava o rádio, ouvia conversas sobre colheitas. Falavam também da carne de porco como alternativa aos grãos e outros assuntos que não a afetavam. Ou melhor... Que *pensava*, ingenuamente, que não a afetavam

A safra do milho será ótima mesmo. O problema é que ninguém está disposto a pagar um preço decente pelos esforços de quem planta — disse Stan Muller, na certa repetindo as palavras do pai.

— Mamãe estava chorando quando vim para a escola — contou Jéssica. — Não queria que soubéssemos, mas é impossível esconder uma coisa assim. Teremos outro ano cheio de necessidades. E precisamos de tanta coisa... — A voz era embargada. — Papai já avisou que posso esquecer a faculdade, depois de me formar.

— O preço do trigo já está super baixo, bem menor do que o esperado. E o milho segue pelo mesmo caminho. Não é justo.

— Gage está bastante preocupado — afirmou Kevin. — Mamãe lhe disse que o

Senhor ouvirá as nossas preces, e meu irmão respondeu que Ele não está ouvindo. Vamos precisar de toda a ajuda possível para atravessar o ano.

Um a um, os alunos desabafaram, falando das conseqüências devastadoras que os preços baixos teriam sobre suas famílias. Até mesmo os adolescentes que viviam na cidade, não nas fazendas, mostravam-se completamente desolados. Lindsay então compreendeu o verdadeiro sentido da palavra "comunidade". Significava importar-se com tudo o que acontecia à vizinhança.

Naquela tarde, na cidade, ela avistou Gage; Vira-o apenas uma vez depois do episódio do beijo.

Ambos tinham se encontrado na calçada em frente ao correio, na semana anterior. Ele pareceu encantado com o acaso. Disse que estava esperando que Lindsay o convidasse para uma cerveja. Gorando, ela se afastara certa que alguém escutara o comentário. Ao fazer isso, ouviu-lhe a risada divertida.

Na quinta-feira à tarde avistou-o do lado de fora do Buffalo Bob's. Dessa vez, esqueceu o embarço e aproximou-se, decidida.

— Gage! — chamou, erguendo a mão para lhe atrair a atenção. Ele hesitou, mas aguardou até que Lindsay atravessasse a

rua. Não sorria.

— Gostaria de lembrá-lo da aula que vai dar na sexta-feira.

— Aula? — Gage repetiu, como se não soubesse do que se tratava.

— Sim. Sobre as abelhas.

— Ah, claro. Está bem.

Os olhos azuis, sempre tão lindos, pareciam frios e sem vida. Lindsay não sabia o que dizer, ou como dizer. Mas não deixaria de dar alguma palavra de estímulo.

— Os alunos me contaram sobre os preços dos grãos. Sinto muito. Muito mesmo

— falou, apoiando a mão em seu braço.

— Também sinto — Gage respondeu, e em seguida dirigiu-se ao Bob's, como se fosse incapaz de prosseguir com aquela conversa educada.

Lindsay sentiu nele uma raiva prestes a explodir. Era como se o fazendeiro tivesse chegado ao limite. Lutou contra a vontade de segui-lo. Poderia ao menos ouvir-lhe as queixas, mas ao que tudo indicava ele não estava disposto a dividir suas preocupações. Mais, deixara claro que a companhia de Lindsay não era bem-vinda.

Ela caminhou até a mercearia, e lá encontrou Rachel Fischer.

— Você soube? —: a moça perguntou.

— Sim, soube. Não me dava conta de quão importante isso era para a comunidade. Tudo é muito novo para mim.

— Só se consegue entender uma coisa quando ela nos atinge, não é mesmo?

— Você está preocupada? — Lindsay perguntou.

Rachel colocara seu futuro naquela pizzeria. Seria terrível ter de fechá-la sem nem mesmo ter tido a chance de experimentar-se no negócio.

— Muito — a viúva confessou. — Pizzas são um luxo, por aqui. E os fazendeiros da região esperavam que os preços deste ano fossem bons. As novidades foram um balde de água fria cm todo mundo.

— Pode-se fazer alguma coisa a respeito?

— Acho que não. Todas as tentativas já foram feitas.

— Mas o governo...

Rachel balançou a cabeça, desanimada.

— Para os fazendeiros, é o governo que os está afundando. É trágico. Os pequenos fazendeiros dos Estados Unidos estão sendo destruídos. Muita gente não terá como passar o inverno!

Lindsay percebeu que ainda tinha muito a aprender.

— O que irá acontecer?

A outra desviou a vista, como se o simples ato de falar também fosse doloroso.

— O banco não terá escolha a não ser executar as hipotecas e as outras dívidas. Alguns podem ter sorte e conseguir vender suas fazendas, mas os outros... Esses simplesmente terão de partir. Sem nada.

Isto é, só com as dívidas.

— Oh, não!

— Algumas das famílias vêm cuidando das terras há três ou quatro gerações. E, agora, vêem-se na iminência de perdê-las. Isso me corta o coração. Imagine... Sobreviver à Grande Depressão, às secas e a tudo o mais só para depois perder tudo o que têm... — Rachel fez uma pausa. — Um homem fica arrasado quando não consegue sustentar sua família. Sente-se ludibriado e furioso. As pessoas, aqui, sempre tiveram uma aguda noção de ética, sabe?

Lindsay assentiu. Já notara isso.

— Eu gostaria de poder ajudar, de alguma maneira.

— A cidade vai perder mais habitantes. E já conta com menos da metade da população que tinha quando eu era criança.

Marta Hansen as ouviu conversando e reuniu-se a elas.

— Este é o fim da linha — anunciou. — Eu disse a Jacob que é melhor vender tudo enquanto podemos.

— As coisas irão melhorar Sra. Hansen — Rachel disse com gentileza.

Marta fez que não com um gesto de cabeça.

— Todos afirmam isso há anos, e as coisas só pioram.

— Vocês não vão deixar Buffalo Valley, vão?

— Jacob não gosta de me ouvir falar nisso, mas esta manhã, quando soube dos preços do milho, logo depois da queda no valor do trigo, apenas balançou a cabeça. Concordou que é impossível permanecer aqui.

— Estão pensando em fechar o armazém? — perguntou Lindsay, alarmada.

— Está à venda — Marta respondeu. — Vamos embora assim que pudermos.

Para Joanie, o jantar foi uma ocasião triste. Os preços dos grãos haviam sido anunciados naquela manhã, e Brandon desaparecera a tarde toda. Nas outras ocasiões em que isso acontecera, soubera onde encontrá-lo. Mas, agora, não fazia idéia. Era como se o marido quisesse se esconder do mundo. E da família. Fechava-se em si mesmo e não falava com ninguém, nem mesmo com ela.

As crianças sentaram-se à mesa, mas mal tocaram na comida. Joanié esforçava-se para manter um pouco de conversa.

— Como estava a escola hoje?

— Boa — respondeu Sage.

— É — concordou Stevie, com um dar de ombros. Joanie não tinha certeza se o filho de seis anos entendia o

Significado do que estava acontecendo, mas uma coisa era certa: ele compreendia que, fosse o que fosse, era algo ruim.

Brandon chegou à seguida e não quis jantar, apesar da saborosa lasanha, seu prato favorito. Joanie desejava que ele se abrisse. Eram sócios, na fazenda. Companheiros. Uma equipe. Magoava-a ver que o marido a colocava de lado logo agora. Principalmente porque o relacionamento vinha melhorando dia após dia.

Depois da refeição, as crianças subiram para seus quartos, a fim de fazer a lição de casa, e Brandon sentou-se em frente a televisão.

— Falei com Heath Quantrill esta tarde — contou Joanie, juntando-se ao marido.

O comentário chamou-lhe a atenção.

— Sobre o quê?

— O trabalho de meio-período. Lembra-se? Os olhos masculinos faiscaram furiosos.

— Esqueça isso. Ligue para ele amanhã de manhã e diga que desistiu.

O coração de Joanie quase parou. O tom de Brandon foi muito rude. Ela precisou de toda a força de seu caráter, bem mino de seu amor, para não se deixar vencer pela raiva.

— Semanas atrás, nós dois conversamos sobre a possibilidade de eu trabalhar fora. Está lembrado? E você escolheu logo hoje para pedir esse emprego?

Na verdade, ela submetera a solicitação ao banco bem antes, no começo da semana.

— O que importa o dia?

— Ah, importa sim.

— Mas...

— Sempre sustentei esta família e vou continuar sustentando,

— Querido, meu trabalho nada tem a ver com isso. Já falamos no assunto.

Ele não respondeu. Saiu da poltrona e foi até a porta. Joanie decidiu que dessa vez não o deixaria se afastar. No passado, ficava sentada, quieta, mas agora isso mudara.

— Brandon, espere! — disse, correndo para fora da casa.

— O que foi? — Ele perguntou, já cruzando o pátio. Joanie gostaria de lhe dizer que também estava desapontada

por causa dos preços dos grãos. E que tudo o que acontecia a Brandon dizia respeito a ela. Respirou fundo e falou:

— Nós vamos vencer mais essa dificuldade. — Notou-lhe o olhar distante e percebeu que o marido não estava disposto a escutar palavras de otimismo. Mesmo assim, continuou: — Já passamos por fases complicadas antes. E as superamos. Fare-

mos isso de novo.

— E isso que nosso casamento significa para você, não é? Uma longa fase complicada!

Por que ele às vezes tornava tudo tão difícil?

— Sabe que isso não é verdade.

— Mas você sofre bastante, não é?

As palavras soaram carregadas de sarcasmo.

— Pare com isso. Sei que está aborrecido, mas eu também estou. Acaso me criticar faz com que você se sinta melhor? — Fechou as mãos. — Só estou tentando ajudar.

— Arrumando um emprego no banco?

— Sim... quer dizer, não. Estou tentando sustentar a família porque você não pode fazê-lo.

Não era o que Joanie queria dizer. Mas disse. E essas palavras funcionaram como uma espécie de estopim.

— Se não fosse por você, nada disso estaria acontecendo! — ele gritou.

— Quer dizer que agora a culpa é minha? — Ela balançou a cabeça. Brandon perdera a razão.

— Está me responsabilizando pelo baixo preço dos grãos? — Sua voz falhou. Como o marido podia sugerir uma coisa dessas? — Tem idéia de como isso é ridículo?

— Você não é culpada pelo preço dos grãos, droga! O problema é a máquina de lavar!

— O que a lavadora tem a ver com isso?

— Emprestei dinheiro para comprá-las, achando que seria rapaz de honrar esse compromisso com a venda do milho.

Agora Joanie começava a entender o desespero do marido. Não haveria dinheiro para pagar o empréstimo.

— Brandon...

— Eu devia saber! Devia!

— Querido, eu não sabia que... Ele acariciou-lhe os cabelos.

— Agora sabe.

— Ouça, faz apenas um mês que as máquinas estão conosco. Talvez possamos devolvê-las. Talvez, se conversarmos com...

— Não. Acaso você tem alguma outra idéia brilhante? Joanie mordeu o lábio inferior, no esforço para conter as lágrimas. Correu para a casa, sentou-se à mesa da cozinha e escondeu o rosto nas mãos. Brandon estava mesmo furioso com ela. Mas também reagia contra a dureza da vida. Trabalhara tanto, investira toda a sua energia nos campos e, agora, via esse esforço cair ao chão, sem recompensa. Jogava a frustração na esposa porque era a pessoa mais próxima.

Mas, mesmo sabendo disso, ela se sentia ferida. Se aquela explosão tivesse acontecido semanas atrás, teria entendido a raiva do marido. Mas, depois da noite do aniversário de casamento, as coisas tinham melhorado muito. Os dois pareciam haver

resgatado a intimidade que costumavam compartilhar. No primeiro dia de nula, Brandon a levava, de trator, até o campo. Lá, haviam corrido pelos prados, rindo, brincando. Como nos velhos dias.

No domingo, ele a acompanhara à missa pela primeira vez em meses. Os dois vinham fazendo esforços, desde o aniversário de casamento, no sentido de arranjar tempo para a intimidade, o amor.

Mas hoje os preços haviam sido divulgados. E o idílio acabara,

— Mamãe? Ao ouvir o chamado suave, ela se virou e viu Sage em pó, junto à mesa, o rostinho preocupado.

— Está chorando?

Joanie respondeu com um sorriso e enxugou as lágrimas, incapaz de mentir para a filha.

— Você e papai brigaram de novo?

Colocando um braço em volta dos ombros pequenos da garotinha, ela tentou explicar a situação.

— Papai está preocupado, e nós dois dissemos coisas que não queríamos dizer.

— Também estou preocupada. Nós vamos perder a fazenda?

— Claro que não, meu amor.

— Hoje, na escola, Danny Hoffman disse que sua família vai vender a terra.

Joanie afagou a cabecinha da filha.

— Não precisaremos fazer isso, querida.

— Danny não quer ir morar na cidade.

— Sei disso. Mas não precisa se preocupar. Conosco, está tudo bem.

— Entre você e papai também?

— Também. Sage relaxou.

— Que bom. Não quero que vocês peçam o divórcio.

— Oh, mas nós não vamos nos divorciar.

— Promete?

— Prometo amar seu papai durante toda a minha vida. Agora, diga-me se já terminou a lição de casa.

— Terminei. Stevie está brincando com seus carrinhos, mas, quanto a mim, li tudo o que você mandou.

— Ótimo para você, querida.

Joanie sorriu, e as duas se abraçaram com força.

Era quase meia-noite quando Brandon voltou para casa. Joanie já se achava na cama, incapaz de dormir, preocupada com o marido. Mas fingiu estar adormecida quando ele abriu a porta do quarto e entrou. Despiu-se em silêncio, no escuro, com cuidado para não acordar. O colchão afundou sob o peso de Brandon, que se virou para o lado oposto ao da esposa.

Mesmo assim, ela conseguiu sentir cheiro de álcool.

— Joanie? — sussurrou a voz áspera e enrolada. — Está dormindo?

Ela engoliu em seco.

— Não.

Brandon virou-se, abraçando-a por trás e alcançando-lhe os seios.

— Onde você esteve? — Joanie perguntou.

— No celeiro.

— Tinha alguma garrafa de bebida guardada lá?

— Não comece.

— Começar com o quê? — ela indagou, indignada. Acaso Brandon pensava que podia chegar em casa naquele

estado, no meio da noite, depois de ter se comportado daquela maneira rude, e ainda fazer amor?

— Com outra briga.

— Oh, suponho que a culpa também seria minha...

— Por favor, não. Esta noite, não. Ao menos uma vez pode me dar algo que desejo sem discutir?

A indignação cresceu.

— Dar-lhe o que deseja? E o quê, exatamente, você quer de mim?

Brandon pressionou o corpo contra o dela.

— Deve ser óbvio, não? Vamos lá, querida. Desculpe-me. Vamos esquecer o que houve, está bem? As coisas andavam tão boas, nos últimos dias...

— Você me disse palavras terríveis.

— Eu sei.

— Desabafou em mini suas frustrações e, agora, quer se aproveitar de meu corpo pelo mesmo motivo. Eu o amo, sou sua esposa, mas não admito ser usada dessa maneira.

Ele permaneceu imóvel por um instante. Mas,, depois, virou-se com tanta violência que quase arrancou os lençóis.

— Certo. Esqueça. E pode acreditar em uma coisa: vou demorar a procurá-la de novo.

— Já que sou culpada pela queda nos preços dos grãos, por que você toca em mim? Isso me surpreende!

Ao que tudo indicava, ele estava furioso demais, ou bêbado demais, para ficar à vontade. Levantou o travesseiro.

— Ouça, se quer um emprego no banco, tudo bem. Se acha que pode sustentar esta família melhor do que eu, vá em frente.

— Ótimo.

— Talvez Quantrill possa descontar as parcelas do empréstimo de seu salário.

— Não precisa se preocupar com isso. — Ela respirou fundo e contou o que tentara dizer antes, sem êxito: — Heath me disse que já demitiu uma contadora. Não

precisa de mais ninguém.

Brandon pareceu adorar a informação.

— Que pena, não é? — zombou.

Joanie percebeu que a proximidade conseguida na noite do aniversário de casamento fora destruída. No entanto, alguma coisa mais se acabara. Sua esperança de transformar aquele casamento no relacionamento com que sempre sonhara. Estada tudo perdido. Irremediavelmente perdido.

No sábado à noite, Gage sentou-se sozinho a uma mesa do Buffalo Bob's, bebendo uma cerveja. Fora até a cidade em busca de companhia, e esperava que o bar estivesse mais animado.

— Onde anda todo mundo? — perguntou quando Bob levou a segunda garrafa.

— Aqui é que não estão infelizmente.

Desnecessário dizer que os fazendeiros haviam ficado sem rumo depois do anúncio dos preços agrícolas. Gage também devia ter ficado em casa em vez de sair e gastar alguns poucos dólares que poderiam lhe fazer falta. Mas foi incapaz de permanecer na fazenda, com a mãe e o irmão, fingindo que tudo estava bem, porque não estava. Mas nenhum dos dois parecia disposto a encarar a gravidade da situação. Ou talvez sim, e se sentissem preocupados quanto ao que o futuro lhes reservava. De todo modo, Gage precisava dessa escapadela.

Outro motivo que o levava à cidade, claro, era Lindsay Snyder. Esperava poder cruzar com ela por acaso, como nas outras ocasiões.

A professora não fazia idéia de como o breve encontro de quinta-feira à tarde o ajudara. O olhar preocupado o enternecera. E quando, em um gesto de gentileza, ela tocou-lhe o braço, Gage precisou de toda a sua força de vontade para não agarrá-la ali mesmo, na rua. Queria ter recebido o calor, o carinho que vinham de Lindsay. Naquele momento, sentira *necessidade* da moça.

Infelizmente, ela deixara claro que não estava interessada. Tudo bem. Quer dizer, tudo bem nada, mas a rejeição era ao menos aceitável. Não ia mais pressioná-la nem avançar o sinal.

Desejou jamais tê-la beijado. Aquilo fora um erro. O sabor daquela mulher ficara impregnado em seu corpo, em sua mente. Nos momentos mais inoportunos ele se sentia imerso nas ondas do desejo, e queria ser capaz de tirá-la da cabeça. Fora assim desde o momento em que a vira pela primeira vez. A imagem feminina o atormentava. Principalmente à noite.

A honestidade de Lindsay fora uma boa surpresa. Tivera a coragem de admitir ter aceitado o posto de professora para fugir de um relacionamento infeliz. Ele, porém, evitava imaginá-la nos braços de outro homem. Evitava pensar nela de qualquer modo, mas vinha perdendo essa batalha.

— Onde está Merrily? — perguntou a Bob, na tentativa de tirar Lindsay da memória.

O outro balançou a cabeça, triste.

— Foi embora.

— De novo?

O rapaz abriu uma cerveja e tomou alguns goles.

— Mas desta vez deixou um bilhete.

— Disse para onde ia?

— Duvido que saiba.

— Vou sentir a falta dela.

Merrily tinha um jeito sereno. Era quase como se visse o pior lado das pessoas e mesmo assim as aceitasse. Nunca forçava uma conversa, nunca se intrometia nos assuntos alheios. Mas era simpática e aberta. Todos os que iam ao Buffalo Bob's sabiam que, com ela ali, ao menos poderiam rir um pouco.

— Também sentirei saudade — disse Bob, o olhar desolado.

— Ela vai voltar?

Gage sabia que a moça costumava se comportar assim. De vez em quando desaparecia, mas sempre acabava voltando.

— Não sei. — Bob tomou um longo gole de cerveja. — Não há nenhum motivo para ela continuar vivendo aqui. — Por quê?

— Olhe à sua volta — o rapaz falou, fazendo um amplo gesto. — Não estou exatamente bem de vida, não acha? Gage precisava admitir que isso era verdade.

— Bem...

— Não serei capaz de tocar os negócios por muito tempo se as coisas continuarem assim.

— Ouvi dizer que os Hansen puseram o armazém à venda.

— É verdade. Se dependesse de Marta, eles já teriam ido embora há anos. Você vai ficar?

A pergunta pegou Gage de surpresa.

— Claro que sim. Buffalo Bob sorriu.

— Foi o que imaginei. Você é como eu. Teimoso demais para reconhecer que perdeu.

Até o momento Gage jamais pensara nisso. Mas talvez o amigo tivesse razão.

— Você vem se dando bem com a nova professora?

— Que quer dizer? — ele perguntou desgostoso com o rumo da conversa.

— Ouvi falar que você... Bem, que gosta dela. Gage fez uma careta. E mentiu:

— Ouviu errado.

Buffalo Bob arqueou as sobrancelhas.

— Por falar no diabo... Veja quem chegou.

Gage se virou a tempo de ver Lindsay entrando no bar. Usava jeans, camiseta azul-escura e estava coberta com um pó bem fino. Na certa devia ter estado trabalhando na lareira de novo.

— Bem-vinda — saudou Bob. Ela piscou e olhou para Gage.

— Posso lhe servir uma cerveja? — o rapaz continuou. Lindsay hesitou.

— Não, obrigada. Vim ver se consigo alguma ajuda.

— Já conseguiu. Gage ficará feliz em auxiliá-la.

— Você não se importaria? — ela perguntou, fitando o fazendeiro.

— Farei o que puder — ele respondeu.

Era tudo o que queria, na verdade. Esperava ardentemente que algo assim acontecesse, mas não tinha a menor suspeita de que *iria* mesmo acontecer.

Lindsay então saiu, com a mesma determinação com que entrara.

— Bem, meu amigo, vá — Buffalo Bob o apressou. — Odeio mandar os clientes embora, mas a cavalo dado não se olham os dentes.

Gage engoliu o último trago e correu atrás de Lindsay.

Ela esperou que estivessem dentro da casa para fazer um gesto em direção à lareira. Forçara vários tijolos e os soltara, aparentemente sem motivo.

— Este é seu... Novo projeto? — ele perguntou curioso. Lindsay corou.

— Estou tão frustrada que seria capaz de gritar.

— Não acha que já é hora de me contar o que está se passando?

Ela gemeu e se deixou cair no sofá.

— Há um tijolo falso nesse frontão. Eu o vi quando era menina e pretendo encontrá-lo.

— Um tijolo falso?

— Sim. Na verdade, não o vi mover-se, mas ouvi o movimento. Faz um barulho típico. De alguma coisa raspando em outra.

— Quantos anos você tinha?

— Isso importa?

— Não, mas às vezes deixamos as fantasias tomarem conta e...

— Sei muito bem o que vi.

— Acredito. Por isso, não precisa ficar com raiva. — Gage queria tudo, menos uma discussão.

— Lembrou-se de perguntar a seu pai sobre isso?

— Sim, mas ele não sabe nada a respeito,

— Mas...

— Até onde sei apenas uma pessoa conhecia o segredo, e essa pessoa está morta.

— Certo — ele respondeu determinado a pensar em outra solução.

— Eu não devia estar lhe falando a respeito disso, mas é que estou tão frustrada! Sei que o tijolo está aqui. Tenho certeza.

— Consegue se lembrar, ao menos vagamente, do lugar onde ele se encontra?

— Acha que, se eu me lembrasse, ia praticamente destruir o frontão, tijolo a tijolo? Venho fazendo isso há semanas e não consegui absolutamente nada, a não ser quebrar minhas unhas

— ela desabafou, mostrando as mãos.

— O que gostaria que eu fizesse? Lindsay suspirou.

— Que pegasse um martelo e pusesse a lareira toda abaixo. Gage hesitou.

— Já considerou que isso poderia provocar um estrago na estrutura da casa?

— Não. Mas isso não importa. — Sua voz soava cansada e furiosa.

— Do jeito como as coisas estão, vou ter mesmo que contratar alguém para consertar os danos que já causei.

Gage olhou para a lareira antes de fitá-la.

— Você já jantou?

— Não.

— Eu também não. E, uma vez que vamos derrubar essa coisa, prefiro estar de estômago cheio. É melhor não arriscar algum mal-estar ou desmaio.

Lindsay deu de ombros. -

— Não sou boa cozinheira.

— Podemos comer no restaurante de Bob. Ela o encarou.

— Acho que tudo bem. Desde claro, que não seja um encontro... Romântico.

— Claro que não é. — Gage achou difícil disfarçar seu divertimento. — Se preferir, podemos nos sentar em mesas separadas.

— Não seja ridículo.

Ele desistiu de esconder o sorriso.

— Só quero evitar que você seja alvo de fofocas.

— Aprecio o esforço, mas não é necessário.

Quando entraram no restaurante, Buffalo Bob os observou agradecido. Entregou-lhes os cardápios e explicou cada prato com mais detalhes do que seria preciso. Uma hora mais tarde, depois de uma carne assada, sanduíches de tomate e vários copos de cerveja, Gage e Lindsay voltaram para a casa.

— Tenho uma confissão a fazer — ela disse ao abrir a porta.

— Devo telefonar para algum padre?

— Não zombe. Estou falando sério.

— Tudo bem, peço desculpas.

— Quando fui ao restaurante, esta noite, sabia que você estava lá.

— Sabia?

Claro que sim. Ele lhe dissera que estaria ali, não dissera? E Lindsay fora a seu encontro com segundas intenções. Queria um encontro, sim. Mas, pensou Gage, por ser mulher, não tinha isso muito claro. Estava um pouco envergonhada, óbvio. Mas ele não se importava. Na verdade, estava encantado.

— Você não vai falar o "eu não disse?" — É o que quer que eu faça?

— Não. Ótimo. Então, vamos trabalhar e achar aquele tijolo.

CAPITULO 8

Sarah Stern estacionou a caminhonete do pai no posto de gasolina e desceu, para encher o tanque. Dennis aproximou-se no mesmo momento, para ajudá-la. Tirou a

mangueira da bomba antes que ela conseguisse alcançá-la.

— Que bom ver você — ele disse.

As palavras eram casuais, mas a voz demonstrava saudade.

— Também é bom vê-lo.

— Você não me ligou mais desde a noite da reunião do conselho — Dennis lembrou concentrado em seu trabalho, os olhos fixos nos números do mostrador.

Sarah sabia quanto tempo fazia. Sentira a falta daquele homem, precisara dele, e tentara ser forte. Mas finalmente desistira. Encher o tanque da picape do pai era uma desculpa para vê-lo, e ambos sabiam disso.

— O que há de errado? — Dennis quis saber.

Aquela habilidade de ler seus pensamentos a enervava um pouco.

— O que o faz pensar que há algo errado?

— Sei que há. Porque a conheço. E porque a amo.

— Oh, por favor, não diga isso.

Sarah se maldisse mais uma vez por ser fraca, por sua incapacidade de permanecer longe dele. Tentara, e muito, mas em alguns momentos sentira-se desesperadamente só. O trabalho de *patchwork* a ajudava, mas à noite, na cama, a realidade voltava a perturbá-la.

Estava vivendo na casa do pai. Mortificava-a o fato de, em trinta e quatro anos, ainda não ter achado seu caminho no mundo. Um péssimo exemplo para Calla. Cometera tantos erros... Agora, a despeito de seus esforços para ter uma vida decente, estava usando Dennis. Amava-o, mas não podia impor-lhe seus problemas.

— Conte-me o que há de errado — ele insistiu gentilmente. Sarah baixou a cabeça.

— Calla recebeu um cartão-postal de Willie — disse por fim. Dennis ficou em silêncio por alguns instantes. Sabia, sem

que ela precisasse ter dito, que qualquer contato com o ex-mando a preocupava.

— Já era hora de Calla ter notícias do pai, não acha?

— Talvez. Mas agora ela está toda animada com a perspectiva de vê-lo no Natal.

— Foi o que ele propôs?

Sarah deu de ombros, para esconder a amargura.

— É o que parece. Calla não me deixou ler o cartão. Willie se encontra em Las Vegas, e o postal mostra o hotel onde ele provavelmente está hospedado. Mal pude acreditar no entusiasmo de minha filha. Não tinha notícias do pai há muito limpo. Ele esquece seus aniversários, não manda presentes 'In Natal... e agora Calla faz a maior festa apenas porque o pai lhe mandou um cartão-postal!

— Não se esqueça de que ele é o pai de Calla.

Sarah mordeu o lábio. Embora fosse verdade que Willie era pai de Calla, ele nunca mostrara interesse pela filha. Não pagara a pensão que a Justiça determinara, nunca fizera esforços no sentido de manter-se em contato. A cada cinco ou seis meses enviava-lhe cinco dólares pelo correio, e não colocava nenhum bilhete no envelope. O que mais a irritava, porém, era o fato de Calla sempre desculpar as atitudes do pai.

Willie não pagará a passagem, e eu não tenho dinheiro para mandá-la a Las Vegas

ou a qualquer outro lugar — ela protestou.

— E, mesmo que tivesse, não mandaria.

Dennis recolocou a mangueira na bomba e a levou para dentro do posto. Lá, calculou o total do abastecimento em uma calculadora ultrapassada.

Você teme que Calla a acuse de manter o pai afastado dela.

— Exatamente. Willie a ignora abandona-a emocional e fisicamente. Não tem o menor valor como pai, e mesmo assim Calla acha que é um herói.

— Isso é normal, acho. — Tomou-lhe as mãos. — Esse homem é o pai da garota. É óbvio que Calla procure fazer uma boa imagem dele. Precisa encará-lo desse modo, ou terá de enfrentar o sentimento de rejeição.

Dennis conhecia muito sobre as pessoas, e Sarah sabia que ele tinha razão quanto ao comportamento da filha. Mas isso não tornava a vida de ambas mais fácil. Era quase impossível alegar alguma coisa quando Calla desatava a falar maravilhas do pai. E a garota dizia isso a quem quisesse ouvir. Até mesmo levava o cartão-postal à escola, a fim de mostrá-lo à nova professora.

Ironicamente, a atitude dela em relação à mãe era hostil. Não fazia muito tempo que Sarah conversara sobre isso, o ouvira a surpreendente afirmação de que o casamento fracassara por culpa sua. Segundo Calla, se ela tivesse sido uma boa esposa, a separação não aconteceria. Caso houvesse feito tentativas sérias, caso amasse mais o ex-marido, os três ainda poderiam formar uma família. A jovem simplesmente não conhecia os fatos. E Sarah não podia contar-lhe sobre a negligência e a infidelidade de Willie. Achava que não tinha o direito de colocar esse fardo nas costas de uma menina de quatorze anos. Além do mais, aquele problema era *seu*, não de Calla.

— Como você consegue ser tão perceptivo? Tão inteligente?

— perguntou, apertando as mãos de Dennis, grata pelo apoio

— Devia ter sido psicólogo.

E sorriu, amando-o mais do que nunca.

— Se eu fosse assim tão inteligente, já teria encontrado um, jeito de convencê-la a se casar comigo.

— Por favor, não.

Sarah fechou os olhos, incapaz de suportar qualquer outro tipo de pressão, em especial vinda da parte dele. Principalmente quando o casamento estava fora de cogitação.

— É uma loucura manter as coisas como estão — Dennis continuou.

— Você sabe como me sinto a seu respeito.

— Sim, eu sei.

— Você tem trinta e quatro anos e eu, vinte e nove. É uma diferença pequena.

— O motivo não é apenas esse — ela respondeu, resistindo à tentação de beijá-lo.

Não fora até ali para brigar. Mesmo porque já tinham conversado sobre aquele assunto até a exaustão. Precisava de conforto e de segurança, não de pressões.

Decidida a evitar uma discussão, abriu a bolsa, em busca da carteira, e pegou três moedinhas para pagar pela gasolina. Colocou-as sobre o balcão.

Dennis ignorou o gesto.

— Eu a amo.

A. melhor coisa a fazer era mesmo mudar de assunto.

— Vou visitar Jeb no domingo.

— Você alterou o rumo da conversa porque não quer falar nobre nós?

Isso mesmo. Incapaz de encará-lo, Sarah desviou o olhar. Dennis suspirou, revelando frustração e derrota.

- Tudo bem. Como está Jeb?

- Mal humorado, como sempre. Levei-lhe alguns biscoitos um pouco de molho. Eu mesma os fiz, usando a receita de minha mãe.

- Imagino que ele os tenha engolido no mesmo instante! Sarah sorriu, entre resmungos.

Desde o acidente que lhe roubara parte da perna, Jeb, que já não gostava de situações sociais, tornara-se realmente um solitário. Agora, sua vida girava em torno dos bisões. Sua única atividade social resumia-se às visitas irregulares que a família e os amigos faziam a suas terras.

Calla vai com você? Não.

Calla não se sentia à vontade na presença do tio. Não sabia como agir. Na maioria do tempo ele se mostrava rude e antipático, até mesmo em relação à irmã e ao pai.

Quando Calla ia à fazenda, tendia a ignorar os três. De vez em quando a garota concordava em acompanhar a mãe nas visitas, mas isso não era freqüente. E, quando isso acontecia, Calla preferia observar os animais.

— Ele vai reagir querida.

— Como pode dizer algo assim? — Sarah perguntou a voz alterada pela tensão.

— Já faz três anos que o acidente ocorreu. Eu esperava... Imaginava que...

Não pôde continuar. Sua voz falhou.

— Todos esperávamos — Dennis disse com tanta gentileza que ela ergueu a vista para fitá-lo.

— Não se preocupe tanto com Jeb.

— Não consigo evitar.

— Então, deixe-me ajudá-la.

Dennis tornava tudo mais difícil, mesmo sem perceber.

— Também não consigo.

— Tente. Deixe-me levá-la para jantar na sexta-feira. Sn nós dois. Podemos experimentar o caraoquê de Buffalo Bob.

— Não sei cantar.

— Sabe, sim. Eu mesmo já ouvi!

Mais uma vez Sarah se sentiu tentada a mudar de assunto.

— Eu lhe disse que vendi outra colcha? Uma senhora de Dickinson viu um de meus trabalhos, telefonou e fez a encomenda.

Sarah era apaixonada por *patchwork* e tinha muito orgulho de seu pequeno

negócio. Comprava musselina e tingia o tecido com corantes naturais, o que resultava em tons sutis e interessantes, de efeitos extraordinários. Uma colcha jamais saia igual à outra. Além disso, ela criava os próprios desenhos: baseada nos padrões tradicionais.

Uma de suas colchas, a de girassóis, ganhara o primeiro prêmio na Feira do Estado, em Minor, dois anos antes, e fora vendida pela inacreditável quantia de mil dólares. O segundo e o terceiro trabalhos foram negociados em um prazo de quatro meses, e desde então as vendas não pararam mais. O dinheiro não *or.* suficiente para sustentar Sarah e a filha, mas ajudava bastante

— Grata pelo convite para o jantar, mas é melhor eu não ir. Preciso terminar a colcha de minha nova cliente.

— Não pode parar de costurar apenas para ir jantar?

— Dennis, por favor, não quero discutir isso de novo.

— Jante comigo na sexta-feira à noite. Por favor.

- Não posso.

- Pode dormir comigo, mas não consegue sair em minha companhia e...

- Por favor!

Envergonhada, ela olhou em volta, temendo que alguém pudesse ouvi-lo.

E me procura quando precisa de alguma coisa — ele continuou, sem lhe dar trégua.

Não devia. Você sabe que eu não devia fazer isso.

Não me use, querida. As coisas não podem ser apenas como você quer que sejam.

Ela baixou a cabeça, sem saber o que dizer.

Está bem, vamos jantar juntos — sussurrou.

Sabia que Dennis tinha razão. Usava-o e, quando não precisava dele, evitava-o. O rapaz merecia melhor tratamento.

Ótimo. E, depois do jantar, iremos para minha casa e você poderá fazer o que quiser comigo.

Dennis!

Acha que estou brincando? Desde julho que nós não...

Tanto tempo assim? Ele caiu na gargalhada ao ouvir o comentário espontâneo.

Abraçou-a e a viu sorrir.

Vamos contar a toda a cidade. Deixar o medo de lado e assumir o que sentimos. Chega de encontros secretos. Não tenho vergonha de dizer a todo mundo que a amo. A alegria de Sarah evaporou.

Não penso que...

Não pense. Deixe que eu faça isso. Agora, sem discussões nem desculpas, certo? Calla trabalha na sexta-feira à noite, não? Vou pedir uma pizza para seu. Pai, e darei uma boa gorjeta a *ela*. Então nós dois poderemos comemorar a venda da nova colcha.

Sarah fechou os olhos, permitindo-se o luxo de sonhar que havia um futuro para aquele relacionamento. Mesmo sabendo que não havia.

Lindsay telefonou — Lara anunciou quando Gage entrou em casa, no final da tarde

de quinta-feira.

Ele procurou esconder a satisfação sob uma careta. Esperava notícias desde a noite em que ficaram trabalhando na velha lareira

E, se ali um dia existiu um tijolo falso, hoje não existia mais.

Gage acreditou quando ela disse que o vira, ou ouvira, mo ver-se. Mas isso foi há vinte anos. Ele suspeitava que devia haver algum mecanismo sobre o frontão, ou perto dele. Verificara em todos os lugares, sem sucesso.

— Ela queria lembrá-lo sobre a palestra de sexta-feira. Gage não sabia por que concordara em falar com os estudantes. Ou melhor, sabia sim. Foi o único meio que encontrou de ver Lindsay outra vez, sem demonstrar o desejo de vê-la

— Vai ligar para ela? — perguntou Lara enquanto debulha o milho, preparando o jantar.

Sorria levemente, e Gage sabia que estava adorando *toda* aquela história. Não era tolo.

A mãe e Hassie adorariam tramar alguma coisa para aproximá-lo da professora. Claro que ele também queria isso, mas o orgulho o impedia de dar demonstrações. O problema era Lindsay.

— Não creio que haja algum motivo para eu retornar ligação — disse.

Lara parou o que fazia e lhe dirigiu um sorriso.

— Ela é uma moça muito bonita — comentou com ar sonhador.

— E o que isso tem a ver?

— Bem... Pensei que você gostaria de ter uma desculpa para falar com ela.

— Pois se enganou. Melhor manter aquele ar de desinteresse. Do contrário, a mãe iria em frente com seus planos de uni-los. Vivia insistindo! Para que ele convidasse Lindsay para sair. Gage achou mais conveniente não lhe contar que já fizera isso e que a resposta da moça fora um sonoro "não".

— Você gosta dela, não é?

Ele notou que a voz de Lara soou preocupada. Talvez estivesse exagerando naquela história de mostrar desinteresse,

— É uma boa pessoa.

— Hassie e eu achamos que é ótima para com os jovens

Gage deu de ombros, embora concordasse com a opinião.

- Você sabia que os estudantes vão publicar um jornal? Será o primeiro, depois de dez anos. Lindsay levou o material ontem à tarde para Grand Forks, a fim de imprimi-lo.

— Lara encheu uma panela com água, para o milho, e começou a preparar biscoitos de manteiga.

— Os alunos fizeram tudo. Kevin escreveu sobre o fato de os Hansen terem posto a mercearia II venda e fez uma charge política.

- Procurarei ler o jornal.

Kevin me disse esta manhã, que Lindsay decidiu formar um grupo de dramaturgia. Consultou Joshua sobre reformar M velho teatro, a fim de usá-lo para encenar uma peça.

É uma excelente idéia, não acha?

Uma peça? Em que ela pensaria em seguida?

Suponho que Lindsay esteja planejando uma superpromoção

— zombou Gage.

Nada disso. Será um musical. Uma peça natalina. Os alunos irão escrevê-la.

Do modo como ela agia, era bem capaz de persuadir a cidade inteira a auxiliá-la naquele projeto, quisessem eles ou não. Gage já podia até se ver, todas as noites, reformando o teatro, juntamente com outros moradores do vale. E faria isso com muito prazer. Ela... Tem planos ambiciosos

— comentou, meio sem graça. Esta cidade precisava de alguém como Lindsay Snyder.

Lara afirmou.

Gage só podia concordar.

Você também precisa de alguém como ela. Nada disposto a continuar com aquela conversa, ele respondeu. Simplesmente:

Vou tomar um banho a me preparar para o jantar. Não concorda comigo, filho?

Sobre Lindsay? Oh, claro, uma ótima aquisição para a cidade. Ninguém poderia discordar disso. Todos sabiam o que teria acontecido sem ela, principalmente depois da notícia da queda tio., preços dos grãos. Gage?

Ele se virou, relutante.

— Sim?

— Faz mais de dois meses que Lindsay está em Buffalo Valley

— Sei — foi à resposta lacônica.

— Vai ou não convidá-la para sair?

— Você está se referindo a... Um encontro?

— Claro! O que mais? Você tem trinta e cinco anos. J devia estar casado. Eu esperava...

Ele levantou uma das mãos.

— Mamãe, amo você, mas esse é um assunto que não pretendo discutir. Especialmente agora.

Lara levantou os ombros, como se fosse dizer mais alguma coisa, mas desistiu.

— Está bem. Se for o que prefere, paciência.

Gage dirigiu-se para a escada no momento em que Kevi entrou, entusiasmado como nunca.

— Peguei um exemplar do jornal! — exclamou, agitando no ar. — Vejam!

Colocou-o sobre a mesa da cozinha. Lara puxou uma cadeira e sentou-se, para ver. Gage e Kevin puseram-se em pé, atrás de

— Quem foi o responsável pela arte? — indagou o irmão mais velho, impressionado com a aparência profissional do jornal.

— A Srta. Snyder tem um computador portátil. Levou-o para a escola e deixou que Stan Muller digitasse.

— Ele fez um belo serviço — Gage aprovou. — Todos vocês fizeram.

Nos cinco minutos seguintes, cansou de ouvir o nome de Lindsay. Teve vontade de mandar o irmão se calar.

— Já ouviu falar em Ambrose Kohn? — Kevin indagou Gage conhecia vagamente esse fazendeiro. Vivia em uma cidade próxima e era dono de uma enorme propriedade. A família Kohn tinha dinheiro, que por sinal não vinha apenas. Que a fazenda produzia.

— O que tem ele? — Lara quis saber.

— Esse homem veio de Devils Lake convidar a Srta. Snyder para a festa do dia das bruxas que o Clube Elks vai realizar.

Gage procurou esconder o desagrado que a notícia provocou, mas não conseguiu impedir a tensão no queixo. Então, casualmente quanto possível, perguntou:

— Ela aceitou?

Tinha certeza de que Lindsay recusara o convite. Uma vez que ela o rejeitara, explicando que não planejava envolver-se com ninguém naquele ano, duvidava que aceitasse o pedido de Ambrose.

— Claro que sim. Jéssica e algumas outras meninas a estão ajudando com a fantasia.

Gage não pôde acreditar no que acabara de ouvir. Lara girou na cadeira, o olhar acusador. Sem uma única palavra, disse ao filho que ele devia levá-la para dançar, não um estranho de outra cidade.

Sim, Gage sabia que era um homem tranqüilo, de boa paz. Mais naquele momento teve vontade de dar um soco na parede. Fazer uma palestra para uma classe cheia de jovens, dar duro no frontão de uma lareira... Oh, claro, ele servia para meninas desse tipo. Mas um encontro? Não, senhor. Lindsay preferia outra pessoa. Qualquer pessoa. - Gage? Lara o estudava. Sim?

Vai deixar que Lindsay escape entre seus dedos? Chega mamãe. Eu...

Você gosta da Srta. Snyder? — Kevin perguntou, avaliando o semblante do irmão mais velho. Fique fora disso, menino!

Ouviu bem, meu filho? — Lara continuou com voz mais firme

— Lindsay vai sair com Ambrose Kohn. Você não vai FAZER nada?

Parece que não tenho muita chance, não é mesmo? — Gage respondeu. — Ambrose tem muito mais a oferecer a Srta. Snyder do que eu.

Mas, se Lindsay se casar com esse fazendeiro, vai sair daqui e Buffalo Valley precisa dela.

Lara parecia imaginar que o filho era a única esperança daquela comunidade.

Se ela se casar com Ambrose, paciência — disse Gage, como se isso nada tivesse a ver com ele. Kevin fitou a mãe.

— Acho que é muito cedo para especular se a Srta. Snyder vai ou não se casar com o Sr. Kohn. Esse será apenas o primeiro encontro.

5 DE OUTUBRO.

QUERIDA MADDY

Fiquei muito feliz em receber sua carta. Você tem razão. Estou com muita saudade de casa. Estar aqui não é a mesma coisa que sair para estudar em alguma faculdade.

Buffalo Valley é um mundo completamente diferente. Não que eu esteja reclamando disso. Descobri algo a meu respeito que desconhecia. Adoro lecionar! Os alunos são formidáveis, inteligentes e divertidos. A melhor parte é que se interessam por tudo! Como você sabe, temos nossos altos e baixos. Eles gostariam de morar em uma grande cidade para... Assistir à MTV! Pode imaginar o que é dar aula.; para adolescentes que aprenderam tudo o que sabem sobre sexo e intimidade com Madonna?

Estou lhe enviando o primeiro número do jornal da escola do Buffalo Valley. Tenho muito orgulho dele. Meus alunos passaram horas escrevendo, fazendo comentários políticos, diagramando. Fizeram tudo.

Preste atenção à charge política. Foi feita por Kevin Betts. Não é um garoto talentoso?

Creio que ninguém sabe quanto esse trabalho significa para ele. Quando lhe disse que seus desenhos eram fantásticos, Kevin corou como se estivesse envergonhado. Um dia depois da aula, descobri um desenho que ele fizera. Mostrava se irmão nos campos de trigo. Era tão bom que senti lágrimas n olhos. Fiquei comovida com o talento desse jovem. Eu não lhe disse nada, mas entrei em contato com várias escolas de arte do país, perguntando sobre bolsas de estudo. Quando receber as informações, vou passá-las a Gage, irmão mais velho de Kevin.

Antes que você pergunte, sim, Gage é o fazendeiro que mencionei. E não, não há nenhum romance entre nós. Sei que foi u erro contar-lhe sobre aquele beijo, mas a coisa não passou d uma bobagem que não irá se repetir. Tenho certeza de que ei se arrependeu. Certo, saímos para jantar, mas apenas como amigos. Nada mais. Honestamente, não quero nada, além disso. A menos por enquanto.

Tudo bem sei que você está morrendo de vontade de saber como andam as coisas com Matt. Bem, ele segue em frente.

Escreveu de novo semana passada, mas dessa vez não exigiu apenas minha volta a Savannah. Também disse que sente a minha falta. Oh, e acrescentou que cometi um erro terrível. Como sempre, espera que eu mude de idéia. Vai esperar sentado! Ficou aborrecido pelo fato de eu não ter respondido às suas outras cartas. Então teve a ousadia de me dizer que não permite que eu lhe faça chantagens, tentando levá-lo ao altar. Acho que ele ainda não entendeu nada.

Joguei essa carta fora, exatamente como fiz com as outras duas. E sabe o que mais? Dessa vez foi bem mais fácil. Gostaria de lhe dizer que a atirei no lixo sem ler, mas minha curiosidade me venceu. Talvez eu faça isso com a próxima correspondência dele.

Buffalo Bob manda lembranças. Anda triste esta semana por causa de Merrily, sua garçonete. Ela foi embora, ao que tudo indica sem motivo. Hassie me disse que a moça age assim de vez em quando. Ninguém sabe por que, nem para onde ela vai. Suspeito que Merrily tenha outra vida, para a qual escapa quando fica aborrecida ou cansada daqui. Posso entendê-la. Foi o que fiz, embora ao contrário. Vim para cá.

Passeia vida inteira em Savannah. E, embora esteja em Dakota do Norte há apenas dois meses, sinto-me muito mais em casa aqui do que no sul. Não me entenda mal. Sinto falta de todos, ai. E nem tudo é perfeito. Algumas pessoas, como Hassie e Lara Betts, são maravilhosas, prestativas. Outras, como Marta Hansen, não vêem a hora de

saber que fiz as malas e desapareci, como Merrily. Buffalo Bob me contou que chegou à cidade há dois anos e que alguns moradores ainda o tratam como um intruso.

Sim, irei ver meus pais no Dia de Ação de Graças. Poderemos sair para fazer compras.

Mas lembre-se de que agora tenho bem menos dinheiro do que costumava ter, embora o custo de vida, no vale, seja muito mais baixo do que eu imaginava.

Hassie tem sido uma boa amiga e mentora. Quando não me ocupo com os alunos, depois das aulas, passo na farmácia para uma visita. Jantamos juntas duas ou três noites por semana. Ela é espirituosa e perceptiva. É a única pessoa que sabe sobre Matt.

Gage adivinhou por que vim parar aqui, mas desconhece os detalhes.

Já lhe contei que montei um grupo de teatro? Lembra-se da SR Olsen quando estávamos no ensino médio, e de como nos divertimos ao encenar aquelas peças todas? Não estou pronta para a montagem de algum clássico, mas tenho algumas idéias

sobre o que podemos fazer. Meu primeiro problema foi encontrar um lugar para as apresentações. A resposta me pareceu óbvia. Lembra-se daquele velho teatro fechado, na avenida Principal? Falei com Joshua McKenna, presidente do conselho da cidade, sobre o assunto. Ele me disse que o prédio pertence a uma família de Devils Lake. Consegui consultar o filho do proprietário sobre a possibilidade de usar o teatro, e em troca ele me convidou para uma festa em comemoração ao dia das bruxas. Aceitei, mas não gosto disso. Ria se quisesse, mas tenho um encontro marcado com um homem chamado Ambrose.

Oh, é mesmo, você me perguntou sobre as pizzas de Rachel Fischer. Quem acreditaria que a melhor pizza do país é feita aqui em Buffalo Valley? Pedi-lhe para me vender uma garrafa do molho e uma porção da massa. Levarei para Savannah, e no Dia de Ação de Graças você poderá experimentá-los. Terá uma surpresa, garanto! A pizza é maravilhosa, e você sabe que sou uma especialista em pizzas! Estou começando a conhecer Rachel. É bom ter uma amiga da mesma idade para poder conversar. Adoro Hassie, mas...

Lindsay interrompeu a carta ao ouvir uma rápida batida na porta da frente. Mutt e Jeff acompanharam-na até lá, latindo. Ela se apressou, imaginando que pudesse se tratar de alguma emergência.

Gage Sinclair estava parado na varanda, e parecia furioso.

— Oi, Gage — Lindsay cumprimentou, abrindo a porta. Viu-o entrar e olhar em volta, como se suspeitasse que havia mais alguém ali. — Algo errado?

Ele fez uma careta.

— Ouvi dizer que você tem um encontro com Ambrose Kohn.

— Oh, isso... E melhor eu explicar.

Não lhe ocorrera que Gage pudesse ficar ofendido com o fato de ela ter aceitado o convite do outro fazendeiro. Se lhe desse a chance de explicar...

— Não estou aqui para ouvir seus motivos. São todos óbvios.

— São mesmo? — ela indagou, achando o comentário curioso.

— Ele tem muito mais terras do que eu. E o dinheiro que faz o mundo girar, não é verdade?

O comentário soou como um insulto.

— Você está sendo ridículo. Sente-se e...

— Prefiro continuar em pé.

— Então fique assim — Lindsay respondeu, fazendo o possível para manter a postura.

Cruzou os braços e esperou que Gage continuasse.

— Você se *recusa* a sair comigo!

— E você se *recusa* a me escutar!

— Está brincando comigo?

— Está se comportando como um amante enciumado.

— Amante? — Ele riu sarcástico. — Nem mesmo consegui convencê-la a tomar uma cerveja! Aparentemente, não passei no seu teste. Oh, claro, sirvo muito bem para dar duro durante três noites, a fim de consertar sua cerca. Também sirvo para falar a Meus alunos por uma hora, em uma tarde de sexta-feira. E...

— Não é nada disso. Posso explicar?

— Claro que é isso!

— Você é o homem mais irracional que já conheci!

— Eu? Não sei como resisti a você, que praticamente se atirou em mim...

— O quê? Está sonhando? Ou ficou maluco?

— O que mais eu poderia pensar depois que você me beijou daquele jeito?

Lindsay fumegava de raiva.

- Foi você que me beijou! — lembrou-o, tão furiosa que mal conseguiu falar.

E você adorou:

Eu... Eu... Você está com *ciúme*!

- Coisa nenhuma! Caso você ainda não tenha notado, estou c *louco*!

Pois não tem o direito de sentir nada em relação a mim. Antes fosse assim

— ele disse os olhos se estreitando. Não posso evitar sentir alguma coisa por você. Lindsay ficou boquiaberta. Não fazia idéia de como reagir ii essa confissão.

Pensei que você fosse alguém especial — Gage continuou a voz baixa e emocionada.

— Agora percebo como estava errado.

As palavras não deveriam tê-la magoado, mas magoaram.

Acho melhor você ir embora — pediu, apontando para saída.

Ele hesitou por um momento. Então, saiu da mesma maneira intempestiva como entrara.

Lindsay bateu a porta quando o viu lá fora. Que homem mais idiota!

Então, porque ainda estava com muita raiva e precisava desabafá-la, chutou o canto inferior da lareira. Nunca fizera nada tão infantil em sua vida. Nunca se sentira tão furiosa. Nem com Matt.

A dor a fez gritar. Abaixou-se, esfregando os dedos.

Foi então que viu algo. E gelou.

O tijolo falso, pelo qual estivera procurando todas aquelas semanas, deslizou. Ao que tudo indicava, quando ela chutou a lareira, ativou o mecanismo que o movimentava.

CAPITULO 9

Na sexta-feira à tarde, contrariando a própria vontade, Gage foi à escola, como prometera. *Era* um homem de palavra, e isso significava que precisava da sua aula, embora preferisse ficar o mais distante possível de Lindsay. Há meses tomara a decisão de manter reservas em relação à professora. Acabara cedendo às emoções, mas agora estava mais determinado do que nunca. Dali a um ano ela iria embora e aquela seria a melhor solução para todos.

O que lhe dissera na noite anterior, durante a discussão, continuava valendo. Lindsay não era especial. Não mais. Ela que saísse com Ambrose Kohn e seus milhões de dólares. Gage mio dava a mínima.

- Oi, mano — disse Kevin, saindo da escola e aproximando-se da caminhonete. — A Srta. Snyder perguntou se você viu hoje e eu lhe disse que sim. Falei que você *sempre* cumpre suas promessas.

Gage notou-lhe o ar de alívio e suspeitou que o meio-irmão novo estava tão confiante como quisera fazer crer. Isso só indicava como era importante manter a palavra dada, a despeito dos sentimentos.

Se desse uma desculpa qualquer, como esteve tentado a fazer, daria a Kevin um mau exemplo.

Para o irmão, era a coisa mais próxima da figura de um pai. Levava (intui) responsabilidade a sério.

Quer que eu o ajude a carregar o material lá para dentro? Quero.

Gage abriu a parte de trás da caminhonete. Levava algumas

caixas e quadros, um extrator e um defumador, os quais planejava mostrar durante a aula. Kevin pegou uma das caixas.

— A srta. Snyder gostaria de conversar alguns minutos com você, em particular, depois da palestra. Quer saber se isso é possível.

— Tudo bem. Direi a ela que é possível, sim.

Não mandaria um adolescente levar a mensagem. Até onde sabia, não tinha nada a acrescentar, à professora, que não houvesse sido falado na noite anterior. Aparentemente, ela queria ter a última palavra. Pois Gage lhe daria essa chance. Mas seria só isso que conseguiria tirar dele.

Os alunos observaram os dois irmãos entrando com os equipamentos. Lindsay desviou a vista quando Gage a fitou com fria indiferença. Percebeu o recado silencioso e não o cumprimentou pessoalmente.

— Quando vim para Buffalo Valley — começou, em frente à classe —, convidei algumas pessoas para virem à escola falar de suas vidas, seus interesses, sua história na cidade. Hoje, temos a satisfação de contar com o irmão de Kevin, Gage Sinclair, que vai nos falar sobre apicultura, isto é, criação de abelhas.

A fala foi seguida por aplausos educados e olhares curiosos às caixas que se

avolumavam diante das carteiras. Gage esperou que Kevin se sentasse. Não tinha facilidade de falar para grupos, em especial para adolescentes, embora os conhecesse desde bebês.

— Pensei que poderia começar contando como me interessei por abelhas.

— Esperou que Lindsay assentisse antes de prosseguir: — Alguém aqui já foi picado?

Quase todos levantaram as mãos.

— É eu também fui. Um monte de vezes. No verão em que tinha doze anos fui picado por uma abelha muito brava. Vocês sabem o que acontece quando não retiramos o ferrão?

Mais uma vez as mãos se ergueram.

— Pois é, a picada vira um inchaço só. Não pude acreditar quando vi o que um único ferrãozinho podia fazer ao meu corpo. Foi uma experiência ruim, mas me deixou curioso em relação a abelhas, vespas e marimbondos. Então descobri que a apicultura é fascinante.

— Tenho mais medo do que curiosidade— disse Jéssica.

— Claro! Afinal, você é mulher — provocou um dos gêmeos. Lindsay lançou aos alunos um olhar que os calou.

— Aos treze anos, na escola, me pediram para escrever uma redação sobre um assunto de meu interesse. Minha mãe sugeriu as abelhas, uma vez que eu já conhecia bastante sobre o assunto.

— Quando você começou a criá-las? — quis saber Amanda. Jensen.

— Cerca de dez anos atrás. E ainda estou aprendendo. Cada colméia é um desafio, a cada estação.

— Até agora?

— Até agora — Gage respondeu, e começou a explicar os diferentes ciclos de alimentação da espécie.

— Onde você consegue suas abelhas? Compra?

Um dos gêmeos riu da pergunta de Calla Stern, que se virou para encará-lo.

— Excelente pergunta. Há três meios de consegui-las, e cada um tem seus prós e contras. A primeira são os núcleos, compostos de uma rainha e várias abelhas de todas as idades. — Levantou um dos quadros. — Isto aqui cabe dentro da caixa onde elas vivem.

— Quer dizer então que você pode comprar os núcleos? — quis saber Stan Muller.

- Isso mesmo. Também podemos comprar o que chamam de "pacote". Aí, as abelhas são vendidas por peso, como os produtos que encontramos no armazém dos Hansen. Como os núcleos, os pacotes incluem uma rainha.

Abelhas podem ser compradas! — exclamou Calla, feliz por poder provar que sua pergunta era cabível.

Gage prosseguiu, explicando seu primeiro método e descrevendo os muitos erros que cometera, naqueles primeiros dias. Espere um pouco. Você disse que havia três modos de conseguir abelhas. Qual é o terceiro? — indagou Kevin. Os enxames. Quantos de vocês já viram enxames? Apenas um aluno ergueu a mão.

— Eu, pessoalmente, nunca vi — Gage confessou. — A maioria dos apicultores não recorre a esse método.

— Por quê? — Bert Loomis perguntou. — Parece um modo bem legal de ter abelhas sem precisar pagar por elas.

— Tem razão, mas corre-se o risco de levar doenças para as colméias já estabelecidas. Por isso os criadores evitam os enxames.

Durante uma hora Gage respondeu às perguntas. Ficou impressionado com o interesse demonstrado pelos estudantes. Quando o ônibus da escola chegou, ele notou satisfeito, que não percebera o tempo passar. Não esperava que a aula corresse tão bem.

— Obrigada, Sr. Sinclair — disse Lindsay, do fundo da sala.

— Eu trouxe uma lembrancinha para vocês — Gage falou, abrindo uma caixa.

— Um vidro de mel para cada aluno.

— É ótimo — Kevin assegurou, olhando para os amigos. Ergueu-se e pegou livros e cadernos, que se encontravam em cima da cadeira. — Vejo-o lá fora em meia hora, mano.

Gage assentiu.

— Também trouxe estas barras feitas pela abelha-rainha. São usadas como creme para as mãos.

Os alunos voltaram a agradecer à medida que saíam da classe. Ele permaneceu ali, ajustando o material que levava para lá. Não demorou muito para ficar a sós com Lindsay.

— Parece que você tem alguma coisa a me dizer — comentou tenso.

— Sim, tenho. — Ela permaneceu nos fundos da sala, perto da porta, como se estivesse pouco à vontade. Mantinha os ombros e as costas rígidas. — Em primeiro lugar, quero que saiba que apreciei sua vinda.

— Cumpri minha palavra. Sempre cumprio.

— Em segundo lugar, eu jamais lhe disse que não sairia com outra pessoa.

Gage percebeu que ela fizera um ponto, mas não tinha interesse em discutir aquele tipo de coisa. Daquele dia em diante, faria tudo o que estivesse a seu alcance para evitá-la. Só isso fazia sentido. Se Lindsay não *queria* nenhum relacionamento, ele não *devia* dedicar-se a isso.

— Talvez seja melhor não falar sobre nossa discussão. Estou mais do que disposto a esquecer essa história.

— Certo. Na verdade, o motivo pelo qual lhe pedi para ficar mais um pouco, depois da palestra...

— Ela hesitou. — Bem, achei que você gostaria de saber que encontrei o tijolo falso.

— Verdade? — Gage indagou, surpreso. — Como? Um sorriso iluminou os lábios femininos. Depois, desapareceu.

— Depois que você saiu, eu... Ahn... Dei um chute na lareira.

— Você *chutou* a lareira? — Ele repetiu incrédulo. Lindsay tinha a expressão envergonhada.

— Você me deixou tão furiosa que não pude evitar. O fato foi que isso ativou o

mecanismo que movia o tijolo. Atrás dele estava o esconderijo secreto.

— E?

— Não havia nada ali.

— Nada?

Gage pôde perceber que Lindsay ficara extremamente desapontada. Não sabia o que a professora esperava encontrar. Ela nada lhe dissera, e ele, orgulhoso, não perguntara. Mas de uma coisa tinha certeza. Não era uma simples curiosidade " que a levava a procurar o tal tijolo.

— Tenho certeza de que minha avó mexeu ali.

Ele se lembrava bem de Gina Snyder. Nunca parecera uma pessoa que tivesse um segredo escondido no esconderijo de uma lareira.

Lindsay fez um gesto de cabeça, como se tivesse se arrependido do que dissera.

- Oh, não importa.

Gage ergueu as caixas e dirigiu-se à porta. Dessa vez ela mm procurou detê-lo, mas o seguiu até lá fora. Adiantou-se e abriu a parte de trás da picape, em um gesto de gentileza.

- Mais uma vez, obrigada — disse, e ele percebeu um tom de tristeza em sua voz.

Como não houvesse mais nada a acrescentar, Gage fez um rápido cumprimento com a cabeça e entrou na caminhonete. Espere! — Lindsay caminhou até a porta do motorista, com olhar baixo. — Quero que você saiba que sinto muito por nossa amizade ter terminado, principalmente por causa de algo tão tolo. Se lhe serve de consolo, foi uma noite horrível. Eu in-iii mesmo queria sair com Ambrose.

Ele apertou as mãos no volante.

— Não estou interessado em seu encontro. Ouça, será melhor para ambos. Ficarei fora do seu caminho e você se manterá fora do meu. Certo?

— O que há com todo mundo? — ela gritou. — Por que tratam dessa maneira? Vim para esta cidade disposta a ajudar, mas até agora minha única amiga é Hassie. O que há? Sou uma forasteira?

É como se vocês mal esperassem a hora de eu arrumar as malas e ir embora! Incluindo meus alunos! Isso me deixa confusa. Fico aqui dia após dia e... Oh, esqueça. Você não quer ouvir. É igual a todo mundo. Certo, não pretende ser meu amigo por causa de um erro terrível que supostamente cometi. Quer saber de uma coisa? Não preciso de amigos como você!

Dito isso, virou-se e entrou correndo na escola.

Gage a observou afastar-se, atônito com aquele desabafo e tentado a segui-la. Mas não seguiu. Lindsay não era como os habitantes do vale, e não entendia isso. Jamais entenderia.

Joanie Wyatt tirou os cobertores de Brandon da máquina de lavar e os colocou na secadora. Com as pesadas chuvas dl outubro, era impossível deixar as roupas penduradas no varal

A lavadora ainda estava nova, mas seu brilho parecia ter-, apagado um pouco. Sim, o presente de aniversário acrescentará! Entusiasmo a um casamento morno. Mas aquela alegria fora depois das palavras cruéis de Brandon.

Assim como a esposa, ele parecia arrependido daquela discussão tão terrível. Sua raiva sumira, mas fora substituída pela depressão. Se, a princípio, sua frustração se voltara contra Joanie, agora estava presa em algum lugar muito profundo. Ela gostaria de ajudar o marido, mas não sabia como. E essa incapacidade lhe provocava um sentimento desesperado. Desesperançado.

Daria tudo o que tinha para poder devolver as duas máquinas. Melhor lavar roupas no riacho, esfregando-as nas pedras, do que ver Brandon preocupado com o pagamento do empréstimo. O valor não era tão alto, cerca de cento e vinte cinco dólares por mês, mas, diante dos outros gastos da casa. Sentia-se culpada sempre que usava as duas máquinas.

No entanto, fosse como fosse, não podia evitar a lavagem das roupas, o que acontecia todas as segundas-feiras. Sua mãe costumava fazer assim, e ela adotara a prática ao se casar.

A casa parecia quieta demais, pensou, ao subir em direção aos quartos dos filhos, com os lençóis enxutos ainda quentes, por causa da secadora. Começara a arrumar as camas quando sentiu que ia desmaiar. Fechou os olhos e sentou-se no colchão da filha, esperando a tontura passar.

Respirou fundo várias vezes e procurou lembrar se tomara leite da manhã com as crianças. Sage pedira torradas, e por isso Joanie preparara cerca de doze. Mas agora, recordando o, percebeu que não comera nada. Na última semana, a infelicidade roubara-lhe o apetite. Não precisava de uma balança para saber que tinha perdido peso. Provavelmente por isso se sentia tão cansada. Quase todas as noites ia para a cama antes de os filhos dormirem.

A tontura finalmente passou e ela voltou a ajeitar a cama. Porém, logo depois o mal-estar voltou. Se fosse ficar nesse vaivém, levaria o dia todo para terminar a arrumação.

Desgostosa, Joanie desceu e colocou uma fatia de pão na torradeira. Precisava comer para se sentir melhor. Passou manteiga de amendoim na torrada e ia dar a primeira mordida quando o telefone tocou.

Era sua mãe.

Olá, mamãe — respondeu, forçando um toque de prazer.

Não contara seus problemas à família.

Oi, querida. Você não deu notícias ontem. — O tom era acusador.

As duas costumavam falar ao telefone aos domingos. Joanie decidira adiar a ligação para evitar mais uma despesa.

Ah, dei sim. Eu escrevi.

Inscreveu? Uma carta? — A mãe pareceu perplexa. — Filha, está tudo bem?

Sim, está. O problema é que, como os preços do milho e tio leigo abaixaram, resolvi economizar alguns dólares.

Sinto falta de conversar com você e com as crianças. Acho que passarei a lhe telefonar.

— Não, mamãe, não seria justo. Além disso, não será por muito tempo. As coisas vão melhorar no ano que vem.

— Para o seu bem, querida, espero que sim. — Peggy hesitou antes de perguntar: — Brandon a tem tratado bem?

— Claro! — Não ia dizer à mãe que o marido parecia culpa La pela queda dos preços dos grãos, pela chuva torrencial daquela mês e por tudo o que havia de errado no mundo. — Eu o amo, Sempre amei.

— Sei disso. Mas é que... Oh, esqueça. Na verdade, eu gostaria de conversar com você sobre o Dia de Ação de Graças.

— Ainda está longe, mamãe.

— Chegará antes do que você imagina.

Joanie suspeitava que isso era verdade. O verão pareceu curto demais, e agora já se achavam no meio do outono.

— Seu irmão e Kelly virão, com as crianças.

— Jay irá? — Joanie não o via há dois anos. — Será maravilhoso rever Jessie e Eddie!

— É difícil acreditar que eles já estão com doze e dez anos. Parece que nasceram ontem! Espero que você e Brandon possam vir também. Seu pai e eu achamos que essa é uma excelente oportunidade para tirar uma foto de toda a família.

A alegria que Joanie sentiu desfez-se um momento depois.

— Conversarei com ele, mas não posso prometer nada.

— Tente. Seria ótimo se pudéssemos reunir todo mundo.

— Sim, seria. Vou conversar com Brandon agora mesmo.

— Conversar sobre o quê? — ele perguntou, atrás da esposa, Joanie colocou a mão no fone e olhou para o marido, procurando medir-lhe o humor.

— Sobre o Dia de Ação de Graças.

Os olhos masculinos permaneceram sem emoção.

— Mamãe? Falarei com Brandon e a avisarei assim que decidirmos alguma coisa.

— Vai escrever ou telefonar?

— Escrever.

Ele ainda estava na sala quando Joanie encerrou a ligação

— Que história é essa de escrever para sua mãe?

— Nada — ela respondeu, fugindo da pergunta em vez de explicar por que não telefonaria.

— Podemos pagar os telefonemas à sua família. Os olhos de Joanie se encheram de lágrimas.

— Ei, está chorando?

— Não. Sim.

Ela pegou um lenço de papel e secou os olhos, chocada diante daquela demonstração.

— Está bem. Faça como quiser — Brandon falou, com um «aspiro exagerado. —: Escreva para sua mãe, ou telefone. O problema é seu.

— E quanto ao... Dia de Ação de Graças? — Joanie perguntou, fitando-o, esperando convencê-lo a deixar a fazenda e ir passar o feriado com a família. — Meu irmão, a esposa e os filhos estarão lá. Não o vejo há dois anos.

- Quer passar o dia de Ação de Graças com Jay, certo? Tudo bem. Nunca a proibi, nem as crianças, de ver seu irmão, seus parentes.

- Mamãe e papai querem que você também esteja presente. Ele fez que não com um gesto de cabeça.

Não posso deixar a fazenda.

Mas Gage já se ofereceu para cuidar dos animais, quando puséssemos sair... E serão apenas dois dias. Joanie...

Podemos viajar na quinta-feira pela manhã, jantar com eles e voltar na sexta-feira à tarde. Mamãe mencionou alguma coisa sobre um retrato de família.

Sabe como me sinto em relação a seus pais.

As lágrimas voltaram, frustrando-a e enraivecendo-a. Mas não sabe como *eles* se sentem a seu respeito! Nunca lhes deu essa chance!

Se você quer passar o feriado com sua família, vá. Não vou estragar seus planos.

Prefere ficar sozinho a comemorar o Dia de Ação de Graças com sua família?

Diga-me, o que tenho para agradecer? Principalmente esse ano?

Você tem saúde, além de uma esposa e dois filhos; que o amam. Não é o suficiente?

— Joanie sabia que era bobagem discutir com o marido. Ele não a ouviria. Enxugando as lágrimas que caíam pelo rosto, obrigou-se a parar com a briga. — Irei à casa de meus pais sem você. Sairei na quinta-feira, como sugeri, e retornarei na sexta.

— Não precisa ter pressa em voltar para casa. Essas palavras feriram-na profundamente.

— Você está dizendo que... Não nos quer aqui? Porque, se estiver, não precisa esperar até o feriado.

Se Brandon desejava pôr um fim àquele casamento, ao menos poderia ser sincero e dizer exatamente isso.

— Pode ir quando quiser, e voltar quando bem entender. A escolha é sua.

Na primeira sexta-feira de novembro, Lindsay saiu da escola e dirigiu-se à farmácia, entusiasmada, feliz.

— Querida! — exclamou Hassie, atrás do balcão. — Parece até que você ganhou na loteria!

Era precisamente assim que ela se sentia. Ergueu uma chave, pendurada em uma brilhante fita vermelha.

— Veja só o que tenho nas mãos — Lindsay mostrou, resistindo à vontade de pular de alegria.

— Ambrose Kohn lhe deu a chave do teatro?

— Acertou!

Não sem muita angústia e ressentimento da parte dela. Sentiu-se manipulada a se ver obrigada a ir a uma festa ridícula. Mas funcionara.

— Você usou a fantasia de prisioneira, com a bola e a corrente? A que Calla lhe emprestou?

— Sim às duas perguntas.

Lindsay, que se sentira presa em uma cilada por causa do convite de Ambrose, fizera questão de ir a caráter. Só aceitara participar da tal festa porque precisava muito do teatro. O» alunos já estavam escrevendo a peça que encenariam por ocasião do Natal. Calla lhe cedera a fantasia que a mãe confeccionara no ano anterior.

— Você é impossível! — disse Hassie, com uma risada.

— Rachel está me esperando lá. Vamos dar uma olhadela no prédio.

Ambrose lhe contara que o lugar estivera fechado durante dez anos. Por isso, não fazia idéia das condições que o teatro oferecia. Também a avisara de que não estava disposto a gastar um centavo na reforma. Qualquer coisa que Lindsay e os estudantes fizessem seria por conta e risco deles.

— Céus, há anos ninguém pisa lá dentro!

— Foi o que Ambrose me disse.

— Vocês duas estão levando lanternas? Ela assentiu.

— E uma lâmpada a óleo.

— Vocês vão precisar de mais do que isso. — Com a aproximação do inverno, os dias estavam mais curtos. Escurecia cedo, logo depois que as aulas terminavam.

— Deixe-me olhar o depósito. Talvez haja alguma coisa útil lá.

O som dos sinos que ficavam na porta da farmácia alertaram Lindsay de que sua nova amiga acabara de chegar.

— Conseguiu a chave? — Rachel perguntou.

— Está em minhas mãos, como lhe falei — respondeu ela, mostrando a fita vermelha.

— Acabei de pegá-la no correio.

Rachel consultou o relógio.

— Precisamos nos apressar.

Lindsay sabia que logo mais as encomendas começariam a chegar à pizzeria. Sentia-se grata pelo fato de Rachel ter concordado em acompanhá-la até o teatro.

— Sei disso.

A despeito do que dissera a Gage na semana anterior, vinha fazendo amigos, sim. Devagar, mas com segurança. Rachel, como motorista do ônibus, parava diante da escola todas as tardes. Lindsay sempre saía para cumprimentá-la e acabavam conversando bastante. Sentia-se grata por aquela amizade. Admirava a jovem viúva e queria dar apoio à iniciativa do restaurante.

Hassie reapareceu, trazendo outra lanterna.

— Gostaria de ir com vocês, mas estou sozinha na farmácia.

- Não se preocupe. Tudo correrá bem.

Lindsay estava satisfeita com o sucesso do grupo de teatro. Siupreendera-se com o talento, com a habilidade e com a capacidade de iniciativa dos jovens. A vontade de criar- alguma coisa viera à tona depois da palestra de Joshua. Os alunos resolveram escrever sobre um Natal triste, na época da Grande Depressão. Todos estavam envolvidos. Enquanto alguns se dedicavam ao roteiro e à atuação, outros preparavam o guarda-roupa, o cenário, a iluminação.

— Está pronta? — Rachel indagou.

— Prontíssima!

Como escolares travessas, as duas saíram da farmácia e correram até o teatro. A porta abriu com facilidade, o que era um bom sinal. O interior, às escuras, cheirava a mofo e a umidade. Teias de aranha espalhavam-se pela soleira. Lindsay as tirou com a mão enluvada.

Rachel iluminou o saguão.

— As lembranças que tenho deste lugar vêm da infância — sussurrou.

— E ele não se parecia com o que vejo agora.

O foco de luz alcançou um balcão de vidro, onde se vendiam pipocas e doces. Dos dois lados do balcão, portais imensos levavam à platéia.

— Por que está falando baixo? — Lindsay quis saber, aproximando-se das cortinas de veludo que cobriam o portal da direita.

— Não tenho idéia. Mas é um jeito bom de falar, não acha?

— Não acho — respondeu Lindsay.

Falar em voz baixa era como reverenciar o passado, e ela, naquele momento, só tinha planos para o futuro.

— Este lugar está arruinado — lamentou Rachel.

— Nada que uma pintura nova e uma dúzia de potes de *potpourri* não resolvam.

Lindsay sentia-se tão animada que nem mesmo a realidade abatia. Imaginou o teatro na noite da estréia, os lustres brilhando, o veludo marrom e dourado limpo, elegante. Podia até mesmo ver a audiência lotada, composta de fazendeiros e pequenos agricultores vindos de longe. Também podia ouvir os aplausos quando a cortina se abrisse para a primeira cena de *Natal em Dakota*.

— Vai dar um trabalho e tanto — constatou Rachel, com um suspiro.

— Mas valerá a pena. Será fabuloso!

A outra riu.

Você é uma otimista incurável!

Lindsay pensou nos anos que perdeu com um relacionamento sem saída. Tanto desperdício só porque acreditara que Matt um dia viria a se casar...

— E uma maldição — comentou, rindo, recusando-se a permitir que as lembranças a distraíssem.

Afastou a cortina que levava à platéia e, com a lanterna, iluminou outras teias de aranha. Mas a luz também revelou fileiras e fileiras de assentos cobertos de veludo. Ela prendeu a respiração. Eram lindos, e estavam bem preservados.

— Vou acender a lâmpada a óleo — ofereceu-se Rachel.

— E inacreditável! — Lindsay exclamou, animada. — Eu não esperava por isso!

— Assim que a lâmpada foi acesa, ela viu que suas primeiras impressões estavam corretas. Os estofados eram velhos, mas a maior parte se achava em boas condições. — Este lugar é um pedaço da História!

— Foi inaugurado nos anos vinte — Rachel explicou.

— Minha mãe, quando criança, ouvia minha avó falar sobre os filmes mudos que vinha assistir aqui.

— Rachel? Lindsay? — chamou uma voz masculina.

— E Heath — disse Rachel.

Lindsay observou bem a amiga e viu como ela lutava para disfarçar o contentamento. Já se perguntara se os dois estavam apaixonados, porque Heath não saía da pizzaria. Agora, tinha certeza de que havia alguma coisa entre ambos.

— Aqui! — gritou Rachel.

Heath Quantrill afastou a cortina e parou junto ao portal.

— Mark me disse que eu a encontraria aqui. Parei no restaurante, antes de ir para casa, porque queria uma pizza. — Olhou para Lindsay. — Sei que ainda é cedo, mas imaginei que a pizzaria já estivesse aberta.

— Oh! — Rachel mal conseguia esconder a agitação. — Na verdade, está sim... Isto é, quase. Irei para lá assim que terminar esta avaliação.

— Fique à vontade — Heath respondeu, juntando-s« apelas. - O que estão fazendo?

— Não nos iludimos. Sabemos que o prédio exige trabalho.

— Muito mais do que isso, eu diria — afirmou Heath. — Mas imagino que vocês tenham montes de voluntários.

— Esperamos que sim!

Lindsay comentara com Joshua McKenna sobre a possibilidade de reformar o teatro, e ele ficara de conversar com o conselho da cidade. O prédio precisava de inúmeros voluntários. Mas tinha quase certeza de que Gage Sinclair não estaria entre eles. Espantava-a, e a perturbava, o fato de sentir tanta falta daquele homem.

Gage não dera notícias durante toda aquela semana. Mas Hassie e Lara cansaram-se de falar nele. Tratavam de colocá-lo em qualquer conversa. Lindsay não era ingênua. Sabia que as duas tramavam reaproximá-los. Por isso, imaginou que Gage também estivesse ouvindo seu nome a todo momento.

Mas, caso ambos quisessem mesmo ser amigos, isso já teria acontecido. A culpa era dos dois. Ela podia não ter nascido em Dakota, como Gage, mas era tão teimosa quanto ele.

— Minha avó adorava este teatro — Heath contou. — Lembro-me de que, quando eu era criança, vivia escutando histórias sobre este lugar.

— Será que sua avó e a minha costumavam assistir aos filmes juntas? — especulou Rachel.

— Que tal seu avô e minha avó tendo um encontro aqui? Ela riu.

— Seria ótimo.

— Também seria ótimo se isso acontecesse com os netos deles?

Rachel ficou sem fala diante da insinuação. Lindsay solidarizou-se com o desconforto da amiga. Segundo Hassie, a moça não saíra com ninguém depois da morte do marido.

— É melhor você voltar ao restaurante e preparar suas pizzas maravilhosas — Lindsay sugeriu, esperando dar-lhe a chance de sair dali. — Do contrário, vai acabar

perdendo clientes.

— Mark virá me dizer quando as encomendas começarem a chegar — ela assegurou ainda perturbada.

Mal terminou de falar e o garoto entrou.

— Mamãe? — gritou. Então se deteve aparentemente surpreso. — Ei, isto aqui está frio! — Sorriu enquanto observava

o interior do prédio. — Oi, Srta. Snyder. Oi, Sr. Quantrill. Mamãe temos duas encomendas. Calla me pediu para vir buscá-la.

— Duas encomendas! — Rachel comentou radiante.

— Três — Heath corrigiu. — Lembre-se da minha. Vou visitar minha avó esta noite e pensei em levar o jantar. Ela está ansiosa por experimentar a pizza de Buffalo Valley.

— Quando você puder, prepare uma de salsicha e azeitonas pretas para mim — disse Lindsay, sorrindo para a amiga. — Passarei pelo restaurante para pegá-la assim que terminar a inspeção do prédio.

Poucos minutos depois, os três se foram. Lindsay permaneceu ali por mais alguns momentos, saboreando a beleza do lugar, imaginando a volta dos dias de glória. Depois, ao sair, apagou a lanterna e guardou-a no bolso. Em seguida trancou a porta e virou-se na direção da farmácia. Levou um susto quando viu Gage Sinclair.

Ele estava na caminhonete, trafegando pela Avenida Principal. A alegria que a dominara instantes atrás, no teatro, desapareceu. Em silêncio, observou-o estacionar perto do Buffalo Bob's antes de descer do veículo e olhar em torno de maneira casual.

Lindsay permaneceu imóvel quando ele a avistou. Resistiu à vontade de cumprimentá-lo com um aceno.

Entreolharam-se por um longo momento. Era como se Gage também se sentisse tentado a cumprimentá-la. Mas então, muito devagar, deu-lhe as costas e começou a caminhar.

Mais uma vez Lindsay experimentou um sentimento de perda. Gage teria sido um bom amigo.

CAPÍTULO 10

Rachei estava muito satisfeita com o sucesso da pizzeria. Vinha trabalhando há apenas dois meses e o negócio já começara a dar lucro. Ainda bem, porque, com a notícia da queda dos preços dos grãos, ela temera o pior.

O fato de gente como Heath Quantrill e Lindsay Snyder fazer encomendas todas as semanas a ajudava muito. Hassie e Sarah também haviam se tornado boas clientes. No segundo sábado de novembro, Rachel chegou a vender o recorde de quinze pizzas! Pela primeira vez, desde a morte de Ken, sentia-se esperançosa em relação ao futuro.

Mas, apesar do êxito da Buffalo Valley Pizzas, ela continuava a trabalhar para Hassie duas manhãs por semana. Suspeitava que a boa senhora era perfeitamente capaz de cuidar da própria contabilidade, mas gostava do tempo que passava com ela. E, claro, um dinheirinho extra, era sempre um bom auxílio.

Rachel considerava Hassie uma bênção para a comunidade. Ou melhor, para toda aquela região. Pessoas vinham de longe fazer compras na Farmácia Knight porque

Hassie fazia muito mais do que vender medicamentos. Tinha um otimismo contagiante. Inspirava e encorajava quem a procurasse. Também dava conselhos sobre prevenção e saúde, e não fazia rodeios ao mandar ao médico os que necessitavam de ajuda mais especializada.

— Olá, Rachel — cumprimentou Hassie, entrando no escritório onde a viúva se encontrava, debruçada sobre os livros-caixas. — Sinto muito, mas estou me sentindo cansada esta manhã.

A farmacêutica estava pálida.

— A gripe a pegou?

Mark, por exemplo, perdera dois dias de aula, na semana anterior, por causa de um vírus.

— Creio que sim. Acho melhor seguir o conselho que ando dando a todo mundo: cama e cuidados.

— Boa idéia.

— Mas antes vou fechar a farmácia — disse ela, e em seguida um acesso de tosse a surpreendeu.

— Oh, querida, vá descansar. E não é necessário fechar a farmácia antes que eu saia. Terei o maior prazer em ficar aqui.

Os que quiserem aviar receitas precisarão esperar, mas do resto posso cuidar tranquilamente.

O olhar de Hassie, embora hesitante, mostrava alívio.

— Tem certeza de que não será uma amolação?

— Absoluta.

— Obrigada. Estou esperando uma entrega para hoje e, se você puder recebê-la, será maravilhoso.

— A farmacêutica levou uma das mãos à testa, como quem mede a febre. — Logo, logo estarei bem

— murmurou, tentando convencer mais a si mesma do que à amiga.

— Há algo mais que eu possa fazer por você? — Rachel ofereceu, acompanhando-a até a porta.

— Não, obrigada.

As palavras foram seguidas por outro acesso de tosse.

— Telefone, se precisar de algo — acrescentou ela enquanto reservava Hassie atravessar a rua e dobrar a esquina.

Esperava sinceramente que fosse apenas uma gripe, não era uma coisa mais séria. Buffalo Valley não poderia se dar ao luxo de perder Hassie Knight. A velha senhora era o laço que mantinha unida a comunidade.

Rachei ficou surpresa com o número de pessoas que procurou na farmácia. Ao meio-dia, já atendera mais de doze pessoas, e TODAS perguntaram por Hassie.

Na hora do almoço, o movimento diminuiu.. Ela já voltara mui livros-caixas quando o sino da entrada tocou, indicando a entrada de alguém. Foi atender e deparou com Heath Quantrill. Heath!

— cumprimentou, satisfeita. — Oh, olá.

Por insistência dele, deixara de chamá-lo de "Sr. Quantrill". O banqueiro tornara-se um bom amigo. Além disso, Rachel descobrira algo surpreendente. No começo, se sentia intimidada, desajeitada e pouco à vontade na presença de Heath, mas essa situação mudara gradualmente. Toda semana ele ia à pizzaria, fazer suas encomendas. Poderia encontrar pizzas de ótima qualidade em Grand Forks, mas preferia levar a dela para casa.

Em uma sexta-feira, logo depois da inauguração, os dois ficaram conversando e tomando café por mais de uma hora. Calla e Mark jogavam Monopólio, e o telefone não tocava. Naquela noite, pela primeira vez, Heath mencionou o irmão, e Rachel falou de Ken. Entendia-lhe a dor pela morte de Max, e ele parecia compreender seus sentimentos. Depois que os pais mudaram de cidade, Rachel parou de conversar sobre o marido. Não queria que os outros se preocupassem com sua solidão. Mas Heath se solidarizava com o vazio e até mesmo a raiva que ela sentia, uma vez que também perdera alguém muito próximo e querido.

Ninguém precisava lhe dizer que seu mundo era muito diferente do universo do banqueiro. Ela somente deixara Dakota do Norte uma vez, por ocasião da lua-de-mel. Quanto a Heath, viajara por todos os países. Era rico, sofisticado e provavelmente poderia conquistar a mulher que desejasse. Uma viúva que lutava de todas as maneiras para sustentar o filho não o interessaria. Além do mais, Rachel o considerava inteligente, culto, fascinante e, tinha de admitir, muito atraente. Não era uma boa idéia pensar naquele homem. Ela, porém, não conseguia evitar.

Havia pouco Lindsay dissera que havia certo romantismo entre ambos. Rachel se apressara em corrigi-la. Era verdade que Heath fizera aquela insinuação vaga sobre irem ao teatro juntos, mas não passara disso.

— Rachel? — ele disse surpreso. — Onde está Hassie?

— Em casa, e com toda certeza na cama. Não estava se sentindo bem esta manhã.

— Quer dizer então que você a está substituindo? Ora, fico feliz por ter vindo até aqui!

— Sorriu ao falar, e ela corou, perguntando-se se o comentário fora mesmo sincero.

— Será que eu poderia lhe pedir para preparar um milk-shake naquela máquina maravilhosa?

Rachel desviou a vista. . — Claro.

Desconfiava que Heath fora até a farmácia para conversar com Hassie. Na certa queria alguns dos sábios conselhos que a boa senhora oferecia juntamente com a bebida. Sabia que Hassie e Lily Quantrill eram boas amigas.

— Que tal um shake de morango? — ele sugeriu.

— É para já! — Rachel respondeu, pegando um copo e uma bola de sorvete.

— Não conheço Hassie muito bem, e sempre penso nela.

— O que quer dizer?

— Bem... Por um lado, por que ela colocou uma bandeira norte-americana junto à foto do filho? Nunca ouvi ninguém falar nele.

Rachel passou as mãos na fotografia.

— O nome é Vaughn. Foi morto no Vietnã. Alguns dizem que, depois disso, Hassie mudou. Eu tinha apenas alguns meses de idade, na época, e por isso não me lembro dele. Mas meus pais o conheceram. Dizem que era um bom rapaz. A opinião de meu pai sobre a guerra se transformou depois da morte dele. Hassie mantém esta foto e a bandeira que o Exército lhe deu quando enterraram Vaughn para que as pessoas se lembrem do sacrifício que ele fez.

— Hassie não fala no filho, não é?

— Para ela, o assunto é doloroso. Já faz quase trinta anos que Vaughn se foi, mas Hassie ainda sofre.

Heath assentiu e não tocou no milk-shake ao vê-lo sobre o balcão.

— Sabe... Além de minha avó, a única pessoa com quem conversei sobre Max foi você.

Ela ficou meio sem jeito, embora feliz, com a confissão.

— Se não fosse Hassie, não sei o que teria sido de mim depois que Ken se foi. Sem ela, eu provavelmente teria mudado para a Arizona, com meus pais. Ter alguém com quem falar de nossas perdas sempre ajuda.

— Sou-lhe grato por me ouvir. Quase enlouqueci quando Max morreu. Engraçado... Faz sentido ele ter sofrido o acidente quando desviava o carro de um cervo. Meu irmão era esse tipo de pessoa.

As lágrimas que encheram os olhos dela foram tão inesperadas como embaraçosas. Rachel sabia que Max falecera em um acidente, mas nunca conhecera os detalhes. Piscou, esforçando-se por conter a emoção. Não queria ficar envergonhada na frente de Heath.

Ele estendeu o braço e tocou-lhe o rosto. Um toque gentil, muito gentil. Rachel fechou os olhos e as lágrimas começaram a cair.

— Sinto muito — Heath sussurrou. — Eu não devia ter falado nisso.

— Não se preocupe. Está tudo bem. Normalmente, minha reação não é essa. Desculpe-me, eu...

Ela nem se incomodou em terminar a frase. Saiu de detrás do balcão, pegou uma caixa de lenços de papel de uma prateleira e a abriu. Quando se virou, deparou com Heath bem às suas costas.

— Eu não devia ter falado de Max. Principalmente porque a fiz lembrar-se de Ken.

— Não, não é isso... — Rachel começou, um pouco sem fôlego. Ele estava perto. Muito perto. Mais do que nunca. E por isso o coração feminino disparou.

Heath a envolveu nos braços. Ela descansou as mãos no peito largo e ficou perplexa ao notar que os dois corações batiam no mesmo compasso.

Lentamente, sentindo-se confusa e insegura, ergueu o olhar. Sabia que devia se afastar, pôr um fim àquele abraço. Ao mesmo tempo, porém, tinha esperanças de ser beijada.

Parecia que, além de outros talentos, Heath sabia ler pensamentos. Porque, depois de uma ligeira hesitação, colocou os lábios nos dela.

Um segundo antes de isso acontecer, Rachel teve a certeza de que, se permitisse aquele beijo, as coisas entre os dois se transformariam. Mesmo assim, não o deteve. Não tivera ninguém desde a morte de Ken. Jamais pensara em procurar outro relacionamento.

E agora... Bem, agora havia Heath.

Abrindo os lábios para recebê-lo, ela se colocou na ponta dos pés.

O beijo era terno e, como Rachel já imaginava devastador.

Quando Heath a soltou, seu olhar parecia tão confuso e incerto quanto o dela.

Rachel não conseguiu prosseguir. Foi beijada mais uma vez, e correspondeu com uma intensidade que a deixou trêmula. E atônita. Seus braços enlaçaram-lhe o pescoço, enquanto os corpos colavam-se. Sentiu as mãos masculinas em seu cabelo, afagando-o.

Quando teve coragem de fitá-lo, percebeu que os olhos dele mostravam embaraço.

— Sei o que está pensando — Rachel murmurou.

— Duvido — Heath respondeu com um riso breve e repentino. — Porque, se soubesse, seu rosto estaria vermelho como um pimentão.

As faces femininas enrubesceram de imediato.

— Eu... Tenho certeza de que você... Não esperava que isso acontecesse.

— Não planejei este beijo quando vim para cá, se é o que quer dizer, mas não me arrependo.

— Os olhos dele se estreitaram. — E você?

Rachel foi incapaz de responder com palavras, mas fez um gesto de cabeça, indicando que também não se arrependia. Heath a abraçou mais uma vez e suspirou.

— Ótimo. E uma surpresa agradável, sabe? Tenho trinta e um anos, e há muito passei da época de me casar. Sejamos honestos um com o outro, por favor.

— Sim — ela sussurrou a voz trêmula por causa do beijo.

— Para nós, este é um começo.

Rachel assentiu, sem saber direito a que ele se referia. Mas não precisava de explicações. Não agora, naqueles braços quentes e firmes. Se a morte de Ken lhe ensinara algo, fora que o futuro não dá garantias a ninguém.

Assim que Lara Betts soube que Hassie Knight estava de *cama*, com gripe, tirou uma galinha do freezer e fez uma enorme terrina de sua famosa sopa. Sempre se preocupara com a amiga, que na casa dos setenta anos, tinha boa saúde. Mas ao longo dos doze últimos meses, notara que a energia que sempre a acompanhara pareceu diminuir, o que lhe inspirou cuidados. A sopa era uma desculpa para uma visita.

Foi procurar Gage e o encontrou ocupado com o conserto de um dos equipamentos da fazenda.

— Hassie pegou uma gripe muito forte, meu filho.

— Ela é saudável. Não precisa se preocupar — Gage respondeu, de cima do trator, as mãos sujas de graxa.

A tarefa que realizava, fosse qual fosse, parecia frustrá-lo.

— Eu esperava que você pudesse me levar à cidade. Ele se endireitou e limpou a graxa em uma estopa.

— Kevin não pode lhe dar uma carona?

— Ele está fazendo a lição de casa.

Lara percebeu que o filho franziu a testa ao ouvir o termo "lição de casa". Porque

isso evocava a escola, e com certeza remetia a Lindsay Snyder. Gage andava pensando nela o tempo todo. Podia enganar outras pessoas e até a si mesmo, mas não a própria mãe. Lara o conhecia muito bem. Estava interessado na professora e, o que quer que tivesse acontecido entre os dois, deixara-o arrasado.

— Só vou terminar isto aqui dentro de duas horas, mamãe.

— Estarei pronta daqui a duas horas, então.

No prazo marcado, Gage entrou em casa, tomou um banho rápido e conduziu a mãe à caminhonete. Nos vários quilômetros que os separavam da cidade, Lara teve tempo de sobra para pensar. Gostaria de conhecer algum meio de ajudar o filho a resolver seus sentimentos em relação a Lindsay, mas suspeitava que qualquer interferência de sua parte não seria bem-vinda.

O assunto ainda estava em sua mente quando chegou à casa de Hassie. A amiga, de pijama e robe, pareceu muito feliz com a visita. Abriu a porta e recebeu-a com um sorriso largo.

— Estou lhe dizendo, querida, não nasci para o ócio. Uma caixa quase vazia de lenços de papel e uma jarra com suco de laranja descansavam sobre a mesinha de centro.

— Trouxe-lhe um pouco de canja de galinha — anunciou Lara, tirando um recipiente da bolsa e levando-o à cozinha.

Voltou à sala de estar e sentou-se em uma poltrona, de frente para a amiga. Pegou o tricô e retomou o suéter que fazia para Lindsay. Hassie ajeitou-se no sofá e recostou-se no travesseiro, os pés no tapete.

— Não fiz nada nesses três dias senão pensar. Acredite a programação vespertina da televisão já não é boa como antes.

Lara parou de tricotar e fitou a amiga.

— Preocupações financeiras?

Hassie fez que não com um gesto de cabeça.

— Nada tão estressante. Não consigo tirar Lindsay e Gage da cabeça. O que aconteceu com esses dois?

— Eu gostaria de saber. — Fez uma pausa antes de acrescentar:

— Também venho pensando neles. Acho que meu filho gosta dessa moça.

— Quanto a mim, posso garantir que Lindsay está interessada nele.

Lara assentiu.

— Assim espero!

Houve um momento de silêncio, pontuado apenas pelo tique-taque do relógio antigo na parede do corredor.

— Ela é maravilhosa com os jovens — continuou Lara, ajeitando o fio do novelo de lã.

Kevin nunca apreciara tanto a escola. Lindsay mantinha os alunos ocupados com toda sorte de projetos. Lara nem se preocupava mais com o namoro do filho mais novo, uma vez que ele e Jéssica viviam envolvidos com o jornal e com a peça de teatro.

— Eu me pergunto se serei capaz de convencer Lindsay a ficar depois do ano letivo

— Hassie murmurou. — Ela é uma ótima professora. — Fez uma pausa e então completou:

— Assim como Eloise.

— A diferença é que Eloise estava velha e cansada. Hassie assentiu.

— Como nós.

O comentário não era típico dela, e Lara fez uma careta com otimismo da amiga era invencível. Ela devia mesmo estar ir sentindo péssima.

— Você não sabe o que houve entre Lindsay e meu filho? Lara perguntou, mais para distraí-la.

— Não, não sei. Gostaria de saber. Já pensou em perguntar a ele?

- Eu não ousaria.

- Certo. — Hassie deu um suspiro fundo. — Os dois na certa tiveram alguma discussão.

— Por causa do encontro com Ambrose Kohn, acho.

— Gage não sabe que foi apenas um arranjo? Que Lindsay só aceitou o convite para a festa porque queria usar o teatro?

— Eu lhe disse... ou melhor, tentei dizer, mas ele estava mal-humorado.

— Creio que Lindsay não lhe contou a verdade.

— Oh, ela decerto tentou. Mas, conhecendo meu filho, sei que ele não lhe deu chance para explicar coisa alguma.

— Homens! — Hassie exclamou, com uma expressão resignada. — E agora temos outro problema.

— Qual? — Lara perguntou quase temerosa da resposta.

— Lindsay vai para Savannah no Dia de Ação de Graças.

— Mas voltará, não é? Hassie assentiu.

— Eu ficaria surpresa se isso não ocorresse.

— Então, qual é o problema?

— Bem... — A farmacêutica fez uma pausa, como se procurasse pesar as palavras.

— Lindsay aceitou o posto de professora em Buffalo Valley por um motivo muito específico. Ela não me impediu de contar a outras pessoas, mas tenho certeza de que não disse a mais ninguém.

— E você não quer trair a confiança de Lindsay.

— Percebe meu dilema?

— Eu não gostaria que você me contasse — Lara falou, embora estivesse morta de curiosidade.

Um sorriso lento se formou nos lábios da velha senhora.

— Talvez você consiga adivinhar.

— Acaso... Existe um homem envolvido na história?

— Exatamente.

— Ele é casado e, quando Lindsay soube disso, terminou o namoro e veio para cá, de modo que esse homem não conseguisse encontrá-la.

Hassie balançou á cabeça.

— Errou.

— Então... Ele é homossexual?

— Não.

— Tem alguma doença terminal?

164

ONDE MORA A ESPERANÇA

— Não.

— Oh, é um tanto excêntrico! Lindsay o flagrou com roupas íntimas femininas.

— Lara! Pelos céus, não!

— Céus... — ela repetiu devagar, certa de que a amiga lhe dera uma dica. — Ele é padre.

— Longe disso.

Lara colocou o tricô de lado, levantou-se e começou a caminhar de um lado a outro. Já havia mencionado os motivos mais óbvios pelos quais uma mulher deixa um homem. Só se... Por que levava tanto tempo para descobrir a verdadeira causa da vinda da professora?

— Lindsay está grávida, não é? E o pai da criança recusou-se a se casar com ela.

Hassie arregalou os olhos, surpresa com as fantasias da amiga.

— *Parte* disso é verdadeira.

— Parte? Então Lindsay está mesmo grávida.

Gage devia saber. Isso explicava sua atitude. Por Deus, a Srta.

Snyder seria incapaz de esconder esse segredo por muito tempo!

— Não! — Hassie gritou, exasperada.

— Então... Então... — Lara já perdera a paciência.

— Lembre-se da *segunda parte* do que disse. Ela fez uma careta. Não se recordava.

— O homem... — ajudou Hassie.

— Recusou-se... A se casar!

— Isso mesmo! A expressão de Hassie mostrava que Lara devia ter chegado a essa conclusão muito antes.

— Lindsay quer se casar? — A notícia era muito melhor do que Lara poderia imaginar.

— Ela quer um marido? Mas isso é maravilhoso! Simplesmente maravilhoso!

— Lindsay o ama.

— Ama meu filho? — quis saber ela, cada vez mais animada.

— Não. Ama o homem de Savannah. Ele diz que também *n* ama, mas não quer

compromissos sérios.

— Esse rapaz já teve sua chance. Hassie deu uma risada.

— Isso mesmo. Eu ficaria muito feliz se Lindsay decidisse ficar em Buffalo Valley.

— Eu também — disse Lara, voltando à poltrona. Recomeçou o tricô com dedos ágeis, em paz com seus pensamentos. — Você disse que Lindsay vai passar o feriado em Savannah...

Hassie assentiu.

— E vai ver o ex-namorado, com certeza.

— Ela precisará de uma carona até o aeroporto, não é? — Lara comentou em tom casual.

— Sim...

— Acho que conheço *alguém* que pode levá-la.

A farmacêutica levou um momento para assimilar a resposta. Então sorriu de orelha a orelha.

— Você vai voltar, não vai? — perguntou Calla Stern, seguindo a professora até a sala.

Fora até ali para lhe dar explicações detalhadas de como chegar a Savannah. Lindsay agora sabia que precisava ir até Grand Forks. De lá, pegaria um avião até Mineápolis, e chegaria a Savannah na manhã do Dia de Ação de Graças.

— Claro que vou voltar — ela prometeu enquanto colocava a mala perto da porta.

Jamais abandonaria seus alunos. Ou seus cães.

Lara Betts e Kevin haviam se oferecido para levá-la até Grand Forks, um percurso de noventa minutos. Lara lhe dissera que precisava ir àquela cidade para fazer compras, e que o filho iria lhe dar uma carona.

— Ainda temos de estrear a peça, você sabe.

— Oh, Calla, eu vou voltar!

— Às vezes as pessoas dizem uma coisa e fazem outra. Lindsay tinha certeza de que essa era uma dolorosa lição que a garota aprendera com o pai.

— E verdade — concordou. — Mas eu não sou assim. O olhar de Calla mostrou descrença.

— Tomara.

— Está bem, vamos tentar de outra maneira. Vê isto aqui? — perguntou, erguendo uma moeda de prata presa a uma delicada correntinha. Era a sua favorita, e que usava quase todos os dias.

— Meu pai me deu este presente quando me formei no colégio.

— Um tesouro encontrado em um navio submerso — disse Calla. — Não é a mesma moeda que você nos mostrou quando o Sr. Quantrill fez a palestra na escola?

— Exatamente. O navio *Atocha* afundou na Flórida em 1622 e foi descoberto em 1975.

Esta peça de prata tem mais de trezentos anos. — Tirou-a do pescoço e a colocou na mão da aluna.

— Guarde para mim, e devolva quando eu voltar.

— Vai querer que eu seja babá de seus cachorros e de sua correntinha?

— Isso mesmo — Lindsay afirmou, sorrindo da palavra "babá". A garota assentiu os olhos brilhantes.

— Você voltará.

— Claro. Não foi isso que lhe falei a tarde toda?

Uma hora depois, enquanto aguardava a chegada de Lara e Kevin, Lindsay sentia-se bem-disposta. Pensou em Gage. Não o vira nas últimas semanas. Na verdade, desde aquela sexta-feira em que ele estacionara na Avenida Principal e entrara no Buffalo Bob's.

A neve começara a cair suavemente depois que Calla saiu. Lindsay ficou junto à janela, observando a paisagem. Os flocos de gelo, agora mais fortes, formavam uma parede enevoadada contra os faróis do veículo que dobrara a esquina.

Por causa do mau tempo, e de não conhecer o caminho até o aeroporto, ela era grata a Lara, pela carona. Ali dentro de casa, aquecida, achava fascinante o cenário que se cobria de branco.

Não era a primeira nevasca da estação, e a maioria dos habitantes já a alertara de que não seria a última.

Sarah Stern, por exemplo. A mãe de Calla, por sinal, poderia *ser* uma boa amiga, mas recusava, de maneira sutil, todos os gestos de Lindsay na direção de uma possível amizade. Hassie dissera que Sarah era uma pessoa que dificilmente se abria e que protegia demais a família, em especial o irmão. Nunca fizera muitos amigos.

Os faróis pararam quando se aproximaram da casa. Um carro enorme, escuro, parou junto à calçada. Lindsay pegou o casaco e abriu a porta, pronta para sair. O vento forte e gelado atingiu-a no rosto e trouxe lágrimas a seus olhos.

Alcançando a mala maior, ela levantou a cabeça ao ouvir um barulho de passos. Quando olhou para cima, descobriu que não era Kevin quem se encontrava ali. Era o irmão mais velho do garoto.

— Gage?

— Algum problema se eu a levar para Grand Forks? — Ele perguntou áspero.

— Não, claro... E que eu esperava por Kevin.

— Ele não veio. Nem minha mãe.

A tensão estava de volta à voz profunda. Era como se Gage esperasse uma objeção.

— Tudo bem.

Ele pegou a mala que Lindsay carregava e levou-a até o carro. Então voltou para apanhar o resto da bagagem. Viu-a se despedir dos cães e trancar a porta. Minutos depois, seguiam para Grand Forks.

Gage sentou-se o mais longe possível dela. Tampouco falou. Dez minutos mais tarde, finalmente quebrou o silêncio.

— Eu gostaria de avisá-la que estou fazendo isso apenas porque não quero que Kevin dirija com esse tempo.

— Eu já imaginava.

Ele não respondeu ao comentário. Foram necessários outros dez minutos até que

Lindsay tivesse coragem de prosseguir:

— Se isso aconteceu, sinto muito. Não quero causar inconvenientes a ninguém.

— Não é uma inconveniência.

— Eu poderia ter ido com meu carro.

— Não, não poderia — Gage resmungou, enfurecendo-a.

— Tenho certeza de que sua família está ansiosa para vê-la — comentou em tom suave, como se ambos já tivessem se entendido.

— É verdade. Quanto a mim, não vejo a hora de encontrá-lo. Ele fez uma careta. A resposta não pareceu satisfazê-lo. Lindsay olhou para a estrada. A paisagem brilhava a medida que a neve se acumulava.

— Há mais alguém a quem você... Não veja a hora de encontrar? A pergunta insinuava um desdém que ela não compreendeu.

— Maddy, claro.

— Ninguém mais?

Oh, agora Lindsay compreendia.

— Você se refere a... Matt?

— Nunca ouvi esse nome. Você nunca o mencionou. Gage olhava para a estrada, concentrado no caminho. Mas

Lindsay não era tola. O fazendeiro na verdade queria saber o que aconteceria quando ela visse Matt. Era uma pergunta que a própria Lindsay fizera a si mesma milhares de vezes.

— Duvido que eu consiga evitá-lo — respondeu, com toda a calma que conseguiu reunir.

Matt escrevera dizendo que pretendia conversar quando ela voltasse para casa. Suas cartas eram pontuadas de ódio. Enfurecia o fato de Lindsay não lhe responder. Felizmente, não tentara telefonar. Na verdade, suspeitava que ele não tivera coragem de pedir o número à sua família porque sabia que a informação lhe seria recusada.

— Você ainda o ama?

— Por que isso lhe interessaria?

— Não interessa — Gage apressou-se em responder. — Mera curiosidade.

- Esqueça. Não é de sua conta. Ele riu.

- Uma resposta um tanto defensiva, não acha?

- Não sei de onde tirou essa conclusão.

Gage nada disse, e o silêncio tornou-se opressivo. Mas Lindsay permaneceu firme, recusando-se a pedir desculpas. Não demorou em as luzes de a cidade aparecerem, a distância. Aí está Grand Forks.

— ele anunciou. — O aeroporto fica iii parte norte da cidade.

Já estamos quase lá, então.

Faltam quinze minutos.

Ao chegar, Lindsay imaginou que Gage a esperasse descer e em seguida voltasse para Buffalo Valley. Mas não foi isso que aconteceu. Ele estacionou o carro e levou as

duas malas até o terminal. Ficou de costas enquanto Lindsay fazia a checagem final, no balcão da companhia aérea, e recebia o cartão de embarque.

— Não precisa esperar que eu entre no avião — disse-lhe, imaginando que ele quisesse ir embora.

— Sei disso, mas vou esperar.

Sentaram-se lado a lado, como estranhos, enquanto esperavam o anúncio do voo. O terminal era de porte médio, e parecia que metade da cidade decidira viajar naquela noite.

Ao ouvir a chamada do voo, Lindsay ficou em pé.

— É minha vez.

Gage também se levantou.

— Apreciei a carona — ela falou, ajeitando a alça da bolsa a tiracolo. — Obrigada.

— Feliz Dia de Ação de Graças, Lindsay.

— Para você também.

A relutância em partir a surpreendeu. Ela, porém, procurou não demonstrar o que sentia. Apertou a alça da frascadeira e virou-se, para entrar na fila de passageiros.

— Lindsay?

A voz soou desesperada e ela se voltou ao ouvi-la.

Gage segurou-a pelos ombros, o olhar intenso como nunca. Então, sem aviso, beijou-a. E foi correspondido.

Lindsay compreendeu que, com aquele beijo, ele lhe dizia o que não fora capaz de expressar com palavras. Isto é, que sentia muito por todos aqueles desentendimentos.

Gage se afastou.

— Volte — disse o olhar queimando o dela. — Por favor, volte.

CAPITULO 11

Ata da reunião de 24 de novembro do Conselho da Cidade de Buffalo Valley

A reunião foi aberta pelo presidente do conselho, Joshua McKenna. Além dele, estavam presentes os conselheiros Dennis Urlacher, Jacob Hansen, Gage Sinclair, Heath Quantrill e Hassie Knight. Marta Hansen e Buffalo Bob Carr participaram como observadores.

1. Jacob Hansen anunciou que a Merceria Hansen foi posta oficialmente à venda. Caso não encontre comprador, será fechada em caráter permanente. Seguiu-se uma discussão acalorada, mas, a despeito das súplicas dos membros do conselho, os Hansen mantiveram-se firmes em sua decisão. Várias idéias foram dadas no sentido de evitar o fechamento do único armazém da cidade, mas, por sugestão de Gage Sinclair, a conversa foi adiada para uma próxima ocasião.

2. Jacob Hansen também pediu que se procurasse uma nova professora a partir de dezembro. Seguiu-se uma discussão. Gage Sinclair concordou que isso seria prudente, para assegurar que a escola não passe pelo mesmo problema do último verão.

Joshua McKenna ficou de entrar em contato com a delegacia de ensino para fazer o pedido.

3. Joshua McKenna recomendou a todos que ajudem a limpar e a reformar o teatro, com vistas à peça que os alunos exibirão lá. O conselho concordou em pagar a iluminação e o sistema de aquecimento do mês. Assim, o fundo da escola economizará esse dinheiro.

4. Gage Sinclair sugeriu que parte do dinheiro arrecadado com a venda de doces e salgadinhos, durante as apresentações, seja utilizado para custear as despesas extras; o restante deve ir para o fundo escolar. Todos concordaram.

5. No Dia dos Veteranos, Hassie Knight e Joshua McKenna colocaram bandeiras norte-americanas nos túmulos dos que tombaram por causa das guerras.

6. A reunião terminou exatamente à uma hora.

Eu, Hassie Knight, secretária e tesoureira, redigi esta ata e a subscrevo.

Yíassie Oqtighl

Na manhã do Dia de Ação de Graças, Joanie Wyatt acordo com o estômago embrulhado. Brandon já se levantara. Alimentara os animais. As crianças faziam um alvoroço no andar de cima. Estavam entusiasmadas porque iam passar o feriado com os avós e os primos.

Ela esperava poder estar na estrada antes do amanhecer, mas, caso a tontura e o mal-estar continuassem, teria de cancelar seus planos. Esperava não precisar agir assim, pelo bem das crianças. E por seu próprio bem.

Precisava ficar longe da fazenda e do marido. Que, por sua vez, também necessitava de solidão. Como duas pessoas que se amavam podiam ter deixado o casamento deteriorar-se àquele ponto?

— Pensei que você quisesse viajar antes do nascer do sol-disse Brandon ao entrar na cozinha e encontrá-la ainda de pijama.

O rosto masculino estava corado pelo frio, e as mãos frias esfregavam-se, buscando aquecer-se um pouco.

— Minha intenção era sair mais cedo, mas não foi possível,

— As crianças estão prontas.

— Sei disso — foi a resposta irritada. Brandon parecia *querer* se ver livre da família. — Infelizmente, não estou me sentindo muito bem — murmurou enquanto ouvia os filhos descendo a escada com rapidez.

— Parece que há um surto de gripe por aí — ele comentou. — Hassie ficou de cama na semana passada.

— Quando eu voltar vou marcar uma consulta com o Dr. Baker, em Grand Forks — disse Joanie ao servir duas canecas de café fresco.

— Por que ir a um médico por causa de uma simples gripe? Não há nada que ele possa fazer, há?

Joanie sentiu-se tensa ao ouvi-lo sugerir que o dinheiro da consulta seria um gasto desnecessário.

— Não venho me sentindo bem há algum tempo. Por que está tão furioso?

Ela não visitava um médico desde o nascimento de Stevie. Ultimamente, além do

mal-estar, vinha sofrendo com a falta de apetite e com a depressão.

Brandon sentou-se à mesa e olhou para o vazio.

— Se pudermos evitar essa despesa extra agora, eu agradeceria.

— Mas temos seguro-saúde e...

— Não, não temos.

— Não temos? — Joanie repetiu atônita com o que acabara de ouvir.

— Atrasei alguns pagamentos e o seguro foi cancelado — Ele anunciou, na defensiva.

— Mas... Como você pôde deixar que isso acontecesse? E se AS crianças precisarem de algo ou...

- Não precisa atirar essas coisas em meu rosto. Sei de i mio isso. Se eu pagasse o seguro, iria atrasar a energia elétrica e eles cortariam a luz. Não fiz de propósito. Droga, não posso trabalhar mais do que já ando fazendo!

Brandon não precisava tê-la lembrado que as prestações das máquinas de lavar e de secar haviam levado o orçamento da família ao limite. As mensalidades podiam não ser muito altas, mas esse dinheiro poderia ter sido usado para pagar o plano de saúde.

Antes que ela pudesse fazer algum comentário nesse sentido, Brandon saiu da casa. Mamãe?

— Sage chamou, da soleira que dividia o corredor e a cozinha. — Você e papai estão brigando de novo? — perguntou com voz preocupada. Joanie abriu os braços para a filha e procurou esconder a mágoa que sentia.

— Por que papai estava tão bravo dessa vez?

— Ele não está bravo conosco, querida.

— Eu queria que ele fosse à casa de vovó e de vovô — a garotinha sussurrou os braços apertados em volta do pescoço da mãe.

— Eu também queria minha filha.

Brandon não voltou até Joanie sair. As crianças correram até o celeiro para lhe dar um beijo e só então entraram no carro. Ela as aguardou, a cabeça recostada na direção. Caso não visse o marido se despedir, iria embora sem uma única palavra. Não o procuraria.

Felizes, as crianças cantaram e falaram durante toda a viagem.

Joanie permaneceu quieta a maior parte do tempo, imersa em seus medos e problemas, ainda magoada pelo comportamento de Brandon naquela manhã. Quando chegou à casa dos pais, Peggy e Leon Bouchard os receberam com gritos de alegria e abraços apertados.

Leon carregou as malas para dentro, enquanto Peg levava a filha até a cozinha, eufórica por ter filhos e netos à sua volta. Revisou o cardápio ao lado de Joanie. A casa recendia a peru assado com cebola. Uma variedade de tortas salgadas! E doces enfileiravam-se no balcão, ao lado de travessas enfeitadas, prontas para receber alimentos.

— Jay, Kelly e as crianças foram ver Dan Jefferson — Peg contou. — Lembra-se dele, não? Era colega de escola de seu irmão

— Claro que me lembro. Como ele está? Joanie viu-se em uma animação

crescente, e comeu pela primeira vez naquele dia. O mal que acometera seu estômago! Qualquer que fosse parecia ter desaparecido. Ainda bem. Abriu um pote de azeitonas pretas e as colocou dentro de um pratinho de cristal. Em seguida procurou um recipiente para os picles que trouxera da fazenda.

— E você, filha, como está? — indagou a mãe, abrindo geladeira para tirar dali a salada.

— Bem.

Sua voz devia ter soado em falso, porque Peggy parou o que estava fazendo e se virou, fitando-a.

— Ei, o que há?

Sem disposição para discursar sobre sua infelicidade, Joanie simplesmente deu de ombros.

— Você emagreceu — Peg continuou, colocando a salada no balcão e estudando a filha.

— E não podia ter-se dado a esse luxo, eu acrescentaria.

— Estou bem, mamãe. Por favor, não comece.

Qualquer conversa sobre a maneira como ela vinha se sentindo acabaria por entristecê-la, e Joanie não queria nem mesmo pensar nisso. Não naquele momento, cercada pela família.

— Fiquei me perguntando se Brandon viria... — Peg comentou com um franzir de sobrancelhas.

— As coisas estão difíceis. Quando os preços dos grãos caem, nossa vida financeira se complica.

A mãe estendeu o braço e tocou o rosto da filha.

— Você nunca soube mentir para mim. O que anda acontecendo? Por que está tão infeliz?

— Estou feliz. E que... Não venho me sentindo muito bem ultimamente

— ela confessou com alguma relutância.

— Foi ao médico? Joanie baixou a vista.

— Não temos mais seguro-saúde.

— Não? Pois então eu mesma vou levá-la a uma consulta! Será a primeira coisa que farei amanhã cedo, assim que o consultório do Dr. Carson abrir! E, se ele não puder atender, ficharei outra pessoa.

Joanie fechou os olhos.

- Mamãe, por favor. Estou bem, juro.

- Percebi que alguma coisa ia mal ao minuto em que coloquei os olhos em você.

Ela se sentiu feliz pelo carinho demonstrado pela mãe. E, de repente, suas preocupações pareceram sufocá-la. Andava muito solitária nos últimos tempos, remoendo sozinha seus medos. Se quer mesmo saber, mãezinha, acho que estou grávida.

Mal parecia ser verdade, uma vez que ela e Brandon haviam feito amor poucas vezes. Além disso, Joanie vinha tomando regularmente a pílula... Embora fosse obrigada a admitir que relaxara um bocado nos últimos meses. O fato de o sexo ser tão raro entre o

casal a levaram a imaginar que tanto fazia tomar ou não o anticoncepcional. Agora via como se enganam, No momento em que Peggy tentava confortá-la, os risos de Sage e Stevie puderam ser ouvidos, vindos da sala. Adoravam o avô, que os tratava com muito carinho. Joanie gostaria que o marido dispensasse aos filhos um pouco da paciência e da atenção que Leon dava aos netos. Mas tudo o que ele fazia era trabalhar. Até mesmo no final do outono e no inverno, épocas em que o campo não exigia tanto, Brandon se entregava às tarefas da fazenda o dia todo.

O Dia de Ação de Graças ao lado da família foi maravilhoso, cheio de alegria, sorrisos e histórias. “Joanie procurou não pensar” no marido, sozinho em casa. Fora escolha de ele ter ficado lá. Na verdade, parecera até feliz a se ver livre da esposa e dos filhos

Depois do jantar, em que Peggy estreou um vestido confeccionado especialmente para a ocasião, Joanie dirigiu-se a seu velho quarto e dormiu na cama que fora sua desde a infância. As crianças, que adoraram brincar com os primos, acabaram adormecendo em frente à televisão às dez horas da noite.

A foto da família estava marcada para a tarde de sexta-feira. Além disso, fiel à palavra empenhada, Peg marcou pela manhã uma consulta para a filha com o Dr. Carson, um amigo de longa data e que conhecia Joanie desde pequena.

A mãe a aguardou na sala de espera. Dentro do consultório o médico fez um demorado exame clínico antes de colher material para testes laboratoriais. Em seguida, conduziu-a a sua sala, para conversar.

— Você sabe que está grávida?

— Eu já suspeitava disso. Estou tomando a pílula, mas...

— Quantas vezes você deixou de tomar?

Ela suspirou e olhou para as próprias mãos, deixando que o cabelo caísse no rosto e escondesse a vergonha estampada no vermelho da pele.

— Mais do que devia — confessou.

— Essa gravidez não é bem-vinda?

A pergunta a abalou, e Joanie começou a soluçar. Podia imaginar o que Brandon diria quando soubesse da novidade. Sem o seguro-saúde, teriam que arcar com todos os gastos do pré-natal e do parto. Além disso, problemas durante a gravidez de Stevie acabaram levando a uma cesariana. Portanto, isso poderia voltar a acontecer, o que tornava o parto caseiro uma opção quase nula. A estadia em um hospital custaria milhares de dólares, valor de que eles jamais poderiam dispor.

Brandon a culparia por ter deixado aquilo acontecer. O que ora verdade, uma vez que Joanie se descuidara. Naquele momento, a gravidez apenas confirmava sua desatenção, seu fracasso.

O dr. Carson entregou-lhe um lenço de papel.

— Quer que eu chame sua mãe?

Soluçando sem parar, ela assentiu. Ainda chorava inconsolável, quando Peggy entrou na sala.

— Oh, mamãe, não sei o que fazer!

— O que há querida? Então você está mesmo grávida? Incapaz de falar, Joanie fez que sim com um gesto de cabeça.

— Mas essa é uma notícia maravilhosa!

— Brandon não vai pensar assim. Não quer outro filho.

— Ora, no momento em que ele souber...

— Não adianta. Não vou lhe contar. Ao menos até *eu* saber o que fazer com meu casamento. Oh, mamãe, estou tão confusa!

Na sexta-feira, um dia depois do feriado, Lindsay e Maddy fizeram sua parte para assegurar que aquele fosse o maior dia de compras do ano. Exausta, Lindsay sentou-se na sala da casa da amiga, as pernas estendidas e os pés apoiados na mesinha de centro.

Ambas tinham acordado antes do alvorecer, esperando conseguir as melhores barganhas das liquidações da manhã, e só p; iraram no final da tarde. Lindsay comprou tanto que acrescentou à lista mais uma mala, apenas para guardar as novidades. Que, por sinal, incluíam suéteres, meias, livros e vídeos. - Não agüento mais andar entre multidões — queixou-se. — Não estou acostumada a ver tanta gente em um mesmo lugar.

Maddy riu. — Quatro meses em Dakota do Norte e eu mal a reconheço! Onde está a superconsumidora que costumava me levar de uma loja para outra?

— A maioria das compras que faço hoje não tem nada a ver com itens da moda. E, acredite ou não, é assim que prefiro as coisas.

Lindsay nascera e fora criada em Savannah. Sempre amara o sul, mas, depois de dois dias longe de Buffalo Valley, surpreendia a si mesma pensando na vida que levava e nas pessoas que conhecera lá.

Veze e veze, sem convite, Gage vinha passear em seu pensamento. Veze e veze ela se lembrava do beijo no aeroporto de Grand Forks. Virará uma obsessão, e Lindsay gostaria de saber por quê.

Maddy acomodou-se na poltrona em frente à amiga, um refrigerante nas mãos.

— Senti sua falta. As coisas não são as mesmas quando você está longe.

— Também senti saudade. De você e de algumas conveniências da vida moderna.

— Como as lanchonetes que servem refeições rápidas?

— Não. Bem, sim, senti falta de parar diante de uma janela de auto-serviço e pedir minhas batatas fritas prediletas, mas, quando fiz o comentário, estava pensando em coisas mais sofisticadas, como cabeleireira e lavanderia. Ah, claro, e uma livraria. Imprescindível.

— Essas não são coisas sofisticadas.

— Em Buffalo Valley são, sim. Maddy riu.

— Conte-me mais sobre sua... Conversa com Matt.

Como prometera, ele aparecera na casa dos pais de Lindsay na manhã de Ação de Graças. Dissera que queria conversar. Mas, na verdade, assim que a avistou, quis discutir. Para não causar constrangimentos, ela concordou em vê-lo. E esse foi seu primeiro erro.

O encontro não transcorreu bem. Matt estava furioso e, não, importavam os argumentos que ouvia, recusava-se a acreditar que Lindsay falara sério sobre terminar realmente com aquele relacionamento. Até o momento, quatro meses depois da despedida, ele insistia em que a decisão na ex-namorada não passava de uma farsa, cujo objetivo era levá-lo ao altar. Inúmeras veze repetiu que não permitiria que ela o

manipulasse e o levasse a fazer o pedido de casamento, acontecesse o que acontecesse.

— Nunca imaginei que Matt tivesse um ego tão colossal — Lindsay comentou, pegando a lata de biscoitos cobertos com chocolate.

— Todos nós sabíamos disso — Maddy respondeu, sem se preocupar em ser gentil.

— Oh, grata por me contar! — Poucos meses atrás, Lindsay teria tomado a honestidade da amiga como uma ofensa. Agora, porém, a situação havia mudado. — Sei que parece ridículo, considerando quanto eu quis me casar com ele, mas neste momento me sinto envergonhada de ter sido tão apaixonada, sabe?

Maddy deu uma gargalhada e fez um gesto de assentimento, como se conhecesse um delicioso segredo e o guardasse só para si.

— O que há de tão engraçado? — Lindsay perguntou. Maddy apurou-se e apanhou um biscoito.

— O que você acabou de dizer é muito interessante!

— É?

— Isso mostra que conseguiu realmente superar a "paixonite" por Matt. Já se distanciou emocionalmente. Costumava enxergá-lo com lentes cor-de-rosa. Podia ver suas falhas, mas ignorava porque estava convencida de que o amava.

— Eu o *amava*, sim! Sabe que parte da conversa mais me aborreceu? Quando Matt me acusou de inescrupulosa por sugerir que saísse com outras mulheres.

Ele dissera que não vinha saindo com ninguém porque re-i usava-se a acreditar que Lindsay desejasse mesmo acabar com o namoro. Alegou que ela só queria vê-lo com outras para provar a si mesma que não se importava com isso, o que também faria parte do suposto plano de obrigá-lo ao casamento.

Lindsay fora incapaz de conter o riso, e chamou o argumento de ultrajante. Essa atitude o enfureceu ainda mais, e o levara a partir. Agora, contando sobre a visita, ela não sabia se ria ou se chorava.

— Eu me perguntava quanto tempo você demoraria a ver a verdade — Maddy comentou.

— Mais do que devia — Lindsay confessou. — Agora, chega de Matt. Fale-me a seu respeito. Mal disse uma palavra sobre sua vida pessoal. Só trabalho, trabalho...

Maddy evitou fitar a amiga.

— Maddy?

— Bem... Durante toda a minha vida, eu quis ajudar os outros — ela começou, em voz baixa.

— E por isso é uma excelente assistente social. Tem um coração enorme, Madeline Washburn.

Para surpresa de Lindsay, lágrimas rolaram pelo rosto da amiga.

— Estou exausta. Minha supervisora me alertou sobre isso. Esse foi um dos motivos pelos quais ela me fez tirar férias, no último verão. Percebeu os sinais de meu esgotamento e esperava que eu pudesse cuidar de mim mesma antes de "quebrar".

— Pelo visto era tarde demais, certo? Maddy abraçou uma almofada e assentiu.

— Certa manhã, algumas semanas atrás, acordei e percebi que não quero mais

fazer o que faço. Senti-me vazia. Dei tanto de mim que agora não sei mais quem sou. — Olhou para longe, emocionada.

— Parece maluquice, mas...

— Não parece — Lindsay respondeu depressa. — Eu compreendo.

— Como, se eu mesma não entendo?

Lindsay sabia que Maddy tinha razão. Como amiga, podia solidarizar-se, mas nunca experimentara tais sentimentos e por esse motivo não poderia compreendê-los. Levantou-se e correu até a outra, para abraçá-la.

— Se eu puder ajudar de algum modo...

— Não pode. Vou lidar com esse problema no tempo certo,

— Por que não deixa que alguém a auxilie? Você se dispõe a fazer o impossível pelos outros, mas não pretende dividir os próprios problemas.

— Sei disso. Mas não se preocupe. Estarei bem. — Maddy forçou um sorriso.

— Não vou arruinar esses poucos dias que passaremos juntas me queixando de problemas.

— Por que *não*? Você sempre ouviu os meus.

— Então me fale sobre Gage Sinclair — Maddy sugeriu, mudando completamente de assunto. — Contou coisas sobre quase todos os moradores de Buffalo Valley, menos sobre ele. Algo mudou?

Lindsay fez o que pôde para fugir de uma resposta direta.

— Como poderia mudar? Mal conversamos!

— Pois vou lhe dizer uma coisa... Voam faíscas quando vocês estão próximos. Pude perceber isso em julho, no dia em que se conheceram.

— Não seja ridícula — Lindsay interrompeu.

Não queria falar em Gage. Tentava, sem sucesso, tirá-lo da cabeça naquele final de semana. Muitas perguntas permaneciam sem resposta. Mais do que isso, ela ainda se sentia insegura quanto a si mesma e a seus sentimentos.

— Sabe de uma coisa? — Maddy continuou. — Na primeira vez em que você me disse que aceitaria o emprego em Dakota do Norte, achei um tanto drástico. Mas agora, depois de quatro meses, posso notar que houve uma enorme diferença em sua postura. Nem me importo em lhe contar que estou com inveja.

— Inveja? Tenho que dirigir por uma hora apenas para cortar o cabelo!

— Falo sério, querida.

— Então jogue tudo para o alto e faça a mesma coisa — Lindsay sugeriu.

Maddy sustentou-lhe o olhar.

— Não se surpreenda se eu fizer exatamente isso.

O restante da temporada em Savannah passou depressa. Os pais de Lindsay andaram tão ocupados com os netos que ela só pôde conversar a sós com a mãe ia domingo pela manhã, quando as duas se dirigiam ao aeroporto.

— Você parece diferente, -filha — a Sra. Snyder comentou ao estacionar o carro perto do terminal.

- Diferente? — Lindsay repetiu, sorrindo para si mesma.

Maddy fizera o mesmo comentário. Isso a levava a perguntar-se se *realmente* mudara se não era mais a mulher que deixara Savannah quatro meses atrás.

— Vai voltar para casa, não vai? — a mãe insistiu. — Depois do final do ano letivo, quero dizer. Não está pensando em se estabelecer em Buffalo Valley, não é?

— Minha intenção é lecionar durante um ano, mamãe. Depois disso voltarei para casa.

O vale, porém, também era sua casa. Sim, sentira falta de Savannah, dos amigos e da família, mas Buffalo Valley oferecia prazeres que, embora bem simples, eram ótimos.

— Virá para o Natal?

— Não posso, mamãe. — As duas já haviam discutido o assunto. — Não com a peça que a escola vai apresentar e com o preço da passagem.

— Seu pai e eu pagaremos a viagem.

— Não posso *mesmo*. Se for possível, virei na primavera, na época da Páscoa.

Kathleen Snyder abraçou-a com força antes de vê-la entrar no terminal.

— Sinto que vou perdê-la — sussurrou, e sua voz falhou. — Se fosse por mim, Matt levaria uma surra por ser tão teimoso.

— Essa é a parte mais surpreendente, mamãe. Creio que Matt me fez um dos maiores favores desta vida.

O padre Damian McGrath celebrava a missa duas vezes por mês na velha Igreja de São Paulo, em Buffalo Valley. Viera da Irlanda pouco antes da Segunda Guerra Mundial e já passara da idade da aposentadoria.

Lindsay ia à missa ali pela primeira vez, na companhia de Gage e de sua família. Depois disso, jantaria com eles. Gage sabia que o Sr. Snyder era católico, mas Kathleen pertencia à Igreja Batista e criara as filhas nessa religião. Lindsay lhe dissera q' se sentia quase ecumênica, uma vez que costumava acompanhar o avô nas missas de Savannah, além de ir aos cultos com a mãe

Por falta de padres e pela população cada vez menor, Igreja de São Paulo deixara de ser uma paróquia.

O padre McGrath visitava a comunidade no primeiro e no terceiro domingos do mês, para celebrar a missa. E costumava jantar com alguma família do lugar.

Lara Betts o convidara dessa vez. Ficara dois dias preparando uma refeição elaborada, como se o visitante fosse alguém da importância do papa. Gage não entendera o porquê de tanto capricho, mas a mãe lhe dissera repetidas vezes que não era mesmo para entender. Só lhe pedira para ser um anfitrião educado.

Ele não tinha certeza sobre se estava feliz em ver Lindsay de novo. A professora voltara a Buffalo Valley havia uma semana e os dois ainda não tinham conversado. O que, por sinal, até que era bom. Quando se encontrassem, ela provavelmente perguntaria por que fora beijada, e Gage não saberia o que responder. Fora algo espontâneo. Se ele parasse para pensar, nunca teria feito aquilo.

Sabia de uma coisa, porém. Sentira-se muito melhor quando descobriu que Lindsay voltara. Rachel Fischer e Mark haviam levado o carro dela até Grand Forks, para pegá-la no aeroporto. Aparentemente, a sugestão fora de Heath Quantrill. Gage não viu problemas nisso. Gostava de Rachel, e, para um homem com dinheiro no bolso, Heath

não era de todo mau.

Vestido com sua melhor roupa de domingo, ele observava a mãe se movimentar, nervosa, na cozinha. Não sabia por que tanta azáfama, uma vez que tudo estava quase pronto. A mesa do jantar fora posta com a porcelana de gala da família, e o jogo d(?! toalha e guardanapos de linho, engomados a ferro, pareciam perfeitos. Gage não via nada tão chique desde o último Natal.

— Corra, ou vamos nos atrasar para a missa! — Lara ordenou.

A animação da mãe permanecia em alta, e Gage foi obrigado a ouvi-la falar durante todo o trajeto até a cidade. Isso mais ii divertia do que aborrecia, pois percebia que, para ela, o jantar i-ri-ria um acontecimento prazeroso.

Na missa, Lindsay sentou-se do outro lado do corredor. Gage não conseguiu evitar pensar nela o tempo todo e soube, pelos olhares furtivos que vinham em sua direção, que Lindsay também pensava nele.

Depois da missa, uma pequena caravana de carros seguiu para a fazenda. Lara logo levou o padre para dentro de casa, protegendo-o do vento frio e cortante.

— Gage, ajude Lindsay a entrar, sim?

Quase quinze centímetros de neve cobriam o chão. Ele abriu a porta do carro da professora e ofereceu-lhe o braço.

— E bom revê-lo — ela disse, fitando-o. Gage achou difícil sustentar aquele olhar, mas deu um jeito e conseguiu. — Teve um bom Dia de Ação de Graças?

— Ótimo. E você? — foi a resposta educada.

A medida que as palavras saíam, o hálito quente provocava pequenas nuvens no ar frio.

— Maravilhoso.

Ela deixou o assento, as botas mergulhando na neve. Gage fechou a porta do veículo no momento em que o braço feminino enlaçava o seu. Enquanto se apressavam para dentro da casa, ele pôde sentir-lhe a rigidez, a distância que Lindsay se procurava manter.

Logo todos estavam no interior do casarão. Lara, ajudada por Lindsay, levava os pratos para a mesa do jantar. Faziam as refeições ali somente em ocasiões especiais e nos feriados. A presença do padre McGrath era, definitivamente, uma ocasião especial.

Lara fez um bom trabalho ao manter animada a conversa, perguntando a Lindsay sobre a viagem a Savannah. Gage ouvia as respostas com atenção e admirou o modo hábil como ela evitou mencionar o nome de Matt.

— Então você é neta de Gina e Anton? — o religioso perguntou, sorrindo.

— Sim, sou — Lindsay respondeu. — Conheceu meus avós?

— Muito! Muito mesmo. Sua avó era uma mulher de muita coragem.

— Lindsay está morando na casa deles — Gage comentou.

— A que o senhor se referiu ao dizer que minha avó era uma mulher de muita coragem?

— Lindsay perguntou curiosa, inclinando-se para frente.

— Eu a admirava profundamente — o padre respondeu.

— Eu também, mas -infelizmente não a conheci direito — ela contou. — O senhor

foi amigo de minha avó?

McGrath balançou a cabeça, demonstrando que não pretendia dizer mais nada.

— Mas disse que ela era muito corajosa! — Lindsay insistiu.

— Por saber superar a própria infelicidade — foi a resposta vaga.

Gage observou a curiosidade de a professora aumentar.

— Minha avó era infeliz?

O comentário pareceu pegar o velho homem de surpresa.

— Oh, faz muito tempo, criança, e é melhor esquecer.

— Mas eu *não* quero esquecer. Quero saber tudo a respeito dela.

— Aconteceu na época da guerra... Muitos jovens acabaram morrendo.

— Vovó perdeu alguém? — A voz de Lindsay soou emocionada.

— Se ela perdeu alguém? Um jovem, você quer dizer? —

O padre balançou a cabeça, em um gesto negativo. — Oh, não. Bem, não exatamente.

Depois disso, ele mudou de assunto, a despeito das tentativas de Lindsay em voltar a falar da avó.

Quando o jantar terminou, Lara e o reverendo tomaram café conversando em voz baixa, e Kevin permaneceu sentado, com expressão aborrecida. Gage aproveitou a situação para enclinar-se na direção da professora.

— Acha que o padre McGrath sabe alguma coisa sobre o tijolo falso? — sussurrou.

— Aquele, da lareira.

Ela arregalou os olhos e levou um dedo aos lábios, no gesto característico de quem pede silêncio.

— Ninguém sabe daquilo. Só nós dois.

— Tudo bem, não vou dizer mais nada. — Ansioso para acabar a conversa, que girava em torno de pessoas que viveram em Buffalo Valley, ele se levantou, prestes a sair da mesa.

— Preciso verificar um equipamento no celeiro — desculpou-se. — Podem me dar licença?

- Vou com você — Lindsay se ofereceu.

- Eu também — Kevin falou com um alívio indisfarçável Lara devia ter feito um sinal parar que o jovem permanecesse ali, porque ele voltou a sentar-se, com um dar de ombros. — Tudo bem, acompanho Gage em outra ocasião.

Vestidos com casacos grossos, os dois deixaram a casa, Tramp, o cachorro, os seguiu. Ela enfiou as mãos nos bolsos, depois de enrolar o cachecol em volta do pescoço. Um gorro de lã cobria-lhe a cabeça. Apenas os olhos permaneciam visíveis, e isso era suficiente para Gage. Ou melhor, era até demais. Lindsay o observava com tanta intensidade que o deixou nervoso. Afinal, aquela mulher estava apenas de passagem por Buffalo Valley... E por sua vida. Não queria sentir nada por ela, mas a atração crescia a cada encontro.

— Pensei que você não quisesse falar sobre sua avó — Gage disse de repente, tomando o caminho que passava pelos fundos do pomar, onde criava suas abelhas.

— Por que você me beijou?

— Ela quis saber, ignorando-lho a pergunta.

Se Gage soubesse a resposta, teria ido à cidade trinta minutos depois da volta de Lindsay. Em vez disso, esperou, procurando entender seus sentimentos antes de vê-la de novo.

— E então? — ela insistiu.

— Não sei.

Ao menos era uma resposta honesta, mesmo que Lindsay não a apreciasse.

— Para mim, isso não é suficiente.

— Certo. Se você tem alguma teoria, eu gostaria de ouvir.

— Você não *planejou* aquele beijo?

— Claro que não!

— Mas queria que eu voltasse a Buffalo Valley. Disse-me isso

— Sim, disse.

Não podia negar a verdade.

— Por que se importou comigo? — ela indagou a voz mais suave.

— A escola...

— Isso não tem nada a ver com a escola! A irritação a dominava de novo.

— O que quer de mim? — Gage perguntou.

— A verdade. Ele ri.

— Você não quer a verdade. Não pode lidar com ela.

— Uma ova **que** não posso!

Pareceu a Gage que Lindsay pedia algo sem oferecer nada em troca.

— O que está procurando? Quer que eu lhe dê meu coração em uma bandeja? Sinto muito, mas é volúvel demais para merecê-lo. Mas outra pessoa, lembra-se? Matt-qualquer-coisa.

Essas palavras foram seguidas por um silêncio chocante.

— Você é o homem mais irracional e teimoso que conheço. Mais do que Matt!

— Eu? — Nunca, em sua vida, ele conhecera mulher tão exasperante. — Não vou deixar que me faça de tolo, Srta. Snyder, nem que me use. Você disse que queria esquecer seu ex-namorado e que por isso não pretendia manter nenhum relacionamento. Certo, então pare de me olhar como se me desse as boas-vindas. E não espere que as coisas aconteçam do seu jeito. Você quer que eu a ajude a descobrir um velho segredo da sua avó. Sem chance. Deixe-me fora disso.

— Olhar de *boas-vindas*? — ela repetiu. — Como ousa dizer uma coisa dessas?

Antes que Gage pudesse responder, Lindsay se virou e correu para a casa. Ele disparou logo atrás, sem certeza do que fazer, mas conseguiu alcançá-la.

— Lindsay! — chamou, esperando que ela parasse antes de cair na neve. — Ouça, não é seguro...

Tarde demais. Lindsay escorregou no gelo, deu mais dois passos e caiu.

Gage colocou-se a seu lado no mesmo instante. E, antes que fosse capaz de deter-se, tomou-a nos braços e a apertou com força, como se quisesse lhe dizer que sentia muito.

Abraçavam um ao outro, por sinal. A respiração se acelerou quando ambos se ajoelharam na neve, colando-se com um desespero nunca experimentado.

— Eu a beijei porque tudo o que faço é pensar em você — ele confessou.

— Sabe de uma coisa? — Lindsay disse, encarando-o, os olhos famintos e muito azuis. Como as flores do milho, na primavera. — Tudo o que tenho feito é pensar naquele beijo.

CAPÍTULO 12

A conversa com o padre McGrath levantara questões que Lindsay não podia deixar sem resposta. Ele chamara vovó Gina Snyder de mulher "de muita coragem" e se referira a ela como infeliz. Por quê? Lindsay acreditava que o religioso sabia muito mais do que dissera. E suspeitava que o não-dito tinha alguma relação com o que vira quando criança.

As lembranças daquela noite de verão permaneciam vividas. As lágrimas que rolavam pelas faces da avó brilhavam à luz da lua. Soluçava como se segurasse seu tesouro, qualquer que fosse ele, antes de guardá-lo no esconderijo da lareira. Lindsay perguntava-se sem cessar se a velha senhora tinha algum outro esconderijo secreto. Mas olhara em todos os lugares possíveis e. Nada encontrara. Em todo caso, sabia que não descansaria enquanto não descobrisse tudo.

Com a escola e os ensaios para a peça, além da reforma do teatro, não lhe restava muito tempo para dedicar ao passado e a vovó Gina. Sentia-se gratificada pela maneira como todos os moradores haviam se mobilizado para ajudar a escola a renovar o velho prédio. Hassie organizava as pessoas, pedindo ajuda e agendando tarefas. Encarregara Joshua de arrumar o sistema de iluminação, Gage e Dennis de fazer o serviço de carpintaria, Sarah de reparar e lavar as cortinas...

Ninguém, em Buffalo Valley, dizia "não" a Hassie. Professor e farmacêutica mantinham reuniões regulares a fim de discutir os progressos em relação ao teatro. Certo dia, quando a oportunidade apareceu, Lindsay perguntou sobre vovó Gina, mas Hassie não vivia no vale na época da guerra. Sugeriu que ela entrasse em contato com Lily Quantrill, amiga de longa data dos Snyder. Mais do que isso, pediu a Heath a gentileza de apresentá-la à avó, que concordou em falar com Lindsay naquele final de semana.

Felizmente, a despeito da afirmação de que não desejava se envolver com a história, Gage estava disposto a ajudá-la. Chegou cedo, no sábado, para levá-la até Grand Forks.

— Fiz café e coloquei em uma garrafa térmica, para tomar durante a viagem — anunciou Lindsay, abrindo a porta.

Embora ambos tivessem conversado durante toda a semana, planejando a ida a Forks, ela sentia certa timidez diante de Gage. Mal conseguia acreditar nas coisas que dissera e fizera. Ter sido chamada de "volúvel", ter ouvido que gostaria que o fazendeiro lhe entregasse o coração em uma bandeja, fizera com que ela lhe oferecesse o coração. Abraçaram-se na neve, beijaram-se até Lindsay pensar que fosse derreter, e então voltaram para a casa, de mãos dadas.

Lara notou de imediato a mudança de atitude. Ficou deliciada.

Lindsay não sabia aonde aquele relacionamento levaria, irias, depois de muita reflexão, decidiu não ser necessário ter garantias quanto ao futuro. Seu namoro com Matt a tornara cautelosa e insegura quanto ao próprio julgamento. Por enquanto, gostava de ficar ao lado de Gage, apreciava-lhe o bom senso e a amizade, era grata por sua ajuda em desvendar o segredo de vovó Gina Snyder.

— Telefonou para Lily Quantrill? — ele perguntou.

— Ontem à noite. Pedi-lhe que nos esperasse por volta das dez, da manhã.

Gage consultou o relógio.

- Então é melhor partir já.

- Estou pronta.

Pegou o casaco, o cachecol, as luvas e o gorro de lã. Não fazia idéia do que era sentir frio, muito frio, até ir morar em buffalo Valley. Comprara um, sobretudo cujo tecido não deixava o ar gelado passar, além de botas para invernos rigorosos, indo o mais lhe fora dado.

Desse modo, estava bem preparada para enfrentar a neve de Dakota do Norte.

— Imaginei que pudéssemos almoçar depois do encontro com Lily

— Gage comentou enquanto a auxiliava a entrar n caminhonete.

— Seria ótimo.

Lindsay teria de voltar até as três da tarde, para mais u ensaio. Também marcara uma reunião com Sarah Stern, par discutir as roupas e o cenário. A moça estivera na escola, n última sexta-feira, para conversar com os alunos, e levara uma colcha de retalhos que acabara de fazer, além de livros com diferentes combinações de tecidos. Também levara algumas tinturas naturais com as quais tingia os panos. Todos ficaram maravilhados. E Sarah acabara cedendo uma de suas criações para servir de cenário à peça.

Lindsay observou que Gage a estudava. Estava tão sensual que ela mal conseguia controlar a vontade de beijá-lo. Riu, o ele a fitou.

— O que há de tão engraçado?

— Nada. É que estou feliz, só isso.

— Também estou — Gage afirmou com um sorriso.

— Sinto-me animada por causa da conversa com Lily. É a primeira chance verdadeira de conhecer alguma coisa sobre minha avó. Meu avô simplesmente não sabia nada a respeito dessa história.

— Espero que a Sra. Quantrill possa responder a sua perguntas.

— Também espero!

Lily Quantrill cumpriu o que prometera. Às dez encontrava-se em sua suíte, no último andar da clínica de repouso, Sentada na cadeira de rodas, tinha uma colcha de crochê sobre o colo. As mãos, enrugadas e ressequidas, descansavam nos braços da cadeira.

— Então você quer saber coisas sobre sua avó, hein? Disse antes que Lindsay tivesse a chance de sentar-se.

Pelo visto, não era de perder tempo com conversa fiada.

— Isso mesmo. Se a senhora não se importar em me contar, claro.

— Você não estaria aqui se eu me importasse. Que deseja saber?

— As duas se conheciam bem?

— Crescemos juntas. Eu a considerava uma de minhas amigas mais próximas e queridas.

— Fez um gesto imperioso. — Sente-se!

— Pode-me falar sobre a época da guerra? — Lindsay perguntou ao se acomodar num sofazinho pequeno e elegante.

Gage sentou-se a seu lado, pouco à vontade em uma peça tão feminina. A velha senhora fez uma pausa e olhou de um para outro.

— Você conhece essa história, não conhece?

— Não — Lindsay respondeu, e então se arrependeu de tamanha honestidade. Se fingisse, talvez viesse, a saber, de algo que, de outro modo, Lily poderia não lhe contar.

— Eu esperava que a senhora explicasse...

A Sra. Quantrill refletiu, como se medisse as palavras.

— Sabia que ela amava Jerome Sinclair?

— Meu avô? — Gage indagou surpreso.

— Pensei que os dois estivessem aqui por isso.

— Eu não sabia! — ele disse, buscando o olhar de Lindsay. - Afinal, os dois nem mesmo se casaram...

— Havia um bom motivo para isso, se você me der a chance de continuar — Lily falou em tom suave.

— Gina Colby enamorou-se de Jerome quando era criança. Na sétima série, disse-me que planejava casar-se com ele, no futuro. Lembro-me de ter rido e perguntado se Jerome sabia disso. — Sorriu perdida, por alguns momentos, no passado distante. — Gina garantiu que ele a amava, mas que ainda não sabia disso. Podem imaginar? Mas, se quiserem saber, ela estava certa. — Balançou a cabeça.

— Éramos muito jovens, na época. Jerome tinha dois anos a mais do que Gina e eu. Era alto e magro. Bem, mas naqueles anos nenhum de nós tinha muita coisa para Comer.

- Continue, por favor — Lindsay pediu quando Lily fez uma pausa para respirar.

- Estávamos na Grande Depressão e éramos tão pobres que não tínhamos nem dois centavos para esfregar um no outro. Hoje em dia as pessoas não entendem o que foi viver em uma época assim.

- Deve ter sido muito difícil.

— Lindsay comentou, procurando voltar ao tema principal. — A senhora disse que havia um bom motivo para minha avó não ter-se casado com o avô de Gage...

— Isso mesmo. — Lily fez outra pausa, e uma tristeza profunda refletiu-se em seus olhos.

— Gina pensou que ele estivesse morto.

Gage segurou a mão de Lindsay e a apertou.

— Meu avô foi capturado pelos japoneses em 1943 e feito prisioneiro durante dois anos.

— Tudo o que Gina soube foi que Jerome havia desaparecido no campo de batalha. E ambas sabíamos o que a palavra "desaparecido" significava. Ela ficou de luto por algum tempo, e até adoeceu. A mãe permaneceu a seu lado, sem ter como ajudá-la. Tinha medo de que a filha morresse de tristeza.

— Isso aconteceu quanto tempo antes de ela se casar com meu avô?

Lily fechou os olhos por um momento.

— Seis meses, talvez. Ou um ano. Anton foi dispensado da guerra por razões médicas. Trabalhava na fazenda com o pai, e essa foi sua contribuição para aqueles tempos difíceis. Sempre amou Gina e a importunou por meses até ela consentir em vê-lo. Na verdade, sua avó parecia outra mulher depois que se casou com Anton Snyder.

— Então a guerra terminou e meu avô voltou a Buffalo Valley — Gage informou.

Lily assentiu.

— Na época, Brian, pai de Lindsay, já havia nascido. Gina e Anton moravam na fazenda. Trabalhavam muito, e tinham uma vida descomplicada.

— Vovó e Jerome chegaram a conversar sobre isso? Lindsay podia imaginar o choque da avó ao descobrir o homem que amara estava vivo. O choque e o sofrimento doía-lhe pensar no que os dois tinham passado, amando por tantos anos e, depois, vendo-se separados pela guerra.

— Eles talvez tenham falado algo a respeito. Mas, se não aconteceu, ficou entre os dois. Tudo o que sei foi que os primeiros meses tornaram-se difíceis para ambos. Gina não tinha como saber que Jerome sobrevivera. Os japoneses não publicaram o nome como prisioneiro. Assim, passaram-se dois anos, e ele teria vivido um inferno antes de voltar para casa.

— Deve ter sido por isso que o padre McGrath a chamou de corajosa. Embora casada com meu avô, ela amava outro homem.

— Creio que Gina sempre manteve um afeto especial por Jerome, mas ele foi o grande amor de sua juventude. Como mulher, adulta, ela sempre amou o marido. Dedicou-lhe a vida e o coração. Foi fiel aos votos do casamento. O tempo provou isso.

— Mas Gina e Jerome... Viviam na mesma cidade! Um ar saudoso dominou o olhar de Lily Quantrill.

— Suponho que soe estranho para vocês, jovens, mas aquela época era diferente. Hoje, os votos não valem nada. Gina se casou com Anton e deu à luz seus filhos.

Embora seja duro acreditar, Gina e Jerome viveram na mesma comunidade, criaram seus filhos, tocaram suas vidas. Não tiveram escolha.

— E quanto a meu avô? — Gage quis saber, inclinando-se para frente, apoiando os cotovelos nos joelhos. — Foi feliz?

— Difícil responder, mas acredito que sim. A volta da guerra não foi nada simples. Jerome ficou arrasado quando encontrou Gina casada, mas não se colocou contra ela.

— Lily fez uma pausa e balançou a cabeça, resignada. — A guerra foi uma experiência cruel. Seu avô nunca foi de muita conversa, mas depois se tornou ainda mais calado. Casou-se com Molly, sua avó, e creio que encontrou a paz. A felicidade? Não sei. Talvez.

Lindsay e Gage deixaram a suíte dez minutos depois. E, se na viagem para Grand Forks riram e conversaram, agora, na volta, permaneciam em silêncio.

— Ela amou seu avô — Lindsay sussurrou, por fim. — Sei que amou.

— A maneira dela.

Lindsay olhou para as mãos, medindo os próprios pensamentos.

— Eu... Acho que não fará nenhum mal se eu lhe contar agora.

— Contar o quê?

— Como eu descobri o esconderijo secreto.

Ela hesitou, lembrando a promessa que fizera à avó, de nada dizer a ninguém. Mantivera sua palavra durante todos aqueles anos.

- Lindsay?

- Eu... Prometi a ela.

— Prometeu o quê?

— Não contar a ninguém. Mas trata-se de seu avô, e então você tem o direito de saber.

Gage tomou-lhe a mão.

— Tudo bem. Não precisa dizer nada. Ela assentiu grata pela compreensão.

— Minha avó o amava, mais do que podemos imaginar. Chorou por ele ano após ano. Tenho certeza de que a afirmação da Sra. Quantrill, sobre Gina amar meu avô, era verdadeira, mas... Bem, o coração dela pertencia a seu primeiro amor. Estou absolutamente certa disso.

Lágrimas inexplicáveis encheram seus olhos e Lindsay desviou a vista, para que Gage não as visse. Mas ele as notou, porque parou o carro e desligou o motor.

— Lindsay? — chamou, com o mais gentil dos sussurros. Ela se virou para fitá-lo. Gage então a abraçou com força.

Permaneceram assim, colados um ao outro, como se pudessem viver o que os antepassados haviam perdido meio século atrás. Não falaram. Não precisavam de palavras.

Joanie esperou até sábado à noite, depois que as crianças foram dormir, para se aproximar de Brandon. Pela televisão vinha o som de risadas quando ela levou uma xícara de café ao marido, que, sentado e sem sapatos, apoiava os pés na mesinha de centro.

— Podemos conversar? — perguntou, acomodando-se no braço da poltrona onde ele se encontrava.

Brandon desviou o olhar da telinha com óbvia relutância.

— Sobre o quê?

Joanie pegou o controle remoto e desligou o aparelho.

— O assunto é sério.

— Tudo bem — ele concedeu, colocando os pés no chão endireitando-se.

— Preciso lhe perguntar uma coisa.

— Se for sobre o Natal...

— Não tem nada a ver com o Natal.

Brandon já deixara claro que naquele ano a família não sairia de férias. Cada filho receberia apenas um presente. E Joanie não trocariam lembranças. Nem as dariam a ninguém. Naquele Natal, segundo Brandon, não haveria nada a celebrar.

— Quero fazer uma introdução àquilo que vou dizer — ela começou, inalando profundamente e segurando a respiração por alguns segundos.

— E isso por que... Bem, porque não quero que você responda com raiva.

Os olhos masculinos se estreitaram, em suspeita.

— Em outras palavras, não vou gostar daquilo que você irá dizer, certo?

Joanie foi incapaz de negar a verdade.

— Diga logo!

— Acho... — Ela temia que o marido jamais fosse concordar, mas, pelo bem do casamento, pelo bem da família, tinha que tentar. — Acho que devemos vender a fazenda.

Feita a sugestão, Joanie fechou os olhos, antecipando a reação de Brandon. Não teve de esperar muito. Ele saiu da poltrona e começou a caminhar de um lado para outro.

— Esta terra pertence à minha família há cem anos!

— Sei disso.

— Você está pedindo que eu vendesse minha herança, a herança de meus filhos!

— Estou apenas pedindo para que pense no assunto. Que procure alternativas. Está se matando de tanto trabalhar. Não lemos uma vida digna desse nome, Você vive preocupado com dinheiro. Pode querer continuar assim, mas *eu* não quero. Tanto stresse está me deixando doente. Já estou com anemia!

Ele voltou a sentar-se e pressionou as mãos nas pálpebras erradas.

— Os pequenos fazendeiros não têm mais saída — Joanie prosseguiu.

— Não em um mundo como o de hoje, em que tudo é regido pelo tal "mercado". E o "mercado" pertence somente aos poderosos, "não a nós, mortais comuns.

- Trabalhar a terra é tudo o que sei fazer.

O sofrimento que havia na voz dele quase a fez desistir.

- Mas pode aprender outras coisas, menos estressantes. Ele franziu a testa. Em sua expressão havia dúvida e medo.

- Meu pai disse que, se você quiser, pode apresentá-lo ao sindicato dos encanadores. Conhece o coordenador de treinamentos.

— Você conversou sobre isso com seus pais? — A voz soou magoada.

— E algo tão imperdoável assim?

— Isso talvez a surpreenda, mas tenho meu orgulho.

— Não permita que esse orgulho destrua nossas vidas! Brandon não respondeu. Os músculos das faces tremeram e o olhar evitou o da esposa.

— Você acha que o traí ao falar com meus pais sobre nossos problemas — Joanie disse, em um sussurro —, mas tenho feito o que posso para salvar nosso casamento.

A princípio, ele permaneceu em silêncio. Depois de alguns momentos, respondeu:

— Seus pais tinham razão. Não devíamos ter nos casado.

— Vou deixar que você diga a Sage e Stevie que eles foram um erro! — ela gritou, lutando contra a raiva.

Não era a primeira vez que o marido lhe fazia esse tipo de acusação.

Joanie já estava farta.

— Não foi isso que eu disse! — ele devolveu.

— Em outras palavras, as crianças não foram um erro. O erro fui *eu*!

— Não, você não. *Nós*. Não passamos de um grande engano. Eu devia tê-la conhecido melhor antes de decidir trazê-la para a fazenda. Você não entende o que significa ser esposa de um fazendeiro. Eu devia ter ouvido meus instintos.

Joanie já devia estar acostumada a palavras como aquelas, mas mesmo assim elas ainda doíam.

— Então sua resposta é "não". Recusa-se a pensar na possibilidade de vender a fazenda.

— Minha resposta completa é "não, droga!". Ela fez um gesto de assentimento. Não estava nem mesmo

Desapontada, uma vez que já esperava por aquilo. Sem disposição de prolongar a agonia, deixou a sala e dirigiu-se para o quart. As malas estavam guardadas no fundo do armário. Joan pegou a maior delas e começou a enchê-la com suas coisas. Não desejava voltar para Brandon sob ameaça ou tensão.

o marido tivesse concordado em pensar, apenas pensar, na venda da terra, ela lhe teria contado o porquê da sugestão. Mas saber que havia outro filho a caminho simplesmente acrescentaria mais lenha em uma fogueira já muito alta. Por enquanto, manteria a gravidez em segredo. Assim, não poderia ser acusada de manipulá-lo.

— Que diabos está acontecendo aqui? — Brandon perguntou ao entrar no quarto. — Vai me abandonar?

Joanie o fitou. Não havia emoção em seu olhar.

— Não me diga que está surpreso. Tudo o que* disse e fez nas últimas semanas indicaram que queria exatamente isso.

Ele permaneceu em silêncio. O orgulho o impediu de refutar aquelas palavras ou de pedir-lhe para ficar. Joanie percebeu isso com o coração partido. As coisas não deviam terminar assim. Amava aquele homem, sempre o amara, e planejava envelhecer ao lado dele.

— Sei que pensa que nos levou ao fracasso, Brandon, mas isso não é verdade. Você está tentando lutar contra circunstâncias que se tornaram soberanas. Não podemos continuar assim. Eu esperava que fôssemos capazes de tentar mais uma vez, mas vejo que me enganei.

— Só porque me recusei a vender a fazenda? — ele indagou com amargura.

— A venda da propriedade foi a única coisa em que pude pensar quando procurei nos dar uma chance. Sinto muito se a sugestão provocou essa situação incômoda.

Brandon sentou-se no colchão.

— Vai levar as crianças? Ela assentiu.

— Sim, vou.

— Creio que é melhor — ele disse, com voz resignada.

— Eu ainda não lhes disse nada. Imaginei que pudéssemos fazer isso juntos, pela manhã.

— Certo. Suponho que você esteja indo para a casa de meus pais...

— Não. Mamãe e papai têm um imóvel de aluguel que está vindo. Disseram que eu e as crianças podemos ocupá-lo pelo tempo que for necessário.

— Há quanto tempo você vem planejando isso?

— Não é o que quero, nunca foi, mas não podemos continuar como estamos destruindo-nos aos poucos. É óbvio que você não me ama mais.

— Eu lhe dei aquelas duas malditas máquinas, não dei? Joanie manteve a cabeça erguida.

— Sim, deu, e desde então tem se arrependido a cada minuto. Acha, honestamente, que me alegro em usá-las depois de ouvir todas as coisas que você disse? Se eu pudesse, as devolveria à loja.

Brandon a observou em silêncio. De repente, levantou-se e caminhou até a porta, mas, antes de deixar o quarto, voltou-se.

— Imagino que você espere que eu lhe peça para ficar.

— Não.

— A escolha foi sua. Lembre-se disso. Joanie assentiu.

— Certo.

— Eu não lhe pedi para ir embora.

— Não. Você me levou a isso — ela respondeu, angustiada. Era difícil. Muito difícil. Previra a raiva do marido, mas estava perplexa com a dor que ele demonstrava.

— Não irei atrás de você, Joanie.

— Não espero que vá.

— Apenas se lembre de que você quis pôr fim a este casamento.

— Eu quero um casamento, mas nosso relacionamento está muito longe disso.

— Tenho uma certidão assinada que diz outra coisa. Se você deseja acabar com nosso casamento, não posso fazer nada. Mas vamos deixar algumas coisas claras desde já.

Joanie fechou a mala e a trancou. Brandon esperou que ela se endireitasse e o fitasse antes de falar.

— Assim que você sair por aquela porta irá sozinha. Não vou segui-la.

— Já sei disso. — Falo sério.

— Não duvido.

Ele levou as mãos aos bolsos.

— Mandarei o dinheiro que puder mandar.

Lágrimas queimaram os olhos de Joanie, que precisou de toda a sua determinação para mantê-las ali.

— Tudo o que você fizer para ajudar será bem-vindo.

— Como planeja sustentar-se? Vai procurar emprego?

— Vou. Conversei com uma amiga de mamãe, na época do feriado. Ela me disse que, se as coisas não se ajeitassem por aqui, eu poderia procurá-la. Iria me dar um emprego.

Uma raiva fria faiscou nos olhos de Brandon.

— Com quantas pessoas você discutiu nossa situação? Há quanto tempo vem planejando me abandonar?

— Isso importa?

— Creio que não — ele respondeu, derrotado.

— Foi o que pensei. — Joanie tirou a mala de cima da cama e a colocou junto com as outras malas.

— Cuidarei para que as crianças permaneçam em contato.

Ele assentiu.

— Lembre-se de que a decisão foi sua.

— Vou me lembrar.

— Esta noite dormirei no sofá.

Com essas palavras, Brandon saiu do quarto. O nó na garganta tornava a respiração de Joanie quase impossível.

Estava tudo terminado.

Pela manhã, depois que saísse dali, com as crianças, nunca mais veria Brandon. Só no tribunal de justiça. Quando fosse assinar os papéis do divórcio.

Rachel esperou por aquela noite durante toda a semana. Mark fora dormir na casa de Lindsay, para que a mãe pudesse sair para jantar com Heath. A única desvantagem do sucesso da pizzeria era trabalhar todos os finais de semana. Por isso, porque o banqueiro só passasse na cidade três dias por semana, ambos se encontrariam naquela quarta-feira., ,

Nos três últimos meses Rachel sentira que começara a conhecer Heath. Ele demorou muito a convidá-la para sair. Primeiro tornou-se seu amigo, e ela só podia agradecer por tanta paciência. Era o tipo de homem que sabia o que queria e como chegar lá. E, se era a *ela* que Heath queria... Bem, só podia se sentir lisonjeada.

No Dia de Ação de Graças, ele a convidara para conhecer a avó. Rachel acabou passando uma tarde agradável com Lily Quantrell. A velha senhora lembrava-se de seus pais, de seus avós, e lhe contou muitas histórias sobre a família. Histórias que Rachel nunca ouvira.

Ela adorou observar o modo como Heath tratava a avó e divertiu-se com os jogos de palavras que um aplicava no outro. Lily falava com a aspereza dos sinceros, enquanto o neto sempre dava um jeito de dizer coisas que a irritassem, só para vê-la reagir com energia. Na volta para casa, ele lhe confessara quanto amava a avó. E estava mais do que evidente que Lily também amava Heath. Rachel suspeitava que os dois eram mais parecidos do que poderiam imaginar.

O jantar daquela noite era muito importante. Um marco para ambos. Rachel não estava bem certa de como sabia disso, mas tinha a nítida impressão de que aquele era

mais do que um encontro de rotina. Conhecer a avó de Heath fora o primeiro passo. Aparentemente, ela passara no teste.

O vestido que comprara custara uma pequena fortuna. Além disso, gastara um tempo enorme cuidando dos cabelos e da maquiagem. Quando deixou Mark na casa de Lindsay, a amiga garantiu-lhe que estava maravilhosa. Rachel esperava que fosse verdade. Fazia quinze anos que não saía com um homem. E, apesar de conhecer Heath e sentir-se à vontade a seu lado, estava nervosa.

A campainha soou. Ela se levantou do sofá, o coração aos saltos. Obrigou-se a manter a calma enquanto caminhava até a porta.

— Olá, Rachel — Heath a cumprimentou, entrando na casa. Tirara a neve das botas e do, sobretudo na varanda, enquanto

a esperava atender à campainha. O vento de dezembro soprava forte lá fora, sinal de que a nevasca iria se tornar ainda mais intensa.

— Você armou sua árvore de Natal cedo, hein? — ele comentou, avaliando e aprovando o enorme enfeite.

— Mark quis montá-la no final de semana. Heath a fitou com atenção.

— Você está linda.

— Obrigada. Você também está muito bonito.

Ele sorriu, e Rachel jurou que era o sorriso mais belo que já vira.

— Acho que até hoje ninguém me chamou de "bonito"...

— Ora, você entendeu o que eu quis dizer — ela respondeu, corando.

Heath a ajudou a vestir o casaco e apoiou as mãos em seus ombros. Quando os lábios tocaram a nuca feminina, Rachel fechou os olhos, saboreando a sensação que lhe provocava arrepios. Ele então a girou e a beijou, com suavidade e gentileza. Foi um beijo breve, mas intenso,

— Melhor irmos andando — murmurou Heath, a respiração ligeiramente alterada.

Ela assentiu.

— Vamos.

— Fiz uma reserva no Mulligan's, em Devils Lake.

Era o melhor restaurante da região. Mas ficava distante de Buffalo Valley. No entanto, se Heath não se importava com a distância, ela tampouco faria esse tipo de objeção.

— Mark está com Lindsay. Assim, posso voltar tarde.

— Ele vai passar a noite lá?

— Vai. Estava animadíssimo, em especial porque conseguiu um pequeno papel na peça da escola.

Quer ensaiar suas falas com a diretora.

— A peça será encenada na semana que vem?

— De quinta-feira a sábado. Será maravilhoso. Todos se forçaram tanto!

Direta ou indiretamente, a comunidade inteira se envolvera com a peça. A Rachel coubera a assessoria de imprensa, isto é, o envio de material de divulgação para os jornais e as estações do rádio da região. Ouvira dizer que viria gente de locais longínquos, perto

da fronteira com o Canadá.

Heath conduziu-a até o carro, fez com que entrasse e só depois tomou o assento do motorista.

- Está muito frio! — exclamou ao entrar.

Rachel achou melhor não o lembrar, naquele momento, que em janeiro esfriaria bem mais. Oficialmente, ainda não estavam no inverno. Na certa, o fato de ele ter vivido fora de Dakota do Norte por alguns anos o levava a esquecer a atmosfera gelada daquela parte do país, naquela época do ano.

Ela suspirou. Nunca fora ao Mulligan's, e ficou satisfeita ao descobrir que o restaurante era animado. Ambos pediram filés e dividiram uma garrafa de vinho tinto. Rachel também adorou a conversa. Fascinada, ouviu-o contar sobre as viagens, sobre os lugares onde estivera e sobre as coisas que havia - feito. Poderia escutá-lo para sempre.

— Lindsay me contou que os alunos ficaram maravilhados com sua palestra, na escola

— disse quando falavam sobre Buffalo Valley.

Heath sorriu.

— Para mim também foi ótimo. A princípio, eu iria discutir a rotina do banco, mas acabamos conversando sobre diversão outros assuntos. Falei de minhas viagens. Por sorte, levei algumas cédulas e moedas de outros países.

De acordo com Lindsay, Heath cativara os estudantes. Apresentara a eles a libra inglesa, o franco francês, um cálice italiano fabricado no século dezessete, uma bandeira egípcia um ramo petrificado, que trouxera dos Alpes. Cada objeto tinha uma história, e essas histórias transformaram a aula em uma das mais animadas do ano. Lindsay dissera que os alunos pediram para convidar Heath para outra palestra.

O restaurante estava prestes a fechar quando ele finalmente sugeriu que saíssem. Correram até o carro, para fugir do frio e em segundos encontravam-se ali dentro, aquecidos.

— Oh, Heath, foi uma noite adorável!

— Concordo. Foi mesmo — ele respondeu, sorrindo. Feliz, Rachel recostou a cabeça na parte de trás do assento e suspirou.

— Você sabe realmente como fazer uma mulher feliz!

— Eu tento. Ela riu ao ouvir a resposta.

Quando chegaram a Buffalo Valley, Heath estacionou o veículo em frente à casa de Rachel, desligou o motor e perguntou

— Vai me convidar para um café? — Quer que eu o convide?

— Seria ótimo.

— Então, considere-se convidado.

Como o cavalheiro que sempre fora, ele a ajudou a sair do automóvel. Depois seguiu-a até a cozinha e a observou preparar a bebida fumegante.

— Sabe de uma coisa? Não é bem o café que me interessa.

— Não?

— É você. — Oh, Heath...

Ele a conduziu à sala de estar e, ao sentar-se no sofá, puxou-a para o colo. Rachel o enlaçou pelo pescoço e o beijou. Experimentava um fogo cada vez mais intenso por dentro, por causa das coisas que aquele homem a levava a sentir. Por causa de sua gentileza, de sua simpatia, de suas histórias interessantes. Por causa dos beijos, cada vez mais urgentes...

— Eu jamais imaginaria que as coisas seriam assim conosco — sussurrou, depositando vários beijos ao longo do pescoço feminino.

Rachel gemeu. Ao escutá-la, ele também gemeu e tornou a cobrir-lhe os lábios.

Ela se sentia devorada pelo desejo. Tinha a mente nublada pelo vinho e pelas carícias.

— Seu vestido é maravilhoso — Heath murmurou depois de um longo beijo. — Eu só gostaria que não tivesse este zíper complicado nas costas...

Rachel ouviu o ruído do metal deslizando e moveu os braços, de modo a ajudá-lo a tirar a parte de cima. Em seguida sentiu as mãos fortes nos seios e gemeu. Gemeu mais ainda quando os polegares brincaram com os mamilos.

— Engraçado... Gorri o mundo inteiro — ele disse baixinho, com voz rouca — e durante todo esse tempo você estava bem aqui. Rachel... Nós vamos fazer amor, sabe?

Ela abriu os olhos.

— Agora?

— Esta noite — foi à resposta segura, confiante.

— Oh... — Rachel tomou-lhe o rosto nas mãos e o fitou. — Ainda não estou preparada para isso.

O olhar de Heath refletia sua confusão.

— Que quer dizer? Pensei...

— Não percebi o que você pensou. Se o tivesse feito, teria lhe dito que ainda é muito cedo.

— Mas você até fez com que Mark fosse passar a noite na casa de Lindsay e...

— Acontece que não fiz isso para dormir com você!

— Não vai deixar que eu, a essa hora e com esse frio, tenha de dirigir até Grand Forks, vai?

As palavras soaram leves, brincalhonas, mas havia um toque de desapontamento nelas.

— Não.

— Ainda bem.

— Buffalo Bob gostará de ter um cliente esta noite. Heath fez uma careta, como se não tivesse gostado da sugestão.

— Tem certeza?

— Ouça, não sei de onde você tirou a impressão de que iríamos para a cama no primeiro encontro. De todo modo, está mal-informado.

Ele a fitou, surpreso.

— Oh, qual é o problema? Nenhuma mulher lhe disse "não" antes? — Rachel perguntou com voz suave, divertida.

— Para dizer a verdade, não. — Heath a tirou do colo e se ergueu, ainda desconcertado. — Não compreendo — disse, correndo os dedos no cabelo. — Nós nos beijamos e eu me sinto prestes a explodir, mas você permanece calma!

— Adoro seus beijos, mas não quero fazer nada de que possa vir a me arrepender. Tenho uma reputação para manter. *K* princípios, embora hoje em dia isso talvez seja algo ultrapassado. Sinto muito se lhe dei outra impressão.

— Não deu — ele resmungou. — Captei sua mensagem com toda a clareza.

Você procura um homem quase santo, algo que nunca fui. Boa sorte, Rachel. Espero que o encontre. Porque esse homem não sou eu.

CAPÍTULO 13

Gage entrou no velho teatro ao lado da mãe. Estava impressionado com tantas mudanças. Sua contribuição se dera no começo da reforma, quando Lindsay e Hassie pareciam pedir o impossível. A tarefa de renovar o antigo prédio parecia fadada ao fracasso. Mas o trabalho fora feito.

Ele admirava a determinação e a firmeza de caráter da professora. Sem muito esforço, Lindsay o convencera, a princípio, a fazer a carpintaria e o reboco. Depois, quase sem sentir, Gage se vira pintando paredes e realizando outras tarefas, assim como lodo mundo. Mais uma vez a comunidade se unira em torno de um objetivo por iniciativa de Lindsay. Primeiro a escola, agora o teatro... Até mesmo Jacob e Marta Hansen deram sua contribuição. Claro, com sua habitual lista de queixas.

O velho teatro reagira com graça a tanta atenção. Olhando cm volta, Gage via traços dos antigos dias de glória. Uma árvore de Natal se achava onde, no passado, ficava o órgão. *K* alguém, provavelmente Lindsay, pendurara ramos de sempre-vivas em torno do amplo salão.

— Oh, meu filho, veja! — disse Lara, fazendo um gesto para a esquerda. — Os Hunters também vieram!

Gage reconheceu diversas pessoas que não via há um longo tempo. Fazendeiros e sitiante de várias cidades vizinhas ali 'filavam, com suas famílias. Havia poucas oportunidades de entretenimento naquela região.

- Faz bem a meu coração ver toda essa gente — Lara acrescentou.

Todos os lugares estavam ocupados. Se Lindsay não tivesse reservado as primeiras fileiras para os parentes dos alunos, provavelmente eles teriam de assistir à apresentação em pé.

Gage conduziu a mãe à quinta fileira. Sentaram-se. Ele não gostava de pensar no que aconteceria no final do ano letivo. Queria que Lindsay ficasse, mas não podia contar com isso.

Ela levava energia e esperança a Buffalo Valley. Seu entusiasmo influenciara a comunidade inteira. A prova se achava bem à sua frente: em um ano repleto de más notícias, as pessoas estavam reunidas, rindo e conversando. Havia um ar de festa, de ânimo. Em vez de concentrar-se naquilo que haviam perdido os moradores, incluindo Gage, valorizavam o que possuíam. Ele jamais seria um homem rico, segundo os padrões do mundo. Mas tinha tudo de que precisava para ser feliz, e agradecia à nova professora por lembrá-lo disso.

Lindsay era responsável por uma série de bons acontecimentos em Buffalo Valley. Kevin, por exemplo, acompanhava todas as aulas, e Gage tinha certeza de que o entusiasmo do irmão se devia à professora. Afinal, até aquele ano, o rapaz jamais demonstrara grande interesse pelo conhecimento.

No entanto, havia muito mais. Kevin agora conversava com Gage de maneira mais livre, e até mesmo lhe mostrara alguns de seus projetos artísticos. O garoto tinha talento e corara de vergonha quando ouvira o irmão mais velho dizer isso.

Outra iniciativa fantástica foi a de convidar os diversos membros da comunidade para falar na escola, nas tardes de sexta-feira. Isso os enchera de orgulho. Joshua McKenna, por exemplo, andava todo feliz, uma vez que sua palestra sobre a história de Dakota inspirara a criação da peça. Grande parte da mobília do cenário viera de sua loja. Além disso, ele cuidava da iluminação do teatro. E uma das colchas feitas por Sarah seria usada no palco, bem como um antigo baú de Hassie.

Lindsay motivara as pessoas de Buffalo Valley a mostrai' sua generosidade, seu orgulho. Oferecera-lhes um modo de *rea* gatar o espírito comunitário.

Talvez nem todos admitissem isso, mas era verdade. Gage devia ter se apaixonado por ela naquele primeiro rápido encontro, no verão. Depois disso, por mais que tivesse tentado, não conseguiu mais esquecê-la. Procurou ignorá-la quando a viu aceitar o trabalho e mudar-se para a cidade. E fez isso porque sabia que, após o primeiro encontro, aquela mulher acabaria se tornando fundamental em sua vida.

A descoberta sobre os avós os fizera mais próximos. Gage sentia que uma afinidade verdadeira o ligava a Lindsay, e admirava os sacrifícios que Gina Snyder fizera. Para ela, a avó sempre amou Jerome Sinclair. E para ele, por um motivo inexplicável, o avô sempre devotara à doce Gina uma paixão sem limites. Do contrário, não teria se mantido fora da vida dela.

— Mal posso esperar — disse Lara, já acomodada em seu lugar.

— Tomara que tudo dê certo.

Gage nunca vira a mãe tão nervosa. Nem mesmo na noite do jantar para o padre McGrath. Kevin não desempenharia, na peça, o papel de ator. Criara, desenhara e pintara o cenário. Passara longas tardes debruçado no projeto. Era assistente de palco, dizia, cheio de orgulho.

Ao ler o programa, Gage notou que Buffalo Bob aproveitara a oportunidade para fazer um anúncio de página inteira, incluindo um cupom de desconto para quem fosse a seu hotel bar restaurante. Bancara a impressão do programa e dos cartazes, desenhados por Rachel Fischer e espalhados por vários condados da região.

Muitas famílias utilizariam o cupom na hora do jantar. Ele suspeitava que Buffalo Bob teria mais trabalho, nas três noites da peça, do que nos dois anos em que tocava o estabelecimento.

Outro ponto para Lindsay, que estava agitando a economia da cidade.

— Olhe — Lara disse orgulhosa, apontando para o nome de Kevin, no programa.

Havia uma lista da qual constavam os doze alunos da escola, além dos mais novos, que estudavam em Belmonte. Lindsay fizera questão de colocar os nomes de todos os colaboradores, incluindo os moradores que ajudaram na reforma do teatro.

O burburinho transformou-se em um murmúrio baixo quando as cortinas se abriram e a professora apareceu no centro do palco. Havia um brilho especial em seu olhar.

Ela estava nervosa mas tentava esconder o fato. Apertava o cartão branco que

levava nas mãos e olhava para o auditório lotado. Gage gostou de imaginar que Lindsay procurava por ele e sorriu, procurando inspirar-lhe confiança.

— Boa noite a todos — ela começou, com voz firme e segura. — Quero lhes dar as boas-vindas. E gostaria de anunciar que os ingressos para esta primeira noite estão esgotados. A bilheteria acabou de me informar que, a partir de agora, quem entrar terá de ficar em pé. Muito obrigada!

Aplausos entusiasmados.

Quando viu Lindsay deixar o palco, Gage sentiu-se reconfortado pelas palmas e pelos gritos de apoio. Ela merecia.

A peça era exatamente como ele imaginava que seria. Os alunos haviam selecionado alguns fatos da vida dos avós e montaram um texto que contava as dificuldades e os triunfos dos antigos habitantes da região. Naquela época, as pessoas realizavam comemorações de Natal memoráveis, com presentes e decorações feitos em casa, coral, jantar em família e com amigos.

Era fascinante ver aqueles jovens no papel dos próprios avós, Os gêmeos Loomis tinham um talento até então desconhecido, Havia anos todos reclamavam deles, mas Lindsay encontram uma maneira de colocar a feroz energia de ambos em uma atividade criativa. Mark, filho de Rachel, estava ótimo com o filho mais novo de uma fazendeiro desesperado.

Gage olhou em torno, surpreso ao ver Rachel ao lado de Hassie.

Heath Quantrill, ao que tudo indicava, não compusera. Ninguém havia lhe dito nada, mas ele achava que havia certo romantismo no ar que aqueles dois respiravam. Bem talvez o banqueiro tivesse algum compromisso de negócios naquela noite. Provavelmente apareceria no dia seguinte.

Quando a peça terminou, o atores, de mãos dadas, agradeceram aos aplausos do público, corados pelo prazer de som os esforços recompensados. A medida que a audiência deixava o teatro, Milly Spencer tocava canções de Natal na flauta di

Lá fora, Gage viu muita gente se dirigir ao Buffalo Bobs e perguntou se o amigo precisaria de alguma ajuda adicional Bob vinha tocando o negócio sem Merrily, e dizia a quem perguntasse que ela acabaria voltando, mais cedo ou mais tarde.

Na opinião de Gage, o rapaz no fundo tentava convencer a si mesmo.

Ele e Lara tinham sido convidados para a festa que os alunos dariam na casa de Lindsay. A mãe fizera numerosas fornadas de biscoitos, e Gage se oferecera para fazer dois ponches: um para os jovens, outro para os adultos.

Hassie fora na frente, para abrir a casa e para colocar os cães no quarto dos fundos. No momento em que Lara terminava de cumprimentar os amigos, Gage viu que os estudantes fechavam o teatro.

Chegou à casa alguns minutos antes de Lindsay. Nem mesmo tirara o, sobretudo quando ela entrou, caminhando em sua direção. Ele desejou poder ficar a sós com aquela mulher adorável durante alguns minutos, mas era impossível. Segurou-lhe a mão.

— Você fez um trabalho maravilhoso. Todos fizeram. Parabéns. O sorriso de Lindsay era largo, feliz. Ficou na ponta dos

pés para beijá-lo, irradiando alegria.

— Estou tão orgulhosa de todo mundo... Os alunos foram fantásticos. E pareceu que, pela primeira vez, a comunidade inteira me apoiou.

— Você tem todo o direito de sentir orgulho. E inclua-se nisso, mocinha. Seu trabalho foi fabuloso.

Ao fundo, ouviam-se canções de Natal. A classe comemorava o sucesso em um canto da sala; os pais, em outro. Entusiasmados, falavam sem parar, revivendo cena por cena, comentando os erros e os acertos, rindo do modo como conseguiram fazer o projeto funcionar.

Na cozinha, Gage preparou o ponche, nas versões *com e sem*, rum, e voltou à sala. Bem antes disso, Hassie, Lara e Lindsay já haviam levado os pratos cheios de guloseimas, espalhando-os pelo amplo aposento.

Ele ficou perplexo diante da velocidade com que a comida desapareceu. A garotada devorou os biscoitos natalinos de Lara, ii o pipocas de Hassie e os salgadinhos de queijo de Lindsay. Para acompanhar, todos tomavam o ponche, mas na versão *com rum*. Gage balançou a cabeça, resignado, ao constatar isso. Quem podia com aquela turma?

Uma hora mais tarde, o pessoal da escola se foi, Lara e Hassie "desapareceram" de repente, deixando-o sozinho com Lindsay.

— Enfim sós! — ele exclamou, abraçando-a.

Ela não fez nenhuma objeção. Deslizou as mãos pelo peito forte, da cintura ao pescoço, cruzando os dedos atrás da nuca de Gage. Ele sabia que Lindsay estava exausta e que era melhor deixá-la descansar, mas foi incapaz de sair.

— Foi uma noite inacreditável. A melhor de minha vida! — ela disse, os olhos brilhando como jóias.

Seria impossível evitar beijá-la. Lindsay suspirou e recostou a cabeça no ombro de Gage.

— Você passará o Natal conosco? — ele quis saber.

Lara lhe dissera apenas um dia antes que planejava convidar a professora a lhes fazer companhia na fazenda, na noite de Natal. Até então, Gage achava que ela iria para Savannah.

— Claro que sim.

— Ótimo. — Beijou-lhe a ponta do nariz. — Também estarei lá.

Lindsay fechou os olhos e suspirou.

— Tenho uma surpresa maravilhosa.

— Para mim?

— Não.

— Para quem, então?

— Para Kevin. — Conte-me. Os olhos azuis pousaram-nos dele.

— Eu não devia, mas é bom demais para guardar comigo. Bem, pesquisei algumas escolas de belas-artes e pedi a Kevin que escolhesse uma ou duas, as melhores. Ele fez isso, mas disse que seria perda de tempo, porque não teria como freqüentá-las.

— E não tem mesmo.

— Oh, homens de pouca fé! — ela zombou, beijando-o mais uma vez. — Escrevi para as escolas, falei sobre Kelvin e enviei cópias de seus desenhos.

— É mesmo? — Gage falou por falar, pressentindo o pior.

— E sabe o que aconteceu? Ambas responderam encantadas com o talento de seu irmãozinho. Nas cartas, incluíram testes

e informações sobre bolsas de estudos. Há uma séria possibilidade de Kevin conseguir uma.

— Sei.

— Não é maravilhoso?

— Não.

— Não?

— Kevin é fazendeiro, não artista.

— Mas...

— Não pretendo desencorajá-la, mas esse assunto está fora da sua área de atuação. Kevin irá para a escola agrícola e pronto. Não posso enviá-lo para...

— Pode, porque ele vai conseguir uma bolsa de estudos.

— Por favor, não vamos discutir. Não esta noite. Falemos sobre isso outro dia. Diga a Kevin, se achar que deve, mas tenha em mente que isso não fará a menor diferença.

Aborrecido por encerrar a noite com aquele toque amargo, Gage beijou Lindsay mais uma vez antes de atravessar a rua correndo, a fim de pegar Lara, que o esperava na casa de Hassie.

— Tio Jeb virá para o jantar de Natal? — Calla quis saber, entrando na cozinha.

Sarah Stern colocou o peru de volta no forno e fechou a porta de vidro. Era a primeira vez, naquele dia, que a filha lhe dirigia-a palavra.

— Espero que sim. Dennis irá buscá-lo.

— Dennis? Não me diga que você o convidou! Sarah ignorou a ironia.

— Seu tio Jeb só virá porque Dennis disse que não aceitará um "não" como resposta.

— Não quero esse homem aqui! Irritada, a garota marchou para a sala, jogou-se na poltrona estofada e cruzou os braços, em uma atitude de rebeldia.

— Calla, por favor. E Natal!

Teimosa, a jovem recusou-se a fitar a mãe.

— Se não fosse por você, há esta hora eu estaria com meu pai.

— Mas não está. Encontra-se aqui, com seu avô e comigo. Calla fez uma careta, dando a entender que a situação não agradava nem um pouco.

Sarah sofrerá ao ver que a filha se recusara a abrir os presentes que recebera no Natal. A menina insistira em dizer que o único presente que a interessaria seria uma passagem de avião, para visitar o pai. A discussão começara no dia em que o cartão-postal de Willie chegara.

— Dennis também vai jogar cartas? Sim, vai.

Sarah sabia que soara um tanto defensiva, mas era assim que Calla fazia com que se sentisse. Assim que todos chegassem, Joshua os convidaria a jogar. Ensinara a neta

havia quatro anos, e ela se tornara especialista.

— Quem convidou esse "cara" para jantar? Você ou vovô?

— Por que a pergunta?

O olhar malcriado se acentuou.

— Porque sim. — Então, sem nem mesmo parar para respirar, a garota acrescentou: — Você está dormindo com ele, não está?

— Calla!

— Acha que eu não sei, não é? Mas eu *sei*, assim como *todo mundo* sabe. — Fitou a mãe com raiva.

— Você é repulsiva.

Sarah já ouvira o suficiente. Colocou as mãos nos quadris, irritada.

— Ouça aqui, garotinha, o que se passa entre Dennis Urlacher e eu não é da sua conta, ouviu?

— Deu um suspiro profundo. — Outra coisa. Não vou tolerar que diga ou faça nada que nos embarace, entendeu bem?

Calla sustentou-lhe o olhar, desafiadora.

— Você também dormiu com outros homens? Sarah pensou que fosse enlouquecer.

— Foi por isso que meu pai se divorciou?

A maldade daquelas palavras provocou um nó na garganta de Sarah. Ela apertou as mãos, para conter um tapa no rosto da filha. A menina não tinha como saber que fora Willie o infiel naquela história. Não sabia como o pai destruíra a auto-estima de Sarah, como a arruinara financeiramente para em seguida abandoná-las,

— O que está acontecendo aqui? — perguntou Joshut McKenna, entrando em casa com uma acha de lenha.

Colocou a madeira junto à lareira e se pôs entre mãe e filha. Aquele tipo de confronto já lhe era tão familiar que ele, de maneira automática, assumia o papel de conciliador.

— Nada, papai — Sarah sussurrou envergonhada, e voltou para a cozinha.

O olhar de Calla a seguiu, cheio de ressentimento e de amargura.

— Não aconteceu nada, vovô — respondeu a garota, recusando-se a dar à mãe a última palavra.

Jeb e Dennis chegaram longo depois. Era a primeira vez, em meses, que o rapaz aparecia em Buffalo Valley. Perdera parte de uma das pernas em um acidente na fazenda, três anos atrás. Agora, a única evidência física do fato era um leve mancar. Mas os danos psicológicos haviam sido devastadores.

Sarah sofria pelo irmão, cinco anos mais novo, e gostaria de poder ajudá-lo a voltar à vida. Desde que saíra do hospital tornara-se recluso. Terminara um relacionamento promissor com uma jovem de Devils Lake e recusava-se a ver a maioria dos amigos.

Fazer com que comparecesse às reuniões familiares era difícil, quase impossível.

— Feliz Natal, Jeb — disse ela com afeto, beijando o rosto do irmão.

Ele parecia bem, saudável. E usava a camisa de lã que Sarah costurara, o que a

deixou feliz. A despeito do problema na perna, Jeb cuidava de uma manada de búfalos e vivia sozinho em uma fazenda enorme, a cerca de setenta quilômetros dali. Não parecia tão amargo como se revelara logo depois do acidente, mas não era mais o mesmo homem.

— Estou feliz em vê-lo aqui — Sarah continuou. Jeb fez uma careta e então sorriu.

— O jantar demora muito?

— Uma hora, mais tu menos.

Ela sabia o porquê da pergunta. Assim que o irmão pudesse, daria algumas desculpas e voltaria à fazenda.

— Uma hora? Ótimo. Então podemos jogar um pouco antes disso.

— Posso jogar também? — Calla perguntou, revelando o primeiro sinal de entusiasmo daquele dia.

— Não prefere ajudar sua mãe com o jantar? A jovem riu, como se a pergunta a divertisse.

— Não.

— Eu dou as cartas — Joshua ofereceu-se. — Jeb, você sabe onde fica a mesa de jogos, não é?

O rapaz assentiu e foi até o armário do corredor.

— Posso jogar, não posso? — Calla insistiu, sorrindo docemente para o avô.

— Claro que pode — Dennis respondeu. Ela se irritou.

— Não perguntei a você.

— Calla... — Sarah alertou, a voz baixa. A menina lançou-lhe um olhar insolente.

— O que há com ela? — Dennis quis saber, dirigindo-se à cozinha.

Sarah suspirou e procurou agir como se o que a filha fizesse ou dissesse não importasse.

— Você não gostaria de saber.

— Calla gostou do bracelete de prata que lhe dei? Envergonhada, Sarah baixou a vista.

— Ela não abriu o presente, mas adorou meu colar de ouro. Você não devia ter gastado tanto.

— Eu gostaria de haver gasto ainda mais.

Sarah sabia que ele se referia a uma aliança de noivado, mas deixou o comentário sem resposta. Não queria discutir na noite de Natal.

— Fiquei muito feliz com o suéter que você me fez, querida

— Lara me ajudou. Minha entrada no paraíso corre um sério risco depois de tudo o que passei para acertar aqueles pontos..

Dennis riu e Sarah notou que Calla os observava da sala de estar. Ele também reparou nisso.

— A garota ainda está aborrecida por não passar o feriado com o pai?

Ela assentiu a dor aumentando dentro do peito. Vinha tentando arduamente ser uma boa mãe. Mas naquela noite.< Joshua não tivesse entrado em casa, teria

esbofeteado a própria filha. Nunca se imaginou capaz de algo assim. Mas naquele dia Calla conseguiu despertar o que de pior havia em Sarah

— Ela abriu o presente que você lhe deu? — Dennis quis saber

— Não, mas o azar é todo dela — Sarah respondeu, forçando um sorriso.

Tricotara para a filha uma camiseta de lã, o que levava semanas. Calla vira igual em um catálogo de moda e sonhara com o modelo havia tempos. Chegara a ponto de recortá-la e colocá-la no espelho do banheiro, ciente de que era cara demais. Na verdade, a camiseta custava quase tanto quanto a passagem de ida e volta a Las Vegas.

Por amor à filha, Sarah desenhara e confeccionara uma peça idêntica, arrematada com um ponto delicado. O fato de Calla recusar-se a abrir o presente doera mais do que ela pudera imaginar.

— Grata por ter trazido Jeb — disse a Dennis.

Ele a acariciou levemente no rosto. Sarah cobriu-lhe a mão com a sua e fechou os olhos. Precisava daquele apoio, daquele conforto. Estava faminta pelo amor daquele homem. Mas, quando abriu as pálpebras, verificou que a expressão de Calla era de completa hostilidade.

— Se Dennis for jogar, então *eu* não jogo — afirmou a garota, remexendo-se, pouco à vontade, na cadeira.

Jeb e Joshua fizeram uma pausa na tarefa de montar a mesa de jogos e as quatro banquetas que a acompanhavam. Todos pareciam esperar que Dennis respondesse.

— Não faço questão de jogar — disse Dennis com um dar de ombros, disposto a manter-se de fora a fim de fazer a vontade de Calla.

— Claro que faz! — Sarah exclamou, recusando-se a permitir que a filha o insultasse.

— O jogo fica mais interessante com quatro pessoas — comentou Joshua, sentando-se em uma das banquetas. Pegou o baralho. — Mas, se Calla quiser, poderemos diminuir esse número para três.

A garota fez uma careta. Sentia-se dividida.

— Eu quis dizer que Dennis prefere ficar na cozinha, com minha mãe — desafiou.

— Na verdade, acho que Sarah tem o controle de tudo porque — ele disse, juntando-se aos dois outros homens.

Calla o fitou com tanta dureza que, se olhar matasse, Dennis teria sido morto.

Os três logo se envolveram na partida. Sarah manteve-se ocupada, dando os toques finais na mesa do jantar. Quando decidiu dar uma olhadela para a sala de estar, viu a filha ainda sentada, pálpebras abaixadas, fones nos ouvidos, escutando música. No último volume, com certeza, porque o som chegava à cozinha. Quando os homens terminaram o jogo, o jantar estava pronto. Ainda comentando a partida, Dennis, Jeb e Joshua aproximaram-se da mesa. Calla os ignorou. Ficou onde estava.

— Deixem-na — aconselhou Sarah, ciente de que a filha pretendia arruinar a refeição caso se visse obrigada a reunir-se aos demais.

— Não — Jeb discordou, surpreendendo-a. Caminhou até a sobrinha e desligou o aparelho de som.

— Ei! — Calla protestou, endireitando-se e fitando o tio com uma carranca.

— O jantar está servido — ele disse simplesmente.

— Não estou com fome.

— Uma pena, porque vim à cidade só por causa deste jantar. Se fizer isso, você também pode fazer.

— Terei de comer?

— Cada pedaço — continuou Jeb, sem lhe devolver o sorriso. — Até as couves-de-bruxelas.

Calla franziu o nariz, mas Sarah notou que a filha se cansara do próprio comportamento.

— Depois que ajudarmos sua mãe com a louça, jogaremos outra partida. Você será minha parceira. Vamos pôr Dennis e seu avô no chinelo!

Calla quis discordar, mas então deu algo parecido a um quase-sorriso e assentiu.

— Combinado. Faz tempo que você e eu não jogamos juntos.

— Isso, garota! — Jeb exclamou, fazendo o gesto de saudação dos jovens.

Sarah ficou grata por aquilo. Viu todos sentarem-se à mesa e baixarem a cabeça enquanto Joshua fazia os agradecimentos.

Talvez, mais tarde, Calla decidisse abrir os presentes e apreciasse o amor da mãe, bem como o esforço que ela havia feito. Naquela idade, Sarah também fora insolente, rebelde, cruel.

Só esperava que a filha evitasse cometer os mesmos erros que tanto a tinham feito sofrer.

A casa nunca parecera tão vazia. Na manhã de Natal depois de acordar, Brandon permanecera na cama, olhando para o teto, por muito tempo. Faltava-lhe energia para levantar-se.

A decoração festiva que Joanie preparara ainda se espalhava pela casa, mas a árvore enfeitada já não se achava lá. Num acesso de raiva, ele a jogara porta afora. Uma atitude tola, fútil, mas Brandon se sentira melhor depois disso. Ao menos por alguns minutos...

O telefone tocou perto das dez. Imaginando que pudessem ser Joanie e as crianças, ele correria para atender. Mas eram seus pais, do Arizona. Brandon ainda não lhes contara que a esposa o deixara. Preferia poupá-los na época dos feriados de fim de ano. Não era preciso arruinar-lhes as festas.

Um tanto decepcionado, ele conseguiu ficar pouco tempo no aparelho, prometendo ligar mais tarde. Porém não especificou *quanto* mais tarde.

Abriu a geladeira e examinou o conteúdo.

Pegou uma fatia de queijo Bolonha e o comeu ali mesmo. Quando terminou, dirigiu-se ao estábulo, onde os animais o aguardavam.

— Espere — disse a Princesa enquanto pegava o recipiente de leite.

Poderia vendê-la, agora que estava sozinho. Também poderia vender os ovos, uma vez que comeria menos de meia dúzia por semana. Mas acabaria dando os alimentos extras aos porcos em vez de levá-los à cidade. Sorriu. Os animais vinham comendo muito bem porque ele não tinha coragem de ir a Buffalo Valley. Não queria encontrar os amigos e ter de dizer a verdade.

Algumas pessoas possivelmente já sabiam da separação. A professora de Belmonte já devia ter ouvido falar, ou adivinhado. Hrandon lhe escrevera, dizendo que ele e Joanie estavam tirando as crianças do colégio. Colocara a carta no correio com a esperança de que só fosse entregue depois dos feriados do final do ano.

O indicador de mensagens da secretária eletrônica piscava quando Brandon voltou para casa. Era Sage, desejando-lhe um feliz Natal. Pedia-lhe que ligasse para vovô Bouchard, a fim de falar com ela e com Stevie.

Brandon hesitou, mas por pouco tempo. Sentia muita saudade dos filhos. E, maldição, de Joanie também. Mas a separação fora uma decisão dela. Não era o que ele queria.

O telefone tocou três vezes. Por sorte, foi Joanie quem atendeu.

— E Brandon — ele disse, fazendo o possível para não demonstrar o que sentia.

— Eu... Sei.

— Sage telefonou para cá — prosseguiu, mas a esposa provavelmente também já sabia disso.

— Eu lhe disse que você devia estar ordenhando Princesa, As mãos masculinas apertaram o fone.

— Sim, eu estava.

Um silêncio tenso se instalou entre ambos por alguns minutos.

— Como está você? — Joanie perguntou.

— Bem.

Não mentiria, dizendo estar pulando de alegria pela separação, mas também não permitiria que ela soubesse quanto se sentia derrotado.

— Eu também.

— Já está morando naquela outra casa de seus pais?

— Ainda não.

Joanie não comentou nada, mas Brandon desconfiou que a mudança não se efetivara porque a esposa esperava que ele a procurasse e lhe pedisse para voltar. Nevaria no inferno no dia em que isso acontecesse. Uma nevasca daquelas!

— Como você vai mobiliar a tal casa? — Brandon perguntou, para deixar claro que ela não deveria esperar nenhum retorno,

Joanie poderia pegar o que quisesse da fazenda, desde que não estivesse em uso.

— Já tenho algumas coisas. As crianças e eu não precisamos de muitos móveis.

— Ótimo.

— Você vai procurar algum advogado? Ou eu devo fazer isso? — ela indagou a voz muito baixa.

— Ambos vamos ter de fazê-lo, mais cedo ou mais tarde. Então Joanie queria mesmo levar adiante aquela história do divórcio...

— Andei pensando que... Claro, caso você não se importe bem, que devemos esperar um pouco.

Brandon não teve certeza sobre se induzira à sugestão se a esposa possuía segundas intenções.

— Quanto?

— Até junho, talvez julho... Quando o ano letivo das crianças estiver terminado.

Ele procurou fingir que pouco lhe importava a data do divórcio.

— Está bem.

— Stevie quer lhe falar. Feliz Natal.

A voz de Joanie falhou, e ela parecia conter o choro. Brandon resistiu bravamente à vontade de chamá-la de volta ao telefone, de lhe contar como se sentia desolado, de suplicar-lhe que desse outra chance àquele casamento. Mas, antes que esse pensamento se solidificasse, a voz de Stevie soou, do outro lado da linha.

— Oi, papai!

— Como vai o meu garotão?

— Bem. Vovô e eu construímos uma casinha de passarinhos, e ele me disse que da próxima vez faremos uma caixa de ferramentas!

O pai de Joanie sempre soubera lidar com crianças. De certa maneira, melhor do que Brandon. Ele não tinha a paciência que Leon possuía.

— Sabe que vamos morar na outra casa de vovô e vovó, do outro lado da rua?

— Sua mãe me contou.

Os pais dela tinham algumas propriedades de aluguel, de modo que Brandon não sabia até aquele momento em qual, exatamente, os três iriam morar. Ainda bem que Stevie lhe informara que ficariam perto da casa dos avós. Joanie precisaria de apoio durante algum tempo.

— Sage quer falar agora, papai.

— Feliz Natal, filhão.

— Feliz Natal, paizão.

Um nó apertou a garganta de Brandon. A ponto de deixá-lo com dificuldades quando Sage pegou o aparelho. Foi com esforço que conseguiu dizer:

— Oi, lindinha.

— Oi, papai.

A voz da garotinha soava triste, sem vida.

— Como vai a minha princesinha? — Brandon perguntou, obrigando-se a falar com o máximo de carinho e cuidado. — Está gostando do Natal?

— Estou. Você... Sente a nossa falta?

— Claro que sim!

— Também sente a falta de mamãe?

— Claro, meu amor.

Ele não poderia mentir a Sage. A filha parecia conhecer a fundo seu coração.

— Mamãe também sente saudade. Chora muito, sabe?

— Então lhe dê um abraço apertado sempre que a vir chorando, certo?

Sage soluçou baixinho.

— Não quero que você e mamãe peçam o divórcio. Você me prometeu que isso

não aconteceria. Disse que amava mamãe, lembra-se?

Brandon mal suportava a dor que ouvia na voz da filha.

— Repito: amo sua mãe e amo você.

— Então por que vocês vão se divorciar?

Ele queria lhe dizer que a pergunta devia ser feita a Joanie, mas resistiu a tamanha infantilidade.

— Às vezes, meu bem, até mesmo pessoas que se amam não conseguem viver juntas.

— Mamãe também diz isso, mas eu não compreendo. Sage agora chorava abertamente, e esse sofrimento o aniquilava.

— Deixe-me falar com sua mãe.

Brandon encostou a cabeça na parede e fechou os olhos, procurando descobrir o que dera errado em seu casamento. Momentos depois, Joanie voltava ao aparelho.

— Sage está com problemas para aceitar a separação — Brandon começou os olhos ainda fechados.

— É verdade. Ela tem medo de nunca mais ver você.

— Está planejando afastar as crianças de mim? — Brandon acusou, censurando-a por tê-lo abandonado, destruído a família. — Nem tente.

Joanie demorou em responder, a respiração suave e trêmula, como sempre acontecia quando estava prestes a chorar.

— Talvez fosse melhor vermos um advogado já — acabou dizendo.

— Faça como achar melhor! — ele gritou, e bateu o fone no gancho. — Feliz Natal, Joanie — disse, com voz baixa e amarga. — E um ótimo Ano-Novo.

CAPÍTULO 14

O Natal acabou se transformando num desastre para Lindsay. Não queria discutir com Gage e sabia que ele também não desejava isso, mas mesmo assim aconteceu. A despeito dos esforços de ambos, brigaram por causa do curso de artes de Kevin. Cada um tinha opiniões próprias e definitivas sobre o assunto. Assim, antes que conseguissem deter-se, viram-se envolvidos em uma discussão que ameaçava destruir-lhes o relacionamento.

— O que meu irmão vai fazer com um diploma de artes? — Gage disparou depois de ver Lindsay, animadíssima, contar as novidades a Kevin.

Ela esperara até depois do jantar, quando todos estavam reunidos na sala de estar, para a sobremesa e o café.

— Existem inúmeras maneiras de Kevin usar o talento que tem — Lindsay argumentou, furiosa, enquanto o rapaz, quieto, apenas escutava. — Uma bolsa de estudos para uma escola de artes é uma bênção! E não se recusa uma bênção.

Hassie entrou no aposento, carregando a cafeteira. Lara a seguiu, com a bandeja onde se encontravam o açucareiro e um pote de creme.

— Precisamos discutir isso agora? — indagou Hassie, olhando de um para outro.

— Claro que não — Lindsay respondeu ansiosa por mudar de assunto.

— Meu irmão é dono destas terras. É sua herança, e ele não vai dar as costas a isso.

— Mas Kevin ama a arte!

Lindsay sabia o que dizia. O rapazinho era mesmo apaixonado por artes plásticas.

— Eu não disse que ele não pode desenhar, uma vez que quer isso — Gage resmungou.

— Mas, até onde sei, uma *escola* de artes é uma perda de tempo e de esforço. Ele precisa de aulas de administração e de técnicas agrícolas, não de desenho. Podemos conseguir o dinheiro para a faculdade rural porque se trata de um investimento no futuro de Kevin. Uma escola de arte não é investimento algum. — Colocou a xícara na mesa e caminhou até a janela, admirando os prados cobertos de neve, as mãos nos bolsos. — Simplesmente não podemos arcar com essa despesa — concluiu.

— Mas, se Kevin conseguir uma bolsa de estudos, dinheiro não será problema — Lindsay contrapôs.

— Não se trata apenas de dinheiro.

Trata-se também da responsabilidade de meu irmão perante a família, a fazenda, a...

— E o que dizer da responsabilidade dele quanto ao próprio talento?

Gage virou-se para encará-la.

— Você não é de Dakota do Norte. Por isso, não entende.

— Entendo, sim. Mais do que você imagina — Lindsay devolveu-lhe, ressentida com o que ouvira.

Lutou para não falar mais nada, para evitar que a discussão se prolongasse. Apesar do que Gage dissera, ela fazia parte daquela comunidade. As raízes de sua família estavam tão entranhadas naquela terra quanto as dele. Sentia-se ofendida pelo fato de escutar, sempre que discordava de Gage, que tinha vindo de Savannah. Não era uma estrangeira. Vivia e trabalhava em Buffalo Valley, assim como ele. Podia não ter nascido em Dakota do Norte, mas isso não significava entender pouco os problemas e as vicissitudes daquele povo.

— Crianças, por favor — pediu Lara, colocando seu café do lado. — Podemos decidir essas coisas mais tarde. Não agora. Hoje é Natal!

Por um momento, julgou que Gage estaria disposto a ouvi-la. Mas então viu que ele contemplava o irmão.

— Kevin, a vida é sua. O que quer fazer com ela?

O pobre rapaz olhava de um para outro, o rosto tenso.

— Você não tem o direito de colocá-lo contra a parede! — Lindsay exclamou. — Não é justo.

— Ele precisa decidir — Gage respondeu com frieza. — Talvez você tire esses absurdos da cabeça quando se convencer de que meu irmão reconhece seu dever.

— Absurdos?

— Está bem, está bem — ele disse, levantando uma das mãos. — Talvez não seja a palavra certa, mas você precisa encarar a realidade daqui. — Fitou o irmão. — Diga a

ela, Kevin.

O jovem olhou para frente, para lugar nenhum.

— Esta fazenda é minha herança. Serei um fazendeiro, como meu irmão diz.

A expressão de Gage era de euforia. Lindsay se levantou e foi para a cozinha antes de dizer algo que tornasse as coisas ainda piores. Além da educada despedida, ela e Gage não se falaram mais naquela noite.

No sábado, Lindsay conversou com Maddy, ao telefone, por mais de uma hora. Estava preocupada com a melhor amiga, que raras vezes se encontrava em casa antes de oito ou nove da noite. Muito dela, de seu coração, haviam sido doados ao trabalho de assistência social e aos projetos em que atuava como voluntária. Lindsay era capaz de ver-lhe os problemas com a mesma clareza que Maddy demonstrava ao analisar seu caso com Matt.

Ela se importava com as pessoas, talvez até demais. Queria mesmo ajudar. Sinceramente. As famílias com as quais trabalhava eram tão necessitadas, e tão desesperadas, que sem querer drenavam a energia de quem se aproximava. Um dos casos dizia respeito a uma mulher e três filhas. Envolvia abuso físico e emocional. Maddy andava sob um desgaste enorme, tentando decidir se as meninas deviam ser tiradas da casa onde viviam e levadas a algum lar adotivo. Temia que elas, em especial a mais velha, no ver-se longe da mãe, fugissem e passassem a viver na rua.

Lindsay ouviu, fez perguntas e mostrou-se solidária até a amiga mudar de assunto... Para saber de Gage e da desastrosa ceia de Natal.

— Quer dizer então que vocês tiveram outra discussão, hein? — Maddy soava divertida.

— Parece que tudo o que fazemos é brigar — murmurou Lindsay.

— O que, em minha opinião, é muito mais saudável do que o relacionamento que você mantinha com Matt.

— Não penso assim, mas se você acha...

— Falando no velho Matt, o que havia naquela caixa enorme que ele colocou no correio? Encontrei-o lá, você sabe?

— Uma blusa de cashmere.

Provavelmente o presente custara cem vezes mais do que o peso de papel de vidro, em forma de maçã, que Gage lhe dera, com um pequeno abridor de cartas que pertencera ao avô. Lindsay amara as duas lembranças, e deixara a blusa enviada pelo ex-namorado no fundo do armário.

— Você mandou alguma coisa para Matt?

— Um cartão de Natal.

Felizmente, a caixa não trouxera nenhuma carta, nenhum bilhete ultrajante ou cheio de acusações. Ao que tudo indicava, ele finalmente compreendera a verdade. Percebera que Lindsay deixara Savannah não por brincadeira, armadilha ou joguinho amoroso, de modo a persuadi-lo a casar-se. Fora uma atitude madura. E real.

— Você logo se acertará com Gage.

Ela esperava que sim. Pelo bem de Kevin, e por seu próprio bem.

Lindsay e Maddy sempre trocavam livros por ocasião do Natal, e passavam algum tempo conversando sobre suas eu colhas. Naquele ano, Maddy enviara a história do teatro no Estados Unidos, e recebera um guia fotográfico dos dois Estado.i Dakota, do Norte e do Sul.

Terminada a conversa, Lindsay sentiu o tempo voar. Estava pronta para o início das aulas, para o fim dos feriados... E para o fim daquela querela com Gage. Um deles teria de fazer o primeiro gesto em direção à reconciliação.

Quando a campainha soou, no final da tarde, ela de imediatamente pensou em Gage. Afinal, Ele só aparecia na cidade aos sábado Viu Mutt e Jeff correndo para a porta, latindo.

Lara Betts estava à porta, protegendo-se do vento gelado, uma cesta de vime em um dos braços.

— Lara! — Lindsay exclamou satisfeitiíssima em vê-la. — Entre, por favor.

A boa senhora tirou a neve das botas e afrouxou o cachecol antes de aceitar o convite.

— Chegou à boa hora. Eu ia fazer chá. Quer um pouco?

— Uma xícara seria maravilhoso — Lara respondeu, tirando botas, casaco e seguindo Lindsay até a cozinha. Colocou a cesta sobre o balcão. — Trouxe-lhe uma dúzia de ovos.

— Oh, que gentileza!

— Tenho muito a lhe agradecer, garota — ela continuou em tom solene. — Incluindo o que fez por Kevin. — Fez uma pausa. — Foi corajoso de sua parte enfrentar Gage daquela maneira.

— Eu devia ter esperado. A noite de Natal não é a melhor época para... Trocar opiniões.

Pegou a água quente, o chá, duas xícaras e colocou sobre a mesa. Sentou-se em frente a Lara.

— Temo que meu filho às vezes seja muito teimoso. Gage leva muito a sério suas responsabilidades para com a família. Quer o melhor para o irmão. Procura prepará-lo para a vida na fazenda. Kevin foi educado para assumir a propriedade. E o que Gage vem esperando todos esses anos.

— "Assumir" a propriedade? Quer dizer que Gage pretende deixar Buffalo Valley?

Lara olhou para a xícara de chá.

— Ele vai ficar por perto, imagino, uma vez que vai ter de orientar Kevin por alguns anos. Mas há uma boa porção de terra à venda perto daqui e de Devils Lake. Meu filho está de olho. Nunca disse nada, mas sei que adoraria comprá-la.

Lindsay apertou a caneca, deixando que o calor do líquido se espalhasse por suas mãos. Gage ainda nem tinha deixado a cidade o ela já experimentava uma aguda sensação de perda. Percebeu então que muito do que sentia por aquele lugar estava ligado a seus sentimentos pelo fazendeiro. As divergências freqüentes apenas pareciam fazer aumentar a atração que os unia.

— Sempre ficou claro que, quando o momento chegasse,

Kevin assumiria a fazenda e Gage iria embora. Ele vem esperando por isso há anos.

— Mas não é um projeto egoísta?

A intenção da pergunta não era insultar Gage, mas satisfazer à curiosidade. Às vezes ela simplesmente não entendia o que levava as pessoas a pensar ou a agir da maneira como o faziam. Nos últimos meses, deparara com atitudes que lhe pareciam totalmente sem lógica. Por que, por exemplo, Kevin devia ser fazendeiro se não era isso que queria? Por que Sarah não se casava com Dennis quando era óbvio para todo mundo que os dois se amavam? E por que as pessoas daquela cidade a tratavam como forasteira?

— Egoísta? — Lara repetiu. — A última palavra que eu usaria para descrevê-lo seria essa. Não sei o que teria feito sem ele nos últimos doze anos. Gage sempre pretendeu trabalhar a própria terra. Mas então John faleceu, e nossa propriedade estava hipotecada. Meu filho a salvou, a dirigiu e com ela conseguiu sustentar a família. Kevin terá em mãos uma fazenda livre de dívidas graças ao irmão.

— Entendo.

— Já é mais do que tempo de Gage ter sua própria vida. Não o culpo por isso, nem você deve fazê-lo.

— Com mãos nervosas, Lara ajeitou o cabelo. — Kevin tem muitos anos para perseguir seu sonho, enquanto Gage pôs a vida inteira em suspenso, esperando o irmão crescer para dirigir a fazenda. Parece um tanto ridículo colocar as coisas nesses termos, mas... Chegou a vez de Gage, finalmente. Kevin sabe disso e aceita seu dever do mesmo modo como o irmão fez, doze anos atrás.

— Em outras palavras, eu só ajudaria se parasse de incentivá-lo a pensar na escola de artes.

Lara sustentou-lhe o olhar, os dedos alisando a beirada do pratinho.

— Quer que eu seja clara? Sim, ajudaria. Amo meus filhos e quero o melhor para ambos. Em uma situação como essa, sinto necessitar de uma sabedoria como a de Salomão.

Lindsay experimentou uma opressiva sensação de desapontamento. Vira o olhar do rapaz quando mencionara a escola especializada e a possibilidade da bolsa de estudos. O talento não podia ser uma fonte de sofrimento para alguém tão jovem.

Por outro lado, também compreendia o que Lara lhe contara. Gage sacrificara anos de sua vida para sustentar **Kevin** e a mãe. Carregara aquele fardo longe demais.

— Espero que não se importe por eu ter sido assim tão franca — Lara disse ansiosa, bebendo mais um gole do chá. — E que achei que você devia saber de tudo.

— Tem razão. Eu devia.

— Mais uma coisa. Seja paciente com Gage. Ele pode ser meio rude às vezes, mas tem um coração enorme.

Lindsay já decidira que um dos dois teria de fazer o primeiro gesto em direção à reconciliação. Aquele relacionamento era importante demais. Gage era importante. Um homem complexo, que ela apenas começara a conhecer. Assim, o primeiro movimento certamente deveria ser seu...

Conversou durante mais algum tempo com Lara, sobre os planos dos amigos em relação à véspera de Ano-Novo. Quase todos, incluindo Gage, iriam ao Buffalo Bob's. Tony Lammermann, o pai de Joe e Mark, tocava violino, e Bob o convencera a se apresentar na última noite do ano. Lara e Hassie jantariam juntas, mas provavelmente não ficariam lá até a meia-noite.

Lara convidou Lindsay para reunir-se a elas, caso não tivesse outros planos.

Ao terminar o chá, ela, seguida de Mutt e Jeff, acompanhou Lara até a porta. Da janela, observou-a ir até a mercearia. Com a conversa ainda girando no pensamento, decidiu dar atenção às tarefas domésticas. Começou retirando e empacotando a decoração natalina. Não era muita coisa, porque seu apartamento, pequeno, nunca exigiu grandes enfeites. Por outro lado, ao se mudar para o vale, fora criteriosa na escolha do que levar. Tudo o que tinha lhe era precioso.

Depois de embrulhar as peças com cuidado, guardou-as em caixas de papelão e as levou para o quarto dos fundos, que a avó usava como ateliê de costura. O armário era pequeno e, quando ela ergueu as caixas para colocá-las na prateleira acima do trilho, acabou rasgando um pedaço do papel de parede.

— Droga! — queixou-se enquanto empurrava a caixa para seu lugar.

Acendeu a luz para avaliar o dano, desgostosa por ter agido com tamanho descuido. No entanto, quando olhou mais de perto, notou que atrás do papel havia um espaço vazio. Alguém havia empapelado, de propósito, um buraco na parede. Alguém decidira ocultar aquele espaço, na certa para esconder alguma coisa...

Lindsay correu para o farolete. Quando voltou, respirava com dificuldade. Com mãos trêmulas, jogou o foco de luz no esconderijo, e viu uma caixa de cigarros. Mesmo antes de pegá-la soube que se tratava do mesmo objeto que a avó guardara no falso tijolo da lareira, vinte anos atrás.

Desde que se tornara proprietário do hotel bar restaurante, Buffalo Bob aprendera uma lição importante. Os clientes gostavam de ser cumprimentados por um rosto amigo e sorridente. Os seus sempre apareciam para uma cerveja gelada e uma conversa agradável.

Alguns apenas queriam um ouvinte disposto a escutar sobre seus problemas, sua falta de sorte, suas esposas ludibriadas, a injustiça de tudo isso. Mas em nenhuma circunstância os fregueses desejavam ouvir a lista de dificuldades dos donos de bar.

Até pouco tempo, os problemas de Bob eram poucos. Estava bem financeiramente, graças à peça da escola. Durante três noites vira a casa cheia. Os negócios continuaram bons na época do Natal. Na verdade, Bob mantivera a decoração, embora ela agora já parecesse desgastada.

Andava realmente satisfeito com a vida. Até mesmo durante aquele período difícil demonstrara capacidade de ganhar dinheiro. Começaria o ano com crédito, caso se esquecesse, por conveniência, de pagar alguns impostos.

Assim, suas preocupações nada tinham a ver com dinheiro e sim com Merrily, que já andava longe havia um longo tempo. Ele começava a achar que a moça não voltaria mais.

Recebeu um cartão dela uma semana antes do Natal. O carimbo do correio era da Califórnia, onde o sol brilhava até mesmo no auge do inverno. Se Merrily estivesse se bronzeando em alguma praia, não admirava que não tivesse pressa em voltar a Dakota do Norte.

Mas, droga, ele morria de saudade!

— Por que você está com essa expressão desanimada? — perguntou Dennis Urlacher, aproximando-se do balcão.

— Estou, é?

Distraído, Bob estivera arrumando o estoque do bar. Sabia o que Dennis

costumava pedir e por isso colocou uma cerveja gelada em frente a ele.

— Quer dar uma olhadela no cardápio?

Esperava aumentar a venda de refeições, e por isso mandara fazer um cardápio elaborado, para despertar o apetite dos consumidores.

— Não, obrigado—respondeu Dennis, dando um gole na bebida.

— E então, como foi o Natal? — Bob perguntou.

O seu, sem Merrily, fora uma lástima. Interessante era que, antes de a moça aparecer em sua vida, ele não dava a mínima atenção às festas de fim de ano.

— Foi bem — respondeu Dennis, sem muito entusiasmo.

— Passou com Joshua e os McKenna?

— Passei.

— Você tem parentes por aqui, não tem?

— Meus pais — disse ele, tomando outro gole.

— Que por sinal adoraram o fato de eu ter permanecido na cidade.

— Sinceramente, *you* não parece animado com isso — disse Bob, orgulhoso por se tornar cada dia melhor na arte de identificar o estado de espírito dos clientes.

— E que ando com um problema com uma adolescente. Buffalo Bob recuou um passo e ergueu as duas mãos.

— Ei, rapaz, pensei que você fosse mais inteligente. Garotas muito jovens são uma "fria".

— Não é o que você está pensando.

— Ufa! Imagino então que seu problema tenha algo a ver com Sarah.

— Isso mesmo.

— Ela tem uma filha adolescente, certo? Bob indagou, pensando alto.

Sim, tinha de ser. O problema era a filha de Sarah.

— Calla não simpatiza muito comigo — Dennis se queixou. E isso está complicando tudo.

Não foi preciso dizer mais nada. O outro entendeu o que se passava. Não fosse por Calla, Dennis e Sarah já teriam se casado.

— Talvez seja bom passar mais tempo com a garota — Bob aconselhou, procurando ser útil.

— Procure ser amigo dela.

Dennis riu.

— E arriscar pôr minha cabeça a prêmio? Calla não quer nem me ver por perto! Não quer nada comigo. Bastou um cartão-postal do pai para ela achar que o homem vai voltar para a mãe. Na verdade, é o que quer.

— E assim, naturalmente, sobra para você o papel de bandido da história.

Dennis fez que sim com um gesto de cabeça.

— O fato é que pretendo me casar com Sarah e quero que tenhamos nossos próprios filhos.

Não era preciso dizer que, enquanto a adolescente decidisse complicar as coisas, nada daquilo aconteceria. Buffalo Bob não o invejava. Mas, em compensação, tinha seus próprios problemas com as mulheres. Ou melhor, com *uma* das mulheres.

Dennis saiu logo depois da conversa, pouco antes de Brandon Wyatt entrar. Tinha a aparência péssima.

— Cerveja, certo? — Bob perguntou, apontando os dois indicadores para o fazendeiro.

Brandon assentiu, e recebeu uma garrafa geladíssima. Caso quisesse falar, Bob estaria pronto para ouvir. Porque, pelo modo como o homem se esparramou no banco, a cabeça sobre a garrafa, era certo que estava sofrendo.

— Foi bem de Natal?

Brandon ergueu o rosto, a expressão irritada.

— Ótimo. Melhor impossível.

Certo, então o fazendeiro não estava disposto a conversar. Bob podia lidar com isso. Assim, desapareceu na sala dos fundos, para abrir mais algumas garrafas de cerveja.

Poucos minutos depois ouviu outro cliente entrar. Colocou a cabeça no vão da porta e viu Gage Sinclair.

— Estarei aí em um minuto! — gritou.

Sabia que o recém-chegado andava enamorado da professora Percebera alguma coisa no ar logo depois de Lindsay chegar

à cidade. Ah, sim, Gage **estava** *multo* interessado. Os **dois** pareciam ter começado um romance, mas, ao que tudo indicava fora perda de tempo.

— Cerveja? — perguntou Buffalo Bob ao voltar para o balcão.

— Claro. Preciso muito de uma.

Bob se deteve, perguntando-se se estava vendo coisas. Gage Sinclair tinha a mesma expressão abatida de Dennis Urlacher e de Brandon Wyatt. Que diabos estaria acontecendo?

Gage encarapitou-se em uma banqueta, um espaço depois do vizinho. Ignoraram um ao outro, e Bob decidiu não entabular conversa com nenhum dos dois. O melhor a fazer, àquela altura, era ficar quieto. Por isso, limitou-se a colocar a garrafa sobre o balcão e virou-se, disposto a preparar, para cada cliente, uma porção de amendoins. Foi naquele momento que Brandon finalmente falou.

— Joanie foi embora.

Bob hesitou, sem saber se o comentário fora dirigido a ele ao fazendeiro.

— Foi embora? — repetiu.

— Foi embora, mudou me abandonou. Levou meus planos, meus enganos e meu coração. É isso.

— Joanie? — Gage perguntou incrédulo.

Buffalo Bob estava igualmente chocado. Não conhecia bem a esposa de Brandon, mas gostava da moça. A tarde em que ela inaugurara o equipamento de caraoquê fora uma das mais divertidas da história do estabelecimento... e da vida do proprietário. Logo depois, Joanie voltara e lhe pedira para indicar uma boa marca de vinho, com a qual

queria comemorar o aniversário do casamento. Não parecia alguém que planejava divorciar-se.

Buffalo Bob não costumava ser consultado nessa área, ainda bem. Joanie tinha uma risada contagiante e um espírito iluminado. Merrily dizia que gostaria de conhecê-la melhor, mas nenhum dos dois a vira outra vez nem a encontrara pela cidade.

— E as crianças? — Gage quis saber.

— Foram com ela.

Brandon olhava para a parede como se ali houvesse algo de muito importante, não um anúncio de néon anunciando a i n arca da cerveja que bebia.

— Sinto muito, meu amigo. — **É.** A esposa o abandonava, levava a família inteira embora e tudo o que Brandon dizia era um simples "É"? Buffalo Bob não entendia isso.

— Ela vai voltar, não vai? — perguntou ansioso.

Brandon franziu a testa e bebeu um grande gole de cerveja.

— Duvido.

Bastou um olhar para que Bob percebesse que Brandon não estava conseguindo lidar com o problema.

— Sinto muito mesmo.

— A culpa foi minha — disse o fazendeiro, demonstrando emoção pela primeira vez. Sua voz vibrava de raiva. — E devia ter pensado melhor antes de me envolver com uma garota da cidade.

Gage nada disse, mas Buffalo Bob pôde ver que as palavras de Brandon o afetaram. Afinal, Lindsay Snyder também era uma "garota da cidade". Seria uma lástima se Gage desse aquele relacionamento por encerrado por um motivo tão inconsistente. Bem, ao menos Bob o considerava assim. As pessoas podiam se adaptar a todos os tipos de circunstâncias. Ele sabia disso melhor do que ninguém. Por experiência própria.

— O que você quis dizer com "garota da cidade"? — indagou, imaginando que, o que quer que Brandon dissesse, mostraria a Gage que Lindsay era diferente.

Ela não reclamara uma única vez, por motivo nenhum. A falta de lojas ou de restaurantes sofisticados não pareciam aborrecê-la. Além disso, ele não testemunhara nenhuma evidência de "atitude de cidade grande". Sem Lindsay, Buffalo Valley seria uma cidade-fantasma em cinco anos. Todos sabiam disso.

— Joanie nasceu e cresceu em Fargo.

— Bem, Fargo não é exatamente uma cidade grande — Bob argumentou.

— Há quanto tempo você esteve lá? — Brandon perguntou a voz áspera. — Joanie nunca soube o que significava ser esposa de um fazendeiro, nunca teve uma mentalidade de fazenda. Não foi culpa dela. Simplesmente não imaginava como seria.

— Foi por isso que Joanie o deixou? — Gage indagou.

— Ela me abandonou porque não concordei em vender a fazenda.

Nenhum deles falou muito depois disso. Nenhum comentário adicional seria necessário. Gage e Brandon achavam que a linhagem de sangue da família estava na terra. Sem isso, perdiam seu propósito, sua identidade.

O fato não era que Brandon se recusara a vender a propriedade, que estava na família havia três gerações. Ele simplesmente não *podia* fazer isso. Sem a fazenda, não

saberia quem ou o que era.

Quando Buffalo Bob finalmente fechou o bar, estava cansado e agastado. Pessoas haviam entrado e saído do bar a noite inteira, todas com problemas. Suas próprias dificuldades pareciam-lhe duas vezes mais pesadas agora, depois de ouvir as dos amigos. Droga de modo de começar o ano. Além do mais, aquele não era um bom presságio para a festa da véspera de Ano-Novo.

Após trancar a porta, ele se atirou na cama. Mas, apensar de fatigado, ou por isso mesmo, não conseguia dormir. Foi quando escutou o primeiro ruído, vindo lá de baixo. Alguém entrara no estabelecimento e se movimentava por ali.

Bob permaneceu quieto, ouvidos atentos, esperando que fosse apenas o estalar natural do prédio. Poucos minutos depois i;i tinha certeza de que se tratava de um intruso. Tão silenciosamente quanto possível, vestiu a calça comprida e pegou 'i taco de beisebol, que guardava em um dos cantos do quarto, para qualquer eventualidade.

Pela direção dos ruídos, o intruso parecia ter ido até o escritório. Era onde Bob guardava o dinheiro. Assim, ele correu > içada abaixo. Então, em meio às sombras, dirigiu-se ao escritório e entrou. O luar mostrou-lhe um.... De cabelo preto.

Com um berro, Bob pulou no aposento e acendeu a luz.

Ouviu-se um grito feminino.

Buffalo Bob a viu e pôs o taco de lado. — Merrily!

Em segundo depois ela já estava em seus braços.

Você me assustou — Mefrily disse, envolvendo-o pelo pescoço. — Eu não queria acordá-lo.

A alegria era tanta que Bob a ergueu. Lembrou-se que ela possuía uma cópia da chave da entrada, e soube que fora ao escritório procurar pela chave de seu velho quarto.

Na verdade, Buffalo Bob não se importaria se Merrily estivesse atrás de seu dinheiro. Ter-lhe-ia dado, de bom grado, cada centavo.

— Está feliz por me ver, não está? — ela perguntou, sorrindo. Inclinou a cabeça e deu-lhe um beijo tão apaixonado que Bob sentiu as pernas trêmulas. Soube, naquele momento, que Merrily também sentira muito a sua falta.

— Você voltou para sempre? — indagou quando conseguiu respirar para formular a questão.

O sorriso da moça era a coisa mais linda que ele via em meses.

— Provavelmente não, mas prometo que você vai adorar cada minuto que eu passar aqui.

Buffalo Bob gemeu e levou-a a seu quarto. Daquele momento em diante, ela dormiria ali, a seu lado. Era àquele lugar que Merrily pertencia.

Gage estava na fazenda de Brandon quando Lindsay telefonou, na primeira sexta-feira do novo ano. Lara contou-lhe a novidade assim que o filho entrou em casa. Ele ficou imóvel durante um bom tempo, sem saber o que pensar. O aviso de Brandon, quanto a envolvimento com moças da cidade, atingira-o em cheio. Ainda que estivesse atraído por ela, e por mais que admirasse, a professora vinha fazendo pela cidade, sabia que Lindsay não entendia seu modo de viver.

No entanto, nem todos os avisos do mundo seriam capazes de mantê-la longe de seu pensamento. Tampouco esqueceria o modo como seus beijos o faziam arder. Havia

atingido um ponto em que os beijos já não eram suficientes. Cada vez mais ele imaginava como seria amar aquela mulher, segurá-la nos braços, dormir a seu lado.

— Você vai retornar a ligação? — Lara perguntou ao ver que o filho não se dirigia ao telefone.

Na última semana, Gage pensara em ligar para Lindsay em inúmeras ocasiões. E o teria feito, caso não tivesse encontrado Brandon Wyatt naquele dia, pouco antes do Ano-Novo. O vizinho mergulhara em um mundo de dor e Gage se dera conta de que, caso continuasse a ver Lindsay, acabaria indo pelo mesmo caminho.

Tentara convencer o amigo a acompanhá-lo à festa de Buffalo Bob, mas no final acabara indo sozinho e deixara o local cedo. Lindsay, por seu turno, jantara com Lara e Hassie. Nada de "Feliz Ano-Novo" para nenhum dos dois. Nem para Brandon.

Naquele dia, Gage parará na fazenda Wyatt e ficara chocado com a situação da casa. Pratos formavam pilhas sobre a pia, o balcão da cozinha estava cheio de correspondência aberta e jornais velhos. Montes de roupas sujas espalhavam-se sobre a máquina de lavar e a secadora. Pior ainda, Brandon parecia em um estado de depressão permanente. Consequia cumprir as tarefas pertinentes à fazenda, e que no inverno eram bem poucas, mas fora isso parecia ser incapaz de tomar iniciativas.

A visita de Gage, assim, em nada contribuíra para amenizar seus receios em relação a um envolvimento maior com Lindsay.

— Ela disse o que queria? — perguntou à mãe.

Essa questão simples demorou um tempo grande demais para ser respondida.

— Você não gostaria de descobrir por si mesmo?

Embora ele nada tivesse dito acerca dos problemas entre Brandon e Joanie, percebia que Lara parecia conhecer as dúvidas que o assaltavam. Assim, sem uma única palavra, tornou a colocar o chapéu e saiu. Ir à cidade para ver Lindsay era a atitude mais inteligente, ou mais idiota, que ele já tomara na vida.

Imaginou o que lhe diria assim que visse seus grandes olhos azuis. Esperava permanecer calmo e indiferente. Iria deixá-la falar. Mas sabia que era esperar muito. Sentira saudade dela, das conversas, dos beijos.

Nevava quando Gage chegou à entrada da casa. Sob a luz da varanda, ele tocou a campainha e esperou pelos inevitáveis latidos, Lindsay atendeu em seguida, os cães ao lado, como se tivesse antecipado sua chegada. Claro, sempre haveria a possibilidade de Lara ter telefonado, informando-a de que o filho iria procurá-la.

— Entre, por favor.

Os olhos azuis mostraram-lhe quanto ela se sentia feliz em vê-lo. Gage suspeitava que sua expressão também fosse assim, boba.

— Ainda bem que você veio.

— Também acho.

Ele não era tão orgulhoso a ponto de esconder a verdade. Deu um passo na direção de Lindsay no momento em que ela fazia a mesma coisa. Parecia ter se passado uma eternidade desde a última vez que a abraçara, e por isso o beijo foi explosivo. Mas na verdade sempre fora assim, aquela necessidade poderosa que irrompia do fundo de cada um toda vez que se tocavam. E, se beijá-la já era aquele espetáculo, Gage podia avaliar como seria fazer amor...

Depois de dois ou três beijos, ele se obrigou a parar. Não foi fácil. Acariciou, com o

polegar, os lábios femininos, ainda úmidos, enquanto lutava por deter-se. Tinham que conversar. Gage sentia que aquele poderia ser o começo, ou o fim, de tudo.

— Refleti muito antes de telefonar — Lindsay disse ao conduzi-lo para o sofá.

Ele se acomodou e recusou a oferta de beber algo. Viu-a sair da sala e depois voltar com algo parecido com uma cigarreira de madeira.

— Encontrei isto aqui. Foi o que minha avó escondeu na lareira, naquela noite. — Contou-lhe sobre o buraco na parede do armário. Então, com cuidado, como se lidasse com um tesouro, ergueu a tampa e removeu um medalhão de ouro. — É uma foto de seu avô e de minha avó quando adolescentes

— acrescentou, entregando-lhe o objeto.

Gage depositou o medalhão na palma e o estudou. Era oval, liso, sem ornamentos, e tinha um fecho do lado direito. Ele abriu. Observou duas velhas fotos em branco e preto, de um homem e de uma mulher. Nunca vira o avô naquela idade, mas soube no mesmo instante que se tratava de Jerome Sinclair. O olhar era honesto, sem culpa, enquanto o queixo quadrado denotava obstinação. Gage herdara tudo aquilo.

O outro retrato mostrava uma jovem loira, com olhos claros e delicados. Lindsay era muito parecida com a avó, e isso fez com que ele soubesse do fundo do coração, que o avô fora mesmo apaixonado por Regina Snyder.

— Eu não sabia que vovó era tão linda — comentou Lindsay. Gage sorriu. Ela não parecia ter notado a semelhança entre ambas.

— Então você encontrou isto aqui...

— E mais alguma coisa.

Lindsay abriu a caixa mais uma vez e retirou dali um envelope amarelado pelo tempo.

— Leia e diga o que acha.

Ele pegou o pedaço de papel quebradiço, escrito com tinta já esmaecida. Com cuidado, para não danificar a folha, desdobrou-a e leu.

10 de janeiro de 1943.

Querida Gina:

Tenho apenas alguns minutos, e rezo para que este bilhete chegue até você. Sua última carta demorou três semanas para chegar às minhas mãos, e sei quanto você deve estar preocupada. Por favor, acalme-se. Nós nos casaremos assim que eu conseguir arranjar as coisas. Tudo sairá bem.

Sempre seu,

Jerome

— O que acha? — Lindsay insistiu, os olhos úmidos.

— Eles se amavam.

Gage já sabia disso, bem antes de conversar com Lily Quantrill. Não precisava ler uma carta escrita havia quase sessenta anos para ter certeza de que seus avós tinham vivido um grande amor.

— Mas... Você não percebe?

— O que eu deveria perceber?

— Ouça — ela começou a voz trêmula de emoção —, não posso adivinhar o que minha avó escreveu na carta que levou (rês semanas para chegar, mas pela resposta de Jerome, é possível perceber como vovó estava desesperada. Sabe por quê?

Ele franziu a testa, incapaz de fazer especulações.

— Por quê?

— Minha avó estava grávida!

— Não acredito.

— Leia as entrelinhas.

— Você não tem nenhuma prova disso. Mas, se tivesse que diferença faria?

— Que *diferença* faria? — ela repetiu incapaz de entender por que Gage se mostrava tão insensível.

Ele arrependeu-se por estar ali. Não queria ter descoberto aquilo, não pretendia imiscuir-se na vida do avô.

— Você não tem provas — insistiu. — Ouça, às vezes é melhor deixar as coisas como estão. Seja lá o que aconteceu, foi há muito tempo.

— Você se engana. Eu tenho uma prova — Lindsay sussurrou, e remexeu dentro da caixa mais uma vez. — Eis aqui uma carta de uma agência oficial, avisando minha avó sobre a adoção da criança a cuja guarda ela renunciara.

CAPITULO 15

Lindsay poderia dizer, pelo olhar arrasado de Gage, que a descoberta, para ele, fora um choque. Na verdade, a novidade também a deixara chocada. Viu-o franzir a testa, sentar-se e olhar para a carta da agência de adoção por vários minutos.

Ela lera os documentos contidos na caixa tantas vezes que praticamente os sabia de cor. O da agência ia direto ao ponto e fora escrito havia mais de cinquenta anos por uma supervisora gentil e compreensiva, para uma jovem mulher de luto.

30 de setembro de 1944.

Querida Regina:

Suas cartas estão diante de mim. Apreciei sua preocupação e seu amor por sua filha. Como você sabe, não é nossa prática deixar que as mães conheçam os detalhes da adoção dos filhos. No entanto, estou disposta a abrir-lhe uma exceção, esclarecendo que essa será a única informação que posso e irei lhe dar. Você não deve nos fazer mais perguntas.

Sua filha foi adotada por uma boa família. Quanto a isso, pode ficar sossegada. Os pais são educados e respeitados. O pai é um médico famoso. Como você solicitou, sua filha crescerá entre pessoas católicas e, na verdade, tem um tio padre. Até já foi batizada.

Sei que doar essa menina foi uma decisão difícil, mas, como já conversamos em diversas ocasiões, tornou-se melhor o caminho para ela e, acredito, também para a mãe. Você tem a vida inteira pela frente. Enterre a lembrança de sua filha, e do soldado perdido que você amou tanto, bem no fundo de seu coração.

Guarde-os lá ao longo dos anos. Mas comece uma nova vida com esperança e

com a disposição de amar de novo.

Seja forte. Deus a abençoe.

Sinceramente,

Merline Hopfinger, supervisora

Agência de Adoções Dickinson

— Vovó nunca contou nada sobre a criança — disse Lindsay, segura de si.

Lily Quantrill desconhecia o fato. Hassie também, mesmo porque só viera a fazer parte da comunidade de Buffalo Valley depois da guerra. Em todo o caso, ela e vovó Snyder tornaram-se grandes amigas. Se Gina tivesse de contar seu segredo a alguém, esse alguém seria Hassie. Não, Lindsay tinha certeza de que ela jamais contara nada, nem mesmo às amigas mais próximas.

Gage discordou com um gesto.

— Você não tem como saber disso.

— Certo, mas não creio que vovó tenha dito algo. Lindsay estava convencida de que o silêncio mantido pela avó tinha pouco a ver com culpa ou vergonha. Ela tentara isso sim, proteger a memória de Jerome Sinclair, o homem a que julgara morto. Assim, acatara a sugestão da Sra. Hopfinge e guardara com carinho a lembrança da filha cujo coração u dia batera no compasso do seu.

— Lembra-se do que Lily Quantrill falou? — Gage indago como se apenas naquele momento o pensamento lhe ocorresse — Que sua avó esteve doente durante algum tempo, depois de saber que meu avô desaparecera em combate?

— Claro que me lembro. O olhar dele era pensativo.

— Eu me pergunto se a doença não foi uma desculpa pa Gina poder sair da cidade e ter o bebê lá fora.

Lindsay supunha que devia ter sido assim. A avó prova v mente escondera a gravidez tanto quanto foi capaz. Quando tornou impossível ocultar a verdade, ela deixou Buffalo Vali com o coração partido, pois seu maior tesouro lhe seria retira

— A menina nasceu em agosto — Lindsay concluiu. Gage voltou a olhar para a carta.

— O que a levou a essa conclusão? O texto não oferece nenhuma pista nesse sentido.

— Eu simplesmente sei.

Afinal, encontrara a avó, em plena madrugada, chorando pela filha que nunca carregou, enlutada pela criança que jamais conheceu. Esse encontro se dera em agosto, e Lindsay agora sabia que vira Gina revivendo o nascimento da garotinha, pranteando-às vezes e vezes.

— Como você pode saber?

— O acampamento acontecia na última semana de julho. Tenho certeza, porque participei dele durante muitos anos. Assim, minha família veio para cá em agosto.

Gage contemplou a cigareira.

— Essa é uma descoberta inacreditável. Quanto a mim, pretendo manter a história em segredo. E você?

Lindsay só tomara uma decisão a respeito havia pouco tempo. A princípio

insegura, revira o conteúdo da caixa vezes sem conta. Então telefonara para Gage. Agora sabia o que devia fazer.

— Quero encontrá-la.

— A criança?

Gage balançou a cabeça, em negativa, desaprovando a sugestão.

— Isso mesmo — ela respondeu com calma. — Seja lá quem ela for, tem o direito de saber quem eram seus pais biológicos.

— Não faça isso.

— Não? — Em primeiro lugar, os registros de adoção não são documentos públicos.

— Não preciso consultá-los. A carta oferece informações suficientes. Ao menos espero que sim.

Decerto não seria fácil, mas possível. Lindsay esperava que Gage a ajudasse na empreitada, percebesse a importância da tarefa.

Ele, porém, permanecia em silêncio. Caminhou até o outro lado da sala, como se quisesse manter distância. Aquela rejeição absoluta a seu plano a desapontou mais do que poderia esperar.

— Não pretendo me intrometer na vida dessa mulher — ela se apressou em explicar, respondendo às objeções mudas de Gage.

— Não? Você planeja forçar a entrada, sem ter sido convidada ou desejada. E por que motivo? O que foi feito, está feito. Tudo aconteceu há quase sessenta anos. Que bem receberia essa mulher ao ter a privacidade invadida?

— Ela tem o direito de saber que os pais biológicos a amavam

— Lindsay respondeu de modo tão persuasivo quanto foi capaz.

— Não faça isso — ele repetiu suavemente.

— E quanto ao medalhão? E às cartas? Se você tivesse sido adotado, não gostaria de saber a verdade?

— Não, não gostaria. — As palavras foram claras. Definitivas. Ele tinha a expressão dura e os olhos frios, de um modo como Lindsay nunca vira. Balançando uma vez mais a cabeça, acrescentou:

— Brandon me falou nisso, na semana passada... e tornou a falar hoje. Considerei o aviso como um grãozinho de sal, uma vez que ele anda angustiado e arrasado por Joanie ter ido embora e levado as crianças.

Lindsay sentiu-se confusa.

— O que Brandon Wyatt tem a ver com isso?

— Você não nos compreende.

— "Nos"? O que significa esse pronome, no plural? — ela perguntou furiosa.

Gage sustentou-lhe o olhar.

— Significa que você *não* é uma de nós.

— Está dizendo que sou uma forasteira?

— Você tem boas intenções, mas não compreende. Aqui, as pessoas acham que

todos têm o direito de fazer suas escolhas e de viver de acordo com elas. Somos independentes. Autoconfiantes. Não interferimos na vida dos demais, nem queremos que se intrometam na nossa. E isso que você não entende. — Dirigiu-se à porta, detendo-se apenas para pegar o, sobretudo.

— Por favor, não faça isso. Deixe essa mulher sossegada. Ela não pediu que ninguém se intrometesse em sua vida. Tem o direito de continuar existindo em paz.

— Não quero invadir a vida dela... Ao contrário, vou lhe dar um presente.

— Presente? Você fala a Kevin sobre uma bolsa de estudos e também chama isso de presente. Será que não percebe? Insiste em dar às pessoas coisas que elas não pediram, não precisam nem desejam.

Lindsay abriu a boca para argumentar. Gage, porém, não permitiu.

— Sua avó *escolheu* manter a filha em segredo. Saiba honrar essa escolha.

— Eu... Pensarei nisso.

— É tudo o que posso lhe pedir — ele respondeu, e virou-se para abrir a porta.

— Gage? — Lindsay chamou, detendo-o. Não queria vê-lo partir, não daquele jeito, não quando muita coisa permanecia sem ser dita. — Acho que devemos conversar um pouco mais sobre a bolsa de estudos de Kevin.

As costas masculinas retesaram-se. Lindsay experimentou um medo súbito de perdê-lo. Podia sentir prever isso. Aquele homem estava se afastando.

Emocional e fisicamente.

— Entendo suas razões, baseadas no dever e na responsabilidade, e sei que o futuro de Kevin já foi planejado. Mas também acredito com firmeza que ele pode solicitar as bolsas de estudos. Se for recusado, nada estará perdido, mas, se for aceito, nunca duvidará do próprio talento. Saberá que, se as circunstâncias fossem outras, poderia ter seguido a carreira das artes plásticas. E ainda poderá, se o futuro assim permitir.

— Você o incentivou a pedir as bolsas? Ela assentiu.

— Sim.

— Kevin aceitou?

— Não sabe bem o que fazer... Mas sim, concordou depois de conversar comigo. — Com o coração aos saltos, ela cruzou os braços sobre o peito. Gage pareceu-lhe parte do passado, a fisionomia indecifrável. Julgara ter sido traído, embora essa jamais tenha sido a intenção de Lindsay. — Eu... achei que você devia saber. E tudo.

— Você faz o que acha melhor, e eu faço o que julgo mais adequado — ele disse, voltando-se para a porta.

— Gage! Eu... Se eu fosse adotada, gostaria de ter notícias de meus pais biológicos.

Ele não respondeu.

— E... Não vou interferir na vida dessa mulher.

— Está procurando minha aprovação? Porque, se estiver, eu não a dou. Como já disse, você faz o que acha melhor, e eu faço o que julgo mais adequado.

— Não vai me ajudar a encontrá-la?

— Não tenho nada a ver com isso. Lindsay deu um passo em sua direção.

— Vou começar a investigar neste final de semana. Imagino que, se descobrir o nome do médico... Um homem católico, e que tinha um irmão, ou cunhado, padre... Bem, então serei capaz de localizá-la. Esperava que pudéssemos trabalhar nisso juntos.

— Talvez você ainda não tenha me ouvido bem. Eu disse que nada tenho a ver com isso. Devo ser mais claro?

Lindsay sentiu-se paralisada.

— Não, acho que não — conseguiu dizer, a voz apenas um murmúrio.

Gage abriu a porta, e dessa vez ela não procurou detê-lo.

Heath Quantrill não falava com Rachel Fischer desde a noite do jantar, um mês atrás. Vendo as coisas da perspectiva de agora, ele percebia que cometera um erro ao apressá-la.

As mulheres que conhecia, e houvera muitas ao longo de todos aqueles anos, tinham uma visão mais sofisticada e liberal da vida e do sexo. Quase sempre eram elas que o assediavam ansiosas por levá-lo para a cama. Fazia anos que ele não precisava seduzir alguém. Estava na hora de encarar o desafio.

Às vezes Heath se esquecia de que estava em Dakota do Norte, onde a simples sugestão do prazer físico fazia mulheres como Rachel corar. Ela passara a existência toda em Buffalo Valley, casara-se depois do colégio e desempenhara um papel que nunca questionara.

A experiência sexual de Rachel provavelmente se limitava ao casamento. Heath estava certo de que a moça tinha muito a aprender, e sentia-se pronto a ensiná-la. Sabia que sua atitude fora arrogante, mas isso não o preocupava muito. As mulheres costumavam gostar de homens confiantes.

Fora um tolo em acreditar que Rachel era como as outras. Embora tivesse sido difícil, mantivera-se afastado de propósito. Esperara o tempo passar para dar a ela a chance de curar suas feridas.

Agora, com a comemoração do Natal e o Ano-Novo passadas, tentaria uma reaproximação. Mas dessa vez iria mais devagar.

Ela teria de aparecer para pagar a mensalidade de janeiro do empréstimo. Ele planejava usar a oportunidade para reparar seu erro. Sutilmente, claro. Mostrar-se-ia contrito, mas não muito. Sabia o que queria, e queria Rachel em sua cama. E ela era uma mulher que precisava ser seduzida. Persuadida. Cortejada. Se não estivesse tão distraído pelo desejo, teria percebido isso.

Ao longo do dia, sempre que a porta do banco se abria, Heath erguia a cabeça e olhava, esperando vê-la entrar. Mas as horas passaram e nada. Nos outros meses, àquela altura, a mensalidade já estava paga. Então, quase no momento de o banco fechar, um esbaforido Mark entrou correndo.

— Olá, sr. Quantrill — disse, o rosto e o nariz vermelhos pelo frio. O cabelo em desalinho se levantara, pela estática provocada pelo gorro recém-retirado. — Minha mãe me pediu para lhe entregar isto. — Tirou as luvas com os dentes, levou as mãos aos bolsos e de lá retirou um cheque todo amassado.

Rachel, em vez de fazer o pagamento pessoalmente, frustrara-o, enviando o garoto.

— E o dinheiro do forno da pizza — Mark explicou ao ver que Heath ainda não pegara o cheque.

O pedaço de papel pareceu frio entre os dedos quentes do banqueiro.

— Agradeça a sua mãe por mim. O menino assentiu.

— Preciso ir. Mamãe precisa de minha ajuda na casa. — Recolocou o gorro na cabeça e calçou as luvas. — Vejo-o no mês que vem Sr. Quanfrill.

— Certo — ele murmurou.

Então, dali para frente seria assim. Mark, e não Rachel efetuará os pagamentos.

Alguns minutos depois, Heath trancou o banco, mas, em vez de ir de imediato para Grand Forks, caminhou até o Buffalo Bob's. Queria pensar e não conhecia um local melhor do que o bar.

— Como vai? — Bob o cumprimentou.

— Ótimo — ele resmungou. — Melhor impossível. Buffalo Bob parou o que vinha fazendo e olhou para o recém-chegado.

— Não me diga que você também está com problemas com mulheres!

Heath sentou-se em uma banquetta.

— O que quer dizer?

— Parece haver uma epidemia entre os homens da cidade.

Ergueu uma cerveja, mas o banqueiro fez um gesto de cabeça, indicando que não queria a bebida. Assim, Bob foi até a máquina de café e encheu uma xícara.

Heath descobrira que aquele era o melhor café das redondezas. Ali se servia a bebida tradicional, verdadeira, não a versão aguada que a maioria vendia. Depois de viver na Europa, ele desenvolvera um gosto de especialista em café. Em sua opinião, a maioria dos habitantes de Dakota do Norte servia um tipo muito fraco, que podia ser chamado de "chafé".

— Veja o que aconteceu com Brandon Wyatt — disse Buffalo Bob enquanto colocava a xícara sobre o balcão do bar. — Imagino que você já tenha ouvido as últimas novidades...

— Sobre Brandon e Joanie?

Heath nada ouvira sobre o casal, e a notícia o deixou chocado.

— Não sei o que houve de errado — Bob acrescentou. — Tudo o que Brandon falou foi que devia ter pensado melhor antes de casar com uma garota da cidade.

O banqueiro balançou a cabeça, pesaroso, e segurou a caneca com ambas as mãos, os cotovelos apoiados no balcão.

— E uma vergonha.

— Dennis Urlacher também esteve aqui recentemente, desanimado com seu relacionamento com Sarah. Ao que tudo indica, está tendo problemas com a filha dela, adolescente. Pelo que contou, parece que a menina quer que os pais voltem a viver juntos.

— Alguma possibilidade de isso acontecer? Buffalo Bob deu de ombros.

— Duvido, uma vez que os dois se divorciaram há muitos anos, mas nunca se sabe. — Serviu-se de café. — E você também está com aquele ar abatido, Sr. Quantrill.

— Eu? — Heath não pretendia discutir assuntos pessoais, nem com o dono do bar nem com ninguém. Outros podiam fazer isso, mas ele não tinha o hábito de comentar

seus erros. Fora até ali em busca de privacidade, de uma chance para meditar. — Não tenho nada, garanto.

— Pensei que você e Rachel Fischer tivessem brigado.

— Brigado? Não. — Deu um último gole no café, colocou a xícara e uma nota de um dólar no balcão.

— Bem, acho que agora já posso pegar a estrada sem tanto cansaço.

Buffalo Bob pareceu surpreso com a súbita decisão de partir.

— Foi bom vê-lo — disse, recolhendo a xícara e o dinheiro. — Venha sempre.

— Obrigado. Virei.

Heath estava a meio caminho da porta quando escutou um riso de mulher. Olhando por sobre os ombros, viu Bob e Merrily envolvidos em um beijo que parecia nunca mais se acabar. Por um instante, experimentou a sensação de inveja. Se não tivesse sido tão estúpido, Rachel poderia o estar beijando daquele modo, naquele momento. Em lugar disso, estava saindo da cidade, derrotado, e desejando uma segunda chance.

No domingo à tarde, como sempre, foi visitar a avó. Encontrou-a adormecida na cadeira, a cabeça pendendo para um lado, os olhos fechados.

Em silêncio, atravessou a suíte e colocou o pequeno buquê de flores sobre a televisão.

— Tire isso daí — ela resmungou acordada e alerta em menos de um segundo. Fitou o neto com suspeita. — Quando chegou?

— Há horas — ele zombou.

Percebeu que Lily se divertira com a brincadeira pelo esboço de sorriso que se desenhara em seus lábios.

— Você está atrasado.

— Oh, gratíssima pelas flores, Heath! — ele dramatizou com sarcasmo e diversão ao lhe entregar o buquê. — Céus, mas que neto maravilhoso eu tenho!

— Por que decidiu oferecer flores a uma velha, por falar nisso? E perda de dinheiro. Deveria dá-las a Rachel Fischer.

Ele devia ter feito algum gesto revelador, porque a avó percebeu na hora que havia um problema naquela área.

— Você está saindo com ela, não está?

— Ultimamente, não — Heath respondeu, sentando-se a alguma distância.

Se Lily soubesse o que havia feito, era capaz de atirar nele as flores.

— Por que não?

A velha senhora sempre ia direto ao ponto. Era uma característica que ambos compartilhavam.

— Não vim aqui para discutir minha vida pessoal.

— Então, que droga de homem é você?

— Desculpe, mas acho que não entendi...

— Quantos anos tem? Não acha que já é hora de se casar?

— Eu me casarei. No devido tempo — ele respondeu, recostando-se e levando os braços às costas do sofá.

— Ah, no "devido tempo"! — Lily escarneceu. — Quem pode dizer quanto tempo nos resta? Max sempre dizia que tinha anos e anos pela frente, e agora já se foi.

Heath procurou não pensar no irmão e em como ele e a avó sentiam sua falta.

— Você vem desperdiçando a vida há anos. Escala montanhas, vive com um boêmio... Culpo seus pais por isso. Eu sempre lhes disse que mimo demais estraga a criança.

— Vovó! — ele a admoestou, lutando para conter o riso. — Recebi minha cota de castigos.

— Não o suficiente para domar essa sua teimosia. Eu mesma devia ter cuidado disso.

Ao ouvir o comentário, Heath riu com vontade. A avó apenas ameaçava, e ele sabia disso.

Lily se aproximou para encará-lo de perto;

— Conte-me o que aconteceu com a viúva.

Heath hesitou. Então concluiu que merecia todas as críticas que receberia da avó.

— Tentei levá-la para a cama antes do tempo.

Lily Quantrill soltou um gemido desaprovador, mas não explodiu como o neto previra. Heath pôde perceber, pela carranca da avó, que ela o julgava um tolo. Francamente, concordava com essa opinião.

— E como andam as coisas agora?

— Não muito boas receio. O olhar de Lily estreitou-se,

— Você desistiu?

— Não.

Ele nunca fora um perdedor, e não ia começar agora.

— Vai se casar com ela?

— E muito cedo para dizer. Lily escondeu um sorriso.

— Então só quer levá-la para a cama, não é?

— Sim, mas...

Hesitou, achando melhor não falar nada sobre a moral e os valores do mundo contemporâneo.

— Mas o quê? Gosto dela. Você também gosta. Meus avós se conheceram por intermédio de uma agência de casamentos. Foi bom para os dois. Permaneceram juntos por sessenta e oito anos. Devo ligar para Rachel e resolver esse assunto de uma vez por todas?

Atônito, Heath se levantou.

— Não se atreva a fazer isso! Sei cuidar de mim mesmo!

— Peça desculpas à moça. Ele suspirou.

— Se isso adiantasse...

— E lembre-se, casar antes de acamar. E assim que funciona há centenas de anos. Deve haver um motivo para isso, não acha? — Respirando fundo, Lily pegou o buquê e o devolveu ao neto. — Seja rápido. Quero vê-lo casado antes de deixar este mundo, e não sou tão jovem como pareço.

Joanie adiou o telefonema a Brandon até o meio da tarde. Não podia retardá-lo mais, porque senão as crianças acabariam chegando da escola e aí ela perderia a chance. Era uma tarefa horrível, mas não havia escolha. Tinham de conversar sobre uma série de coisas.

Naquela manhã, depois da saída dos filhos, sentara-se e metodicamente organizara uma lista dos itens que precisava discutir com o marido. Durante todo o dia a relação a acompanhara, de aposento em aposento. Até aquele momento, entrar em contato com ele era algo que a deixava abalada e emocionalmente sem forças. Brandon não tornava mais fáceis as coisas, mas a despeito de tudo aquilo, precisava telefonar-lhe. Agora.

O bebê mexeu-se quando ela se sentou à mesa da cozinha e pegou o aparelho fora de moda. Joanie levou a mão ao ventre. Pobre e linda criança... Não fazia idéia do que estava acontecendo à sua família.

Naquele mesmo mês, um ultra-som revelara o sexo provável do bebê. A clínica pedira o exame porque Joanie sofrera algumas pequenas complicações. Por sorte, ela conseguira assistência médica gratuita. Se Brandon soubesse, teria se arrepiado só eu pensar que um membro de sua família era objeto de caridade. Mas, nas semanas que se seguiram à separação, Joanie se acostumara a aceitar a gentileza alheia. Os pais, em particular, vinham se comportando de maneira maravilhosa. Ela, porém, não pretendia depender deles mais do que já dependia.

Brandon lhe enviara um cheque em janeiro, e na última quarta-feira, uma semana antes do esperado, chegara o de fevereiro. Mas a quantia não era suficiente para cobrir as despesas. Os pais a haviam alertado para contar logo ao marido sobre a gravidez, o que ela tentara fazer duas vezes. Mas fracassara em ambas. Sempre que conversavam, era por telefone, e Brandon parecia eternamente mal-humorado. Por isso, apesar de ter decidido lhe contar sobre o bebê, Joanie não conseguia fazê-lo.

Pegou o fone. Sentia falta do velho lar, dos amigos, de Buffalo Valley, Mas a saudade mais forte vinha da lembrança da vida que partilhara com o marido. Vinha sendo assaltada pela dúvida. À noite, sozinha na cama, não podia evitar questionar MC sobre se tomara a decisão correta.

Dois meses antes, a resposta parecia muito mais clara do que agora, em especial quando ela tentava lidar com a dor dos filhos e com o próprio sofrimento.

Antes de perder a calma por completo, decidiu ligar. Brandon atendeu pouco antes de a secretária eletrônica ser acionada,

— Olá, Brandon — ela começou, segurando a lista diante dos olhos, o que a ajudava a manter o já precário equilíbrio,

— Alguma coisa errada com as crianças? — ele indagou no tom rude que Joanie já esperava ouvir.

— Eles estão bem. — Seguiu-se um silêncio pesado. — Mas mesmo assim quero lhe falar sobre Gage e Stevie.

— Está bem.

Ela suspirou e foi em frente.

— Eles querem saber se podem ir à fazenda nas férias da primavera.

Não houve um segundo de hesitação.

— Aqui é o lar de ambos. São bem-vindos a qualquer tempo. Ela, porém, não era. Brandon não dissera, mas nem mesmo

precisava expressar a verdade.

— Papai se ofereceu para levá-los.

— Seu pai? Você não?

Joanie fechou os olhos e obrigou-se a continuar.

— Não posso. Arranjei um emprego, e trabalho nos finais de semana.

— Em um banco?

— Não. É um trabalho de meio período.

Ela não queria contar ao marido que ficava em pé oito horas por dia em uma loja de conveniência. Fora o único emprego que conseguira, e o pouco que recebia ajudava a pôr comida na mesa.

— Espero as crianças na segunda semana de março, então — ele disse a voz mais suave.

Aquele tom manso assegurou a Joanie que Brandon arrumaria tempo para estar com os filhos.

— Como papai irá até aí, você se importaria se ele pegasse algumas coisas? — ela perguntou depressa, antes que o marido desligasse.

— Que coisas?

— Tenho duas ou três caixas de roupas velhas no sótão.

— E por que quer essas coisas?

Era o momento de contar-lhe, de mencionar casualmente que aquelas eram roupas próprias para a gravidez, e que as guardara após o nascimento de Stevie.

— Eu... Bem, preciso delas.

— Para seu trabalho de meio período?

— Isso mesmo — Joanie respondeu, porque em parte era verdade.

— Eu darei as caixas a seu pai.

— Obrigada.

Ele suspirou, cansado daquela formalidade toda.

— Estamos muito polidos um com o outro.

Joanie não respondeu. Ao menos a polidez era preferível ao silêncio amargo e às acusações iradas.

— Você já procurou algum advogado da cidade grande? — ele quis saber, a voz evidenciando a dor.

— Não.

— Agora que conseguiu um emprego, pode pagar por isso. E então poderá me crucificar financeiramente. Queria que eu vendesse a fazenda. Bem, o divórcio é um modo de me obrigar a isso. Joanie descansou o cotovelo sobre a mesa e encostou a testa

na palma da mão.

— Ainda não conversei com nenhum advogado, mas o avisarei quando agendar uma reunião.

— Sei que fará isso.

Fez-se silêncio, e Joanie decidiu impedir que a conversa prosseguisse daquela maneira.

— Levei Gage ao dentista na semana passada. Parece que ela não vai precisar de aparelhos.

A resposta foi cheia de sarcasmo:

— Posso pagar por um aparelho dentário.

— Achei que devia lhe contar — ela disse, desejando ter-se calado.

— Há mais algum item na lista?

Brandon a conhecia bem demais. Afinal, não haviam passado tantos anos juntos para nada.

— Não. É tudo. "Exceto que estou grávida", ela pensou, mas foi incapaz de dizer.

Nenhum dos dois disse adeus. Nem desligou.

— Obrigado por ter feito as crianças me escreverem toda semana — ele murmurou.

— Os dois adoram receber suas cartas.

Toda terça-feira, chegavam dois envelopes. Um era endereçado a Gage, e o outro a Stevie. A garotinha guardava os dela em uma caixa de sapatos, em seu quarto. À noite, quando ia dar-lhe boa-noite, Joanie sempre a encontrava lendo as cartas do pai, uma a uma. Já as de Stevie viviam espalhadas pela casa. Ela as reunia, mas o menino não parecia preocupado com isso. Ao menos por fora.

— Adeus, Brandon.

— Antes de desligar, responda a uma pergunta. — Ele hesitou como se procurasse pelas palavras.

— Diga-me... Você é feliz?

Joanie não soube o que dizer. A verdade era bem mais complexa do que isso. Ficara desolada quando o deixara e, à medida que o tempo passava, em vez de diminuir, a desolação aumentava. Oh, houvera um período abençoado de aproximadamente uma semana, logo que chegara a Fargo com os filhos. Uma semana durante a qual tudo parecera melhor. A tensão se fora, ela se sentira cheia de energia, certa de que tudo acabaria bem. Mas aquilo não durou muito. As dúvidas e os problemas voltaram. A dor nunca a deixou, nem às crianças. E ainda havia o bebê...

— É uma pergunta tão difícil assim?

— Parece que é — ela começou. — Não, não sou feliz. Não queria ter feito o que fiz, nunca pensei que fôssemos chegar a esse ponto.

— E difícil porque você me ama certo? O sarcasmo retornara, e com força total.

— Acredite ou não, eu o amo muito.

— Mas tem uma estranha maneira de demonstrar esse sentimento. Espero meus filhos no mês que vem. Adeus, Joanie.

— Adeus, Brandon.

Ela desligou suavemente e escondeu o rosto nas mãos, lutando para controlar a angústia e o medo.

As crianças logo voltariam da escola. Não queria que a encontrassem preocupada, aborrecida. Isso os abalava muito. Assim, precisava fingir que tudo corria bem.

E então se perguntou se alguma coisa, em sua vida, um dia voltaria a correr bem.

CAPÍTULO 16

A primeira semana de fevereiro chegou e a primavera ainda parecia um sonho distante. O inverno deprimia Lindsay com seu frio intenso, impiedoso. O vento varria as terras nuas, áridas, e os campos cobertos de neve pareciam não ter fim. A cidade parecia ainda mais branca à tênue luz do inverno, com camadas espessas de gelo às margens das estradas.

Sem nenhum sinal perceptível da primavera, os alunos mostravam-se cada vez menos atentos e mais aborrecidos. O pouco entusiasmo que ela conseguia demonstrar era forçado, e o esforço não parecia valer à pena. O fato de estar oprimida por problemas pessoais também não ajudava. Ainda não decidiram procurar a filha de Gina, nem estava segura quanto ao melhor caminho a seguir. E se contratasse um detetive?

Mal vira Gage durante todo o mês de janeiro. E, quando estavam juntos, o comportamento de ambos era cauteloso. Lindsay queria aliviar a tensão que se instalara entre eles, mim não conseguia. Não sem assumir compromissos dolorosos.

Como de hábito, ela parava na farmácia todos os dias, depois (In escola. Naquela primeira segunda-feira de fevereiro, sentia, mais do que nunca, necessidade da sabedoria e dos conselhos da amiga

— Sinto muito pelas crianças — admitiu, tomando o chá.

— Também sentia por si mesma, mas não diria isso.

— Eles têm pouquíssima vida social. Em um colégio normal, haveria danças, esportes. Mas aqui, nas sextas-feiras à noite, resta-lhes beber cerveja escondido e ouvir rádio. E saber que em lugares distantes há festas e diversão.

Suspirando, apoiou os cotovelos no balcão.

— Você tem razão, querida — disse Hassie, colocando na xícara um pouco do mel do apiário de Gage e mexendo o chá.

— Meu baile preferido era o do Dia dos Namorados, sabe?

As lembranças que Lindsay guardava da escola eram agradáveis. Recordava-se com alegria de toda a energia investida em vestidos perfeitos, nos encontros divertidos que ela e Maddy marcavam com os rapazes, nas experiências felizes que compartilharam.

Hassie sorriu, como se Lindsay tivesse dito algo muito importante.

— O que a detém?

— Como assim, o que me detém?

— De promover um baile. Houve um na peça, não foi? Bem, sim, mas isso acontecera em um teatro, que poderia

ser usado de novo quando a turma se formasse.

— Promover um baile me parece uma boa idéia, mas... Onde? Hassie a fitou atentamente.

— Use a cabeça, garota. Existem vários prédios vazios na cidade. Um baile da escola não exigiria tanto preparo como aquele velho teatro.

— Podemos realizar um jantar com o baile! — Lindsay sugeriu já animada com a idéia. — No ano em que eu e Maddy nos formamos, era moda alugar limusines e jantar em restaurantes caríssimos. Nós achamos que era tolice gastar dinheiro com isso e decidimos fazer algo realmente maravilhoso e diferente.

— O que fizeram? Ela sorriu.

— Jantamos no parque Forsyth, com cinco casais conhecidos. Nossos pais nos emprestaram a melhor porcelana que possuíam, assim como talheres de prata. Alguns irmãos mais novos desempenharam o papel de garçons, e as dez famílias nos proporcionaram um jantar fabuloso. Bem ali, no meio do parque, usamos nossos trajes a rigor, nossos vestidos de festa, e jantamos como se estivéssemos na Casa Branca! Foi um sucesso. A escola inteira comentou.

— Por que não faz algo parecido aqui? Tenho uma toalha de mesa de renda muito bonita. Posso emprestar. Você pode fazer um acordo com Buffalo Bob quanto à comida e à música. Pode promover um jantar lá e o baile, em algum outro local. Sabe, seria a primeira festa formal desses jovens. Você está certa. Eles precisam dessa experiência. Será ótima para todos.

— Mas as garotas não têm como comprar vestidos, nem os rapazes saberão onde conseguir ternos.

— Podem emprestá-los. A maioria caberá em algum terno velho do pai. Vaughn usou uma roupa do pai quando se formou no colégio. A população daqui vem recorrendo a esse recurso há muito tempo. Deixe o problema na mão dos alunos e não se surpreenda, porque eles conseguirão muita coisa.

Finalmente havia um bom plano. Excitante e, mais importante ainda, possível. Lindsay já se sentia bem melhor.

— Vamos fazer exatamente isso!

— Esta comunidade precisa de um baile!

— Mas é para os alunos da escola...

— Vamos precisar de acompanhantes, não vamos? Não se realiza um Baile dos Namorados sem acompanhantes.

— Tem razão.

— Convide Gage — Hassie sugeriu os olhos brilhando.

Lindsay desistira de esconder seus sentimentos pelo fazendeiro. Hassie sabia, e incentivava o romance, que era quase nenhum naqueles dias. Lindsay e Gage discordavam em alguns assuntos fundamentais, como a bolsa de estudos de Kevin e a busca da filha de Gina. Mesmo assim, ela se sentia ligada àquele homem. Respeitava-o e gostava dele. Talvez até mais do que isso... Sim, desejava que as coisas fossem diferente, mas não sabia como alterá-las.

— Você terá de trabalhar duro nisso, principalmente se quiser que o baile aconteça perto do Dia dos Namorados.

— Vou começar esta noite.

Com o entusiasmo de novo em alta, Lindsay decidiu que o baile poderia acontecer um sábado depois do Dia dos Namorados, o que lhe dava menos de duas semanas.

Antes de sair, beijou o rosto da amiga.

— Por que isso? — perguntou Hassie, feliz.

— Porque você é simplesmente brilhante! A velha senhora riu com vontade.

— Ei, conte a novidade ao conselho da cidade. Estou ficando muito velha e cansada para continuar brigando com eles.

O sorriso de Hassie fazia com que os olhos brilhassem e dava uma cor especial a seu rosto.

Dois dias depois, Lindsay já tinha feito os acertos para o Primeiro Jantar-Baile da Escola de Buffalo Valley. Conversou com Rachel Fischer, que ofereceu o velho restaurante para a festa. O lugar estava vazio, sem mesas e cadeiras, mas tinha aquecimento e energia elétrica. Enormes vantagens para aquele momento, em que a verba da escola andava curta.

Buffalo Bob concordou de imediato com a idéia. Preparou um cardápio especial e fez um preço quase de custo. Também topou ceder o som estéreo para o baile, e insistiu em montá-lo pessoalmente.

Para alegria de Lindsay, Heath Quantrill ofereceu-se como acompanhante dos jovens sem nem mesmo ter sido convidado. Hassie também fez a mesma oferta, mas avisou que não agüentaria ficar até depois das dez horas e que voltaria cedo para casa. Só faltava falar com Gage.

— A cidade inteira anda falando do Baile dos Namorados

— Hassie disse quando Lindsay entrou na farmácia. — Você trabalha mais depressa do que os engenheiros do Exército!

Lindsay sorriu. Desde a conversa que mantivera com a farmacêutica, naquela segunda-feira à tarde, o desânimo característico do inverno praticamente desaparecera.

— Foi uma sugestão maravilhosa!

— Sim, foi. — Hassie fez uma pausa antes de perguntar:

— Gage irá, não é?

— Eu... Ainda não o convidei.

— O medicamento para a pressão de Lara já chegou. Por que não o leva à fazenda e então, casualmente, diz a Gage que precisa de outro acompanhante para os jovens?

— Posso fazer isso — Lindsay respondeu, mais do que disposta a usar o menor subterfúgio.

Partiu para a fazenda logo em seguida. A tarde estava fria. Ventava. A medida que avançava pela estrada, ela ia perdendo a noção de tempo e de distância. Suas únicas referências eram as cercas e os fios dos telefones. Ali, fora da cidade, sentia-se em paz. Havia uma beleza, naquela paisagem vazia e branca, que apenas começava a apreciar.

Quando chegou à fazenda, Lara a cumprimentou como se não se falassem há meses. Procurando não parecer tão óbvia, Lindsay olhou ao redor, procurando por Gage.

— Ele está trabalhando no celeiro — disse Lara com um sorriso.

— Tenho certeza de que gostará de conversar com você.

Lindsay não estava muito convencida disso. Quando entrou na construção de madeira, viu-o inclinado sobre o trator, mexendo no motor, as mãos sujas de graxa e um trapo vermelho dependurado no bolso de trás.

Não podia ser mais diferente de Matt. Era um homem que usava as mãos, e que conhecia o significado do trabalho duro. Verdadeiro. Ela não o conhecia há muito tempo, mas já compreendera sua alma. Lera seu coração. Ouvira-o falar estirado no campo, os olhos fechados, escutando o ruído da brisa no mato. Sentira o amor que Gage tinha pela terra ao vê-lo pegar um punhado de terra seca e jogá-la ao vento. Ambos partilhavam de um segredo, o amor dos avós e a filha que aquele amor gerara. Também haviam dividido outras coisas, difíceis de definir.

E aquela atração mútua...

Lindsay pôde observá-lo por um minuto, antes que ele notasse sua presença.

— Lindsay!

O modo como Gage disse seu nome foi suave e caloroso. E havia desejo nos olhos azuis, emoção logo disfarçada. Ele desviou a vista, endireitou-se e colocou as ferramentas de lado. Tirou o pano do bolso e limpou as mãos.

— Vim trazer o medicamento de sua mãe — ela explicou, virando-se para voltar para a casa.

— Ouvi falar sobre o baile.

Lindsay permaneceu parada, insegura quanto ao que fazer.

— Na verdade, vim lhe pedir um favor — disse finalmente, e viu-o assentir. — Preciso de um acompanhante extra.

— Diga-me o horário e estarei lá.

— Obrigada.

Com um sorriso breve, ela começou a se virar.

— Lindsay? — Gage aproximou-se e, quando a alcançou, soltou um suspiro. — Eu...

— Psiu! — Ela levou um dedo aos lábios masculinos. — Não precisa dizer isso.

Ele franziu a testa.

— Dizer o quê?

— Que senti a minha falta. Sei disso, porque também senti a sua. Mas você não sabe como se expressar.

— Engano seu. Sei exatamente como expressar isso — ele respondeu, e cobriu-lhe os lábios com a suavidade do veludo.

— Oh, Gage! — ela sussurrou as mãos em torno do rosto de traços firmes, adorando a aspereza da pele.

— Sou mesmo indecente. Não devia tê-la tocado.

— Eu o tocara...

Ele estremeceu quando Lindsay o beijou, com a saudade e o desejo contidos durante todas aquelas semanas. Gemeu quando o beijo se aprofundou e quando ela o enlaçou. Obrigou-se a manter os braços ao longo do corpo, para não sujá-la de graxa.

Mas Lindsay não teria se importado nem um pouco.

Ela fechou os olhos, querendo apagar da memória a realidade, cheia de diferenças. Quando os abriu, viu-se pressionada contra a porta do celeiro, o corpo forte contra o seu, a boca exigente explorando-lhe o pescoço.

— Somos dois malucos — ele disse com voz rouca. — Isto é uma verdadeira loucura!

— Que seja. Mas por favor, não pare.

— Eu não poderia, mesmo que quisesse. Mas preciso lavar as mãos. Isso é uma tortura.

Ergueu a cabeça, disposto a se afastar, mas Lindsay não permitiu nenhum movimento.

— Tortura, é? — Soltou um riso baixo e sensual. — Gosto disso.

Segurando-o pelo casaco, ela o aproximou mais. E, antes que Gage pudesse protestar, cobriu-lhe os lábios de maneira tão selvagem que ele gemeu.

— Lindsay... Por favor...

— Quer me mostrar o mezanino? — ela brincou, já quase sem controle.

O som de passos os alertou de que alguém entrara no celeiro. Afastaram-se no momento em que Kevin apareceu. O garoto parou ao vê-los e, sem graça, olhou de um para outro.

— Eu não queria... Eu...

— Não se preocupe. Você não interrompeu nada — disse Gage, fitando-a como se dissesse "Mas que pena!".

— Vi o carro da Srta. Snyder e...

— Está tudo bem, Kevin. Vim pedir a seu irmão para ser acompanhante dos jovens no baile.

— Oh!

— Alguma objeção à minha presença lá? — Gage quis saber.

— Não, claro, para mim está ótimo. Eu... Ahn... Acho que vou voltar para casa.

— Boa idéia, mano.

O rapaz parou junto à porta.

— Mamãe pediu para lhe dizer que o jantar sairá daqui a pouco e falou que Lindsay está convidada a comer conosco.

— Diga a mamãe para pôr mais um prato na mesa. Estaremos lá em alguns minutos.

Kevin assentiu, aliviado por poder sair dali. Assim que viu partir, Lindsay encostou-se na parede do celeiro.

— Preciso lhe perguntar uma coisa antes de voltarmos para casa — disse Gage.

— Pode perguntar o que quiser.

Ela se endireitou. Sabia que a ternura e a paixão que o haviam dominado se fora.

— Você a encontrou?

Lindsay sabia a que ele se referia.

— Ainda não. Mas decidi contratar uma agência especializada em casos assim. Achei-a na internet.

— Suspirou. — Mas se encontrar essa mulher, não sei se vou entrar em contato. Quero refletir melhor sobre isso.

— Certo.

Ela deu de ombros.

— A despeito do que você disse, não posso evitar a sensação de que ela gostaria de conhecer algo sobre os pais biológicos. Mas, se estiver errada, não farei o menor esforço para contatá-la.

Gage balançou a cabeça.

— Não é simples assim. Quando ela souber a verdade, não poderá voltar atrás, ao tempo em que a ignorava. Você terá mudado a vida dessa mulher. Além disso, e se ninguém tiver lhe contado sobre a adoção? — Ergueu as mãos, como para se defender. — Não importa, já discutimos isso. Eu esperava que você tivesse mudado de idéia, mas vejo que me enganei.

— Não pode me entender?

— Não. — Ele abaixou a vista. — Só espero que você saiba o que está fazendo.

Rachel sabia que Heath se oferecera para ser acompanhante dos jovens, durante o baile. Também sabia por quê. Ele nunca escondera as intenções de ser seu amante.

Esse reconhecimento não aumentava sua auto-estima nem inflava o ego. Na verdade, o efeito era exatamente contrário. Oh, claro, ela ficara entusiasmada ao receber-lhe as atenções. Mas tinha pensado muito depois da noite do jantar, e se dera conta de que um relacionamento entre ambos fracassaria.

As grandes perdas que haviam sofrido acabara aproximando-os. Mas isso era tudo o que tinham em comum. Heath era rico e cosmopolita, enquanto Rachel não era uma coisa nem outra. A atração física desapareceria com o tempo, e nada restaria senão remorsos. Seu casamento fora sólido, forte, e por isso ela sabia que o aspecto sexual era apenas uma faceta do amor. Tinha um filho para criar e um exemplo a dar. Para ser franca e direta, não estava interessada naquilo que Heath oferecia.

Ele, porém, considerava essa atitude um desafio. E recusava-se a abandonar a luta.

Era sábado, a noite do baile, e Rachel permanecia na cozinha da pizzeria, na companhia de Sarah Stern, que fora buscar uma encomenda. Assim que os jovens terminassem o jantar, no Buffalo Bob's, iriam para lá, onde seria realizado o baile. A meia-noite, antes de eles voltarem para casa, Rachel lhes serviria pizzas.

Durante dois dias grupos de adolescentes entraram e saíram dali, decorando o amplo salão que um dia abrigara o restaurante dos pais de Rachel. Balões, papel crepom de todas as cores e enormes corações vermelhos espalhavam-se por todo lado.

— Não vai encerrar o expediente? — Sarah perguntou, vendo-a dar os toques finais em uma pizza calabresa.

— Daqui a pouco.

— As crianças logo estarão aqui.

— É, eu sei.

— Heath também.

Como se Rachel precisasse ser lembrada disso...

— Calla gostou do vestido? — ela perguntou disposta a mudar de assunto.

Sarah cruzou as longas pernas e suspirou como se procurasse um modo adequado de responder.

— Acho que sim. Ao menos decidiu usá-lo.

— Você lhe disse que o fizera especialmente para o baile?

— Sim, com alguns argumentos persuasivos — Sarah murmurou, balançando a cabeça.

— Ela não abriu, no dia certo, os presentes que ganhou no Natal. Mas, quando o fez, colocou-os no corpo e não os tirou mais.

Rachel riu, divertida com o desfecho da história. Calla dava um trabalhão à mãe, e ela esperava que, quando Mark entrasse na adolescência, fosse abençoada com a paciência que Sarah possuía.

— Você e Dennis virão ao baile? — Indagou ciente de que vários pais de alunos passariam por ali durante a festa.

— Dennis? — A risada de Sarah respondeu à pergunta. — Calla teria um ataque se o visse comigo. Se minha filha não me quer por aqui, imagine o que aconteceria se ele viesse!

— Calla ainda não o aceita, não é mesmo?

— Não.

— Dê-lhe tempo, querida — Rachel sugeriu, jogando queijo ralado sobre a pizza e colocando-a no forno em seguida.

Apertou o botão que ligava o forno. Dez minutos depois o prato sairia pelo outro lado, pronto para ser apreciado.

— Você não vai trocar de roupa? — Sarah quis saber.

— Se eu puder, não ficarei por aqui — respondeu Rachel, alisando o avental branco.

— Lindsay já tem acompanhantes em número suficiente.

— Sinto muito, mas não a deixarei fazer isso.

— Sarah! Como pode dizer uma coisa dessas se você mesma não virá?

— Tenho um bom motivo. O baile é de Calla, não meu. — Apontou para a amiga. — Quanto a você, está agindo como uma covarde.

— Oh, por favor. Tudo o que quero é evitar um confronto desnecessário com Heath Quantrill.

— Ao menos você é honesta e admite isso.

— Claro que sou honesta. Por que não seria?

— Em minha humilde opinião, você devia dar-lhe outra chance.

— Para quê? Ele procura uma coisa e eu, outra.

— Eu não teria tanta certeza disso. Agora, vá se trocar. Assim que a pizza estiver pronta, eu a levarei a meu pai.

— Está bem.

A despeito do que dissera à amiga, Rachel, no fundo, queria participar da festa. O vestido, emprestado por Hassie, já estava até pendurado na sala de descanso, anexa à cozinha. Era um modelo de 1950, longo, preto, de gola alta e mangas compridas. Tinha a elegância da simplicidade.

No momento em que ela terminou de se arrumar e voltou à cozinha, Sarah, com a pizza nas mãos, já se preparava para sair. Viu-a sorrir, aprovando-lhe a aparência.

— Você está linda. E as crianças acabaram de chegar. Rachel podia mesmo ouvir, vinda do salão, a música de um

grupo de rock que não conhecia. Os estudantes haviam emprestado a coleção de CDs de Buffalo Bob, além de trazer outros de casa.

— Como estão se saindo?

Ela sabia que Lindsay estava preocupada com o baile. Como os jovens nunca haviam participado de um, a professora tinha-lhe pedido sugestões para "quebrar o gelo" inicial. Mas Rachel não conhecia nenhuma.

— Até agora, tudo o que eles fizeram foi olhar uns para os outros, respondeu Sarah com um riso suave.

— Oh, não!

— Vá até lá. Ah, e você está maravilhosa. Quase sinto pena de Heath.

— Que Heath, que nada!

— Não seja tão arrogante. Todo mundo comete erros. Rachel sabia que não devia ter contado à Sarah o que acontecera na noite do encontro. Mas, na época, precisava dividir a indignação que sentia.

Quando finalmente entrou no salão, viu que a amiga estava certa. Os garotos, acompanhados de Heath e de Gage, estavam de um lado, e as jovens, todas de vestido de festa, permaneciam do outro, com Lindsay e Hassie.

Os rapazes mantinham a cabeça baixa, envergonhados. As mocinhas os fitavam, esperançosas, sonhadoras, aguardando que um deles tivesse a coragem de tirá-las para a primeira dança.

Rachel não imaginava que a iniciativa caberia a Heath, que se aproximou com passos decididos.

— Pode me conceder esta dança? — perguntou-lhe, e, confiante, estendeu-lhe a mão.

Todos os observavam, a respiração suspensa. As garotas mantinham o olhar fixo nela, aguardando a decisão, enquanto os rapazes fitavam Heath, maravilhados com sua coragem. Rachel então soube que não poderia recusar o convite.

Com o coração disparado, relutante, deu a mão a ele. Juntos, caminharam para o centro do salão. Acima dos dois, um Cupido armava sua flecha diretamente para eles.

Heath enlaçou-a pela cintura e Rachel pousou a mão direita em seu ombro. Manteve o controle, evitando ceder à pressão gentil que ele fazia, de modo a levá-la para mais perto. Também evitou-lhe o olhar.

— Relaxe — Heath sussurrou. — Todos estão olhando.

— Odeio ser o centro das atenções — ela respondeu, por entre os dentes.

Felizmente, outros casais logo lhes seguiram o exemplo. Kevin Betts dirigiu-se à pista com Jéssica Mayer. Logo em seguida, Larry, um dos gêmeos, tirou Calla Stern para dançar.

Sarah desenhara e confeccionara o vestido da filha, um modelo fantástico. A garota, cujo guarda-roupa cotidiano consistia de botas militares, jeans pretos e camisas de flanela, estava quase irreconhecível. Uma beleza. Rachel, por sinal, não foi a única a notar a transformação.

Os dois gêmeos não a deixavam um só instante, e Calla vibrava com tanta atenção.

Algumas das moças usavam vestidos que se achavam na família há muitos anos, modelos que as mães e as avós já tinham utilizado. Alguns eram cheios de enfeites, enquanto outros se revelavam mais simples. Rachel imaginou quantos velhos baús deviam ter sido abertos antes do baile, quantas trocas e empréstimos as meninas haviam feito...

Stan Muller, o mais novo, tirou Amanda Jensen para dançar. Amanda, um ano mais velha, era cerca de cinco centímetros mais alta do que ele. Mas a diferença não os incomodava, e os dois sorriam um para o outro com adoração.

— Viu? Não é tão ruim, é? — Heath sussurrou quando outra canção começou.

Sem que Rachel percebesse, trouxera-a para mais perto. Os corpos, unidos, moviam-se ao ritmo de um sucesso dos anos setenta, *Close to you*. O queixo masculino descansava na cabeça feminina, o que criava uma atmosfera íntima. Ela fechou os olhos, ciente de que, se Heath tivesse tentado conversar, não se sentiria tão à vontade.

Quando a segunda dança terminou, Rachel abaixou os braços e recuou.

— Cometi um erro ao apressá-la — ele foi logo dizendo, tomando-a pela mão e conduzindo-a a um canto tranqüilo do salão. — Dê-me outra chance, por favor.

As palavras soaram sinceras. O olhar de Heath também era sincero. Ela hesitou, sem saber o que fazer. Tentou se libertar, mas Heath recusou-se a soltar-lhe a mão.

— Está bem — respondeu, por fim.

Se ele não parecesse tão honesto, tão ansioso, teria sido rejeitado. Mas Rachel jurou que, se aquilo fosse apenas atuação, poria Heath na rua.

Sem dizer mais nada, deu-lhe as costas e voltou à cozinha.

O baile terminou. Todos já tinham saído, exceto Lindsay e Gage. Ele examinava o salão, notando que os balões não-estourados permaneciam pendurados no teto. Tiras de papel crepom rosa, branco e vermelho, já estirados, caíam pelas paredes, quase alcançando o chão.

— Quem fazer a limpeza agora? — Gage perguntou. Lindsay parecia fatigada. Trabalhara arduamente para que

a noite fosse um sucesso e, agora que tudo terminara, parecia perto de um colapso.

— Não esta noite, por favor. Estou super cansada.

Ela sentou-se e ergueu os pés, colocando-os sobre o assento de uma cadeira. Os sapatos tinham sido tirados horas antes. Inclinando-se, massageou os pés cobertos pela meia de seda.

— Cansadíssima — prosseguiu as pálpebras semicerradas. — E meus pés estão

doendo.

— Vou levá-la para casa.

— Seria ótimo.

Gage abraçou-lhe a cintura e a ajudou a levantar-se.

— Vamos?

— Oh... Que tal uma última dança? — ela sussurrou, envolvendo-o pelo pescoço e lançando-lhe um olhar maroto.

— Pensei que seus pés estivessem doendo.

— Já passou.

— Buffalo Bob já levou embora o equipamento de som.

— Ah, mas eu ouço uma linda música! Você não?

— Tem certeza de que não bebeu muito ponche? — ele brincou.

— Tenho — ela respondeu, e o fitou com ar sonhador.

— Você não está ouvindo a música?

Gage não a escutou até abraçá-la e pressionar o corpo macio contra o seu. Então sim, a música encheu seus ouvidos, uma melodia suave que fluía deles e para eles. De olhos fechados, conduziu-a lentamente pelo salão. Ambos se moviam de acordo com a canção que vinha de seus corações.

— Foi uma noite fantástica, não foi?

— Perfeita. Uma noite que os estudantes e a cidade inteira jamais esquecerão.

Beijar Lindsay pareceu-lhe natural. Os lábios se encontraram e ele se sentiu quase um super-homem, tamanha a emoção que se apoderou de seu ser.

Beijaram-se vezes e vezes, até Gage arder de desejo. Abraçou-a ainda mais, até que ela sentisse a reação física que aqueles beijos provocavam.

— Eu... Acho que é hora de ir para casa — ela sussurrou, fitando-o com intensidade.

— Também acho.

— Você vem comigo? Ele hesitou.

— Se eu for... Você estará preparada para o que vai acontecer Lindsay sorriu.

— Está sugerindo aquilo que eu imagino que esteja sugerindo? Gage também sorriu encantado com a alegria nos olhos azuis.

— Está preparada?

— Claro! — Ela o beijou e segurou-o pela mão. — Venha — convidou, conduzindo-o para a porta, mas parando no meio do caminho para pegar os sapatos e o casaco.

Gage sorriu. Tomou-a nos braços e beijou-a mais uma vez antes de apagar as luzes e trancar a porta.

A noite estava clara, e a lua cheia iluminava a avenida principal. O néon de Buffalo Bob brilhava. Além dele, as únicas luzes acesas eram as da varanda de Lindsay e da casa de Hassie.

— Parece que Hassie ainda não dormiu — Gage comentou o braço em torno da

cintura feminina.

— Não pode ser.

— Ela não saiu do baile há horas?

— Sim. Acho que não estava se sentindo bem.

Gage também notara que havia algo errado com Hassie, mas, como ela não se queixasse, esqueceu o assunto.

— Melhor verificar se está tudo bem — sugeriu Lindsay.

— De acordo.

Abraçaram-se mais enquanto caminhavam para a casa de Hassie. A residência de dois andares ficava em um terreno de esquina, tinha uma varanda coberta por um pequeno telhado.

Subiram os degraus e Gage tocou a campainha. Nada. Tocou de novo, mais uma vez sem obter resposta.

— Talvez ela tenha se esquecido de apagar a luz — Lindsay comentou.

— Talvez.

Mas Gage não acreditava nisso. Esquecer alguma coisa não era do feitio de Hassie.

Ele se afastou da porta e foi espiar pela janela da sala. Então a viu, de robe e de chinelos, caída sobre o tapete.

— Hassie está no chão! — alertou, e tentou abrir a porta. Estava trancada.

Lindsay foi até a janela e olhou para a sala.

— Oh, Gage! Aconteceu alguma coisa! Precisamos socorrê-la, e depressa!

CAPÍTULO 17

Uma semana depois, no sábado, Lindsay estava sentada junto à cama do hospital de Grand Forks, onde Hassie dormia. Passava quase o tempo todo ali, fazendo o possível para dar conforto à amiga, que sofrerá um infarto. Não fosse por ela e por Gage, Hassie teria morrido.

— Como ela está? — Lara falou baixinho, entrando no quarto sem fazer barulho.

Lindsay viu Kevin à porta.

— Melhor, acho — respondeu.

Lara colocou sobre o criado-mudo as fotos do marido e do filho de Hassie. Lindsay sabia que a amiga as pedira, assim como solicitara alguns outros objetos de uso pessoal.

— Ainda bem que ela sobreviveu — disse Lara, acomodando-se em outra cadeira, ao lado da cama.

— Amém.

Lindsay estava grata e aliviada por isso. Buffalo Valley devia muito a Hassie Knight. Não fosse seu incentivo, ela não teria aceitado o emprego de professora, não teria se

apaixonado por Gage nem colocado um ponto final no relacionamento sem futuro com Matt. Por causa de Hassie, a vida de Lindsay ganhara sentido.

A boa senhora fazia a diferença, naquela comunidade.

— Os médicos querem submetê-la a uma cirurgia — Lindsay comentou.

Lara já sabia, mas estava ciente de que a professora se sentia aliviada ao repetir a informação. Era preciso lembrá-la que o caso de Hassie, embora grave, tinha solução. Não era o fim de tudo, embora a farmacêutica não conseguisse se convencer disso. Não queria nem mesmo concordar com a cirurgia.

— Conversou de novo com ela? Sobre a operação e a clínica de repouso?

Lindsay assentiu.

— Já, mas, não importa o que os médicos digam, ela parece acreditar que chegou sua hora. Ontem, ao lhe perguntar como se sentia, recebi como resposta que não devia levar flores ao cemitério.

Lara balançou a cabeça, mal contendo um sorriso.

— É típico de Hassie.

— Ela precisa da cirurgia, mas tem medo.

Também era típico de Hassie preocupar-se com a farmácia e com os efeitos que seu fechamento temporário causaria à comunidade. Lindsay assegurara-lhe que as manipulações vinham sendo feitas em Devils Lake. Além disso, Rachel mantinha a drogaria aberta durante várias horas por dia. Apenas a fechava quando, assumindo o posto de motorista do ônibus escolar, ia levar e pegar as crianças em Belmonte.

— Dê-lhe tempo e ela acabará concordando — Lara garantiu.

— Por ora Hassie está sofrendo e ainda se acha um pouco desorientada. Mas o velho espírito guerreiro voltará a despertar a qualquer momento.

— Nunca imaginei que ela fosse desistir de lutar pela vida

— Lindsay sussurrou.

— Estão falando em mim de novo, é? — Hassie perguntou, erguendo a cabeça para encará-las.

O cabelo branco estava amassado de um lado, e o rosto mostrava-se magro, abatido. Os olhos, antes tão claros e diretos, estavam nublados pelo efeito da medicação e da falta de disposição.

Lindsay se levantou e tomou uma das frágeis mãos da amiga entre as suas. Perdera vovó Gina sem nem mesmo conhecê-la direito, e não podia nem mesmo pensar em perder Hassie, que se tornara uma pessoa muito querida.

— Por que ainda está aqui, Lindsay? — Hassie indagou, franzindo o cenho.

— Porque quero.

-

A velha senhora fechou os olhos e, quando tornou a abri-los, fixou-os em Lara.

— Querem me mandar para uma clínica de repouso... Comentam que preciso me fortalecer para a operação. Eu disse não a ambas as coisas, mas eles não me ouvem. E Valerie, minha própria filha, assinou os papéis, dando permissão.

A filha de Hassie vivia no Havaí e estava muito preocupada com a mãe. Planejava visitá-la em algumas semanas e ligava todos os dias.

— Já estou aqui há uma semana... — A voz falhou e Hassie fez uma pausa, reunindo forças para continuar: — Prefiro morrer a viver em alguma dessas casas para velhos.

Lara aproximou-se da cama e segurou-lhe a outra mão.

— Você está fraca, querida. Aceite isso. Seu organismo levou um choque e precisa de tempo para se recuperar. Só então estará forte o bastante para lidar com a cirurgia.

— Você fala como um desses malditos médicos!

— Mais do que isso, concordo com eles. Você precisa descansar em uma clínica por algumas semanas. E isso não é o fim do mundo. Assim que estiver pronta, passará pela operação e, depois disso, voltará à sua casa, que é o seu lugar.

— Eu disse aos médicos para esquecer a cirurgia, e vou lhe dizer a mesma coisa.

Lindsay sabia que, sem esse procedimento, as chances de recuperação eram mínimas. Queria argumentar, insistir para que Hassie ouvisse a voz da razão, mas sabia que isso não lhe faria bem. A amiga já estava preocupada o suficiente.

— Não vou para a tal clínica. Por que ninguém me escuta?

— É para o seu bem — Lara disse, olhando para Lindsay, em busca de ajuda.

A professora usara o mesmo argumento em inúmeras ocasiões. Sem sucesso.

— Vocês querem que eu morra? Quem entra em uma clínica de repouso só sai de lá morto!

— Não é Verdade — Lara a sossegou. — E esse é o melhor lugar para você recuperar as forças.

— Você continua falando como esses médicos sem coração,

— Hassie fechou os olhos, como se a discussão tivesse drenado sua energia. — Pensei que fosse minha amiga.

— Sou, e há quarenta anos. Isso nunca vai mudar. Agora, deixe de ser teimosa. Valerie já assinou os documentos para a internação. Você não tem escolha.

— Vejam que ironia... Tive um problema no coração, mas as pessoas acham que meu cérebro deixou de funcionar. Eu costumava tomar minhas próprias decisões. Pois pode esperar, Lara Betts. Sua vez vai chegar.

Dito isso, fechou os olhos de novo e deitou a cabeça. Lara e Lindsay permaneceram junto à cama. Não demorou muito e perceberam que Hassie caíra em um sono profundo. Kevin bateu à porta suavemente.

— Preciso ir — Lara sussurrou. — Você ficará?

— Sim. Lindsay não pretendia deixar a amiga depois daqueles comentários tristes.

Lara a abraçou, pegou a bolsa e, com óbvia relutância, saiu do quarto tão silenciosamente quanto entrara. Lindsay a observou sair e em seguida voltou à cadeira. Abriu um livro que queria ler havia meses. Mas, embora o texto fosse interessante, ela lutava para se concentrar na história;

Entendia os receios de Hassie. A clínica de repouso era uma solução temporária, mas a simples idéia de ser levada para lá aterrorizava a amiga. A seguro-saúde não continuaria a pagar as altas taxas hospitalares, e Hassie estava muito fraca para ficar em casa, mesmo na companhia de uma enfermeira. A única opção era a clínica.

No meio da tarde a farmacêutica tornou a acordar. Piscou quando viu as fotografias

e acariciou a de Vaughn, o filho que perdera na guerra do Vietnã havia trinta anos. Demorou vários minutos até olhar para Lindsay.

— Ele era o rapaz mais corajoso que conheci — sussurrou. Uma lágrima saiu do canto de um olho e correu para o travesseiro.

— Imagino que você tenha concordado com minha filha. Lindsay hesitou antes de assentir, Valerie, assim como todo mundo, queria o melhor para a mãe.

— Ainda bem que Valerie teve bom senso suficiente para não correr até aqui. O que ela iria fazer diante de um leito de morte?

— Pode parar com isso! — censurou-a Lindsay, e depois sorriu. Hassie segurou-lhe a mão e a apertou.

— Sou uma velha assustada que não pretende passar seus últimos dias dando trabalho aos outros.

— Você nunca dará trabalho a ninguém. Sua vida sempre foi uma bênção àqueles que a conhecem.

Lágrimas rolaram dos olhos de Hassie.

— Todos parecem saber o que é melhor para mim. Querida, não vou agüentar a tal clínica de repouso. É melhor que eles me deixem morrer aqui.

— Por favor, não fale assim. Você não vai morrer. Hassie lhe ofereceu um sorriso fraco, e então estendeu o braço

para pegar a foto do filho, vestido com o uniforme do Exército.

— Meu filho foi um herói, um bravo. O tenente que comandava seu batalhão me escreveu dizendo que nunca viu alguém com a coragem de Vaughn. — Mais lágrimas rolaram pelo rosto pálido. — Eu não sabia, minha menina, que às vezes o ato de viver exige mais coragem do que a morte.

A neve caiu durante a primeira e a segunda semanas de março. Então, todos começaram a falar da Páscoa e das férias que se aproximavam. Todas as tardes, assim que as aulas terminavam, Kevin Betts parava no correio antes de voltar para casa. A Srta. Snyder lhe dissera que ainda era cedo para esperar uma resposta sobre as bolsas de estudo. Mesmo assim, dia após dia, ele passava no velho prédio, para verificar a correspondência.

— O que você vai fazer se conseguir a bolsa? — Jéssica lhe perguntou, certa tarde.

— Nada.

Kevin deu de ombros ao responder, como se as chances que isso acontecer fossem remotas demais para ser levadas em consideração.

Ele sabia que a namorada o queria em Buffalo Valley. Ela. Gage e a mãe. A única pessoa que o compreendia era a Srta. Snyder. A nova professora, uma estranha, uma forasteira, era a única que acreditava em seu talento, que o estimulava a sonhar. Nos últimos sete meses, ela o ensinara a acreditar em si mesmo.

Até a chegada de Lindsay, Kevin mantinha seus desenhos guardados a sete chaves. Às vezes esboçava alguma coisa simples, como uma flor, para impressionar as garotas. Jéssica também gostava de desenhar, e esse foi um dos motivos pelos quais ele se aproximara da moça, mas até mesmo ela não entendia a importância da arte em sua vida. Não do modo como a Srta. Snyder entendia.

Logo depois de iniciadas as aulas, ela vira seu caderno de desenhos. Fora um acaso feliz. Kevin não costumava levá-lo para a escola. Mas o fizera porque vinha trabalhando em um rascunho de Gage, e Lindsay passou por perto. Ele tentou cobrir o esboço, mas já era tarde.

A srta. Snyder pediu para ver o caderno. A decisão de entregá-lo fora difícil, mas, depois de alguns momentos de desconforto, Kevin acabou cedendo.

Ele ainda não sabia o que o levaria a permitir que a nova professora olhasse seus desenhos... e conhecesse sua alma. Não deixara mais ninguém, nem mesmo Jéssica ou Lara, ver seu trabalho.

A srta. Snyder demorou-se no esboço que mostrava Gage, metade do corpo escondida pela plantação de trigo, de jeans e chapéu. Os vastos campos se estendiam para além dele. Kevin sabia que, para alguém como a professora, os trigais não significavam nada. Ouvira muita gente chamar Dakota do Norte de terra plana, tediosa. Com seu desenho, queria mostrar a beleza, a energia daqueles campos e do homem que trabalhava neles.

A paixão de Gage era a fazenda, e Kevin procurara capturar-lhe o olhar de dignidade, o orgulho de ser um trabalhador da terra. Amar aquele homem era amar aquela pradaria sem fim.

Kevin orgulhava-se daquele desenho assim como o irmão tinha orgulho do que fazia. Ao revelar o coração de Gage, expusera a si próprio.

Quando a Srta. Snyder ergueu os olhos do desenho, havia lágrimas em suas faces. Por sorte, apenas os dois se encontravam na classe, uma vez que ele ficara *até mais tarde para terminar o esboço. As lágrimas a deixaram sem jeito, e Lindsay piscou para afastá-las. Não queria que Kevin as visse. Mas ele viu, e entregou-lhe sua simpatia, sua confiança, naquele mesmo dia, coisa que os outros alunos vieram a fazer depois.

Ela examinou outros desenhos, mas sempre voltava para aquele. Logo depois disso, falou-lhe sobre conseguir uma bolsa para estudar arte.

Kevin tentou lhe dizer que isso não adiantaria nada, que não haveria dinheiro nem mesmo para a faculdade. Mas, mesmo que a bolsa cobrisse todas as suas despesas, ele jamais poderia deixar a fazenda, ou a mãe. Tinha responsabilidades. Obrigações familiares.

Gage carregara a fazenda nas costas por muito tempo. Precisava tocar a vida por conta própria, longe do irmão e de Lara, em sua própria fazenda. Ele nunca se queixara, mas Kevin sabia que ansiava pela liberdade. Voltara para casa, depois do Exército e da faculdade, disposto a começar vida nova. Mas então John falecera, e Gage mantivera os sonhos em suspenso. Kevin não tinha o direito de pedir-lhe que esperasse um pouco mais.

— Você pretende me deixar, não é? — Jéssica perguntou, tirando-o daqueles pensamentos.

Fitava-o com ansiedade, e ele tomou-lhe a mão.

— Você está usando o colar que lhe dei no Natal, não está? Pois então. É um sinal de compromisso.

— Mas isso não quer dizer que você não vá deixar Buffalo Valley.

— Tem razão. Talvez eu deixe...

Adorava brincar com Jéssica, porque ambos sabiam que ele viveria e morreria no vale. Como acontecera com o pai. Com aconteceria com a mãe e com o irmão.

— Kevin, fale sério!

— Não vou a lugar algum. Pode parar de se preocupar com isso. Dizer essas palavras foi um ato que provocou uma dor aguda em seu peito. Mesmo que conseguisse uma das bolsas de estudo e que por um milagre fosse capaz de aceitá-la, nunca se adaptaria à vida em uma cidade grande. Nem queria. Se a rotina fosse igual à que ele via na televisão, estaria completa e inexoravelmente perdido.

Jéssica vinha se apegando mais ultimamente, em especial depois de saber que o namorado solicitara as bolsas. Kevin não se importava muito. Já sabia que se casariam quando a hora certa chegasse. Ou melhor, *ela* já sabia. Falava nisso a todo o momento. Ele não se sentia pronto para o casamento, mas não lhe diria isso. Do contrário, teria de enfrentar discussões e lágrimas.

— Vou ver se chegou correspondência — disse, parando ao lado do posto do correio.

Não entendia por que se incomodava com isso.

Mesmo se conseguisse a bolsa, seria obrigado a recusá-la. Não precisava de aulas para aprender a desenhar, uma vez que vinha fazendo isso a vida inteira. O fato de ter de dirigir uma fazenda não significava abandonar a arte. Podia conseguir o melhor dos dois mundos. Ao menos era o que dizia a si mesmo.

Havia um único envelope dentro da caixa. Antes de pegá-lo, Kevin pôde ler o nome do remetente: Instituto de Artes de San Francisco.

— Eles mandaram uma resposta — Jéssica disse em voz baixa. Depois, mais entusiasmada:

— Veja! E então? Não vai abrir?

Ele pensou que seu coração fosse parar. Pegou o envelope e ficou olhando para seu nome. Fez isso por tanto tempo que Jéssica tentou tirá-lo de suas mãos.

— Deixe que eu abra para você.

— Não — ele respondeu, apertando o papel.

— Então abra!

Kevin fez que não com um gesto de cabeça.

— Não quero.

— Não vai ler o que eles dizem? — perguntou a garota, como se não acreditasse no que estava acontecendo.

— Não vejo motivo para isso — ele respondeu, e guardou o envelope na mochila.

Na verdade, por que saber a resposta? Nada do que o instituto dissesse mudaria alguma coisa.

Além disso, a carta vinha de San Francisco, e Kevin estava mais interessado da Escola de Artes de Chicago, a melhor do país. Ao menos podia sonhar alto. A Srta. Snyder lhe dissera isso. Sonhar não custava nada.

Levou Jéssica para casa e pegou a longa rodovia que levava à estrada. Quando chegou ao final, viu que tinha uma escolha. Se virasse à esquerda, voltaria para Buffalo Valley. A direita, iria para casa.

Virou à esquerda. Para longe de casa e da fazenda, e na direção da cidade. Ia procurar a srta. Snyder.

Primeiro parou na escola, onde ela costumava ficar até mais tarde depois que Hassie foi internada. Como encontrou a porta aberta, entrou, e viu-a sentada à escrivaninha. Sem desejar interromper-lhe a leitura, esperou que ela notasse sua presença.

Não precisou esperar muito.

— Recebi uma carta da Instituto de Artes de San Francisco — anunciou, aproximando-se da mesa.

— E... — perguntou Lindsay, levantando-se.

Kevin desviou a vista, chamando a si mesmo de covarde.

— Não abri o envelope.

— Algum motivo para isso? Ele assentiu.

— Não fui capaz. — Abriu a mochila e tirou dali a correspondência. — Abra você.

— Eu? — Ela franziu o cenho. — Quem escolheu a escola de San Francisco foi você, lembra-se?

Era verdade. A Srta. Snyder imprimira uma lista com as dez melhores escolas dos Estados Unidos, pedira-lhe que pesquisasse sobre elas e selecionasse duas. Kevin optara por San Francisco, depois de Chicago, porque nunca vira o mar.

— Abra, por favor — ele insistiu, entregando-lhe o envelope. A professora tinha esse direito, uma vez que passara o tempo todo o ajudando a preencher as solicitações, a montar seu portfólio e a juntar os documentos necessários. A ajuda financeira cru bem-vinda, sem dúvida, mas Kevin precisava de muito mais do que isso. Já que era para sonhar alto, pedira bolsas integral e uma pequena ajuda de custo para cobrir as outras despesas.

A Srta. Snyder suspirou, rasgou o topo do envelope e tirou de dentro dele uma folha de papel.

Kevin ficou tenso ao fitá-la. Então, porque não devia não importar muito com aquilo, virou-se e foi até o fundo da sala. Passara ali doze anos. Para alguém como ele, era difícil acreditar que existiam outras classes, outras escolas.

A Srta. Snyder ficou em silêncio por tanto tempo que Kevin não conseguiu resistir ao suspense.

— O que diz a carta? — perguntou em voz baixa. Foi então que viu lágrimas nos olhos da professora.

— Estão lhe oferecendo uma bolsa integral, além da cobertura das outras despesas.

Essas palavras tiveram nele o efeito de um soco poderoso. Sentou-se na carteira de Larry Loomis e esperou que o choque passasse.

— Não vai dizer nada? — a Srta. Snyder perguntou.

— Eu... Ahn... Não sei o que dizer. Isto é... é maravilhoso, acho.

— Maravilhoso? É o fato mais importante do ano! Oh, Kevin, não percebe o que isso significa? Que você é simplesmente brilhante! Um dia seu trabalho vai estar... — Lindsay interrompeu-se bruscamente.

— Na casa de um fazendeiro-artista — ele completou, forçando um tom de brincadeira.

— Isso mesmo.

Ambos sabiam, sem precisar dizer, que a bolsa de estudos não significava nada. Não para ele.

Pela primeira vez em quase três meses, Brandon Wyatt acordou cheio de esperanças. Naquela tarde, o pai de Joanie chegaria à fazenda com Gage e Stevie.

Vestiu-se, tomou uma xícara de café e examinou a casa, vendo-a com outros olhos. Deixou a televisão ligada enquanto lavava a louça. Acostumara-se a isso. Precisava daquele som para se sentir à vontade. A casa silenciosa o deixava maluco, principalmente à noite. Seus pensamentos andavam tão sombrios e caóticos que aquela distração tornara-se necessária. Assistia a tudo. Seriados, entrevistas, ópera.

Anos atrás, adorava as noites. Joanie sentava-se a seu lado e ambos conversavam sobre como fora o dia. O problema era que Joanie não estava mais ali. Engraçado como eles deixaram de lado o hábito de dedicar algumas horas do dia ao prazer de estar juntos. Costumavam compartilhar o melhor e o pior de cada dia, acompanhados por uma xícara de chá. Mas em algum ponto do caminho essa rotina se perdeu.

Nos meses que antecederam a partida de Joanie, os dois mal se falavam. Sempre que ele abria a boca, parecia dizer algo que a enfurecia... e vice-versa. Depois de algum tempo Joanie desistiu de discutir e simplesmente o deixava sozinho. Brandon então se sentava em frente à televisão enquanto ela cuidava da cozinha. Depois de tanto tempo agindo assim, ele devia ter se acostumado a ficar só. Mas não foi o que aconteceu.

Vinha se sentindo desesperadamente solitário desde que Joanie se fora. A solidão era tanta que por duas vezes o levava até a cidade. Sentara-se e chorara sobre a cerveja, no Buffalo Bob, mas isso não fizera com que se sentisse melhor. Quando voltava, a casa parecia dez vezes mais vazia.

Gage Sinclair aparecia de vez em quando. Assim, Brandon acompanhava o romance entre o amigo e a professora. Não fazia muitas perguntas, mas nem precisava. Era óbvio que Gage estava apaixonado. Brandon procurara alertá-lo para as dificuldades que viriam, mas de maneira sutil.

Louça lavada, ele ligou o aspirador de pó pela primeira vez, desde a partida da esposa. Não imaginava que fosse assim pesado e de difícil manipulação. Também, pudera. A velha máquina fora de sua mãe! Mas ainda funcionava. Joanie nunca se queixara.

Enquanto pensava nisso, Brandon colocava a roupa suja na máquina de lavar e ajustava os botões. Quando fechou a tampa, correu os dedos pela superfície lisa. O rosto feliz de Joanie ao receber o presente, na noite do aniversário de casamento, apareceu em sua mente.

Mas a imagem logo desapareceu, e por um instante ele pro curou tê-la de volta. Em vão. Ela se fora, do mesmo modo como tudo parecia ir.

Quando o carro de Leon Buchard estacionou no pátio, Às duas da tarde, a casa já estava limpa e arrumada. Quem quer que a veja não imaginaria a sujeira que havia ali até alguma horas atrás.

Gage foi a primeira a descer.

— Papai! Papai!

Subiu correndo os degraus e se atirou em seus braços. Brandon ergueu a filha, enquanto ela colocava os bracinhos em torno de seu pescoço e o apertava com muita força.

Stevie veio em seguida, e também foi recebido com um abraço. Gage continuava agarrada a ele, que olhou para cima e viu que o avô das crianças entrara na casa.

— Como vai, Leon? — perguntou, endireitando-se e estendendo-lhe a mão.

Queria que o sogro soubesse que ele não guardava rancores. Na verdade, Leon e Peggy tinham razão desde o começo, ao se colocar contra aquele casamento. Se Joanie tivesse ouvido os pais, talvez fosse feliz, casada com aquele rapaz rico, dono de loja.

— Que bom revê-lo, Brandon.

— Papai, posso telefonar para Billy? — Stevie perguntou, puxando-lhe a manga da camisa.

Ele assentiu, e viu o filho desaparecer na cozinha.

— Vou para meu quarto, está bem? — disse Gage.

— Claro! — Então se virou para o sogro. — Quer comer ou beber alguma coisa antes de voltar para Fargo?

Brandon sabia que o convite pecava pela falta de boas-vindas, mas a verdade era que preferia ver o pai de Joanie longe dali o mais depressa possível. Queria ficar a sós com os filhos.

— Não, obrigado. Já vou indo.

— Obrigado por trazer as crianças.

— Joanie lhe disse alguma coisa sobre as caixas de roupas? Brandon se esquecera disso.

— Estão no sótão. Espere um minuto e as trarei para cá. Deixou o sogro e subiu a escada. A entrada para o sótão ficava dentro do armário do quarto de Gage. Brandon encontrou a filha sentada na cama, com a boneca favorita no colo. Ela o fitou, surpresa.

— Preciso pegar algumas caixas para sua mãe — disse, abrindo a porta do armário.

Puxou a portinhola do sótão e a escadinha desdobrou de maneira automática. Ao subir dois ou três degraus, lembrou-se que precisaria de um farolete.

— Gage?

— 'Aqui, papai.

Ele olhou para baixo e viu a filha de oito anos com a lanterna nas mãos. Era tão parecida com a mãe que por um momento Brandon parou para contemplá-la. A postura e o sorriso eram idênticos nas duas.

— Você vai precisar de luz, paizinho.

Assentindo, ele sentiu um nó na garganta. A pressa que experimentara momentos atrás desapareceu. Desceu e pegou o farolete das mãos da filha. Fitou-a com intensidade.

— Sentiu saudade, docinho?

— Claro! Mamãe também sentiu.

— E eu senti falta de mamãe.

Brandon só revelaria algo assim a Gage. Abraçou-a, lutando consigo mesmo. Fora fácil culpar Joanie por tê-lo abandonado. Era ela que queria o fim do casamento, e que o deixara. A escolha que lhe dera fora direta: ou vender a fazenda ou pôr fim ao

relacionamento.

Naquele momento, porém, ele reconheceu que as coisas não eram assim tão simples. Joanie estava magoada. Brandon também. Não queria aquela situação.

— Brandon? — Leon Buchard chamou, subindo a escada.

— Aqui!

— Precisa de ajuda?

— Não, obrigado. Mais um minutinho, por favor. Relutante, soltou a filha e foi para o sótão. Joanie, sempre organizada, etiquetara todas as caixas. Ele nunca prestara muita atenção ao conteúdo nem poderia imaginar que a esposa fosse precisar daquilo. O que devia procurar mesmo? Ah, sim, roupas de trabalho. Joanie agora tinha um emprego.

Procurou entre as caixas até encontrar duas cujas etiquetas diziam "roupas de bebês". Também achou algumas com os nomes dos filhos. Finalmente localizou as caixas que Joanie pediria. Pegou a primeira e colocou-a na escadinha.

— Aqui. Pode me dar — disse Leon, em pé ali embaixo. Trabalhando juntos, desceram as duas caixas em poucos minutos. Leon carregou uma delas para o carro, enquanto Brandon o seguia com a outra. Ambas foram parar no porta-malas.

— Bem, hora de ir para casa — anunciou o pai de Joanie. — Despeça-se das crianças por mim.

— Eu o farei.

Brandon se afastou do veículo, as mãos nos bolsos. Observou o sogro ligar o motor, dar a ré e então colocar o automóvel na direção da saída.

Ao ver o carro partir, lembrou que nunca criara laços com os pais da esposa. Na verdade, ao longo dos anos, evitara contatos com eles. Mas, se pudesse, chamaria Leon de volta. Porque apesar de toda a confusão com os sogros, apesar de todas as suas queixas e suspeitas, percebeu que gostava daquele homem.

Stevie o esperava na cozinha.

— Vovô já foi?

— Já. Teve que voltar para casa.

— Certo. Papai estou com fome.

— Há pasta de amendoim e geléia na geladeira. Por que não prepara um sanduíche?

— Está bem. — Satisfeito, o menino pegou duas fatias de pão e as colocou sobre o balcão. — Mamãe não come mais pasta de amendoim.

Interessante... Essa era uma de suas comidas favoritas.

— Por que não?

— A ouvi ela dizer a vovó que estava de dieta.

Ah, então Joanie queria perder peso, hein? Provavelmente queria ser notada pelo novo patrão. Brandon não sabia onde ela trabalhava agora, mas, dada sua experiência, devia ser em algum banco. Provavelmente estava de olho em algum banqueiro rico, como Heath Quantrill. Vida nova, afinal. Bem, mas uma coisa era certa... Ela nunca seria rica se continuasse casada com um fazendeiro de Buffalo Valley.

Stevie passou uma generosa camada de geléia sobre uma já enorme camada de pasta de amendoim.

— Mamãe acha que está engordando.

As mulheres viviam fazendo regime. Todas elas, Joanie não precisava perder peso. Até onde ele sabia, estava ótima.

— As roupas não servem mais nela.

— Não?

Talvez Joanie estivesse usando a comida como escape emocional, um conforto nessa fase difícil. Mesmo assim, não poderia ter engordado, em três meses, a ponto de não caber mais nas próprias roupas. Não fazia sentido.

— Tenho certeza de que sua mãe vai emagrecer.

— É o que vovó também diz.

— Vovó?

— Elas não sabiam que eu estava escutando a conversa.

— Oh!

— Vovó disse que a culpa é de Jason.

Brandon ficou tenso. Quer dizer então que Joanie estava saindo com alguém chamado Jason! Decerto era rico o bastante para levá-la a restaurantes caros. Roupas de trabalho? Que nada! Ela queria eram seus vestidos de festa, para se exibir a Jason.

O ciúme queimou-o por dentro. O mínimo que Joanie poderia fazer seria esperar o divórcio antes de começar a namorar alguém!

CAPÍTULO 18

Lindsay ainda não obtivera nenhuma resposta da agência de detetives que trabalhava pela internet. Assim, decidiu fazer algumas pesquisas por conta própria.

Mas não tinha total certeza de que aquela era a decisão correta. Por um lado, Gage tentara, por todos os meios, convencê-la a mudar de idéia. Por outro, não estava confiante de que seria bem-recebida por aquela tia desconhecida.

O pior era que não conseguia tirar aquele assunto da cabeça. Dia após dia imaginava o que o investigador da agência teria encontrado. Certa tarde, no final de março, ao voltar da escola, percebeu que não poderia esperar mais. Precisava saber alguma coisa, ao menos para satisfazer a própria curiosidade.

Em primeiro lugar, reviu todas as informações de que dispunha, e que enviara à agência de investigações. O sexo da criança, o mês e o ano aproximados do nascimento, o nome da agência de adoções. Também sabia que a menina fora para um lar católico e que o pai adotivo era médico, além de ter um irmão, ou cunhado, padre.

Entrou na internet e procurou localizar os nomes de todos os médicos que trabalharam em Dakota do Norte durante a Segunda Guerra Mundial. Imprimiu a lista e decidiu fazer uma pausa, para o jantar. Enquanto lia os dados acumulados, foi até a cozinha e colocou a comida no microondas. Ia se sentar quando o telefone tocou.

Resmungando, ela pegou o aparelho.

— Mas que bom ouvir sua voz! Era Matt.

Mal ouvira falar nele desde o Natal. Na verdade, não vinha pensando no ex-

namorado.

— Estou tentando lhe telefonar a horas! — Matt prosseguiu, com urgência na voz.

— Como conseguiu meu número?

— Oh... Digamos que tenho meus métodos.

Ela podia imaginar quais seriam. Provavelmente o tio conseguira seu telefone junto à Sra. Snyder e o dera, intencionalmente ou não, a Matt.

— Não vai me perguntar por que estou telefonando?

— Você se machucou? Está doente?

— Lindsay perguntou, sabendo que, quando ferido ou adoentado, ele precisava de atenção.

— Oh, não, nada disso. Você não pode imaginar como foi frustrante discar seu número e ouvir sempre o sinal de ocupado.

— Eu estava na internet — ela explicou. — O que você tem a me dizer é tão importante que não podia ser deixado para mais tarde?

— Sim, é muito importante. Você não pode imaginar como foi difícil tomar essa decisão. Mas, agora que ela foi tomada, não posso pensar em mais nada.

— Que decisão?

Embora sem ter a mais vaga idéia do que Matt tinha a lhe dizer, Lindsay podia entender-lhe a impaciência. Apenas começara a pesquisa sobre a adoção e já passava todos o tempo disponível debruçada no projeto. O entusiasmo tomara conta dela. Precisava encontrar aquela mulher, sua tia, e contar-lhe que seus pais biológicos a amavam. Também queria oferecer-lhe o medalhão e as cartas, que lhe pertenciam por direito.

— Que decisão? — Repetiu um tanto irritada.

— Creio que o melhor modo de dizer isso seja simplesmente lhe contar que cometi um erro terrível quando a deixei sair do minha vida. Eu a amo, sempre amei. Quero me casar com você,

Aquelas palavras fizeram com que Lindsay ficasse sem ar, Pouco tempo atrás, teria dado tudo para ouvi-las. Agora, porém, era tarde demais.

— Por favor, Matt, não faça isso.

— Ouça o que tenho a falar. É tudo que lhe peço. No último verão, quando você partiu, pensei que estivesse indo para Buffalo Gulch...

— Buffalo Valley — ela corrigiu.

— Certo, tanto faz. Mas achei que fosse um jogo, uma maneira de me convencer a me casar, embora eu ainda não me sentisse preparado para nenhum tipo de compromisso.

Aquilo não era novidade.

— Eu lhe disse que você estava enganado, lembra-se?

— Sei disso agora, mas...

— Não sabe, ou então não teria me telefonado — ela respondeu surpresa com o modo frio e racional de encarar o que estava acontecendo.

Ficara angustiada na época de tomar a decisão de sair de Geórgia, de deixar

aquele homem. Mas, uma vez que o fizera, percebera que não poderia ter agido de maneira diferente.

— Ainda temos alguma chance, Lindsay?

— Alguma chance?

Ele realmente não entendera nada. Estava tudo acabado, completa e absolutamente acabado. Além disso, ela sabia, por Maddy, que Matt não perdera tempo em substituí-la. Vinha se encontrando com diversas mulheres desde sua partida.

— Não sei como lidar com você. Queria se casar e...

— E você não queria. Já conversamos sobre isso. Ouviu-o respirar fundo.

— Se é o casamento que vai fazer com que você volte para mim, e fique comigo, então estou disposto a me casar.

— E uma proposta séria? Ele fez uma pausa.

— Sim — disse finalmente, a voz tensa.

Rir não era uma resposta exatamente delicada ou diplomática, mas Lindsay não conseguiu conter-se.

— Desculpe-me por parecer tão insensível, mas nenhuma mulher deseja passar a vida inteira ao lado de um homem que cerra os dentes na hora de pedi-la em casamento. Você faz o pedido parecer uma condenação à força!

— Não posso perdê-la!

— Já perdeu. Há sete meses.

Matt discutiu por mais um momento, insistindo em dizer que a amava. Ela o interrompeu.

— Ouça, eu o amei, e ainda sinto alguma coisa por você. Mas não é mais a mesma coisa.

— Pode vir a me amar de novo, não pode?

— Oh, Matt... Você não entende que é tarde demais?

— Não é. Não pode ser.

— Não quero parecer cruel, mas acho que a única maneira de você me ouvir é dizer que acabou. *Está tudo acabado entre nós* — enfatizou.

Lindsay amadurecera muito naqueles sete meses para sentir o gosto da vitória. Não estava interessada em vingança. Não queria mais nada com Matt. Aquele pedido de casamento apenas a embaraçara.

— Você disse que voltaria em um ano. Ao menos prometa que vai me dar outra chance quando estiver aqui.

— Por favor...

— Vai voltar para Savannah, não vai?

— Eu... Ainda não decidi.

Por um lado, porque ainda não lhe tinham oferecido um contrato permanente. Mas esperava que oferecessem.

— Você não pode estar dizendo que escolheu viver em Buffalo Gulch...

— Buffalo Valley. Por sinal, uma cidade maravilhosa, com gente boa e decente.

— Buffalo Valley. Desculpe, eu devia ter me lembrado. Não me abandone, por favor. Eu não sabia que sentiria tanta saudade, não sabia que minha vida seria tão vazia sem você. Quero que seja minha esposa. Estou sendo sincero. E, se você ainda quiser, podemos ter um filho.

— Ouça, não acho que...

— Não diga mais nada. Espere até voltar para casa. Lindsay suspirou. Matt não sabia que Buffalo Valley agora era sua casa.

No final da semana ela voltou à internet. Encontrar a relação dos médicos de Dakota do Norte fora relativamente fácil, mas achar as igrejas católicas foi complicado. Apenas duas tinham páginas na rede. O investigador provavelmente as visitara. Ela se sentia tão impaciente que, depois de vários telefonemas e pesquisas na internet, conseguiu três listas de nomes. Comparou-as, mas nada viu em comum. Desanimada, pensou em abandonar a tarefa.

Na tarde seguinte, entretanto, o panorama se transformou. Lindsay recebeu uma carta eletrônica da agência. Eles tinham decifrado a charada.

A filha de Gina se chamava Ângela e fora adotada em 29 de agosto de 1943 pelo Dr. Leroy Farley e por sua esposa, Eugênia. Era isso o que dizia o registro de nascimento do cartório de Stark. A confirmação viera pelo certificado de batismo, assinado pelo padre Milton Farley. Ângela Farley se casara com Gary Kirkpatrick em 1964, e passara a vida toda em Bismarck. A agência enviou o endereço do casal, juntamente com toda a documentação encontrada.

Lindsay ficou imóvel, paralisada, depois de ler todas essas informações. Uma sensação de irrerealidade a dominou. Até agora, a filha de vovó Gina não parecia real. Era apenas uma personagem de um caso triste. O objeto de uma busca complicada. Agora, porém, essa personagem tinha um nome, uma família, um marido e talvez filhos. Tinha uma história.

Ângela Kirkpatrick era sua tia, e, como tal, fazia parte de sua vida.

Naquele momento, Lindsay compreendeu que precisava encontrar Ângela e conversar com ela.

Kevin dirigia com a janela aberta. O vento frio batia com tanta força em seu rosto que ele mal sentia as faces e pouco conseguia enxergar a estrada. O ar gelado trazia lágrimas a seus olhos e nublava-lhe a visão.

Dissera à mãe e a Gage que iria à casa de Jéssica. E, quando deixara a fazenda, tinha mesmo essa intenção. Mas, à medida que foi se aproximando do entroncamento descobriu que não queria parar para ver a namorada.

Continuou em frente, até perder de vista a cidade. O nó na garganta quase o impedia de respirar. Por isso, parou no acostamento, fechou a janela e apertou a direção. Depois de alguns instantes cerrou os olhos, procurando controlar a frustração e o desapontamento. Lembrou a si mesmo que, mesmo sendo fazendeiro, poderia se tornar um artista. Mas isso não lhe trazia conforto ou alívio.

Lara percebera que alguma coisa estava errada e tentara convencê-lo a desabafar. Mas Kevin nada tinha a dizer. Nem a ela nem a Gage. Nenhum dos dois o compreendia. Nem mesmo Jéssica. Todas as pessoas que amava e nas quais confiava queriam obrigá-lo a se transformar em algo que ele jamais poderia ser. Sua família, a namorada... Todos achavam que sabiam o que era melhor para sua vida.

Todas as manhãs lia a carta do Instituto de Artes de San Francisco e isso o

lembrava do covarde egoísta que era. Queria uma chance para se tornar o artista que, tinha certeza, poderia vir a ser, mas isso significaria prejudicar Gage, impedi-lo de fazer o que desejava. Assim, a escola de artes permaneceria na esfera dos sonhos. Obrigação, dever, responsabilidades... Tudo trabalhava contra ele. Devia muito a Gage. Lara lhe dizia isso todos os dias da semana.

A fazenda devia ser uma bênção, mas Kevin a considerava um albatroz atacando seu pescoço, como na história *O Velho Marinheiro*. Naquele inverno, a Srta. Snyder pedira que a classe inteira lesse *Büly Bud*, a novela de Melville. Como resultado, Kevin começou a achar que também ele tinha um laço no pescoço, estrangulando sua criatividade e sua alegria.

Em alguns dias, como aquele, não sabia se valia a pena viver.

— Gage, você viu seu irmão? — Lara perguntou às nove horas da noite.

Ele estava sentado em seu estúdio, estudando alguns documentos.

— Só no jantar — murmurou, despreocupado.

Kevin andava cismado havia dias. Ninguém sabia o **que** havia com o rapaz. Gage suspeitava que o irmão se achasse um artista temperamental, com direito a submeter a família inteira a seu mau humor. Pensando nisso, Kevin realmente vinha se mostrando mal-humorado. E triste.

Uma hora mais tarde, Lara voltou ao estúdio, tensa e preocupada.

— Pensei tê-lo ouvido dizer que ia à casa de Jéssica.

— Foi o que ele disse.

Gage tinha uma vaga lembrança do irmão lhe pedindo as chaves da caminhonete para ir à casa da namorada.

— Mas Jéssica acabou de ligar, perguntando onde Kevin estava. Não o viu a noite toda. Parece que os dois tinham combinado estudar para uma prova.

— Talvez ele tenha ido à casa dos gêmeos. Lara balançou a cabeça, em uma negativa.

— Não, de acordo com Jéssica. Ela telefonou para a classe inteira, e ninguém viu Kevin.

Sem saber o que pensar, Gage colocou de lado a caneta.

— Não precisa se alarmar, mamãe. Tenho certeza de que ele está bem.

— Meu filho desaparece e tudo o que você diz é que não devo me preocupar?

Alguma coisa aconteceu. Kevin pode estar ferido, sangrando, à beira da morte!

— Você falou, com Lindsay?

Um olhar de alívio suavizou a expressão tensa de Lara.

— Não! Ele deve ter ido para lá. Na certa as horas passaram e Kevin nem percebeu.

Ela pegou o telefone e Gage cruzou os braços, ouvindo a conversa. Logo se tornou evidente que Lindsay não tinha notícias do rapaz.

— Ela também não o viu.

Gage só sabia que, quando encontrasse o irmão, daria uma bronca daquela?. Onde já se viu preocupar a mãe daquele jeito?

— Creio que devemos ligar para a polícia — Lara disse, em pânico.

— Tenho certeza de que ele está bem, — Gage insistiu. — Isto é, até que eu consiga pôr as mãos nesse moleque. O telefone tocou naquele momento, e ele quase saltou da escrivaninha, tamanha sua ansiedade.

— Alô. — É o Sr. Betts? — Não, é Gage Sinclair.

— Posso falar com o Sr. Betts? É a respeito de seu filho, Kevin Betts.

Gage ficou rígido e evitou o olhar da mãe.

— Quem está falando, por favor?

— A polícia de Rugby.

— Rugby? Parecia impossível que Kevin tivesse ido tão longe. A cidade de Rugby ficava a quase duzentos quilômetros dali.

— Isso mesmo. Kevin está conosco.

— Por quê?

Ele gelou. Uma lista de possibilidades passou por sua cabeça, nenhuma delas aceitável.

— Posso falar com o pai do rapaz?

— Sinto muito, mas o Sr. Betts está morto. Pode falar comigo. Sou irmão de Kevin.

— O que há filho? — perguntou Lara, quase lhe tirando o fone das mãos.

Gage tapou o bocal.

— Kevin está no posto policial de Rugby.

— O quê?!

— Se você me der uma chance, vou descobrir.

— Nós o encontramos fora da cidade — disse o policial. — O carro estava sem gasolina.

— Isso não é crime, é?

— Não, claro — respondeu o outro, e então hesitou. — Kevin está passando por algum problema pessoal?

— Mas que droga de pergunta é essa? — Gage devolveu enfurecido pelo modo como a questão fora levantada.

— Sugiro que o senhor venha buscar seu irmão.

— Ele está bêbado?

Lara gemeu e levou uma das mãos à boca.

— Ao que tudo indica, não.

— Drogado? Outro gemido escapou dos lábios da mãe.

— Não. Talvez seja melhor o senhor conversar com o médico.

— Médico? Ninguém dissera que Kevin precisava de um médico.

4 de abril

Cara Sra. Kirkpatrick,

A senhora não me conhece, mas sinto que a conheço. Meu nome é Lindsay Snyder, e acredito que a senhora seja minha tia.

Espero que me dê a oportunidade de explicar. Muitos anos atrás, em uma visita à minha avó, encontrei-a tarde da noite, chorando e segurando alguma coisa. Naquela época eu tinha apenas dez anos e não entendi por que ela estava tão triste. Mas, hoje, tenho quase certeza de que aquela era a noite de seu aniversário, Sra. Kirkpatrick. Dia dez de agosto.

O nome de minha avó era Regina Snyder Colby, quando solteira, e sinto informá-la de que ela morreu alguns anos atrás. Acredito que, naquela noite, ela segurava um medalhão, com o próprio retrato e o do pai da senhora. Chamava-se Jerome Sinclair e foi soldado na Segunda Guerra Mundial.

Pelas cartas e por outros fatos que conheci recentemente, sei que ambos estavam profundamente apaixonados. Mas seu pai foi convocado para a guerra e enviado para a região do Pacífico. Logo depois, Gina (minha avó) descobriu que estava grávida. Escreveu a Jerome, contando, mas, antes que ele pudesse tomar as providências para o casamento, foi dado como desaparecido em combate.

Minha avó, acreditando-o morto, passou algum tempo em um lar para mães solteiras e acabou optando por oferecê-la para adoção logo depois de seu nascimento. Até o final da guerra, ninguém sabia que Jerome sobrevivera e que ficara em poder dos japoneses, preso, durante dois anos.

Como descobri tudo isso? É uma longa história, que eu gostaria de lhe contar pessoalmente. Tenho comigo o medalhão de que lhe falei, e algumas cartas. Tudo isso lhe pertence, por direito, Eu teria um grande prazer em lhe entregar essas coisas.

Irei a Bismarck este fim de semana e passarei em sua casa. Caso a senhora não esteja interessada em receber os objetos que pertenceram a seus pais biológicos, basta não atender à campainha. Mas, se quiser me conhecer, e espero sinceramente que seja esse o caso, terá essa oportunidade.

Não quero me intrometer em sua vida. Compreendo sua necessidade de privacidade e a respeito. Asseguro-lhe que não contei a ninguém (com exceção de um homem, neto de Jerome Sinclair) os detalhes que descobri. Essa escolha deve ser sua.

Grata pelo tempo e pela consideração,

Lindsay Snyder.

Os pés de Joanie ardiam, por causa do trabalho de oito horas diárias na loja de conveniência, e a dor nas costas recusava-se a passar. Aquela gravidez estava sendo difícil. O esforço físico, aliado ao desgaste emocional provocado pela separação, era quase insuportável.

As crianças tinham voltado para casa, depois das férias com o pai, animadas e felizes. Infelizmente, isso não durou muito. Gage mostrava-se cada vez mais quieta, e ficava triste à simples menção do nome de Brandon, e Stevie, que até então parecia ter aceitado a mudança em sua vida, rompeu em lágrimas uma noite, logo após o retorno.

— Não quero que você e papai se divorciem — suplicou nos braços da mãe, apertando-a com força.

Joanie chorara, com o filho no colo. Gage logo se reuniu a eles e os três choraram juntos, abraçados.

— Como foi a consulta? — Indagou Peggy quando ela foi pegar os filhos na casa dos pais, depois do trabalho.

— Não fui ao médico.

— Mas querida...

— Saí tarde da loja e o trânsito estava pesado.

Joanie não tinha energia para atravessar a cidade até o posto de saúde gratuito.

Tudo o que queria era chegar a casa e tomar um banho quente.

— Marcou outra data? — a mãe insistiu. Ela fez que não com um gesto de cabeça.

— Mas vou marcar, prometo.

Peggy viu que a filha ia sair e foi até a **porta, detendo-a.**

— Estou preocupada com você, querida.

— Sossegue mamãe. Estou bem.

Joanie não imaginava que a separação tivesse conseqüências tão devastadoras em sua vida e na das crianças. **Na época**, parecera-lhe a única opção, a única decisão razoável. Nem mesmo sabia que estava tomando a atitude correta.

— Você parece cansada. Ela procurou sorrir.

— E você não sabe como oito horas podem demorar a passar, a menos que seus pés as sintam.

Peggy permaneceu séria.

— Cuide-se.

— Obrigada por ter tomado conta das crianças.

— Joanie? — Hesitou e levou uma das mãos ao ombro da filha. — Brandon telefonou.

Ela parou ao ouvir o nome do marido.

— Telefonou?

— Só falei com ele um minuto. Ligou para conversar com as crianças.

Desde a volta dos filhos, Brandon vinha telefonando para eles duas vezes por semana, além de lhes escrever toda terça-feira. Mas evitara falar com Joanie. Não trocavam uma palavra havia um mês.

— Ele disse que sente falta da família — a mãe revelou.

— Também sentimos a falta dele — Joanie comentou, sem disposição para aquele tipo de conversa.

— Está querendo-me dizer que devo voltar para ele? Porque se for...

— Não seja tão defensiva, minha filha. Não estou sugerindo coisa alguma. Vá para casa. Está exausta.

Joanie queria chorar, desabafar a frustração e o desespero. Atravessou a rua e ganhou a calçada onde Gage e Stevie já a esperavam.

— O que teremos para o jantar? — Stevie quis saber ao vê-la destrancar a porta da casa. — Podemos comer pão de milho com chili?

— Não sei preparar esse prato tão bem quanto seu pai — ela respondeu.

Não sabia que Brandon conhecia alguma coisa sobre a arte de cozinhar, mas as crianças não paravam de falar no tal chili com pão de milho. Na certa ele tirara a receita

de algum livro de culinária.

— Pergunte a papai como se faz — Gage sugeriu.

— Perguntarei, prometo. Mas na próxima vez em que conversar com ele.

Stevie sentou-se em frente ao armário da cozinha e avaliou suas opções para o jantar. Nos dias em que a mãe trabalhava, costumavam comer coisas que vinham em caixas ou em latas. Joanie odiava ter de fazer isso, mas seus padrões tinham mudado muito. Simplesmente não havia escolha.

— Papai telefonou hoje à tarde — disse Gage, sentando-se à mesa.

— É, sua avó me contou.

Stevie pegou uma lata de ensopado e então abriu a geladeira, atrás do pão.

Esquentar aquele jantar simples pareceu demorar uma eternidade. Quando finalmente pôs os filhos na cama, Joanie mal agüentava a dor nos quadris. Estava tão cansada que mal conseguia manter os olhos abertos.

Faltar à consulta médica não fora uma decisão inteligente. No dia seguinte, telefonaria e marcaria outra. Sentada no sofá, apoiou os pés na mesa de centro, recostou a cabeça e fechou as pálpebras.

O problema pensou, é que sentia ciúme dos próprios filhos.

Os dois haviam falado com Brandon, e ela não. Marido e esposa não eram mais capazes de manter uma conversa civilizada. Ele parecia evitá-la.

Talvez Joanie estivesse se sentindo assim tão fragilizada por estar cansada, ou porque se sentisse insegura quanto ao futuro e quanto às escolhas que fizera. Fosse qual fosse o motivo, o fato foi que ela caminhou até o telefone e ligou para Buffalo Valley.

O marido atendeu.

— Olá, Brandon. É Joanie.

O silêncio indicou que ele não gostara de receber aquele telefonema.

— Eu queria... Bem, as crianças vivem falando em seu chili. Então pensei... que talvez você pudesse me dar a receita.

A desculpa era tão ruim que ela odiou-se por tê-la dado.

— A receita de meu chili?

— Isso mesmo. As crianças...

— Já ouvi. Mas não vejo sentido nessa ligação.

— Bem, cometi um erro. Desculpe. Não vou incomodá-lo de novo.

— Joanie? — Brandon chamou um segundo antes de ela colocar o fone no gancho.

— Sim?

— Darei a receita se você responder a uma pergunta.

— Está bem.

— Quem é Jason? Joanie arregalou os olhos.

— Quem lhe falou sobre Jason?

— Ahá! Você não fazia idéia de que eu andava tão bem-informado, não é?

— Não...

— De acordo com Stevie, você está fazendo dieta para impressionar seu novo namorado.

— Você interrogou as crianças sobre o que venho fazendo?

— Não. Stevie me ofereceu a informação por livre e espontânea vontade.

— E você acreditou que estou saindo com outro homem. A idéia era tão absurda que ela caiu na risada.

— O que há de tão engraçado?

— Você não percebeu, não é mesmo? — O riso se transformou em lágrimas.

— Parece que não.

Os soluços agora saíam sem cessar.

— Eu não poderia ter um namorado, nem mesmo se quisesse.

— Então, quem é Jason?

— Jason — ela disse, chorando, rindo, sentindo-se desolada e solitária — é nosso filho mais novo. Para sua informação, estou grávida de sete meses.

CAPÍTULO 19

Você tinha de fazer isso, não é? — Gage falou, com voz alterada, ao sair da caminhonete.

Bateu a porta com força e saltou para a calçada, em frente à casa de Lindsay. Ao que tudo indicava, estivera esperando por ela. E, pelo modo tempestuoso como a tratara, não estava com o melhor dos humores. Lindsay já recebera um sermão naquele dia, e não queria outro. Ergueu a mão, para detê-lo.

— Pode me dizer o que há de errado? Por que está gritando comigo?

— Quer dizer que não sabe?

— Bem, parece que você descobriu que fui visitar Ângela Kirkpatrick — ela disse, pensando que devia ter previsto aquela reação. Gage fora contra desde o começo.

— Quem diabos é Ângela Kirkpatrick?

— Talvez seja melhor você entrar — Lindsay convidou, resignando-se.

Ao menos, se Gage continuasse a gritar, estariam dentro de casa. Entraram, e ela jogou-se no sofá, desencorajada e entristecida.

— E quanto a Ângela Kirkpatrick? — ele exigiu, batendo a porta da frente.

— É... Nossa tia.

— Quer dizer que você foi em frente e a encontrou? — Gage perguntou, balançando a cabeça em sinal de desgosto.

Lindsay assentiu.

— Acontece que... Houve um contratempo.

Ela só não conseguia saber o que provocara o problema. Provavelmente colocara o código postal errado.

— Essa mulher... Não queria ser encontrada, não é? — ele indagou como quem diz: "Não falei?".

Lindsay baixou a vista.

— Eu lhe escrevi, mas Ângela disse que não recebeu a carta.

— Você não conseguiu manter o segredo, não é?

— Não, não consegui.

Gage ficou em silêncio por um momento.

— E melhor me contar o que aconteceu.

— Como eu disse, escrevi uma carta, contando quem eu era, falando do medalhão e dos outros documentos. Lembrei-me do que você falou sobre invadir-lhe a privacidade, e desse modo ofereci-lhe a opção de não me conhecer.

— Ao que tudo indica você não se lembrou muito bem do que eu disse..

Lindsay fez uma careta ao ouvir essas palavras.

— Bem, toquei a campainha, Ângela atendeu e... Oh, Gage, seus olhos são iguais aos dela!

— Interrompeu-se ao recordar a emoção que sentiu ao ver a tia. Precisou controlar-se ao máximo para não abraçá-la nem dizer-lhe como estava feliz em conhecê-la. — Foi a primeira coisa que notei em você, sabe? Esses incríveis olhos azuis.

Gage parou de andar de um lado para outro e a fitou com o mesmo olhar inquietante de Ângela.

— Pensei que nossa tia quisesse me conhecer. Imaginei que estivesse ansiosa para ver os objetos que levei. Na carta, eu tinha lhe dito que, caso não desejasse me ver, bastava não atender à porta. Como ela atendeu, pensei que...

— Ângela fosse recebê-la de braços abertos. Lindsay mordeu o lábio inferior.

— Foi o que imaginei, no começo. Mas, assim que expliquei quem eu era e por que me encontrava ali, ela ficou furiosa e começou a gritar. O Sr. Kirkpatrick apareceu e pediu-me que fosse embora.

Teria sido melhor atendê-lo. Ela, porém, julgou que, se esperasse mais alguns minutos, a tia mudaria de idéia e pediria para ver o medalhão. No entanto, não foi o que aconteceu. Ângela não demonstrou nenhum interesse pelos objetos e, além disso, não quis saber da sobrinha.

No final, seu marido acabou sendo rude, no esforço de fazer com que Lindsay se fosse. Magoada e confusa, ela foi para o carro, tremendo, perguntando-se como tudo pudera dar tão errado.

E agora lá vinha Gage, colocar sal na ferida ainda aberta...

— Por que não se limitou a escrever a carta? Afinal, não queria apenas que Ângela soubesse sobre seus pais biológicos? Poderia ter-lhe dado a opção de responder, caso houvesse interesse da parte dela.

— Não teria dado certo. Primeiro pensei simplesmente em enviar a carta, mas depois achei melhor ter certeza de que Ângela a receberia. Se eu não a tivesse conhecido pessoalmente, jamais saberia se a correspondência havia ou não chegado às suas mãos.

Gage continuou a andar de um lado para outro.

— Bem, agora você sabe. Está contente?

— No fundo, você quer dizer que, se eu tivesse nascido aqui, teria agido com maior prudência, certo?

— Certo. A despeito de meus argumentos, a despeito do fato de Ângela Kirkpatrick também ser minha tia, você foi em frente e provocou esta maldita situação. Nem mesmo me contou...

— Você já tinha deixado sua posição bastante clara.

— Mas eu tinha o direito de saber, mesmo que isso a desagradasse.

— Certo, certo, desculpe-me.

Gage balançou a cabeça, como se aquele pedido de desculpas de nada adiantasse.

— Você simplesmente não entendeu o que significava deixar essa mulher em paz.

— Talvez não — ela comentou com um soluço. — Mas agora sei que Ângela, o marido e todos os habitantes de Bismarc nunca mais vão querer ouvir falar em mim.

¹— Ângela tinha direito a continuar vivendo como sempre viveu. Você estava errada.

— Sim, estava. Quantas vezes precisarei admitir isso?

— Mais uma. Porque você não conseguiu deixar Ângela nem *Kevin* em paz.

— Kevin? Há algo errado com ele?

O rapaz faltara dois dias às aulas, mas Bert Loomis também se ausentou. Desse modo, Lindsay imaginou que os dois estivesse de cama, gripados.

— Você o pressionou a solicitar aquelas bolsas de estudo.

— Não o *pressionei* a coisa alguma.

— Mas o incentivou.

— Sim, incentivei. Tem alguma idéia de como seu irmão é talentoso?

— Você deixou aquele garoto de dezessete anos ansioso, sem nem mesmo considerar as conseqüências de seu ato.

— Mas Kevin tem um sonho! Todos nós temos.

— O problema foi que você insistiu em que ele devia deixar Buffalo Valley, para cursar uma escola de arte. Eu lhe disse... Nem minha mãe nem eu temos meios de arcar com isso. Esta cidade não pode se dar ao luxo de perder seus jovens.

— Mas a bolsa...

— Kevin não pode aceitá-la, e agora sou a único a ter de lhe dizer isso. Muito obrigado, Srta. Snyder.

Ela sentiu o sangue sumir do rosto.

— Sei que veio até aqui com a melhor das intenções, mas não nos conhece, não sabe como é nosso estilo de vida, e certamente não conhece a mim e a meu irmão. Assim, por favor, tenha a gentileza de se manter fora de nossas vidas.

Dito isso, Gage saiu da casa. Bateu a porta com tanta força que os vidros da janela da sala tremeram.

Durante um %longo momento Lindsay não se mexeu. Até mesmo respirar lhe custava. Depois do dramático encontro com Ângela Kirkpatrick, ela julgou que não

poderia se sentir pior. Estava enganada.

Brandon sentou-se no café de beira de estrada, perto de Fargo, e deu uns goles na bebida enquanto esperava por Joanie. Não a via há quatro meses e não sabia o que sentiria quando a avistasse.

O orgulho o mantivera em pé nas primeiras semanas depois da partida dela, mas depois... Bem, depois a vida se tornara um pesadelo. Brandon queria a família de volta e rezava para que aquele encontro servisse para aparar as arestas daquele relacionamento.

Quando descobrira que Joanie estava grávida, ficara furioso. Não porque teria mais um filho, mas porque ela mantivera o fato em segredo. Pensara muito nisso, e concluía que deviam ter concebido aquele bebê na noite do aniversário de casamento.

Durante a conversa ao telefone, ele lhe perguntara por que não tomara a pílula. Soluçando, Joanie respondera que o casamento ia tão mal que tomar ou não o medicamento não faria a menor diferença.

Brandon adorava Gage e Stevie. Claro que não tinha objeções quanto a aumentar a família. O problema era que naquele momento eles não formavam uma família. A separação lhe ensinara muito sobre si mesmo. E sobre a esposa. Por isso, tinha certeza de que ela também não desejava viver longe da fazenda. Percebera dor em sua voz. Além disso, Gage e Stevie lhe disseram repetidas vezes que a mãe era infeliz.

Do estacionamento veio o som da porta de um carro se fechando. Brandon olhou pela janela e viu uma mulher grávida caminhar até o bar, lutando contra o vento. Ele não precisou olhar duas vezes para reconhecer Joanie. Sentiu o peito se apertar. Não se atrevia a fazer nenhuma previsão sobre aquele encontro. Não sabia se chegariam a algum acordo. Respirou fundo quando a viu entrar no café.

Observou no mesmo instante o que aqueles quatro meses tinham feito à esposa. Continuava bonita como sempre, mas não havia brilho em seus olhos. Pelos movimentos desajeitados, percebeu -que a gravidez estava lhe causando problemas. As outras também haviam sido difíceis, mas a diferença fora que ele estivera presente para apoiá-la.

Joanie dirigiu-se à mesa em que o marido se encontrava.

— Olá, Brandon.

Ele se levantou, assentindo, em uma atitude polida.

— Olá, Joanie. — Puxou a cadeira, para que ela se acomodasse. — Obrigado por concordar em me ver.

— Sei que você está furioso... Eu devia ter-lhe contado sobre o bebê.

— Por que não contou?

— Isso importa? — ela indagou com voz baixa e trêmula.

— Sim, importa — Brandon respondeu, procurando esconder a frustração.

A garçonete se aproximou e os fitou, em dúvida, um bule de café nas mãos. Tornou a encher a xícara de Brandon. Joanie, com um movimento de cabeça, indicou que não queria a bebida.

Esperou até que a moça se afastasse antes de falar:

— Eu sempre achei que deveria lhe contar... Sinto muito. Você tinha o direito de saber.

Brandon vivera com ela por todos aqueles anos e ainda não conseguia entendê-la.

— Você não me disse nada por causa da perda do seguro-saúde, não foi?

Joanie baixou o olhar, fixando-o na mesa.

— Em parte, sim. E, se vai se enfurecer por eu ter mantido a gravidez em segredo, lembre-se de que também não me contou que havíamos perdido o direito ao plano de saúde.

Brandon não conseguia comparar aquele fato à importância de uma gravidez, mas decidiu evitar discussões.

— Tudo bem — disse, fazendo o possível para manter a calma. — Culpar o outro não vai resolver a situação. Afinal, você vai ter um filho.

— Isso não muda nada.

— Claro que muda! — ele respondeu com voz alterada. Duas ou três pessoas o fitaram.

— Posso ter cometido meus erros... Admito isso, e admito que talvez seja um canalha, mas de uma coisa você não pode me acusar: de ignorar meus filhos. Eu os amo muito.

— Mas não ama a mãe deles.

A angústia na voz da esposa apertou-lhe ainda mais o coração.

— Joanie, não...

Ela pegou o guardanapo de papel e enxugou os olhos. Brandon percebeu que ficara brava consigo mesma por ser incapaz de conter as emoções.

— Você me disse que, se eu saísse de casa, não iria atrás de mim, lembra-se? Desse modo, mostrou que não se importava comigo ou com as crianças. Sua família estava prestes a abandoná-lo e você só se preocupou em dizer que não me seguiria.

Sim, ele falara aquilo. Não exatamente com aquelas palavras, mas falara.

— Se quer saber, eu devia ter lutado para manter você e as crianças a meu lado, mas não o fiz. De todo modo, estou disposto a isso agora. Apreendi a lição.

— Eu também. Pensei... Nada aconteceu da maneira como eu julgava que aconteceria. As crianças sentiram a sua falta e sofreram muito. Quanto a mim, estou péssima.

— Quer dizer que está disposta a voltar?

Joanie tornou a enxugar os olhos e lhe ofereceu um sorriso trêmulo.

— Sonhei muito com o dia em que você me pedisse para voltar para casa.

— Senti saudade, querida. De todos. Sem vocês, a vida não vale a pena.

— Não diga mais nada, por favor.

Ela estava muito pálida. Brandon percebeu que a esposa se encontrava no limite do suportável, física e emocionalmente. Tomou-lhe a mão e entrelaçou os dedos nos dela, apertando-os.

Naquele momento as lágrimas rolaram livres.

— Não posso voltar Brandon. Simplesmente não posso. Essas palavras atingiram-no fundo.

— Por que não?

Joanie dirigiu o olhar para a janela em vez de fixá-lo no do marido.

— Porque nada mudou com exceção do fato de eu estar grávida.

— Eu a amo, amo Gage e Stevie, amo nosso pequeno Jason. Não deixe que eles fiquem longe de mim.

Ele jamais poderia pensar em como a vida era vazia para um homem que não lutava pela família. Esse era um erro que não iria cometer uma segunda vez.

— Brandon...

Joanie se interrompeu. Não conseguia parar de chorar.

— Você está feliz em Fargo?

— Não. Já lhe disse, sinto a sua falta, dos meus amigos, de... Minha vida.

— Ajudaria se dormíssemos em quartos separados?

— Não, por que... Bem, porque logo estaríamos dormindo juntos de novo, e então as coisas voltariam a ser como antes.

— Foi tão ruim?

— Sim, foi. Você vivia mal-humorado e me culpava por tudo. Brandon percebeu que não tinha opção. Havia um único modo de provar seu amor.

— Está bem, então. Na semana que vem colocarei a fazenda à venda.

— Oh, não! Na verdade, não desejo isso. Pensei que desejasse, mas estava enganada. Você seria mais infeliz na cidade do que é agora. Brandon sabia disso, mas estava disposto a sacrificar tudo para ter a família de volta. A terra nada significa sem Joanie e sem as crianças.

Ele passara pelos quatro piores meses de sua vida, e milhares de hectares não lhe serviram de consolo.

— Você poderia morar em Buffalo Valley — sugeriu. Joanie franziu a testa.

— Como?

— Lá existem muitas casas vazias. Podemos alugar uma delas. Assim, você não seria obrigada a voltar à fazenda... Talvez queira fazer isso mais tarde, ou no verão... Oh, não importa. Dê-me uma chance de provar quanto os amo. Se for verdade que você não quer o divórcio, dê-me uma oportunidade de mostrar que também não o quero.

— Morar na cidade... — Joanie repetiu vagarosamente, pensando na idéia.

Brandon apertou-lhe a mão mais uma vez.

— Podemos sair marcar encontros, como costumávamos fazer no passado.

Um arremedo de sorriso surgiu nos lábios e nos olhos femininos.

— Eu gostaria de ficar em Fargo até o bebê nascer... E até as crianças terminarem o ano escolar.

— Tudo bem.

Brandon podia esperar mais dois meses. Isso lhe daria a oportunidade de encontrar uma casa decente, cuidar da papelada do aluguel e reformá-la, se preciso.

— Eu também gostaria que visitássemos um conselheiro matrimonial. Sei que o padre McGrath está aposentado, mas ele pode estar disposto a...

Brandon hesitou, mas não porque rejeitasse a proposta. Além do reverendo McGrath, a única coisa mais próxima de um conselheiro, na cidade, era Buffalo Bob. E ele tinha certeza de que a esposa não gostaria de discutir seus problemas conjugais em um bar.

— E se procurássemos alguém em Grand Forks? — ele sugeriu. Joanie assentiu.

— Está bem. Mas não precisaríamos ir tão longe.

Pelo tom, parecia que ela imaginava que o marido fosse discordar. Ao contrário, ele falara sério em salvar o casamento. E, nos meses seguintes, trataria de provar isso.

1º. de maio

Querida Maddy

Acabei de tomar a decisão mais difícil de minha vida. Vou deixar Buffalo Valley. Não consigo entender por que algumas pessoas criticaram o que fiz nos últimos meses, mas isso não importa agora. Tudo o que posso dizer em minha defesa foi que tive a melhor das intenções.

Talvez Marta Hansen, a dona da mercearia, tenha razão. Na semana passada ela me disse que sou uma forasteira e que sempre o serei. Não importa quanto tempo eu viva em Buffalo Valley, nunca pensarei do modo como eles pensam. Nunca compreenderei suas atitudes, embora meu pai tenha nascido e crescido aqui. Marta não quis me insultar, é bom que se diga. Simplesmente falou a verdade. Sua única falha é não levar meus sentimentos em consideração, mas o que posso fazer?

Não converso com Gage desde nossa última grande discussão. Por outro lado, Matt telefona todos os dias. Quer mesmo se casar comigo e não aceita o fato de eu não estar mais interessada nisso. Francamente, agradeço aos céus por tê-lo deixado. Hoje, para mim, ele é como um estranho. Um ano atrás eu teria dado tudo por esse pedido de casamento.

Você perguntou por Hassie, e tenho o prazer em lhe dizer que ela melhorou fisicamente. Mas o ânimo continua em baixa. Permanecer na clínica de repouso não lhe é fácil. Da última vez que conversei com o cardiologista, ele me disse que daqui a uma semana ou duas marcará a cirurgia. Ainda não contei a Hassie que vou deixar a cidade. Tenho medo de fazê-lo.

Kevin Betts, irmão de Gage, atravessou um período difícil depois de recusar a bolsa de estudos do Instituto de Arte de San Francisco. Na verdade, não sei quem se sentiu pior com isso, se ele ou eu. No final, tudo o que fiz foi lhe dar uma esperança falsa. O rapaz foi criado para se tornar um fazendeiro. Está ligado ao dever, às responsabilidades para com a família. Em parte, é isso que me torna uma forasteira. Eu simplesmente não compreendo essas coisas. Pelo bem de Kevin, gostaria de entender.

Sinto muito, mas não vou lhe dizer o que aconteceu em Bismarck. Talvez algum dia eu diga, mas agora não. Foi uma lição dolorosa. Outro incidente para provar que, mesmo que eu vivesse aqui por cinquenta anos, não pensaria nem agiria do modo como essa gente pensa e age. Demorei em perceber que, para ser aceito em Dakota, é preciso ter nascido aqui.

Muitos dos amigos que fiz procuraram me fazer mudar de idéia. E isso tornou minha decisão ainda mais complicada. Se Gage dissesse uma palavra, uma única palavra, eu ficaria. Mas ele se manteve em silêncio. Isso prova tudo, não é?

Se pareço infeliz, é porque estou.

O último dia de aula será no final do mês, e Joshua McKenna disse que já entrou em contato com duas professoras que se mostraram interessadas em lecionar aqui. Abraçou-me e disse que se sentia muito grato por eu ter assumido a escola.

Já empacotei tudo e estou pronta para partir. Papai virá de avião, e levaremos minhas coisas para Savannah no trailer, do mesmo modo como as trouxemos. A diferença é que agora estou um ano mais velha. E mais experiente.

Um abraço, e até breve,

Lindsay. '

Raquel sentou-se em meio às caixas de papelão que enchiam a sala de Lindsay. Os cães dormiam junto à lareira, como se a vida não tivesse mudado.

— Não posso acreditar que você vai mesmo embora — ela se queixou. — Nós apenas começamos a conhecê-la!

Os protestos dos alunos, quando receberam a notícia de que a professora partiria, foram um bálsamo para o orgulho ferido de Lindsay. Quase todas as famílias tentaram convencê-la a permanecer na cidade. Até mesmo Marta Hansen disse que sentia muito por vê-la ir.

A única pessoa que não lhe pedira para ficar fora Gage. Sem dizer uma única palavra, ele deixara claro que não se importava com essa decisão.

Lindsay sorriu para si mesma ao constatar que tinha um talento especial em se apaixonar pelo homem errado. Primeiro, Matt, e agora Gage. Os dois lhe deram todas as lições que precisava aprender sobre como ter um coração partido. Bem, mas, se sobrevivera a um, sobreviveria ao outro. Todavia, não seria fácil.

— Sarah pediu-me que lhe agradecesse por tudo o que fez por Calla — Rachel falou. — Disse que pela primeira vez na vida a garota achou a escola interessante e divertida.

Num impulso, as duas mulheres se abraçaram. Lindsay acompanhou a amiga até a varanda e a observou afastar-se. A única coisa que a entristecia foi ter ouvido o elogio sobre Calla dos lábios de Rachel, não de Sarah.

Os meses passaram-se depressa demais. Se Lindsay ficasse, tinha a certeza de que se tornaria grande amiga de Sarah. E das outras.

O pai chegaria a Grand Forks na manhã seguinte. Dennis Urlacher se oferecera para ir ao aeroporto. Os alunos tinham programado uma festa de despedida para aquela noite. Então, no dia seguinte, depois de ir até a clínica despedir-se de Hassie, ela e o pai voltariam a Savannah.

Tudo parecia acertado. Decidido. Ela, porém, não sabia como deixar Buffalo Valley com um sorriso. Não quando sentia o coração tão dolorido.

Gage viu o carro de Lindsay passar ao longo da cerca que dividia a fazenda da estrada. Estava sentado em cima do trator, preparando a terra para as sementes de trigo e de milho.

Manteve o olhar fixo à frente, uma vez que preferia fingir não tê-la visto. A partida de Lindsay era a melhor solução.

Na verdade, dissera essa frase a si mesmo tantas vezes que quase acreditara nela. A escolha fora de Lindsay.

Sabia, por Kevin, que ela partiria na manhã seguinte. O pai viria buscá-la. Aquela visita à fazenda, portanto, era a última. A do adeus.

Isso o deixou furioso. Preferia que a professora fosse embora sem despedir-se. Tudo o que fizera desde que chegara ali fora criar problemas. Intromete-se em assuntos que não eram de sua conta, envolvera-se com pessoas que devia ter deixado em paz.

Gage pensou no avô e em tudo o que descobrira acerca do homem que mal conhecera. Seu respeito por Jerome Sinclair aumentara. Perguntava-se como ele teria reagido se soubesse que seu segredo fora revelado.

Bem, mas também havia o fator Kevin. E a maldita bolsa de estudos.

Esses pensamentos levaram a outros, que fluíam sem cessar por sua mente. Lembrou-se do sentimento de orgulho e da noção de comunidade que Lindsay devolvera à cidade. A peça de teatro, que levava os moradores das redondezas a celebrar juntos o Natal. O baile, que os adolescentes tanto adoraram. E a formatura, realizada no teatro dias atrás. O jornal do colégio. O álbum de fotografias da turma.

Mas o que Lindsay fizera por Buffalo Valley nada tinha a ver com o modo como o sensibilizara. Desde o momento em que a vira, na farmácia, Gage procurara tirá-la da cabeça. Em vão. Lembrou-se do primeiro beijo e de como seu coração parecera querer sair do peito. Soube, naquele momento, o que teria pela frente, e não foi capaz de deter o curso dos acontecimentos.

Durante todo o ano agira com cuidado, cautela. Não queria se apaixonar por Lindsay Snyder... mas se apaixonara. A ironia da situação dos avós de ambos não lhe escapou. Jerome Sinclair sofrerá por amor a Gina. Não devia ter sido fácil, como não seria fácil permitir que Lindsay partisse para o avô, não houvera escolha, mas para ele...

Foi então que Gage percebeu o óbvio. Simplesmente não podia ficar parado e deixar que ela voltasse para Savannah.

No instante em que viu o carro, soube que, se lhe permitisse partir, iria se arrepender para sempre.

Aquela mulher trazia luz à sua vida.

Rapidamente acelerou o trator. Estava a quinze minutos de casa. Precisa chegar lá depressa. Assim, correu pelas plantações, temeroso de que já fosse muito tarde.

Quando avistou a moradia, notou que por pouco não a perdia. Guardou o trator no celeiro, desligou o motor e saltou.

Lindsay já se encontrava junto ao carro, pronta para ir embora.

— Ela veio dizer adeus — comentou Lara, entristecida. Gage ia dizer à mãe para preparar um café na cozinha, a fim

de ficar a sós com Lindsay, quando Kevin apareceu. E estava com pressa, a julgar pelo modo como entrou no pátio. Os pneus da caminhonete deixaram um rastro escuro no chão quando ele puxou o freio. Em seguida pulo do veículo e correu na direção de Gage.

— Você não vai permitir que ela parta, vai?

— Eu...

— Dennis Urlacher acabou de ligar para Sarah Stern. Calla, que ouviu a conversa, me contou que não é o pai de Lindsay que virá buscá-la.

— Meu pai não vem? — ela perguntou, virando-se para Kevin.

— Sim, vem. Mas acompanhado de um cara chamado Matt, que diz que vai se

casar com Lindsay.

Gage ficou tenso. .

— Você vai se casar? — quis saber, a voz alterada pelo choque. Lindsay piscou. Também parecia chocada.

— Não, claro que não. — Olhou para o prado, notando o maluco ziguezague que o trator desenhara no solo. — Você veio até aqui por minha causa?

— Antes que Gage responda, eu gostaria de dizer algo. A todos vocês — começou Kevin, muito seguro de si.

— Quero responder a ela — Gage insistiu, o coração disparado, ansioso por confessar que a amava.

— Só um minuto,, mano. Tudo bem?

Ele estudou o irmão por um momento e percebeu que o rapaz tinha a dizer algo muito importante.

— Tudo bem.

Kevin agradeceu com um gesto de cabeça.

— Srta. Snyder, em primeiro lugar, e sem querer lhe faltar com o respeito, sei que não deseja deixar Buffalo Valley.

— Kevin...

— Por favor, deixe-me terminar. — O rapaz se virou para Gage e pela primeira vez o enfrentou. — Quanto a você, mano, também não quer que ela vá.

— Não, não quero — Gage admitiu.

— Certo — Kevin continuou. — Então, vamos falar sério. *Falar sério?* Gage arqueou as sobrancelhas. O irmãozinho jamais parecera tão confiante e determinado.

— Mano você vai se casar com a Srta. Snyder. E você, Srta. Snyder vai ficar em Buffalo Valley. Pertence a este lugar. Alguns adultos podem ser uns idiotas, mas nenhum de nós, jovens, quer vê-la partir. Foi a melhor coisa que nos aconteceu. E meu irmão está louco por você há meses.

Gage deu um passo para frente. Aquilo já tinha ido longe demais.

— Se não se importa, irmãozinho, prefiro dizer eu mesmo as coisas que sinto.

— Daqui a pouco — interveio Lara, levantando um braço para detê-lo. — Espere Kevin terminar.

— Obrigado, mamãe — ele disse, com um sorriso largo. — Muito bem, vou sair da cidade. Vou fazer o curso de arte.

— Mas você recusou a bolsa de estudos! — lembrou Lindsay.

— Então vou dar uma ótima notícia — Kevin prosseguiu os olhos brilhando. Tirou um envelope do bolso. — Ganhei outra bolsa. Da escola de Chicago.

— Mas é a melhor do país! — Lindsay exclamou, levando uma das mãos à boca, num gesto de surpresa.

— Gage, você planeja comprar sua própria terra, não é mesmo? Loucura, cara. Você já a tem. Estou dando a fazenda a você. — Fez um gesto, indicando as redondezas. — E toda sua. Sempre foi. Quanto a você mamãe — disse, virando-se para Lara —, vai morar na cidade.

— Vou?

— Vai. Pode morar na casa de Lindsay. Estará vaga a partir de amanhã. Lindsay ficou boquiaberta.

— Gage e ela a amam, mamãe, mas precisam de privacidade. Afinal, logo estarão casados. Além disso, Hassie vai precisar de ajuda com a farmácia, agora.

— Parece que você já ajeitou tudo, hein? — comentou Gage, sentindo-se ao mesmo tempo divertido e cheio de um novo respeito pelo garoto. — Mas, quanto à fazenda, devo dizer que você não deve abrir mão dessa valiosa herança e...

— Não discuta comigo, mano. Tudo bem sei que você a recusa como presente. Bem, então pague por ela. Como? Arcando com minhas despesas básicas, como aluguel, comida...

— Oh, Kevin! — Lara exclamou com um suspiro.

— Veja bem. Ofereceram-me *duas* bolsas de estudos. É mais do que eu poderia pedir. Não posso deixar escapar a chance, não é? Bem, agora acho que Lindsay e Gage precisam de alguns momentos a sós. Assim, mamãe, por que você e eu não desaparecemos?

Gage ficou sozinho com a mulher que adorava o coração emocionado. Cheio de amor. Fitou-a e viu que os belos olhos cor de topázio se enchiam de lágrimas.

— Não chore, querida.

Ela passou as costas da mão pelo rosto.

— Você estava disposto a partir meu coração e não quer que eu chore?

Gage venceu a distância que os separava e tomou-a nos braços. Lindsay se entregou sem resistência. Ele saboreou o corpo apertado ao seu, o cheiro gostoso que vinha daquela mulher. Segurou-lhe o rosto e a beijou. Como da primeira vez. Como se fosse o último beijo da Terra. Com toda a fome, com todo o amor de seu coração.

Não tinha palavras para exprimir o que sentia. Tudo o que tinha era aquele coração aberto, exposto, vulnerável.

Lindsay correspondeu de um modo tão intenso que Gage soube que ela sempre seria sua. Gemeu.

— Vim para lhe pedir que fique em Buffalo Valley. Vim para lhe dizer que a amo — ele confessou, abraçando-a com mais força.

— Sou uma forasteira.

— Sim, é. Tola e teimosa também, mas honesta e admirável.

Não ensinou apenas Kevin e seus alunos a sonhar. Ensinou a mim, igualmente.

— Você?

Gage ergueu a cabeça e a fitou.

— Eu já tinha desistido da idéia de me casar, de formar uma família. Não tenho muito a lhe oferecer.

— Tem tudo o que acho importante, e em dobro. Mas me suficiente saber que sou dona do seu coração.

Gage soltou um suspiro de alívio. Parecia inconcebível que aquela mulher o amasse, mas seu semblante lhe dizia exatamente isso. Beijou-a de novo, porque seria impossível não o fazer.

— Casa comigo, Lindsay?

Ela assentiu. As lágrimas voltaram, levando brilho aos olhos azuis.

— Oh, Gage! — sussurrou, sorrindo, e voltando a chorar. Ficou na ponta dos pés e o beijou. Gage enlaçou-a pela cintura, quase explodindo de felicidade.

Foi então que o vento começou, brincando ao redor deles, cantando em seus ouvidos. Ele então soube do amor e dos sacrifícios que Jerome Sinclair fizera por Gina. A vida, agora, fechava um círculo que se iniciara muitos anos atrás. Dera-lhe Lindsay de presente. Gage a aceitava, ciente de que iria amá-la o resto da vida.

E para além da vida.

EPÍLOGO

O rosto de Buffalo Bob se iluminou quando a primeiro cliente da manhã entrou no restaurante. Uma turista, a primeira desde o casamento de Gage Sinclair com a professora, Srta. Snyder, em meados de julho. Na época o hotel lotara, abrigando os convidados.

— Bom dia! — ele cumprimentou a mulher atraente e bem-vestida, provavelmente na casa dos cinquenta anos. Entregou-lhe o cardápio ao vê-la puxar uma cadeira e sentar-se. — O desjejum, esta manhã, está especial. Ovos, bacon e torradas.

— Obrigada, mas só quero café.

— Trarei num instante.

O bom humor era apenas uma fachada, que servia para esconder seu desapontamento com Merrily. Ela o deixara mais uma vez. Partira no meio da noite. Mas houvera um lado bom. Daquela vez, a moça permanecera na cidade durante um período bem maior do que nas outras ocasiões. Bob sabia que Merrily voltaria quando se julgasse pronta para isso. E, como sempre, ele a estaria esperando.

Não entendia por que a garota precisava desaparecer daquele jeito. Gostava de tê-la por perto, e achava que ela vinha baixando as defesas. Talvez, quando retornasse, decidisse ficar para sempre.

— Cidade agradável, não? — a mulher comentou, olhando para a avenida principal.

— Agradabilíssima. — Bob serviu o café e, ao notar que a cliente queria conversar, colocou o bule sobre a mesa. — Um ano atrás, porém, era muito diferente.

— É mesmo? Diferente como?

— Bem, havia um monte de estabelecimentos fechados. Ainda existem alguns, *mas* são poucos. A nova professora reformou o teatro por causa da peça dos alunos e, depois disso, o proprietário, um fazendeiro de Devils Lake, decidiu reabri-lo. Está funcionando como cinema. É bom ter onde assistir aos filmes que a gente quer ver.

— Com certeza. Poucas cidades das redondezas podem contar com uma diversão assim.

— Tem razão. Na semana passada, Jacob e Marta Hansen anunciaram a venda da mercearia. Uma amiga da professora a comprou. O nome é Madeline, mas nós a chamamos de Maddy. Veio para o casamento e parece que gostou daqui. Tem idéias muito boas. Lindsay está animada.

— Lindsay? Está se referindo a Lindsay Snyder?

— Ela mesma, mas agora se chama Lindsay Snyder Sinclair. Você a conhece?

A turista hesitou.

— Nós nos encontramos uma vez, mas foi muito rápido.

— Uma professora e tanto. Foi realmente um ganho para esta comunidade. Quase a perdemos, mas Gage a impediu de partir ao lhe propor casamento. A cerimônia aconteceu no mês passado, e a cidade inteira compareceu. Até mesmo Hassie Knight, a dona da farmácia. Ela sofreu um ataque cardíaco há pouco tempo, mas passou por uma cirurgia e agora está bem.

— Fico feliz em saber que Lindsay está feliz.

— Ah, você precisava estar aqui quando um ex-namorado dela, tal de Matt, apareceu na cidade com o Sr. Snyder e descobriu que a moça ia se casar com Gage. Pensei que ele fosse ter um acesso de raiva. O pai de Lindsay ficou tão desgostoso com o rapaz que foi embora sem ele.

A mulher sorriu.

— Parece que Buffalo Valley está crescendo...

— Está sim. Agora temos até uma pizzaria que funciona todos os dias da semana. Rachel Fischer a montou, no lugar onde funcionou o antigo restaurante dos pais.

Parei de vender pizzas congeladas porque ninguém mais as queria. Todos preferem a de Rachel, e com razão. É muito mais gostosa!

— Posso imaginar.

— Sarah Stern alugou um imóvel na avenida e montou uma loja para vender as colchas de retalhos que faz. Conhece-a?

— Ainda não tive esse prazer.

— Ela faz colchas fabulosas. O negócio está indo de vento em popa, sabe? Tanto que Sarah acabou de contratar Joanie Wyatt. — Fez uma pausa, pensando no arranjo conjugai que o casal fizera. — Joanie e os três filhos moram na cidade. E a coisa mais engraçada que já vi. A esposa vive na cidade e o marido, na fazenda. Brandon a visita duas ou três vezes por semana, mas nunca dorme lá. Seja como for, parece que funciona.

— Ainda bem — disse a mulher, sorrindo amigavelmente enquanto pegava a bolsa. — Você poderia me dizer onde se localiza o cemitério?

— Claro. Fica fora da cidade. Pegue a avenida principal até chegar até a Rua Divison e depois vire a primeira à esquerda.

— Obrigada.

A desconhecida deu um último gole no café, levantou-se e colocou um dólar sobre a mesa.

— Espere o troco — Bob falou, ao vê-la começar a caminhar para a saída.

— Fique com ele.

— Obrigado. E volte sempre.

— Voltarei, sim. Prometo.

— Ouça, já que conhece Lindsay, quer que eu lhe diga que esteve aqui?

Ela hesitou.

— Quero.

— O que devo dizer?

— Que a tia dela passou pela cidade e que entrará em contato mais tarde.

— Qual tia?

— Tia Ângela. Ângela Kirkpatrick.